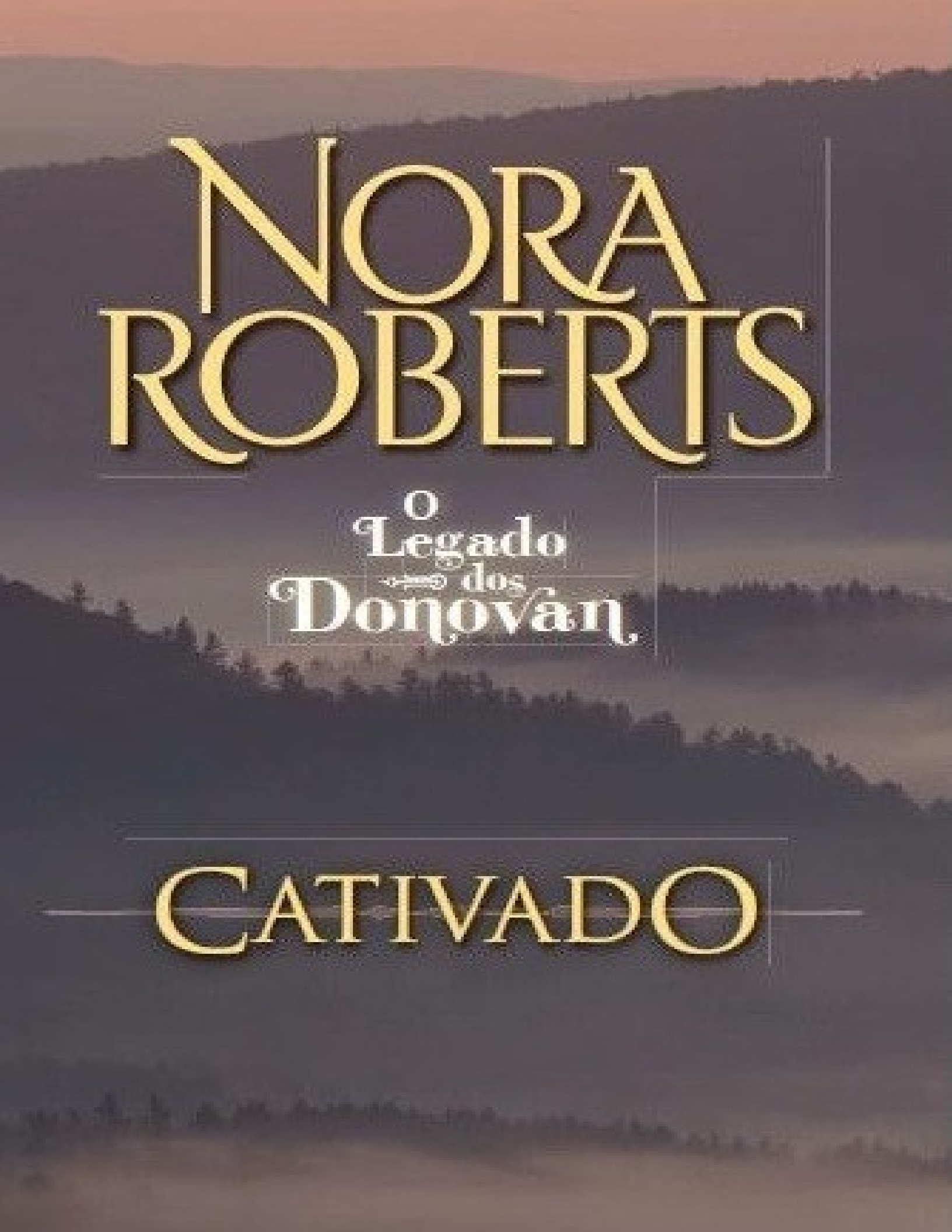

NORA ROBERTS
O Legado dos Donovan
CATIVADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Cativado

Série Família Donovan
Livro 1: Morgana

Nora Roberts

Título original: Captivated

SINOPSE:

Dentre as muitas e inesquecíveis famílias criadas por Nora Roberts, a autora nº 1 da lista dos livros mais vendidos do jornal New York Times, o clã dos Donovan é o mais extraordinário. Pois, além de charme irresistível, seus componentes herdaram alguns dons notáveis de seus ancestrais celtas.

O clã dos Donovan é uma das mais bem-sucedidas criações de Nora Roberts. Descendentes de irlandeses estabelecidos na Califórnia, os membros da família têm duas características comuns: charme irresistível e o dom da magia herdado dos ancestrais celtas. O primeiro livro dessa série conta a história de Morgana Donovan, que, graças a uma aguçada intuição, reconhece em Nash Kirkland o homem que complementaria sua vida. O problema é que ao deparar-se com os imensos poderes da mulher por quem está apaixonado, ele se sente frágil e inseguro: como saber se o que sente é amor ou apenas resultado de um truque de mágica?

O cético e teimoso Nash Kirkland sempre manteve seus sentimentos em estado de alerta — até ser capturado pelos encantos misteriosos de Morgana Donovan.

PRÓLOGO

Ela nasceu na mesma noite em que a Árvore da Bruxa caiu. Com o primeiro sopro de ar que aspirou, sentiu o gosto do poder, sua riqueza e o amargor Seu nascimento foi mais um elo numa corrente que atravessava os séculos, uma corrente muitas vezes enfeitada com o brilho do folclore e das lendas. Mas quando este brilho falso era extraído, a corrente mantinha-se firme, temperada com a força da verdade.

Havia outros mundos, outros lugares onde aquele primeiro choro do nascimento foi celebrado. Muito além das vastas paisagens da costa de Monterey, onde o primeiro grito vigoroso da criança ecoou através da velha casa de pedras, a nova vida foi comemorada. Nos lugares secretos onde a magia ainda vicejava, nas remotas e verdejantes colinas da Irlanda, nas charnecas varridas pelo vento da Cornualha, nas profundezas das cavernas de Gales ao longo da costa rochosa da Bretanha, aquela doce canção da vida foi bem-vinda.

E a velha árvore, curvada e retorcida pelo tempo e pelo seu matrimônio com o vento, foi um silencioso sacrifício.

Com sua morte, e com a dor voluntária da mãe, uma nova feiticeira nasceu.

Embora a escolha tivesse de ser dela, um dom, afinal, pode ser recusado, cultivado ou ignorado, permaneceria em muito como parte da criança e da mulher que ela se tornaria, como a cor dos olhos. Por enquanto ela era apenas um bebê, a visão ainda embaçada, os pensamentos ainda informes, sacudindo os pequenos punhos nervosos no ar até mesmo quando seu pai ria e pousava o primeiro beijo em sua cabeça coberta pela leve penugem.

Sua mãe chorou quando a pequena sugou-lhe o seio. Chorou de alegria e tristeza. Já sabia que teria apenas aquela única filha para celebrar o amor e a união que compartilhava com seu marido.

Ela havia olhado, e havia visto.

Enquanto ninava a criança e cantava uma antiga canção, aquela mãe compreendeu que haveria lições a serem ensinadas e erros a serem cometidos. E compreendeu que um dia, não tão distante do agora, na imensa esfera das vidas, sua filha também iria procurar pelo amor.

Ela esperava que dentre todos os dons que passaria adiante, dentre todas as verdades que lhe diria, sua filha compreendesse ao menos uma, a mais vital.

A magia mais pura está no coração.

CAPÍTULO 1

Havia um marco no local onde a Árvore da Bruxa estivera plantada, pois os habitantes de Monterey e Carmel valorizavam a natureza. Os turistas vinham com frequência observar as palavras do marco, ou apenas para ficar ali e admirar as velhas árvores esculpidas, a praia rochosa e as focas estendidas ao sol no cais.

Os moradores que tinham visto a árvore, que se lembravam do dia em que ela caíra, quase sempre mencionavam o fato de que Morgana Donovan nascera naquela mesma noite.

Alguns diziam que era um sinal, outros encolhiam os ombros e chamavam de coincidência. A maioria simplesmente ficava em dúvida. Mas ninguém negava que o fato de haver uma bruxa assumida que nascera a poucos metros de distância de uma árvore famosa, proporcionava um excelente "charme" ao local.

Nash Kirkland considerava este fato divertido e um chamariz interessante. Ele passava uma grande parte de seu tempo estudando o sobrenatural. Vampiros, lobisomens e coisas que se moviam à noite eram uma forma muito boa de se ganhar a vida. E ele não teria feito qualquer outra coisa.

Não que acreditasse em duendes, em espíritos maléficos, ou em bruxas, se fosse o caso. Os homens não se transformavam em morcegos ou lobos sob a lua cheia, os mortos não andavam, e as mulheres não planavam em cabos de vassoura através da noite. Exceto nas páginas dos livros, ou na luz e sombra bruxuleante dos filmes.

E ali, ele tinha prazer em dizer, tudo era possível.

Nash era um homem sensato que sabia o valor das ilusões e a importância do simples entretenimento.

Era também sonhador o bastante para extrair imagens dos espectros do folclore e da superstição para a diversão das massas.

Ele havia fascinado os entusiastas por filmes de terror durante sete anos, desde o seu primeiro, e surpreendentemente bem-sucedido, filme, "O Transformador"..

A verdade era que Nash adorava ver sua imaginação ganhando vida nas telas. E não hesitava em entrar num cinema da vizinhança e devorar alegremente um saco de pipocas, enquanto a platéia prendia o fôlego, emitia gritinhos de susto ou fechava os olhos.

Deliciava-se em saber que as pessoas que se dispunham a pagar o preço do ingresso para ver um de seus filmes iriam receber cada centavo de volta sob a forma de calafrios.

Ele sempre pesquisava cuidadosamente. Enquanto escrevia o horripilante e

divertido "Sangue da Meia-Noite", passara uma semana na Romênia, entrevistando um homem que jurava ser descendente direto de Vlad, o Empalador.

O Conde Drácula. Infelizmente, o descendente do conde não tinha presas pontiagudas nem se transformava em morcego, mas provara possuir uma enorme riqueza de conhecimentos e lendas sobre os vampiros.

Eram lendas folclóricas como essas que inspiravam Nash a tecer a trama de uma história, principalmente quando eram relatadas por alguém cujas crenças lhes conferiam vigor e veracidade.

E as pessoas ainda o consideravam estranho, ele pensou sorrindo consigo mesmo, enquanto passava pela entrada da Rota de Dezessete Milhas. Nash sabia que era um tipo comum, com os pés bem plantados no chão, ao menos pelos padrões da Califórnia. Simplesmente ganhava a vida com a ilusão, brincando com os medos mais básicos, as superstições e o prazer que as pessoas obtinham em serem amedrontadas por tolices. Imaginava que seu valor para a sociedade vinha de sua capacidade de tirar o monstro de debaixo da cama e deixá-lo exposto na tela do cinema, em tecnicolor, geralmente acrescentando algumas pitadas de sexo sem culpa e humor irônico.

Nash Kirkland conseguia dar vida ao bicho-papão, transformar o bondoso doutor Jekyl no cruel sr. Hyde, ou invocar a maldição da múmia. Bastava colocar palavras no papel.

Talvez fosse por isso que ele era um cético. Ah, sim, ele gostava de histórias sobrenaturais, mas, acima de qualquer pessoa, sabia que eram apenas isso. Histórias. E ele tinha milhões delas.

Nash esperava que Morgana Donovan, a feiticeira preferida de Monterey, pudesse ajudá-lo a criar sua próxima história. Durante as últimas semanas, enquanto desempacotava e desfrutava de sua nova casa, testava suas habilidades no golfe, finalmente desistindo como uma causa perdida, ou simplesmente aproveitando a vista da varanda, Nash sentiu-se estimulado a contar uma história de feitiçaria. Se existia algo como destino, concluiu, este lhe fizera um favor ao arremessá-lo até ali, a uma distância tão pequena e agradável de uma especialista no assunto.

***

Assoviando junto com a música do rádio do carro imaginou como ela seria. Usaria um turbante e roupas enfeitadas? Envolta em véus negros? Ou talvez fosse uma destas fanáticas na Nova Era, que falava apenas através de Gargin, seu canal de comunicação com Atlântida.

Fosse como fosse, ele não se importaria nem um pouco.

Eram os malucos do mundo que davam sabor à vida.

Deliberadamente, Nash evitara fazer extensas pesquisas sobre a bruxa local. Queria formar suas próprias opiniões e impressões, deixando a mente aberta para elaborar aspectos da trama. Tudo o que sabia era que ela nascera ali mesmo em Monterey, cerca de vinte e oito anos atrás, e possuía uma bem-sucedida loja que abastecia os aficcionados de cristais e ervas.

Nash tinha de congratulá-la por permanecer na cidade natal. Após menos de um mês como residente de Monterey, ele perguntava-se como conseguira viver em qualquer outro lugar. E Deus sabia, pensou enquanto seu rosto anguloso enrugava-se numa careta, ele já vivera em quase toda parte.

Mais uma vez, teve de agradecer sua sorte por produzir roteiros que agradavam às massas. Sua imaginação tornara possível que ele se mudasse do tráfego e da neblina de Los Angeles para aquele local inigualável ao norte da Califórnia.

Era ainda o início de março, mas, Nash baixou a capota do seu Jaguar, deixando que a brisa fresca, quase gelada, fustigasse seus cabelos louro-escuros. Havia o cheiro do mar, de grama recém-cortada e das flores que vicejavam no clima ameno.

O céu estava sem nuvens, de um azul lindo, seu carro ronronava como um grande e esguio felino, ele recentemente se desembaraçara de um relacionamento agonizante e estava prestes a começar um novo projeto. No que lhe dizia respeito, a vida era perfeita.

Nash avistou a loja. Como lhe disseram, ficava bem numa esquina, ladeada por uma butique e um restaurante. Os negócios obviamente iam bem, pois ele teve de estacionar a mais de um quarteirão de distância. Passou por um grupo de turistas que discutiam sobre onde iriam almoçar, por uma mulher magra como um lápis, vestida em seda cor de fúcsia e levando dois cães da raça Afgan, e por um executivo que caminhava a passos largos enquanto falava no celular.

Ele adorava a Califórnia.

Parou diante da loja. O nome, pintado na vitrine, era apenas Wicca. Ele assentiu, sorrindo consigo mesmo. Gostava disso. A palavra, em inglês arcaico, significava "bruxa", e evocava imagens de velhas vergadas, zanzando pelos vilarejos a fim de fazer feitiçarias e remover verrugas.

Cenário externo, dia, ele pensou. Há nuvens densas no céu e o vento sopra e uiva. Num pequeno vilarejo abandonado, com cercas quebradas e venezianas cerradas, uma velha toda enrugada corre por uma rua de terra, levando nos braços um cesto pesado e coberto. Um enorme corvo negro emite um grito enquanto aproxima-se voando. Com um bater de asas, para e pousa num portão

enferrujado. O pássaro e a mulher entreolham-se. E, de algum lugar à distância ouve-se um longo e desesperado grito.

Nash perdeu a imagem quando alguém saiu da loja, virou-se e trombou de frente com ele.

— Desculpe-me. — A palavra foi dita num tom abafado.

Ele limitou-se a assentir. Foi melhor assim, pensou. De nada adiantaria levar a história muito adiante antes de falar com a especialista. Por enquanto o que ele queria era dar uma boa olhada em suas mercadorias.

A vitrine era impressionante, reparou, e demonstrava um certo faro para efeitos dramáticos. Um tecido de veludo azul-escuro dobrava-se sobre suportes de várias alturas e profundidades, de forma a assemelhar-se com um largo rio com quedas escuras. Flutuando sobre o veludo havia agrupamentos de cristais, reluzindo como mágica sob o sol da manhã. Alguns eram tão claros como o vidro, enquanto outros tinham matizes quase dolorosos. Rosa, turquesa, púrpura e negra. Seus formatos lembravam bastões, castelos, ou pequenas e surrealistas cidades.

Pressionando os lábios, Nash deu um passo para trás.

Podia ver como a vitrine atraía as pessoas. Que alguém pudesse realmente acreditar que uma lasca de pedra contivesse algum tipo de poder era mais um motivo para maravilhar-se com o cérebro humano. Ainda assim, sem dúvida os cristais eram bem bonitos. Acima dos agrupamentos, gotas lapidadas pendiam de fios quase invisíveis e lançavam as cores do arco-íris por toda parte.

Talvez ela guardasse os caldeirões nos fundos.

Tal idéia fez com que ele risse intimamente. Mas deu uma última espiada na vitrine antes de abrir a porta, tentado a escolher algumas peças para si mesmo. Um peso de papel, ou um prisma. Poderia contentar-se com isso, caso ela não tivesse à venda nenhuma escama de dragão ou dentes de lobo.

A loja estava lotada. Culpa sua, Nash repreendeu-se, por ter ido num sábado. No entanto, isso lhe daria tempo para olhar em volta e verificar como uma bruxa conduzia seus negócios no século vinte.

Os mostruários no interior da loja eram tão teatrais quanto aqueles que reluziam na vitrine. Imensos pedaços de rochas, alguns cortados ao meio a fim de revelar centenas de dentes de cristais. Frascos pequenos e delicados, contendo líquidos coloridos. Nash ficou ligeiramente desapontado ao ler um dos rótulos e descobrir que se tratava de óleo de banho de alecrim, para relaxar os sentidos. Esperava encontrar pelo menos uma poção do amor.

Havia mais ervas, em pacotes específicos para pot-pourri, para chás e uso culinário, bem como velas de cores suaves e cristais de todos os formatos e tamanhos. Algumas jóias interessantes, novamente pendendo fortemente pelos

cristais, reluziam por trás de vitrines. Obras de arte, pinturas, esculturas, todas as peças estavam dispostas de maneira tão inteligente que um termo mais exato para a loja poderia ser galeria.

Nash, sempre interessado no que era insólito, logo gostou de um abajur de estanho, confeccionado no formato de um dragão alado com brilhantes olhos vermelhos.

Então, ele a viu. Com apenas um olhar, teve certeza de que aquela era a imagem exata de uma bruxa moderna. A loira de aparência esquiva mantinha uma discussão com dois clientes sobre uma mesa de pedra.

Tinha um corpo exuberante apertado num elegante macacão preto. Os brincos cintilantes pendiam das orelhas até os ombros, e anéis adornavam cada um de seus dedos, que terminavam em longas e letais unhas vermelhas.

— Bonito, não acha?

— Humm? — A voz enrouquecida fez com que Nash desviasse a atenção do dragão. Desta vez, apenas um olhar o fez esquecer da jovem e voluptuosa feiticeira no canto da loja. Durante vários segundos ofegantes, viu-se perdido num par de olhos azul-cobalto. — Desculpe-me?

— O dragão. — Sorrindo, ela passou a mão pela cabeça de estanho. — Eu estava justamente pensando se deveria levá-lo para casa. — Tornou a sorrir, e Nash viu que seus lábios eram cheios, macios e sem qualquer pintura. — Você gosta de dragões?

— Sou louco por eles — Nash decidiu na hora. — Você sempre faz compras aqui?

— Sim.

Ela levou as mãos aos cabelos. Eram negros como a meia-noite e caíam em ondas descuidadas até sua cintura. Nash fez um esforço e tentou enquadrá-la por inteiro. Os cabelos cor de ébano combinavam com a pele clara e sedosa. Os olhos eram grandes, com cílios espessos, o nariz pequeno e pontiagudo. Ela era quase tão alta quanto ele, e muito esguia. O simples vestido azul que usava revelava bom gosto e estilo, bem como as curvas sutis.

Havia algo... Fascinante nela, ele concluiu. Embora não conseguisse analisar exatamente o que seria, enquanto estava tão ocupado desfrutando da visão.

Enquanto ele a observava, os lábios dela curvaram-se novamente num sorriso. Havia um quê de sabedoria, e também de divertimento no movimento.

— Você já esteve na Wicca antes?

— Não. Há coisas bem interessantes por aqui.

— Está interessado em cristais?

— Poderia estar. — Distraído, ele pegou um pedaço de ametista. — Mas repeti no curso de geologia do colegial.

— Não creio que alguém vá lhe dar notas, aqui. — Ela fez um gesto na direção da pedra que ele segurava.

— Se quiser entrar em contato com seu eu interior, deve segurá-la na mão esquerda.

— É mesmo? — Para contentá-la, Nash passou a pedra para a outra mão. Detestava ter de dizer que não sentia nada, exceto pela agulhada de prazer pela maneira como o vestido dela colava-se em torno dos joelhos. — Se você vem sempre aqui, talvez possa me apresentar à feiticeira.

Franzindo a testa, a moça seguiu o olhar dele, que se direcionava para a loira encerrando a venda.

— Está precisando de uma feiticeira?

— Acho que se pode dizer que sim.

Ela voltou àqueles lindos olhos azuis novamente para ele.

— Você não me parece o tipo que viria em busca de um feitiço amoroso.

Ele sorriu.

— Obrigado. Eu acho. Na verdade, estou fazendo uma pesquisa. Escrevo roteiros para o cinema e quero fazer uma história sobre feitiçaria nos anos noventa. Você sabe... pactos secretos, sexo e sacrifícios.

— Ah... — Quando ela inclinou a cabeça, límpidas gotas de cristal balançaram em suas orelhas. — Jovens núbeis dançando a céu aberto. Nuas — ela acrescentou. — Misturando poções nas noites sem lua, a fim de seduzir suas infelizes vítimas para orgias de prazeres lascivos.

— Mais ou menos. — Nash inclinou-se na direção dela, descobrindo que seu perfume era tão fresco e secreto como uma floresta ao luar. — Esta Morgana realmente acredita que é uma bruxa?

— Ela sabe que é, senhor...

— Kirkland. Nash Kirkland.

O riso dela foi baixo e agradável.

— É claro! Eu gosto dos seus filmes. Gostei principalmente do "Sangue da Meia-Noite". Você deu ao seu vampiro uma boa dose de sensualidade e esperteza, sem menosprezar a tradição.

— Há mais coisas num morto-vivo do que apenas caixões e túmulos.

— Suponho que sim. E há mais coisas numa bruxa do que apenas mexer num caldeirão.

— Exatamente. É por isso que quero entrevistá-la. Imagino que seja uma mulher bastante esperta, para realizar tantas proezas.

— Proezas — a desconhecida repetiu, abaixando-se para pegar uma enorme gata branca que deslizava por entre suas pernas.

— Ela tem uma bela reputação — Nash explicou. — Ouvi falar sobre

Morgana em Los Angeles. As pessoas sempre me levam histórias estranhas.

— Estou certa que sim. — Ela afagou a cabeça do gato.

Agora, Nash tinha dois pares de olhos fixos nele. Um par de azul-cobalto, outro cor de âmbar. — Mas você não acredita no ofício, nem nos poderes.

— Acredito que posso transformar isso tudo numa ótima história. — Ele sorriu, com uma boa dose de charme. — Então, o que acha? Pode dar uma palavrinha em meu favor à feiticeira?

Ela observou-o, analisando. Um cético, concluiu, e extremamente seguro de si. A vida, pensou, era obviamente um mar de rosas para Nash Kirkland. Talvez fosse a hora de ele sentir uns poucos espinhos. — Não creio que isso seja necessário. — Ofereceu-lhe a mão longa e fina, adornada com um único anel de prata encravada.

Ele tomou-a automaticamente, e assobiou baixinho quando um choque elétrico percorreu-o até o ombro. Ela limitou-se a sorrir.

— Eu sou sua feiticeira — disse.

Estática, Nash disse a si mesmo um instante depois, quando Morgana virou-se para responder a pergunta de um cliente sobre algo chamado de "erva de São João". Ela estivera segurando aquela gata gigantesca, esfregando o pêlo... E fora isso que lhe provocara o choque.

Mas flexionou os dedos, inconscientemente.

***

Sua feiticeira, ela dissera. Nash não tinha certeza se gostava da maneira como ela usara aquele pronome em especial. Tornava as coisas um pouco íntimas demais para seu gosto. Não que ela não fosse um espetáculo. Mas o jeito que lhe sorrira, quando ele levara o choque, havia sido mais do que um tantinho perturbador. E também explicava porque ele a achara tão encantadora.

Poder. Ah, não aquele tipo de poder, Nash assegurou-se enquanto a observava juntar um punhado de ervas. Mas o poder que algumas mulheres belas pareciam ter desde o nascimento, a sexualidade inata e uma auto-segurança aterrorizante. Ele não gostava de pensar em si mesmo como o tipo de homem que se sentia intimidado pela força de vontade de uma mulher, embora não pudesse negar que era bem mais fácil lidar com o tipo dócil e submisso.

De qualquer forma, seu interesse nela era profissional. Não puramente, emendou. Um homem teria de estar morto e enterrado para olhar para Morgana Donovan e manter os pensamentos num plano estritamente profissional. Mas Nash calculava que conseguiria manter suas prioridades em ordem.

Ele esperou até que sua bruxinha acabasse de atender o cliente, fixou um

sorriso auto-depreciativo no rosto e aproximou-se do balcão.

— Estive pensando se você teria um bom feitiço para dissipar a péssima impressão que causei.

— Ah, acho que você consegue resolver isso sozinho. — Normalmente ela o teria dispensado, mas devia haver algum motivo que a impelira na direção dele, no lado oposto da loja. Morgana não acreditava em acidentes. De qualquer forma, decidiu, um homem com olhos castanhos tão suaves não poderia ser um idiota completo. — Receio que tenha vindo numa hora errada, Nash. Estamos ocupadas demais esta manhã.

— Você fecha a loja às seis. Que tal eu voltar a esta hora? Posso lhe oferecer um drinque, ou o jantar?

O impulso de recusar foi automático. Ela teria preferido meditar sobre isso, ou consultar sua bola de cristal. Antes que pudesse falar, a gata pulou no balcão, saltando com as quatro patas naquele voo leve que os felinos realizam com tanta facilidade. Nash estendeu a mão e, distraído, afagou a cabeça do animal. Em vez de afastar-se ofendida ou rosnar mal-humorada, como era seu hábito com estranhos, a gata arqueou-se sinuosamente sob a mão que a afagava. Seus olhos cor de âmbar entrecerraram-se, fixando-se em Morgana.

— Parece que você tem a aprovação de Luna — Morgana murmurou. — Às seis horas, então — acrescentou quando a gata começou a ronronar com vigor. — E vou decidir o que fazer com você.

— Muito justo. — Nash fez uma última e longa carícia na gata e saiu da loja.

Franzindo a testa, Morgana abaixou-se até que seus olhos se nivelassem com os da gata.

— E melhor você saber o que está pretendendo.

Luna limitou-se mudar de posição e começar a lamber-se.

***

Morgana não teve muito tempo para pensar em Nash. Sendo uma mulher que estava sempre batalhando contra a própria natureza impulsiva, teria preferido um momento de silêncio a fim de refletir sobre qual seria a melhor maneira de lidar com ele. Porém, tendo as mãos e a cabeça ocupadas com a enchente de clientes que inundava a loja, lembrou-se de que não teria o menor problema em lidar com um escritor presunçoso cujos olhos pareciam os de um cachorrinho perdido.

— Puxa! — Mindy, a loira de corpo generoso que Nash havia admirado, sentou na banqueta atrás do balcão. Não temos uma multidão como esta desde a época do Natal.

— Acho que será assim todos os sábados, durante este mês inteiro.

Sorrindo, Mindy tirou um tablete de goma de mascar do bolsinho de seu macacão justo.

— Você fez alguma feitiçaria para ganhar dinheiro?

Morgana ajeitou um castelo de vidro no mostruário, antes de responder:

— Os astros estão em excelente posição para os negócios. — Sorriu. — Além do fato de que a nova vitrine está sensacional. Pode ir para casa, Mindy. Eu fecho as contas e tranco tudo.

— Vou confiar em você. — Mindy escorregou sinuosamente da banqueta, espreguiçou-se; e depois arqueou as sobrancelhas escuras. — Ah, meu Deus... olhe só para isso! Alto, bronzeado e gostoso.

Morgana ergueu os olhos e viu Nash através do vidro da vitrine. Ele tivera mais sorte em estacionar, dessa vez, e estava saindo do conversível.

— Calma, garota. — Rindo, Morgana balançou a cabeça. — Homens como este destroem corações sem derramar uma gota de sangue.

— Por mim, tudo bem. Há dias que ninguém destrói meu coração. Vejamos... — Mindy fez uma análise rápida e acurada. — Um metro e oitenta, setenta e seis quilos maravilhosamente distribuídos. Do tipo casual, talvez um tantinho intelectualizado. Gosta de ficar ao ar livre, mas não exagera.

Apenas alguns fios esparsos de cabelos queimados pelo sol, e um bronzeado razoável. Bons ossos faciais, que aguentarão bem a idade. E aquela boca saborosa...

— Ainda bem que a conheço e sei que você realmente considera os homens como algo mais do que filhotinhos numa vitrine de loja de animais.

Com um risinho, Mindy afofou os cabelos.

— Ah, sim, eu os considero mais do que isso. Muito mais.

— Quando a porta se abriu, Mindy mudou de posição de forma que seu corpo parecia prestes a explodir para fora do macacão.

— Olá, bonitão. Quer comprar um pouco de magia?

Sempre pronto a aceitar uma mulher bem-disposta, Nash enviou-lhe um largo sorriso.

— O que você recomenda?

— Bem... — A palavra foi dita num ronronar de fazer inveja à Luna.

— Mindy, o senhor Kirkland não é um cliente. — A voz de Morgana soou meiga e divertida. Havia poucas coisas mais engraçadas do que assistir Mindy exibir-se para um homem atraente. — Nós temos um compromisso.

— Outra hora, talvez — Nash falou.

— Talvez qualquer hora. — Mindy deslizou em torno do balcão, atirou um último olhar devastador para Nash, depois saiu pela porta rebolando.

— Aposto que ela estoura suas vendas — ele comentou.

— Juntamente com a pressão arterial de todos os homens que aparecem. Como está a sua?

Ele sorriu.

— Você tem um balão de oxigênio?

— Sinto muito, foram todos vendidos. — Morgana deu uma palmadinha amigável no braço dele. — Por que não senta um pouco? Ainda tenho de fazer algumas coisas e... Droga!

— O que foi?

— Não coloquei a placa de "Fechado" na porta a tempo — ela resmungou. Depois, quando a porta se abriu, exibiu um sorriso radiante. — Olá, senhora Littleton.

— Morgana. — O nome foi emitido num longo suspiro de alívio, enquanto uma senhora, que Nash calculou estar entre os sessenta e setenta anos, cruzou a loja.

"Cruzar" parecia ser o verbo perfeito, ele pensou. A mulher fazia lembrar um navio de cruzeiro, rijo e inflexível de popa à proa, com echarpes coloridas esvoaçando em torno dela como se fossem bandeiras. Os cabelos eram brilhantes, de um improvável tom de vermelho, e encrespavam-se alegremente em volta do rosto de lua cheia. Os olhos estavam pintados com uma sombra cor de esmeralda, e os lábios com um vermelho profundo. Ela estendeu as duas mãos repletas de anéis e agarrou as de Morgana.

— Simplesmente não consegui chegar aqui nem um minuto antes. No fim das contas, tive de repreender o jovem policial que tentou me multar. Imagine, um rapaz que não deve ter idade nem mesmo para se barbear, querendo me dar lições sobre as leis! — Soprou o ar com irritação, exalando um hálito de menta. — Agora, espero que tenha uns minutinhos para mim.

— É claro. — Não havia como escapar, Morgana pensou. Gostava demais daquela velha maluca para inventar alguma desculpa.

— Você é um amor. Ela é um amor, não acha? — a senhora Littleton indagou a Nash.

— Pode apostar.

A senhora Littleton sorriu radiante, virando-se para ele com uma sinfonia de correntes e braceletes chocalhando-se.

— Sagitário, certo?

— Ah... — Nash retificou o seu aniversário sem hesitar, a fim de contentá-la. — Certo. É impressionante.

Ela estufou o vasto peito.

— De fato, eu me orgulho da minha capacidade de julgar o caráter das pessoas. Mas não se preocupe, querido, não irei privá-lo de seu encontro por

muito tempo.

— Não temos um encontro — Morgana falou. — O que posso fazer para ajudá-la?

— Um favorzinho de nada. — Os olhos da senhora Littleton adquiriram um tal brilho que Morgana teve de sufocar um gemido. — Minha sobrinha-neta. Há este problema da formatura, e este rapazinho adorável que estuda geometria na mesma classe que ela.

Desta vez ela seria firme, Morgana prometeu a si mesma.

Uma rocha. Pegando o braço da senhora, afastou-a de Nash.

— Já lhe expliquei que não é assim que trabalho — disse.

A senhora Littleton bateu os cílios falsos.

— Eu sei que normalmente você não faz isso. Mas esta é uma boa causa.

— Todas elas são. — Estreitando os olhos para Nash, que se aproximara mais, Morgana foi empurrando a senhora Littleton através da loja. — Tenho certeza de que sua sobrinha é uma menina maravilhosa, mas arranjar um acompanhante para ela ir ao baile de formatura é uma frivolidade... e tais coisas têm repercussões. Não — disse quando a senhora Littleton começou a protestar. — Se eu fizesse isso, mudando algo que não deveria ser mudado, poderia afetar toda a vida dela.

— É apenas por uma noite.

— Alterar o destino por uma noite pode alterá-lo por séculos.

O olhar deprimido da senhora Littleton fez com que Morgana se sentisse como uma sovina recusando um pedaço de pão a um faminto.

— Sei que a senhora quer que ela tenha uma noite especial, mas realmente não posso brincar com o destino.

— Ela é tão tímida, sabe? — a senhora Littleton falou, com um suspiro. Mas seus ouvidos eram aguçados o bastante para perceber o leve enfraquecimento na decisão de Morgana. — E ela não se acha nem um pouco bonita. Mas é, muito bonita. — Antes que Morgana pudesse protestar, tirou uma fotografia da bolsa. — Está vendo?

Ela não queria ver, Morgana pensou. Mas olhou para o instantâneo, e a bela adolescente de olhos melancólicos fez o resto. Morgana praguejou internamente. Dentes de dragão e fogo do inferno. Ela era uma boba sentimental, quando se tratava de namoros entre adolescentes.

— Não posso garantir nada... apenas sugerir.

— Isso será maravilhoso. — Aproveitando o momento, a senhora Littleton pegou outra foto, que cortara do anuário do colegial, na biblioteca da escola. — Este é Matthew. Lindo nome, não acha? Matthew Brody e Jessie Littleton. Ela tem o meu nome. Você vai começar logo, não é? O baile de formatura é no

primeiro final de semana de maio.

— O que tiver de ser, será — Morgana falou, guardando as fotos no bolso.

— Abençoada seja. — Radiante, a senhora Littleton beijou Morgana no rosto. — Não vou atrasá-los mais.

Voltarei na segunda feira para fazer algumas compras.

— Tenha um bom fim de semana. — Irritada consigo mesma, Morgana acompanhou a senhora até a porta.

— Ela não deveria ter-lhe dado alguma "prata"? — Nash perguntou.

Morgana inclinou a cabeça para o lado. A raiva, que tinha sido direcionada unicamente para si mesma, explodiu em seus olhos.

— Eu não obtenho lucros com meus poderes.

Ele deu de ombros e encaminhou-se para ela.

— Sinto muito lhe dizer, mas ela enrolou você direitinho.

Um leve rubor cobriu as faces de Morgana. Se havia algo que ela detestava mais do que ser fraca, era ser fraca em público.

— Tenho plena consciência disso.

Levantando a mão, Nash esfregou a ponta do dedo no rosto dela, a fim de limpar a manchinha de batom vermelho que a senhora Littleton deixara ali.

— Sempre pensei que as feiticeiras fossem inflexíveis;

— Tenho uma fraqueza pelas pessoas excêntricas e de bom coração. E você não é do signo de Sagitário.

Ele retirou o dedo do rosto dela, com relutância. A pele era tão fresca e acetinada quanto o leite.

— Não? E qual é o meu signo?

— Gêmeos.

Nash arqueou a sobrancelha e enfiou a mão no bolso.

— Adivinhou — disse.

O desconforto dele a fez sentir-se um pouco melhor.

— Eu raramente adivinho. E, desde que você foi gentil o bastante para não magoar a senhora Littleton, não vou ficar zangada. Quer vir comigo para os fundos? Vou fazer um pouco de chá. — Morgana riu, ao ver a expressão dele. Está bem, vou servir um vinho, então.

— Melhorou.

Nash seguiu-a pela porta atrás do balcão até uma sala que servia de depósito, escritório e cozinha.

Apesar de ser uma área pequena, não parecia entulhada demais. Havia prateleiras alinhadas em duas paredes, repletas de caixas, mercadorias desencaixotadas e livros. Sobre a escrivaninha de cerejeira estavam dispostos um abajur no formato de uma sereia, um telefone de aparência eficiente e uma pilha

de papéis, mantidos no lugar por um peso de papel de vidro que lançava reflexos coloridos.

Atrás da escrivaninha havia uma geladeira minúscula um fogãozinho de duas bocas e uma mesa dobrável com duas cadeiras. Na única janela, vasinhos com ervas vicejavam, repletos de folhas. Ele sentia o cheiro de... não tinha certeza do que era... tomilho, talvez, e orégano, mesclado com o aroma suave de lavanda. Fosse o que fosse, era muito agradável.

Morgana pegou duas taças de vinho num armário sobre a pia.

— Sente-se — disse. — Não posso ficar conversando por muito tempo, mas é melhor que você esteja confortável. Tirou da geladeira uma garrafa longa, de gargalo fino e serviu o líquido dourado nas taças.

— O vinho não tem rótulo?

— É uma receita minha. — Com um sorriso, ela bebeu primeiro. — Não se preocupe, não há nenhum olho de salamandra na mistura.

Nash teria rido da brincadeira, mas a maneira como ela o observava por cima da borda da taça o deixava nervoso. Ainda assim, detestava recusar um desafio. Bebeu um gole... O vinho era fresco, levemente adocicado, e suave como uma seda.

— Muito bom.

— Obrigada. — Morgana sentou-se ao lado dele. — Ainda não decidi se irei ou não ajudá-lo. Mas estou interessada no seu ofício, principalmente se você pretende incorporar o meu nele.

— Você gosta de cinema — ele disse, imaginando que isso lhe daria um bom começo.

Passou o braço pelas costas da cadeira, esfregando o pé distraidamente em Luna, quando a gata enroscou-se em suas pernas.

— Entre outras coisas. Gosto da variedade com que a imaginação humana se expressa.

— Tudo bem...

— Mas — ela acrescentou, interrompendo-o — não tenho certeza se quero ver minhas opiniões e pensamentos indo para Hollywood.

— Podemos conversar.

Nash sorriu novamente e, mais uma vez, ela compreendeu que ele era um poder a ser considerado.

Enquanto Morgana pensava nisso, Luna saltou sobre a mesa. Pela primeira vez, Nash reparou que a gata usava um cristal redondo e lapidado em torno do pescoço.

— Escute, Morgana, não estou tentando provar ou negar nada, não estou tentando mudar o mundo. Só quero escrever um filme.

— Mas por que filmes de terror e ocultismo?

— Por quê? — Ele encolheu os ombros. Sempre se sentia desconfortável quando as pessoas lhe pediam para analisar o que fazia. — Não sei. Talvez seja porque, quando as pessoas assistem um filme de terror, elas param de pensar sobre o dia chato que tiveram no escritório logo depois do primeiro grito. — Os olhos dele iluminaram-se. — Ou, talvez, porque a primeira vez que passei da "fase inicial" com uma garota foi quando ela agarrou-se em mim durante uma sessão da meia-noite do filme "Halloween", de Carpenter.

Morgana bebericou o vinho e ficou pensativa. Talvez, apenas talvez, houvesse uma alma sensível sob aquele exterior presunçoso. Certamente havia talento, e um charme inegável. Sentia-se incomodada com a sensação de que... estava sendo compelida a concordar.

Bem, ela poderia muito bem dizer não, se quisesse, mas primeiro queria saber mais sobre o assunto.

— Por que não me fala sobre a história que vai escrever?

Nash enxergou uma abertura e aproveitou a oportunidade:

— Ainda não tenho uma história sobre a qual falar. E é aí que você entra. Eu gosto de ter uma boa base, e posso obter muitas informações através de livros. — Espalmou as mãos. — Já tenho algumas, pois minhas pesquisas geralmente estendem-se além do necessário e levam-me a todas as áreas do ocultismo. Mas o que quero é um ângulo mais pessoal. Você sabe, o que a fez iniciar-se na feitiçaria, se participa de cerimônias, que tipos de adornos prefere.

Morgana deslizou o dedo pensativamente na borda do copo.

— Receio que você esteja começando com a impressão errada. Da maneira como fala, parece que eu me associei a algum tipo de clube.

— Uma convenção, um clube... Um grupo de pessoas com os mesmos interesses.

— Não pertenço a nenhuma convenção. Prefiro trabalhar sozinha.

Interessado, ele inclinou-se para frente.

— Por quê?

— Existem grupos bastante sinceros, e aqueles que não são. Há outros, ainda, que mexem com coisas com as quais não se deve mexer.

— Magia negra.

— Chame como quiser.

— E você é uma feiticeira branca.

— Você gosta de rótulos. — Com um gesto impaciente, Morgana pegou novamente a taça de vinho. Ao contrário de Nash, não se importava de discutir a essência do seu ofício, mas; uma vez que tivesse concordado, esperava ter suas opiniões recebidas com respeito. — Todos nós nascemos com determinados

poderes, Nash. O seu é contar histórias que distraem e divertem as pessoas. E atrair as mulheres. — Sorriu de leve, enquanto bebia o vinho. — Tenho certeza de que você respeita e aplica seus poderes. Eu faço exatamente o mesmo.

— E quais são os seus?

Morgana demorou a responder, deixando a taça na mesa, erguendo os olhos para ele. O olhar que lhe enviou o fez sentir-se como um tolo por ter perguntado. O poder estava ali, o tipo de poder que faria um homem rastejar. Ele sentiu a boca tão seca que o vinho que estava bebendo parecia ser areia.

— O que está querendo, uma demonstração? — Um leve tom de impaciência filtrou-se na voz dela.

Nash conseguiu respirar fundo e despertar do que quase poderia ter considerado um transe... Se acreditasse em transes.

— Eu adoraria uma demonstração.

Talvez isso fosse cutucar o diabo com vara curta, mas ele não resistiu. A cor que a irritação produzia nas faces de Morgana fazia com que sua pele reluzisse como um pêssego recém-colhido.

— O que você tinha em mente?

Ela sentiu uma rápida e inesperada pontada de desejo.

A sensação foi nitidamente irritante.

— Quer ver raios saindo da ponta dos meus dedos? Será que devo fazer o vento soprar, ou a lua desaparecer?

— Você é a artista.

Era muito atrevimento dele, ela pensou enquanto se levantava, sentindo os poderes fervilhando em seu sangue. Seria muito bem feito para ele se...

— Morgana.

Ela fez um giro, fuzilando de raiva. Com esforço, afastou os cabelos para trás e relaxou.

— Ana.

Nash não saberia dizer por que se sentia como se acabasse de escapar de uma calamidade de enormes proporções. Mas sabia que, por um instante, todo seu ser estivera tão envolvido em Morgana que ele não teria sentido nem um terremoto. Ela o puxara para dentro, e agora o deixara, um tanto zonzo, um tanto abobalhado, encarando a jovem loira e esguia parada na porta.

Ela era linda e, embora um pouco mais baixa que Morgana, emitia um estranho tipo de força apaziguadora. Seus olhos eram suaves, num tom cinza que induzia à tranquilidade e estavam focalizados em Morgana. Nos braços trazia uma caixa cheia de vasinhos com ervas verdejantes.

— Você não colocou a placa de "Fechado" — Anastásia falou. — Por isso entrei pela frente.

— Deixe-me ajudá-la com isso. — Mensagens foram trocadas entre as duas mulheres. Nash não precisava ouvi-las para saber. — Ana, este é Nash Kirkland. Nash, minha prima Anastásia.

— Desculpe pela interrupção. — A voz dela, baixa e quente, era tão tranquilizante quanto os olhos.

— Você não interrompeu nada — disse Morgana, enquanto Nash levantava-se. — Nós já estávamos terminando.

— Apenas começando — ele corrigiu. — Mas podemos continuar numa outra hora. Prazer em conhecê-la — disse para Anastásia. Depois, sorriu para Morgana e prendeu-lhe os cabelos atrás da orelha. — Até outra hora.

— Nash. — Morgana deixou a caixa na mesa e pegou um dos vasos. — Um presente para você — ofereceu, juntamente com seu sorriso mais cativante. — É uma muda de ervilhas de cheiro — explicou. — Simboliza a partida.

Ele não resistiu. Inclinando-se sobre a caixa, tocou os lábios nos dela.

— Ao diabo com isso — disse, e saiu calmamente.

Embora a contragosto, Morgana deu uma risadinha.

Anastásia acomodou-se numa cadeira com um suspiro de contentamento.

— Quer me falar sobre isso?

— Não há nada para se falar. Ele é um charmoso e irritante escritor com idéias preconcebidas sobre as feiticeiras.

— Ah... Aquele Nash Kirkland. — Distraída Anastásia pegou a taça quase cheia de Morgana e bebeu um gole do vinho. — O mesmo que escreveu aquele filme sangrento para o qual você e Sebastian me arrastaram.

— Na verdade, o filme era bem inteligente e irônico.

— Humm... — Anastásia bebeu mais um gole. — E sangrento. Mas, de qualquer forma, você sempre gostou dessas coisas.

— Assistir o mal é uma forma divertida de se reafirmar o bem. — Morgana franziu a testa. — Infelizmente, Nash Kirkland faz um trabalho bastante superior.

— Pode ser. Eu prefiro assistir um filme dos irmãos Marx. — Automaticamente, Anastásia foi examinar as plantas na janela de Morgana. — Não pude evitar sentir uma certa tensão. Você parecia prestes a transformá-lo num sapo, quando entrei.

A idéia deu a Morgana um instante de genuíno prazer.

— Bem que fiquei tentada. Alguma coisa na presunção dele me deixa furiosa.

— Você se enfurece com muita facilidade. Disse que tentaria controlar-se um pouco mais, não é, querida?

Emburrada, Morgana pegou a taça de Nash.

— Ele saiu daqui andando com as duas pernas, não foi?

— Tomou um gole e, no mesmo instante, percebeu que fora um erro. Ele deixara muito de si no vinho.

Um homem poderoso, ela pensou enquanto pousava a taça novamente na mesa. Apesar do sorriso fácil e da atitude descuidada, era um homem muito poderoso.

Desejou ter se lembrado de encantar as flores que dera a ele, mas afastou a idéia imediatamente.

Talvez algo os estivesse compelindo um para o outro, mas ela saberia lidar com isso. E lidaria com Nash Kirkland, sem qualquer magia.

CAPÍTULO 2

Morgana adorava a paz das tardes de domingo. Era o seu dia de ser indulgente consigo mesma e, desde que nascera, Morgana apreciava as indulgências. Não que evitasse o trabalho. Havia dedicado muito tempo e esforço para fazer com que a loja deslanchasse e começasse a dar lucros, sem usar suas habilidades especiais para aplainar o caminho. Ainda assim, acreditava firmemente que a melhor recompensa para qualquer esforço era o descanso.

Ao contrário de muitos comerciantes e donos de empresas, Morgana não se desesperava sobre os livros contábeis, estoques e despesas. Simplesmente fazia o que sentia que deveria ser feito, certificando-se de fazer muito bem. Então, quando saía da loja, nem que fosse por uma hora, esquecia completamente os negócios.

Ela ficava impressionada em saber que havia gente capaz de passar um dia lindo dentro de casa, roendo as unhas por causa da contabilidade. Contratava um contador para fazer isso.

Não havia contratado uma empregada doméstica, mas apenas porque não gostava da idéia de ter alguém mexendo nos seus objetos pessoais. Ela, e somente ela, cuidava de tudo. Embora os jardins fossem extensos, e há muito tempo aceitara o fato de que jamais teria o mesmo jeito com plantas que sua prima Anastásia, ela própria cultivava as mudas. Achava que o ciclo de plantar, molhar, tirar as pragas e colher, era recompensador.

Ajoelhou-se, agora, sob os fortes raios do sol, diante do grande canteiro onde suas ervas e bulbos da primavera floresciam. Havia o perfume de alecrim, dos jacintos, a delicadeza dos jasmins, a riqueza do anis.

A música flutuava através das janelas, as flautas de uma melodia irlandesa tradicional colidindo alegremente com o ir e vir das ondas que batiam nas rochas, poucas centenas de metros atrás dela.

Era um daqueles dias perfeitos e preciosos, com o céu estendendo-se lá em cima como se fosse um vidro azul cristalino, e o vento, leve e brincalhão, carregando os perfumes do mar e das flores do campo.

Além dos muros baixos e das árvores protetoras na frente de sua propriedade, Morgana ouvia um ou outro carro passando, de turistas ou nativos que desfrutavam do cenário.

Luna estava estendida ali perto, sob um raio de sol, com os olhos entreabertos, quase cerrados, a cauda balançando sempre que avistava um passarinho. Se Morgana não estivesse ali, ela bem que poderia ter tentado apanhar um deles,

pois, apesar do tamanho, era ágil como um raio. Mas sua patroa tinha opinião bem firme quanto a tais hábitos.

***

Quando o cachorro aproximou-se devagar, recostando a cabeça no colo de Morgana, Luna emitiu um resmungo de aversão e voltou a dormir. Os cães não tinham o menor orgulho.

Feliz da vida, Morgana apoiou-se nos tornozelos e afagou o pêlo do cachorro, enquanto examinava o canteiro. Talvez devesse desbastar algumas folhas, seu estoque de bálsamo de angélica e pó de hissopo estava quase no fim. Naquela noite, decidiu. Se a lua aparecesse. Era melhor fazer essas coisas sob a luz da lua.

Por enquanto iria aproveitar o sol, erguendo o rosto para ele, deixando que seu calor e energia penetrassem em sua pele. Jamais conseguira ficar ali sem sentir a beleza do lugar, do local onde havia nascido. Embora tivesse viajado para muitos outros países, visto muitos lugares mágicos, o seu lugar era ali.

Pois seria ali, conforme aprendera muito tempo atrás, que ela encontraria o amor, compartilharia o amor, e criaria seus filhos. Com um suspiro, Morgana fechou os olhos. Esses dias poderiam esperar, pensou. Estava satisfeita com sua vida exatamente como era agora. E quando chegasse a hora de mudar, pretendia manter-se totalmente no comando.

Quando o cachorro levantou-se com um rosnado, Morgana nem se deu ao trabalho de olhar em volta.

Sabia que ele viria. Não precisava dos cristais, nem do espelho escuro para lhe dizer. Nem mesmo diria que se tratava de clarividência, esse território pertencia mais ao seu primo Sebastian. Precisava apenas ser mulher, para saber.

Sentou-se, sorrindo, enquanto o cachorro emitia uma série de latidos pouco amigáveis. Queria só ver como Nash Kirkland se sairia desta.

Como um homem deveria reagir quando a mulher a quem fora visitar estava sendo guardada por um... tinha certeza de que não podia ser realmente um lobo, mas sem dúvida parecia um lobo. E estava duplamente certo de que, caso Morgana desse a ordem, a fera esguia e prateada saltaria direto em seu pescoço.

Nash limpou a garganta, e depois deu um pulo de susto ao sentir alguma coisa roçando-lhe a perna.

Olhou para baixo e reparou que Luna, pelo menos, decidira mostrar-se amigável — Belo cachorro você tem aqui — ele disse, cauteloso.

— Um belo e... grande cachorro.

Morgana dignou-se a olhar por cima do ombro. — Saiu para um passeio de

domingo?

— Mais ou menos.

O cachorro passara a emitir novamente aqueles rosnados baixos e ameaçadores. Nash sentiu um fio de suor escorrendo nas costas enquanto a massa de músculos e dentes aproximava-se para cheirar-lhe os sapatos.

— Eu... ahn... — O cão olhou para cima e Nash foi atingido pelo brilho dos profundos olhos azuis contra o pêlo prateado.

— Meu Deus, mas você é mesmo bonito, não é? — Estendeu a mão, esperando sinceramente que o animal lhe permitisse continuar com ela. Depois de completamente cheirada, a mão foi recompensada com uma lambida.

Pressionando os lábios, Morgana ficou observando a cena.

Pan jamais sequer beliscara o tornozelo de ninguém, mas tampouco era dado a fazer amizade tão rapidamente.

— Você tem jeito com animais.

Nash já se ajoelhara a fim de coçar as costas do animal.

Durante toda sua infância havia desejado um cachorro, e ficou surpreso ao perceber que seu desejo de infância não desaparecera.

— Eles sabem que, no fundo, eu sou uma criança. Qual é a raça dele?

— Pan? — O sorriso dela foi lento e secreto. — Digamos apenas que ele é um Donovan. O que posso fazer por você, Nash?

Ele ergueu os olhos. Morgana estava ao sol, os cabelos presos sob um chapéu de palha de aba larga.

A calça jeans era justa ao extremo, e a camiseta larga demais. Como não colocara as luvas de jardinagem, as mãos estavam sujas da terra escura e úmida. Os pés estavam descalços. Nunca ocorrera a ele que pés descalços podiam ser tão sensuais.

Até agora.

— Além disso — ela falou, com tal divertimento na voz que ele teve de sorrir.

— Desculpe-me. Eu estava divagando.

Mas Morgana não se sentiu ofendida por ter sido considerada desejável.

— Por que não começa me contando como foi que me encontrou?

— Ora, meu bem, você sabe que é famosa. — Nash levantou-se e foi sentar ao lado dela na grama. — Fui jantar no restaurante ao lado de sua loja, e comecei a conversar com a garçonete.

— Aposto que sim.

Ele estendeu a mão, brincando com o amuleto que ela usava no pescoço. Uma peça interessante, pensou, no formato de meia-lua, com inscrições em... grego? Árabe? Ele não era nenhum erudito, para saber.

— De qualquer forma, ela revelou-se uma verdadeira fonte de informações.

Fascinada e assombrada. Você provoca este efeito em muitas pessoas?.

— Multidões. — E aprendera a gostar disso. — Ela lhe disse que eu passeio sobre a baía, montada num cabo de vassoura, todas as noites de lua cheia?

— Foi quase isso. — Nash soltou o amuleto. — Acho muito interessante a maneira como pessoas normalmente inteligentes e sensatas permitem-se ser enganadas pelo sobrenatural.

— Não é assim que você ganha a vida?

— Exatamente. E, por falar nisso, estive pensando que você e eu começamos do jeito errado. Que tal partirmos do zero?

Era difícil ficar zangada com um homem atraente num dia tão bonito...

— Sim, que tal?

Nash pensou que seria mais seguro levar a conversa para onde queria se tentasse uma abordagem indireta.

— Você conhece bem flores e coisas assim?

— Um pouco. — Morgana virou-se para acabar de plantar uma muda de erva-cidreira.

— Talvez possa me ensinar sobre as plantas do meu jardim, e o, que devo fazer com elas.

— Contrate um jardineiro — ela disse. Depois, abrandou-se e sorriu. — Pode ser que eu encontre um tempinho para dar uma olhada.

— Eu agradeceria muito. — Nash limpou uma mancha de terra no queixo dela. — Você realmente poderia me ajudar com o roteiro, Morgana. Não há problema algum em tirar as informações dos livros, qualquer um pode fazer isso. O que estou procurando é uma visão diferente, algo mais pessoal. E eu...

— O que foi?

— Você tem estrelas nos olhos — ele murmurou. — Estrelinhas douradas... como raios de sol num mar à meia-noite. Só que não se pode ter um sol à meia-noite.

— Você pode ter qualquer coisa, se souber como conseguir. — Aqueles olhos magníficos fixaram-se nos dele. Nash não os teria afastado nem se fosse para salvar a própria alma. — Diga-me o que você quer, Nash.

— Quero dar às pessoas duas horas de diversão. Saber que elas serão capazes de esquecer os problemas, a realidade; tudo, quando entrarem no meu mundo. Uma boa história é como uma porta, e você pode passar por ela quantas vezes quiser. Mesmo depois de ler, ver ou ouvir a história, sempre se pode voltar para ela. Uma vez que é sua sempre será sua.

Ele calou-se, surpreso e embaraçado. Filosofar daquela maneira não combinava com sua imagem despreocupada. Muitos entrevistadores haviam passado horas tentando arrancar dele uma afirmação tão simples e verdadeira

como aquela, sem nunca conseguir. E tudo o que ela fizera fora perguntar.

— E, é claro, quero ganhar rios de dinheiro — ele acrescentou, tentando sorrir. Sentia a cabeça leve, a pele quente demais.

— Não vejo por que um desejo tenha que excluir o outro. Têm havido contadores de histórias na minha família desde muito tempo atrás, até chegar em minha mãe. Nós compreendemos o valor das histórias.

Talvez fosse por isso que ela não o descartara logo a princípio. Ela respeitava o que ele fazia. Isso também estava em seu sangue.

— Veja bem. — Morgana inclinou-se para frente, e Nash sentiu um baque no estômago, algo que ia além da beleza dela. — Se eu concordar em ajudá-lo, recuso-me a permitir que você insista no menor denominador comum. Isto é, na imagem da velha encarquilhada cacarejando enquanto mistura ervas num caldeirão.

Ele sorriu.

— Então me convença do contrário.

— Cuidado com os desafios, Nash — ela murmurou, levantando-se. — Vamos para dentro. Estou com sede.

Desde que já não estava mais preocupado em ser engolido pelo cão de guarda, que agora caminhava pacificamente ao seu lado, Nash demorou-se um pouco para admirar a casa.

Sabia que as residências ao longo da Península de Monterey eram belíssimas e exclusivas, pois ele próprio comprara uma. Mas a de Morgana continha ainda o encanto extra da idade e da graciosidade.

Era uma casa de três andares, revestida de pedras, com torres e balcões, bem ao gosto de uma feiticeira, ele pensou.

Porém, não tinha uma aparência gótica nem sombria. Janelas altas e graciosas refletiam a luz do sol, e trepadeiras floridas agarravam-se às paredes, entrelaçando-se e enroscando-se nas grades de ferro rendilhadas. Havia fadas aladas e sereias gravadas nas pedras, acrescentando-lhe um charme especial, e adoráveis figuras trajadas com mantos serviam de calha para a água da chuva.

Cenário interior, noite, ele pensou. Dentro da torre mais alta da velha casa de pedras à beira-mar, a linda e jovem feiticeira está sentada no centro de um círculo de velas. O salão está imerso em sombras, com a luz das velas tremulando sobre as faces das estátuas, nas hastes das taças de prata, na transparente esfera de cristal. Ela usa uma fina túnica branca, aberta até a cintura. Um pesado amuleto entalhado pende entre o vale de seus seios. Um profundo zunido parece sair das próprias pedras, quando ela levanta duas fotografias no ar.

As velas bruxuleiam. O vento ergue-se dentro do salão fechado, esvoaçando-

lhe os cabelos e agitando a túnica. Ela inicia um cântico. Palavras arcaicas, numa voz baixa, latente. Ela encosta as fotos na chama da vela... Não, apague isso. Ela... sim, ela borrifa as fotos com o líquido fosforescente de uma vasilha azul e rachada, provocando um silvo de vapor. O zunido cresce, transformando-se numa batida lenta, sinuosa. Seu corpo balança sob o compasso deste ritmo, enquanto ela posiciona as fotos frente a frente, deixando-as sobre uma bandeja de prata. Um sorriso secreto cruza seu rosto quando as fotografias fundem-se numa só.

Desaparece a imagem.

Ele gostava disso, embora achasse que poderia acrescentar um pouco mais de exotismo quando ela fizesse o sortilégio de amor.

Satisfeita com o silêncio dele, Morgana guiou-o até a lateral da casa, onde o barulho do mar contra as rochas ressoava e o bosque de ciprestes, com suas árvores inclinadas e retorcidas pelo tempo e o vento, mantinham-se como sentinelas. Atravessaram um pátio revestido de pedras; no formato de um pentagrama, em cuja ponta extrema havia uma estátua de bronze representando uma mulher. A água borbulhava num pequeno tanque aos seus pés.

— Quem é ela? — Nash perguntou.

— Ela tem muitos nomes.

***

Aproximando-se da estátua, Morgana pegou uma concha, mergulhou-a na água limpa e bebeu, depois despejou o restante no chão, para a deusa. Sem uma palavra, cruzou novamente o pátio e entrou na cozinha ensolarada e impecável.

— Você acredita num criador?

A pergunta surpreendeu-o.

— Sim, claro. Acho que sim. — Ficou parado um tanto desconfortável, enquanto ela atravessava a cozinha de lajotas brancas para lavar as mãos na pia. — Este... este seu ofício de feiticeira... é algo religioso?

Ela sorriu e pegou uma jarra de limonada.

— A vida é algo religioso. Não se preocupe, Nash... Não vou tentar convertê-lo. — Encheu dois copos com gelo. Isso não deveria incomodá-lo. Suas histórias tratam invariavelmente, do bem e do mal. As pessoas estão sempre fazendo escolhas, seja por um ou por outro.

— E quanto a você?

Ela ofereceu-lhe o copo, depois se virou e encaminhou-se para uma porta em arco, para fora da cozinha.

— Pode-se dizer que estou sempre tentando conter os meus impulsos menos

encantadores. — Lançou-lhe um olhar. — Nem sempre dá certo.

Enquanto falava, Morgana levou-o por um largo corredor.

As paredes eram decoradas com tapeçarias antigas e quase apagadas representando cenas do folclore e mitologia, castiçais ornamentados e pratos de prata e cobre gravados.

Ela optou pela sala que sua avó costumava chamar de "saleta de estar". As paredes eram pintadas num tom de rosa acolhedor, que se repetia no padrão do tapete Bokhara que cobria o piso de largas tábuas de nogueira. Uma linda estante de madeira entalhada contornava a lareira, cujo estoque de lenha parecia pronto para ser transformado em chamas caso a noite esfriasse ou se Morgana estivesse disposta a acendê-las.

Mas, agora, uma leve brisa brincava através das janelas abertas, enfunando as finas cortinas e trazendo consigo os perfumes do jardim.

Como na loja de Morgana, havia ali muitos cristais, encravados em pedras ou em forma de bastões, espalhados por toda a sala juntamente com uma coleção parcial de suas esculturas. Feiticeiros de estanho, fadas de bronze e dragões de porcelana.

— Que beleza. — Nash deslizou a mão pelas cordas de uma harpa dourada. O som resultante foi suave e doce. Você toca?

— Quando estou com vontade.

Morgana divertia-se em vê-lo mover-se pela sala brincando com um objeto, examinando outro. Ela gostava da curiosidade sincera. Ele pegou uma taça de prata com inscrições gravadas e cheirou-a.

— Tem cheiro de...

— Do fogo do inferno? — Morgana sugeriu.

Nash deixou a taça onde estava, preferindo um fino bastão de ametista encravado de pedras e entrelaçado por um cordão de prata.

— É a varinha mágica?

— É claro. Tenha cuidado com o que vai desejar — ela disse, tirando o objeto delicadamente da mão dele.

Ele encolheu os ombros e virou-se, sem ver a maneira como a varinha reluziu antes que Morgana a deixasse de lado.

— Também coleciono coisas deste tipo. Você gostaria de ver. — Nash inclinou-se sobre uma bola de vidro e viu o próprio reflexo. — Comprei uma máscara de xamã num leilão no mês passado, e um... como é vocês falam? Ah sim um espelho mágico. Parece que temos algo em comum

— O gosto pelas artes. — Ela sentou no braço do sofá.

— E pela literatura. — Nash examinava os livros na estante. — Lovecraft, Bradbury. Eu tenho esta edição do *The Golden Dawn*. Stephen King, Hunter

Brown McCaffrey. Ei, isto aqui... — Puxou um dos volumes e abriu-o com reverência. — É uma primeira edição do "Drácula" de Bram Stroker! — Olhou para ela. — Você aceitaria meu braço direito em troca dele?

— Sinto muito, vou ter de recusar.

— Sempre esperei que ele aprovasse o meu "*Sangue da Meia-Noite*". — Quando retornou o livro no lugar, outro chamou sua atenção. — "Quatro Bolas de Ouro". "O Reino Encantado". — Nash passou o dedo sobre a estreita borda dos livros. — "Canção do Vento". Você tem a coleção inteira dela. — A inveja fervilhava em seu sangue. — E todos na primeira edição!

— Você gosta das obras de Bryna?

— Está brincando? — Era como se estivesse reencontrando um velho amigo. Nash tinha de tocar nos livros, olhá-los e até mesmo cheirá-los. — Li tudo o que ela escreveu, umas dez vezes. E quem pensa que ela escreve apenas para crianças só pode ser maluco. É como poesia, magia e ética reunidas numa única obra.

E, é claro, as ilustrações são magníficas. Eu seria capaz de qualquer coisa para obter um dos desenhos originais, mas ela recusa-se a vender.

Interessada, Morgana inclinou a cabeça.

— Você já perguntou?

— Enviei alguns pedidos através do agente dela. Sem chance. Ela mora numa espécie de castelo na Irlanda e, provavelmente, usa os desenhos como papel de parede. Eu gostaria... — Virou-se ao ouvir o riso baixo de Morgana.

— Na verdade, ela guarda os desenhos em álbuns enormes, à espera dos netos que deseja ter.

— Donovan. — Nash enfiou as mãos nos bolsos. — Bryna Donovan. Ela é sua mãe.

— Sim, e ficaria muito feliz em saber que você gosta de seus livros. — Morgana ergueu o copo. — De um escritor para outro. Meus pais viveram nesta casa durante muitos anos. Aliás, ela escreveu seu primeiro livro que foi publicado quando estava grávida de mim. Ela sempre diz que eu insistia para que ela escrevesse a história.

— Sua mãe acredita que você seja uma feiticeira?

— É melhor você mesmo perguntar isto a ela, se tiver oportunidade.

— Você está sendo evasiva de novo. — Nash acomodou-se confortavelmente no sofá ao lado dela. Era impossível não se sentir confortável com uma mulher que se cercava de objetos que ele próprio amava. — Vamos colocar desta forma: sua família tem algum problema em aceitar as coisas pelas quais você se interessa?

Morgana gostou do jeito que ele relaxou, com, as longas pernas estendidas, o

corpo à vontade, como se há anos estivesse fazendo companhia a ela naquele sofá.

— Minha família sempre compreendeu a necessidade que cada um tem de focalizar suas energias numa direção individual. Seus pais têm algum problema com os seus interesses?

— Nunca os conheci. Os meus pais.

— Lamento muito.

O brilho zombeteiro nos olhos dela transformou-se imediatamente em simpatia. Sua família sempre fora seu eixo, e não poderia imaginar como seria a vida sem ela.

— Não foi grande coisa. — Mas ele levantou-se, constrangido pela maneira como Morgana pousara a mão em seu ombro, num gesto de conforto. Já estava bem distante dos velhos maus tempos para precisar de qualquer tipo de simpatia. — Estou interessado nas reações da sua família. Isto é, como a maior parte dos pais se sentiria, como eles reagiriam se soubessem que a filha andava aprontando feitiçarias? Você decidiu dedicar-se a isso desde criança?

A simpatia desapareceu como uma nuvem de fumaça.

— Dedicar-me? — ela repetiu, os olhos fuzilando.

— Talvez eu precise fazer um prólogo, você sabe, mostrando como a personagem principal ficou envolvida.

Nash estava prestando menos atenção a ela do que à sala, a atmosfera que continha. Começou a andar de um lado para outro, enquanto formulava seus pensamentos. Sem nervosismo, nem mesmo agitação, mas de uma forma que deixava óbvio que tentava guardar na memória tudo o que via.

— Talvez ela fique irritada com o garotinho do vizinho e o transforme num sapo — Nash prosseguiu, inconsciente do fato de que as feições de Morgana ficavam tensas. — Ou encontra alguma mulher misteriosa que lhe passa o poder. Acho que gosto mais disso. — Enquanto perambulava, brincava com as idéias, frágeis fios que poderiam ser tecidos, formando toda a trama da história. — Só não tenho certeza do ângulo que quero usar, por isso imaginei que poderíamos começar deixando tudo bem claro. Você me diz o que lhe deu o primeiro impulso: livros que leu, qualquer coisa assim. Depois, posso transformar os fatos em ficção.

Morgana pensou que teria de controlar seu temperamento, e com muito cuidado. Quando falou, sua voz era suave, porém carregada de um tom que o fez parar no centro do tapete.

— Nasci com o sangue dos elfos. Sou uma feiticeira por herança, e a origem da minha ascendência remonta até Finn, dos Celtas. Meu poder é um dom passado de geração a geração. Quando encontrar um homem digno e forte, nós

produziremos filhos, que levarão adiante este poder.

Nash assentiu, impressionado.

— Isso é ótimo. — Então ela não queria falar a sério, pensou. Tudo bem, ele lhe faria a vontade. Afinal, o negócio sobre sangue de elfos continha tremendas possibilidades.

— Então, quando foi a primeira vez que você percebeu que era uma feiticeira? — juntou.

O tom da voz dele fez com que a raiva de Morgana aumentasse um grau. A sala sacudiu-se enquanto ela tentava se conter. Nash puxou-a para fora do sofá tão rapidamente que ela não teve tempo de protestar, empurrando-a na direção da soleira da porta quando o tremor cessou.

— Foi só um tremor — ele disse, mas manteve os braços em torno dela. — Eu estava em San Francisco, durante o último grande terremoto. — Sentindo-se um idiota, enviou-lhe um sorrisinho sem graça. — Depois disso, nunca mais consegui ficar indiferente com relação a tremores de terra.

Então ele pensou que fosse um tremor de terra. Melhor assim, Morgana decidiu. Mal, não havia absolutamente nenhum motivo para que ela perdesse a paciência, ou para esperar que ele a aceitasse como era. De qualquer forma, a maneira como ele se apressara em protegê-la fora muito gentil.

— Você podia mudar-se para o centro-oeste.

— Tornados.

Desde que ele estava ali, e ela também, Nash não viu razão para resistir ao impulso de deslizar as mãos pelas suas costas. E gostou do jeito como ela cedeu ao toque, parecendo uma gata.

Morgana inclinou a cabeça para trás. Achou que seria uma perda de tempo ficar com raiva, quando seu coração deu um pulo de ansiedade. Talvez fosse imprudência deles testar-se mutuamente daquela maneira.

Mas às vezes a prudência era tão sem graça...

— Para a costa leste — falou, deixando a própria mão subir pelo peito dele.

— Nevascas. — Nash aconchegou-a mais contra si e, por um instante, pensou que ela parecia moldar-se a ele com perfeição, corpo contra corpo.

— Para o sul. — Morgana passou os braços em torno de seu pescoço, fitando-o com firmeza através dos cílios entrecerrados.

— Furacões. — Ele empurrou a aba do chapéu dela, fazendo com que seus cabelos caíssem, enchendo-lhe as mãos como uma seda quente. — Os desastres estão em todo lugar — murmurou. — É melhor a gente ficar onde está e lidar com aqueles que já se conhece.

— Você não vai conseguir lidar comigo, Nash. — Morgana roçou os lábios nos dele, provocante. — Mas está convidado a tentar.

Ele tomou-lhe os lábios, confiante. Não considerava as mulheres como um desastre.

Talvez devesse considerar.

Aquilo foi mais turbulento que qualquer terremoto, mais devastador do que qualquer tempestade. Nash não sentiu a terra tremer, nem o vento uivar, mas no instante em que os lábios dela abriram-se sob os seus, soube que estava sendo impelido por alguma força irresistível, para a qual nenhum homem ainda encontrara um nome.

Ela estava colada a ele, tão quente e macia como cera derretida. Se acreditasse em tais coisas, Nash poderia pensar que o corpo dela fora moldado exatamente para aquele propósito: de ajustar-se ao seu com perfeição. Deslizou as mãos por baixo da camiseta dela, acariciando a pele macia de suas costas, pressionando-a mais, certificando-se de que ela era real, e não um sonho, uma fantasia.

Podia sentir o gosto da realidade, mas até isso tinha o sabor de algum tipo de sonho noturno. Os lábios dela rendiam-se sedosamente sob os seus, enquanto os braços enroscavam-se como cordões de veludo em torno de seu pescoço.

Um som flutuava no ar, algo que ela murmurava, algo que ele não conseguia entender. Ainda assim, Nash julgou sentir uma certa surpresa no sussurro, e talvez um leve temor, antes que terminasse com um suspiro.

Ela era uma mulher que gostava dos sabores e texturas de um homem. Jamais lhe fora ensinado envergonhar-se de ter prazer com o homem certo, na hora certa. Morgana nunca aprendera a ter medo da própria sexualidade, mas aprendera, sim, a celebrá-la, cultivá-la e respeitá-la.

“E no entanto, agora, pela primeira vez, sentia o irônico despontar do medo, com um homem”.

A simplicidade de um beijo preenchia uma necessidade básica. Mas não havia nada de simples naquele beijo. Como poderia ser simples, quando o excitamento e a agitação dançavam juntos, percorrendo toda sua pele?

Morgana queria acreditar que o poder vinha de si mesma, estava nela. Que era a responsável por aquele turbilhão de sensações que os rodeava. Muitas vezes uma evocação era tão rápida quanto um desejo, tão forte quanto uma vontade.

Mas o medo estava ali, e ela sabia que resultava da percepção de que aquilo era algo que ia além do seu alcance, fora de seu controle e do seu conhecimento. Sabia que os encantamentos podiam ser feitos contra os fortes, tanto quanto contra os fracos. Era necessário cuidado para se quebrar um encanto. E ação.

Ela escorregou para fora dos braços dele, movendo-se devagar, deliberadamente. Nem por um instante iria permitir que ele visse que tinha algum poder sobre ela. Fechou a mão sobre o amuleto e sentiu-se mais firme.

Nash sentia-se como o último sobrevivente de um desastre de trem. Colocou

as mãos nos bolsos, a fim de impedir-se de abraçá-la novamente. Não se importava em brincar com fogo, apenas queria ter certeza de que era ele quem segurava o fósforo. Sabia muito bem quem estivera no comando daquela pequena experiência, e não fora Nash Kirkland.

— Você costuma usar hipnose? — perguntou.

Ela estava bem, Morgana disse a si mesma. Estava muito bem. Mas tornou a sentar no sofá. Foi necessário algum esforço, mas conseguiu esboçar um sorriso que não parecesse apaixonado demais.

— Eu hipnotizei você, Nash?

Agitado, ele foi até a janela e voltou.

— Só quero ter certeza de que, quando beijar você, a idéia seja minha.

Morgana levantou a cabeça. O orgulho que corria em seu sangue também era algo imutável pelos séculos.

— Você pode ter todas as idéias que quiser. Eu não preciso recorrer à magia para fazer com que um homem me deseje.

— Levou o dedo aos lábios, tocando o calor que ele deixara ali. — E se eu decidir que quero tê-lo, você ficaria mais do que disposto. — Sob o dedo, seus lábios curvaram-se. — E, depois, ficaria agradecido.

Nash não duvidava disso, mas sentiu seu próprio orgulho arranhado.

— Se eu lhe dissesse algo assim, você me acusaria de machista e egocêntrico.

Num gesto preguiçoso, ela pegou o copo.

— A verdade não tem nada a ver com o sexo ou o ego. — A gata branca pulou, sem nenhum ruído, no encosto do sofá. Sem desviar os olhos de Nash, Morgana levantou a mão e afagou a cabeça de Luna. — Se não está disposto a correr o risco, podemos cancelar a nossa... sociedade criativa.

— Acha que tenho medo de você? — O absurdo daquela observação melhorou um pouquinho o humor de Nash. — Benzinho, há muito tempo eu parei de pensar com minhas glândulas.

— Fico aliviada em saber. Detestaria pensar em você como algum tipo de conquistador calculista.

— A questão principal é que, — ele disse por entre os dentes cerrados, — se quisermos que funcione, é melhor estabelecermos algumas regras.

Ele devia estar maluco, Nash pensou. Cinco minutos atrás tinha uma mulher linda, sensual e incrivelmente deliciosa entre os braços, e agora estava tentando pensar em maneiras que pudessem impedi-la de seduzi-lo.

— Não. — Pensativa, Morgana pressionou os lábios. — Não me dou muito bem com regras. Você terá de se arriscar. Mas posso fazer um acordo com você: não vou induzi-lo a nenhuma situação comprometedora se você parar de fazer estes comentariozinhos pretensiosos e fúteis a respeito da feitiçaria. — Ela

penteou os cabelos com os dedos. — Isso me irrita, e quando fico irritada às vezes faço coisas das quais me arrependo depois.

— Eu tenho de lhe fazer perguntas.

— Então aprenda a aceitar as respostas. — Calma, mas determinada, Morgana levantou-se. — Eu não minto, pelo menos não costumo mentir. Não tenho certeza de porque decidi lhe falar sobre meu ofício. Talvez seja por haver algo em você que me atrai e, sem dúvida, porque sinto um grande respeito por escritores. Você tem uma aura forte e uma mente investigativa, apesar de cética, além de uma boa dose de talento. E, talvez, porque pessoas muito próximas a mim o aprovaram.

— Tais como...

— Anastásia. E Luna e Pan. Eles são excelentes juízes de caráter.

Então ele fora aprovado por uma prima, uma gata e um cão.

— Anastásia também é feiticeira?

Os olhos dela mantiveram-se firmes.

— Vamos falar sobre mim, e sobre o ofício em geral. Ana não tem nada a ver com isso.

— Tudo bem. Quando começamos?

Já haviam começado, Morgana pensou, e quase emitiu um suspiro.

— Não trabalho aos domingos. Você pode vir amanhã à noite, às nove horas.

— E não à meia-noite? Desculpe-me — ele apressou-se em dizer. — Força do hábito. Gostaria de usar um gravador, se você não se importar.

— É claro que não me importo.

— Devo trazer mais alguma coisa?

— Uma língua de morcego e um pouco de enxofre. — Morgana sorriu. — Desculpe-me, força do hábito.

Ele riu e pousou um beijo casto em seu rosto.

— Gosto do seu estilo, Morgana.

— Veremos.

***

Ela esperou até o pôr-do-sol, depois vestiu uma fina túnica branca. Era melhor prevenir do que remediar, dissera a si mesma quando finalmente sucumbira, subindo para o cômodo no alto da torre. Não gostava de admitir que Nash era tão importante a ponto de merecer suas preocupações, mas, desde que estava preocupada, achou melhor verificar. Montou o círculo protetor, acendeu as velas. Mergulhando no perfume de sândalo e ervas, ajoelhou no centro e levantou os braços.

— Fogo, água, terra e vento, sem destruir e sem corrigir. Apenas para deixar-me ver. E quando eu assim desejar, que em pó se transforme.

O poder deslizou por dentro dela como um hálito, limpo e fresco. Morgana ergueu a esfera de límpido cristal, segurando-a com as duas mãos de forma que as luzes das velas a iluminassem.

Névoa. Luz. Sombra.

A esfera inundava-se com isso e, depois, como se um vento tivesse soprado, clareou até um branco puro, brilhante.

Dentro da esfera Morgana viu o bosque de ciprestes, as antigas e místicas árvores filtrando a luz da lua no chão da floresta. Podia sentir o cheiro do vento, ouvi-lo, e o chamado do mar, que alguns diziam ser o canto da deusa.

Luz de velas. Na sala. Dentro do globo.

Ela. Na sala. Dentro do globo.

Ela usava uma túnica cerimonial branca, amarrada por um cordão de cristais. Os cabelos estavam soltos, os pés descalços. O fogo fora aceso pela sua mão, pela sua vontade, e queimava tão frio quanto a lua.

Era uma noite para celebração.

Uma coruja piou. Ela virou-se, viu suas asas brancas refulgirem e cortarem a escuridão como facas afiadas, viu-as desaparecer num relance por entre as sombras. Depois, ela o avistou.

Ele vinha por entre os ciprestes, penetrando numa clareira. Seus olhos estavam repletos dela.

Desejo. Exigência. Destino.

Presa dentro da esfera, Morgana estendeu as mãos e envolveu Nash num abraço.

As paredes da torre reverberaram com uma breve imprecação. Traída, por si mesma, Morgana ergueu uma das mãos. As velas apagaram-se. Ela permaneceu onde estava, enfurecida na escuridão.

Praguejou contra si própria, pensando que teria sido melhor não saber.

Alguns quilômetros distante dali, Nash acordou de um cochilo que havia tirado na frente da televisão.

Sonolento, esfregou as mãos no rosto e levantou-se com dificuldade.

Que sonho danado, pensou enquanto massageava a nuca rígida. Vívido o bastante para deixar doloridas várias partes sensíveis do seu corpo. E era por culpa sua, pensou bocejando, enquanto pegava distraído a tigela de pipocas que deixara na mesa.

Ele não se esforçara o bastante para tirar Morgana da cabeça. Por isso, se acabasse tendo fantasias sobre vê-la dançando algum tipo de dança das bruxas numa floresta, sobre tirar-lhe a túnica de seda branca e fazer amor com ela na

grama macia, sob o luar, não poderia culpar mais ninguém, exceto a si mesmo.

Nash estremeceu de leve e pegou o copo de cerveja morna.

Realmente, havia sido um sonho muito estranho. Ele podia jurar que sentira o cheiro de velas queimando.

CAPÍTULO 3

Morgana já estava irritada quando virou o carro para a entrada de sua casa, na tarde de segunda-feira.

Uma encomenda que estava esperando ficara retida em Chicago, e ela havia passado a última hora no telefone, tentando localizá-la. Ficara tentada a lidar com o assunto à sua própria maneira, pois nada a enfurecia mais do que a ineficiência, mas tinha plena consciência de que tais impulsos quase sempre causavam complicações.

No fim das contas, perdera um tempo precioso e estava quase escurecendo quando finalmente chegou em casa. Planejava dar uma tranquila caminhada por entre as árvores para arejar a cabeça e acalmar os nervos antes de ter de lidar com Nash.

Parou o carro e ficou ali sentada por um instante, fazendo uma careta ao ver a motocicleta preta e cromada estacionada na frente da garagem.

Sebastian. Perfeito. Exatamente o que ela não precisava.

Luna deslizou para fora do veículo antes dela, e com passos silenciosos foi esfregar-se contra a roda traseira da Harley.

— Que engraçadinha — Morgana falou, num misto de aversão e ironia, enquanto batia a porta do carro. — Contanto que seja um homem, não é?

Luna resmungou algo que não pareceu muito gentil, e seguiu em frente. Pan recebeu-as na porta da frente com os olhos espertos e a língua sempre pronta a agradar. Enquanto Luna passava direto por ele, ignorando-o, Morgana parou para afagar-lhe o pêlo antes de guardar a bolsa. Podia ouvir os acordes suaves de uma sinfonia de Beethoven vindos do seu· aparelho de som.

Encontrou Sebastian exatamente no lugar em que esperava vê-lo. Estava esparramado no sofá, os pés calçados de botas confortavelmente cruzados na mesinha de centro, com os olhos semicerrados e um copo de vinho na mão. Seu sorriso podia ser devastador para as mulheres normais, graças à maneira como suavizava as linhas retas e angulosas de sua fisionomia sombria, curvando aqueles lábios sensuais e esculpidos, aprofundando a cor dos olhos emoldurados por cílios espessos, e tão fulvos e aguçados quanto os de Luna.

Preguiçosamente, ele estendeu a mão longa e esguia, num antigo gesto de saudação.

— Morgana, meu único e verdadeiro amor.

Sebastian sempre fora bonito demais para seu próprio bem, Morgana pensou, mesmo quando menino.

— Fique à vontade, primo.

— Obrigado, querida. — Ele ergueu o copo para ela. O vinho está excelente. É seu ou de Ana?

— Meu.

— Meus cumprimentos. — Ele levantou-se, gracioso como um dançarino. Morgana sempre se irritava por ter de erguer a cabeça a fim de nivelar os olhos com os dele, pois Sebastian era pelo menos dez centímetros mais alto que ela. — Aqui está — Ele entregou-lhe o copo de vinho. — Parece que você está precisando.

— Tive um dia terrível.

Ele sorriu.

— Eu sei.

Ela estava prestes a beber um gole, mas seus dentes cerraram-se.

— Você sabe que odeio quando espia a minha mente.

— Pois eu nem precisei. — Com um gesto de trégua, ele espalmou as mãos. Um anel de ouro intrincadamente retorcido, com uma ametista quadrada, reluziu em seu dedo mínimo. — Você está enviando sinais. Sabe como eles ficam altos, quando você se aborrece.

— Então devo estar berrando, agora.

Ao perceber que Morgana não iria beber o vinho, Sebastian tornou a pegar o copo.

— Querida, nós não nos vemos desde a Festa da Candelária. — Os olhos dele lhe sorriam. — Não ficou com saudade de mim?

O pior era que ela havia sentido saudade, sim. Não importava o quanto Sebastian a provocasse, e ele fazia isso desde a época em que ela ainda dormia num berço, Morgana gostava muito dele. Porém, isso não era motivo para mostrar-se amigável depressa demais.

— Ando muito ocupada.

— Foi o que me disseram. — Ele fez cócegas sob o queixo dela, pois sabia que isso a deixava zangada. — Fale-me sobre Nash Kirkland.

Um brilho de fúria lampejou nos olhos dela.

— Que droga, Sebastian! É melhor manter os seus dedinhos mediúnicos bem longe do meu cérebro.

— Eu não espiei. — A expressão dele tornou-se exageradamente ofendida. — Sou um vidente, um artista, e não um voyeur. Ana me contou.

— Ah. — Morgana fez um beicinho amuado. — Desculpe-me.

Ela sabia que, ao menos desde que atingira certa maturidade e controle, Sebastian raramente invadia os pensamentos particulares das pessoas. A não ser que julgasse necessário.

— Bem — acrescentou —, não há nada a dizer. Ele é um escritor.

— Eu sei disso. Pois não assisti todos os filmes que ele escreveu? Quero saber qual é o assunto dele com você.

— Pesquisa. Ele quer escrever uma história sobre feiticeiras. Não há nada com que se preocupar.

— Só estou cuidando da minha priminha.

— Pois não precisa — ela repetiu. Puxou, com força, uma longa mecha dos cabelos dele, que caíam pelo colarinho. Sei tomar conta de mim mesma. E ele deverá chegar daqui a duas horas, portanto...

— Ótimo. Isso dará tempo de sobra para você me alimentar. — Sebastian passou o braço amigavelmente nos ombros dela. Decidira que Morgana teria de expulsá-lo da casa, se quisesse que ele saísse antes de se encontrar com o escritor. — Conversei com meus pais neste fim de semana.

— Por telefone?

Os olhos dele arregalaram-se, chocados. Quando falou, os tênues fragmentos da Irlanda, que ocasionalmente emergiam em sua voz, deram mais vida ao seu tom.

— Ora, Morgana, você sabe quanto custa uma ligação internacional? É caro demais!

Rindo, ela enlaçou-o pela cintura.

— Está bem. Vou lhe dar o jantar e você pode me contar as novidades.

Morgana jamais conseguiria ficar zangada com ele. Afinal, era a sua família. Quando se é diferente, às vezes a família é tudo com que se pode contar.

Jantaram na cozinha, enquanto Sebastian lhe contava sobre as últimas façanhas dos pais dela, de suas tias e tios.

Ao final de uma hora, Morgana sentia-se completamente relaxada outra vez.

— Já se passaram anos, desde a última vez em que vi a Irlanda sob a luz da lua — Morgana murmurou.

— Pois faça uma viagem. Você sabe que eles irão adorar ver você.

— Talvez eu vá, no solstício de verão.

— Poderíamos ir todos juntos. Você, Anastásia e eu.

— Talvez. — Suspirando, ela empurrou o prato para o lado. — O problema é que o verão é a melhor época para meus negócios.

— Foi você mesma quem quis tornar-se uma "pequena empresária".

Havia um belo pedaço de costeleta de porco no prato dela. Sebastian pegou-o com o garfo e comeu-o.

— Eu gosto do que faço, de verdade. Ter contato com pessoas. Embora algumas sejam bem esquisitas.

Ele encheu os copos de vinho.

— Por exemplo?

Morgana sorriu e apoiou os cotovelos na mesa.

— Houve este sujeito muito chato, que começou a aparecer na loja todos os dias, durante semanas.

Insistia em dizer que me reconhecia de outra encarnação.

— Uma "cantada" patética.

— É mesmo. Felizmente ele estava errado, eu nunca o encontrei antes, em nenhuma vida. Certa noite, duas semanas atrás, ele chegou de repente quando eu estava fechando a loja, e tentou me passar uma "cantada" muito melosa e direta.

— Humm... — Sebastian acabou de comer o último pedaço de costeleta. Sabia muito bem que sua prima podia cuidar de si mesma, mas isso não impedia que se sentisse irritado ao saber que algum pseudo-seguidor da Nova Era a considerasse uma conquista fácil. — O que você fez?

— Dei-lhe um soco no estômago. — Ela encolheu os ombros, quando Sebastian começou a rir.

— Estilo, Morgana. Você tem um bocado de estilo. Não podia transformá-lo num sapo?

Ela endireitou-se na cadeira, muito digna.

— Você sabe que não trabalho, desse jeito.

— E quanto a Jimmy Pakipsky?

— Aquilo foi diferente... eu tinha apenas treze anos. — Morgana não conseguiu evitar um sorriso. — Além disso, logo depois o transformei novamente naquele molequinho terrível que era.

— Só porque Ana teve de implorar em favor dele. — Sebastian fez um gesto com o garfo. — E você deixou as verrugas.

— Era o mínimo que eu podia fazer. — Morgana estendeu a mão e pegou a dele. — Diabos, Sebastian, senti muito sua falta.

Ele apertou-lhe a mão com força.

— Senti sua falta também. E de Anastásia.

Morgana pressentiu alguma coisa, o laço que os unia era antigo e profundo demais para que deixasse de perceber.

— O que foi, querido?

— Nada que possamos mudar. — Sebastian beijou-lhe os dedos de leve e soltou-os. Não tivera intenção de pensar no assunto, nem de baixar a guarda o bastante para que a prima o sintonizasse. — Não há nada com bastante chantily nesta casa?

Mas ela balançou a cabeça. Havia captado a tristeza. E, embora Sebastian fosse hábil o suficiente para bloqueá-la agora, Morgana não desistiria.

— É este caso em que você trabalhou, não é? Do menino que foi sequestrado.

A dor foi súbita e aguda. Sebastian obrigou-a novamente a se afastar.

— Não conseguiram resgatá-lo a tempo. A polícia de San Francisco fez tudo o que podia, mas os sequestradores entraram em pânico. Ele tinha só oito anos.

— Sinto muito; — Uma onda de tristeza envolveu-a. Morgana levantou-se e foi sentar no colo do primo, enroscando-se. — Ah, Sebastian, eu lamento muito.

— Não pode deixar que isso a afete. — Em busca de conforto, ele roçou a face contra os cabelos dela. Podia sentir as bordas pontiagudas da sua própria tristeza suavizando-se, agora que tinha Morgana com quem compartilhar. — Será demais para você, se permitir ser atingida. Mas, que droga, eu estava tão perto do garoto... Quando algo assim acontece, você se pergunta por que recebeu este dom se não consegue melhorar nada.

— Mas você consegue, Sebastian. — Ela segurou-lhe o rosto entre as mãos. Seus olhos estavam úmidos, mas fortes. — Nem sei quantas vezes você já conseguiu. Só que, desta vez, não era para ser.

— Dói muito.

— Eu sei. — Delicadamente, ela afagou-lhe os cabelos. — Fico contente por você ter me procurado.

Sebastian abraçou-a com força, depois a soltou.

— Escute aqui, eu vim para jantar e dar umas boas risadas, não para deixá-la deprimida. Desculpe-me.

— Ora, não seja bobo.

A voz dela foi tão ríspida que Sebastian teve de rir.

— Tudo bem. Agora, se quiser que eu me sinta melhor, que tal aquele chantily?

Morgana deu-lhe um sonoro beijo na testa.

— Que tal um sorvete com calda quente de chocolate?

— Minha heroína!

Ela levantou-se e, conhecendo o apetite de Sebastian, pegou uma tigela grande. Também sabia que o ajudaria mais se não dissesse mais nada sobre o caso. Ele lutaria para superar, e seguiria em frente. Pois não havia outro jeito. Direcionando-o rapidamente para a sala de estar, mudou a estação de rádio em seu aparelho estéreo, trocando a música clássica por um rock.

— Melhorou — disse Sebastian, estendendo as pernas numa cadeira vazia. — Então, vai me dizer por que está ajudando o tal de Kirkland nas pesquisas?

— Porque me interessa. — Ela aqueceu a calda de chocolate da maneira convencional, isto é, no micro-ondas.

— Quer dizer que ele a interessa?

— De certa forma. — Morgana fez uma pequena montanha de sorvete de baunilha. — É claro que ele não acredita em nada sobrenatural, apenas explora o

assunto nos filmes. Mas, na verdade, não tenho nenhum problema com isso. — Pensativa, lambeu o sorvete do dedo. — Com os filmes, quero dizer. Eles são divertidos. Agora, a atitude dele... Bem, talvez eu tenha de mudá-la um pouco, antes de continuarmos.

— É um terreno perigoso, prima.

— Ora, Sebastian, a vida é um terreno perigoso. — Despejou um rio de calda quente sobre a montanha de sorvete. — Podemos muito bem nos divertir com ela.

Para provar o que dizia, cobriu toda a paisagem que criara com uma pilha de nuvens de chantily. Com um floreio, depositou a tigela na frente de Sebastian.

— Não tem castanhas?

Morgana bateu com a colher na mão dele.

— Não gosto de castanhas, e nós vamos dividir. — Depois de sentar, mergulhou a colher no sorvete. — Acho que você vai gostar dele — disse, com a boca cheia. — De Nash. Ele tem aquele tipo de arrogância dissimulada, que os homens consideram tão másculo. — E que, de fato, era, pensou um tanto ressentida. — E, é óbvio, ele possui uma imaginação abundante. É bom com animais, Pan e Luna reagiram a ele favoravelmente. É um grande fã de mamãe, tem um bom senso de humor, é inteligente. E dirige um carro maravilhoso.

— Parece que Nash conquistou você.

Se não tivesse acabado de engolir, Morgana teria engasgado com o sorvete.

— Não me insulte, está bem? Só porque o achei interessante e atraente não significa que eu esteja...

Ela estava zangada, Sebastian reparou, satisfeito. Era sempre um bom sinal. Quanto mais perto Morgana chegava da raiva, mais fácil era extrair informações dela.

— Então, você olhou?

— É claro que olhei — ela disparou. — Apenas por precaução.

— Você olhou porque estava nervosa.

— Nervosa? Não seja ridículo! — Mas ela começou a tamborilar os dedos na mesa. — Ele é só um homem.

— E você, apesar dos seus dons, é uma mulher. Será que preciso lhe dizer o que acontece quando se juntam um homem e uma mulher?

Morgana cerrou os punhos, a fim de impedir-se de fazer algo drástico.

— Conheço os fatos da vida, muito obrigada. Se eu decidir torná-lo meu amante, o problema é meu. E, talvez, o prazer também.

Contente por ela ter perdido o interesse pelo sorvete, Sebastian assentiu, enquanto comia.

— Mas o problema é que sempre existe o risco de você se apaixonar por ele.

Vá com cuidado, Morgana.

— Há uma grande diferença entre amor e paixão — ela retrucou, com afetação.

Em seu lugar embaixo da mesa, Pan levantou a cabeça e emitiu um latido baixo.

— Por falar nisso...

Com os olhos — reluzindo um alerta, Morgana levantou.

— Comporte-se, Sebastian. Estou falando sério.

— Não se preocupe comigo. Vá atender a porta. — A campainha tocou meio segundo depois. Rindo consigo mesmo, Sebastian viu-a sair em disparada.

***

Maldição, Morgana pensou quando abriu a porta da frente, ele estava tão bonito... Os cabelos estavam despenteados pelo vento. Trazia uma mochila velha no ombro, e havia um furo no joelho da calça jeans.

— Oi! Acho que estou um pouco adiantado.

— Tudo bem. Entre e sente-se. Só preciso dar um jeito numa... numa bagunça na cozinha.

— Mas que maneira de se referir ao seu primo. — Sebastian entrou na sala com toda calma, trazendo a tigela de sorvete quase vazia. — Olá. — Assentiu a cabeça amigavelmente para Nash. — Você deve ser Kirkland.

Morgana estreitou os olhos, mas falou com gentileza suficiente:

— Nash, este é o meu primo Sebastian. Ele estava de saída.

— Ah, posso ficar mais um pouco. Gostei muito dos seus filmes.

— Obrigado. Será que não o conheço? — Nash franziu a testa, enquanto observava Sebastian. — O médium, certo?

Os lábios de Sebastian curvaram-se num meio sorriso.

— Culpado.

— Acompanhei alguns de seus casos. Até mesmo os policiais mais teimosos e descrentes deram-lhe todo o crédito pela prisão do "Assassino Yuppie" de Seattle. Talvez você pudesse...

— Sebastian detesta falar sobre os casos que ajudou resolver — Morgana interrompeu. Havia uma ameaça velada em seus olhos, quando os fixou no primo. — Não é mesmo, Sebastian?

— Para dizer a verdade, eu...

— Fiquei muito contente com sua visita, querido. — Um rápido lampejo de eletricidade perpassou-os quando Morgana tirou a tigela da mão dele. — Apareça sempre, está bem?

Ele desistiu, pensando que ainda era cedo o bastante para passar na casa de Anastásia e discutir a atual situação de Morgana com mais profundidade.

— Cuide-se, meu bem. — Sebastian deu-lhe um longo beijo, demorando-se até sentir os pensamentos de Nash obscurecerem. — Abençoada seja.

— Abençoado seja — Morgana respondeu automaticamente, e empurrou-o para fora. Virou-se para Nash.

— Agora, se puder me dar só um minutinho, começaremos em seguida. — Jogou os cabelos para trás, satisfeita ao ouvir o barulho da motocicleta. — Quer tomar um chá?

Nash estava com a testa franzida e as mãos nos bolsos.

— Prefiro café. — Seguiu-a quando ela foi para a cozinha.

— Que tipo de primo é ele?

— Sebastian? Normalmente um primo muito irritante.

— Não, eu quero dizer... — Na cozinha, Nash logo reparou nos remanescentes de um aconchegante jantar para dois. — É seu primo em primeiro grau, ou daquele tipo... mais distante?

Morgana colocou uma antiquada chaleira de ferro no fogão para ferver a água, e depois passou a encher a lavadora de louça.

— Nossos pais são irmãos. — Captando a expressão de alívio de Nash, quase começou a rir. — Nesta vida — acrescentou, sem conseguir se conter.

— Nesta... Ah, claro. — Ele deixou a mochila numa cadeira. — Então você acredita em reencarnação.

— Se acredito? — Morgana repetiu. — Bem, acho que é mais ou menos isso. De qualquer forma, meu pai, o de Sebastian e o de Ana nasceram na Irlanda. Eles são trigêmeos.

— Está brincando? — Nash apoiou os quadris na mesa, enquanto ela abria uma latinha. — Parece tão raro quanto ser o sétimo filho de um sétimo filho.

Balançando a cabeça, Morgana mediu as ervas para o chá.

— Tais coisas nem sempre são raras. Eles casaram-se com três irmãs — continuou. — Trigêmeas, também.

Nash esfregou a cabeça de Pan, quando o cachorro encostou-se a sua perna.

— Puxa, mas isso é interessante.

— Um arranjo pouco comum, pode-se dizer, mas eles reconheceram-se mutuamente, e ao seu destino. — Morgana olhou para trás com um sorriso, antes de encher o bulezinho de chá com água quente. — Estavam destinados a ter apenas um filho cada casal, o que, de várias formas, foi um desapontamento para eles. Existe muito amor entre os seis, e gostariam de tê-lo espalhado em grandes quantidades para muitos filhos. Mas não era para ser.

Ela acrescentou um bule de café à bandeja de prata, onde arrumara delicadas

xícaras de porcelana, um pote de creme e um açucareiro, esses dois no formato de caveiras sorridentes.

— Deixe que eu levo a bandeja — Nash falou. Ao pegá-la viu as peças exóticas. — Herança de família?

— Não, comprei numa loja de novidades. Pensei que você acharia divertido.

Ela guiou o caminho até a saleta de estar, onde Luna enroscava-se no meio do sofá. Morgana escolheu o lugar ao lado da gata e fez um gesto para que Nash deixasse a bandeja na mesa.

— Creme e açúcar? — perguntou.

— Sim, obrigado. — Observando-a usar os recipientes, sorriu, divertido. — Aposto que você dá boas risadas na época do Haloween.

Ela ofereceu-lhe uma xícara.

— As crianças vêm de longe para ganhar doces da bruxa, ou para tentar assustá-la. — E o carinho que sentia pelas crianças sempre fazia com que adiasse sua própria celebração da véspera do Dia de Todos os Santos (Al Hal ow's Eve), pois sempre esperava até que o último saquinho de guloseimas tivesse sido enchido. — Creio que algumas delas ficam desapontadas ao ver que não uso um chapéu pontudo, nem saio voando no cabo de vassoura.

O anel de prata no dedo de Morgana reluziu sob a luz do abajur, quando ela serviu o delicado chá cor de âmbar extraído das flores de jasmim.

— A maioria das pessoas tem uma ou outra idéia preconcebida acerca das feiticeiras. Ou pensam na velha encarquilhada de nariz adunco oferecendo maçãs envenenadas, ou no espírito resplandecente com uma varinha de condão com estrela na ponta dizendo que não há lugar como o lar.

— Receio que não me encaixe em nenhuma dessas categorias.

— É exatamente por isso que eu preciso de você. — Depois de deixar a xícara na mesa, Nash abriu a mochila. — Tudo bem? — perguntou, tirando o gravador.

— É claro.

Ele apertou o botão de "gravar", depois tornou a remexer na mochila.

— Passei o dia debruçado sobre os livros, na biblioteca, nas livrarias. — Retirou da mochila um livro fino, de capa macia, e passou-o para ela. — O que pensa sobre isso?

Arqueando a sobrancelha, Morgana leu o título: "Fama, Fortuna e Romance: Rituais com Velas para Todos os Usos". Jogou o livro no colo dele, com força suficiente para fazê-lo encolher-se.

— Espero que você não tenha pago muito por isso.

— Seis dólares e noventa e cinco centavos, fora as taxas. Então você não faz esse tipo de coisas?

Paciência, ela disse a si mesma, tirando os sapatos e dobrando as pernas no

sofá. A saia vermelha e curta que usava subiu até o meio das coxas.

— Acender velas e recitar cânticos engraçadinhos. Você acredita mesmo que um leigo qualquer seja capaz de realizar magia apenas lendo um livro?

— Você tem de aprender em algum lugar.

Resmungando, Morgana pegou o livro novamente e abriu-o.

— "Para provocar ciúme" — leu, enojada. — "Para conquistar o amor de uma mulher". "Para obter dinheiro". — Tornou a fechá-lo com força. — Pense bem, Nash, e agradeça pelo fato de não dar certo para todo mundo. Imagine que você esteja sem dinheiro, com as contas acumulando-se. Você queria muito comprar um carro novo, mas seu crédito está estourado. Então, acende algumas velas, faz um pedido, talvez até dance nu para acrescentar algum efeito. E... "abracadabra"! — Ela levantou os braços. — Você descobre-se recebendo um cheque de dez mil dólares. O único problema é que sua adorada vovozinha teve de morrer para deixar-lhe o dinheiro.

— Tudo bem, então é necessário ter cuidado com a maneira como se formula o encantamento.

— Raciocine comigo — ela disse, fazendo uma careta de impaciência. — Todos os atos têm consequências. Alguém deseja que o marido seja mais romântico. Shazam!, subitamente ele se transforma num autêntico dom-juan... com todas as mulheres da cidade. Mas digamos que você seja do tipo nobre, e faz um encantamento para acabar com a guerra. O feitiço dá certo, a guerra termina, mas, como resultado, dezenas de outras guerras explodem. — Morgana emitiu um suspiro. — A magia não é para os despreparados ou irresponsáveis. E, certamente, não pode ser aprendida através de alguns livros tolos.

— Ok. — Impressionado com tal raciocínio, Nash estendeu as mãos. — Estou convencido. Mas a questão que eu quis salientar é que pude comprar este livro numa livraria por sete dólares. Significa que as pessoas estão interessadas.

— As pessoas sempre estiveram interessadas. — Ela virou-se e os cabelos escorregaram pelos seus ombros. — Já houve épocas em que tal interesse fez com que essas pessoas fossem enforcadas, queimadas ou afogadas. — Morgana bebericou o chá. Somos um pouco mais civilizados, hoje em dia.

— Aí está — ele concordou. — É por isso que quero escrever uma história sobre este assunto agora. Hoje, quando temos telefones celulares, fornos de micro-ondas, aparelhos de fax e correio eletrônico. Ainda assim, as pessoas continuam fascinadas com a magia. Posso partir de vários pontos de vista. Usar lunáticos que sacrificam bodes...

— Não com minha ajuda.

— Tudo bem, eu já imaginava. De qualquer forma, isso seria fácil demais... comum demais. Estive pensando em explorar o mesmo enfoque cômico que usei

em "Descanse em Paz", talvez acrescentando um pouco mais de romance. Não apenas sexo. — Luna subira no colo dele, e Nash a afagava, deslizando os longos dedos nos pêlos macios. — Minha idéia é centralizar o enredo em uma mulher, uma jovem deslumbrante que, por acaso, possui "algo mais". Como ela lida com os homens, com o trabalho, com... sei lá, com as compras do supermercado? Ela deve conhecer outras feiticeiras. Sobre o que conversam? O que fazem para se divertir? Quando você soube que era uma feiticeira, Morgana?

— Provavelmente quando levitei no meu berço — Morgana respondeu calmamente, e viu o riso formar-se nos olhos dele.

— É esse tipo de coisa que eu quero. — Ele recostou-se na cadeira e Luna aconchegou-se em seu colo como uma manta. — Sua mãe deve ter tido um ataque.

— Ela estava preparada para isso. — Morgana mudou de posição e seus joelhos roçaram levemente nos quadris de Nash.

Ele nem pensou que haveria qualquer coisa mágica no rápido lampejo de calor que sentiu. Era apenas uma reação química.

— Eu já lhe disse que sou feiticeira por herança.

— Certo. — O tom de voz dele a fez respirar fundo. — E isso nunca a incomodou? Isto é, pensar que era diferente?

— Saber que eu sou diferente — ela corrigiu. — É claro que sim. Quando eu era criança, ficava bem mais difícil controlar o poder. As pessoas quase sempre perdem o controle através da emoção. Da mesma forma, uma mulher pode perder o controle da própria inteligência com determinados homens.

Nash queria estender a mão e tocar os cabelos dela, mas pensou duas vezes.

— Isso lhe acontece com frequência? Perder o controle?

Morgana lembrou-se de como se sentira no dia anterior, com os lábios dele sobre os seus.

— Não tanto quanto acontecia antes de me tomar adulta. Tenho um temperamento forte, e às vezes faço coisas das quais me arrependo depois, mas há algo que uma feiticeira responsável nunca esquece: o poder jamais deve ser usado para prejudicar ou ferir alguém.

— Então você é uma feiticeira séria e responsável. E faz sortilégios de amor para seus clientes.

Ela empinou o queixo.

— Evidente que não.

— Mas você pegou aquelas fotos... da sobrinha daquela senhora e do gênio em geometria.

Ele não perdia nada, Morgana pensou com desgosto.

— A senhora Littleton não me deu muitas opções. — Embaraçada, deixou a

xícara na mesa com um gesto rápido. E só porque peguei as fotos não significa que esteja prestes a espargi-las com poeira da lua.

— É assim que se faz?

— Sim, mas... — Mordeu a língua. — Você está se divertindo à minha custa. Por que faz perguntas, se não vai acreditar nas respostas?

— Não preciso acreditar nelas para ficar interessado. — E ele estava interessado, e muito. Viu-se escorregando alguns centímetros para mais perto dela. — Quer dizer que você não fez nada a respeito do baile de formatura?

— Não foi o que eu disse. — Morgana cruzou os braços, emburrada, enquanto Nash cedia à tentação e brincava com seus cabelos. — Simplesmente removi uma pequena barreira. Qualquer outra coisa, além disso, teria sido interferência.

— Que barreira? — Ele não fazia idéia de qual seria o cheiro da poeira da lua, mas imaginou se teria o mesmo perfume que os cabelos dela.

— A garota é terrivelmente tímida. Apenas dei um pequeno impulso à sua autoconfiança. O resto fica por conta dela. — Morgana tinha um pescoço lindo, esguio e gracioso. Nash imaginou como seria beijá-lo... por uma ou duas horas. Os negócios, pensou. Limite-se aos negócios.

— É assim que você trabalha? Dando "impulsos" às pessoas?

Ela virou a cabeça e fitou-o direto nos olhos.

— Depende da situação.

— Andei lendo um bocado. As feiticeiras costumavam ser consideradas as mulheres mais sábias e inteligentes dos vilarejos. Preparavam poções, encantamentos, prevendo acontecimentos, curando os doentes.

— Minha especialidade não é a cura, nem a vidência.

— E qual é a sua especialidade?

— Magia. — Talvez por uma questão de orgulho, ou apenas por diversão, ela não tinha certeza, no mesmo instante enviou um relâmpago cruzando o céu.

Nash olhou na direção da janela.

— Parece que há uma tempestade se aproximando.

— Pode ser. Por que não respondo logo algumas de suas perguntas, para que você possa voltar para casa?

Diabos, ela queria que ele fosse embora. Morgana sabia o que havia visto na esfera de cristal e que, com cuidado, com habilidade, às vezes tais coisas podiam ser mudadas. Porém, fosse como fosse, não queria que os acontecimentos se precipitassem tão depressa.

E a maneira como ele a tocava, com a ponta dos dedos em seus cabelos, provocava-lhe pequenos lampejos de medo.

E isso a deixava irritada.

— Não estou com pressa — ele disse calmamente, enquanto indagava-se se,

caso tivesse coragem e a beijasse novamente, experimentaria aquela mesma sensação arrebatadora da outra vez. — Um pouco de chuva não me incomoda.

— Vai chover forte — Morgana murmurou para si mesma. Ela se encarregaria de providenciar. — Alguns dos seus livros podem ser úteis — disse. — Podem fornecer-lhe um pouco de História e dos fatos registrados, e também uma idéia geral dos rituais. — Pousou o dedo sobre o exemplar que ele lhe mostrara. — Mas não este aqui. Existem certos... ingredientes rituais que são usados no Ofício.

— Como terra de cemitério?

Ela sentia-se prestes a perder o controle.

— Ora, faça-me o favor...

— Vamos lá, Morgana, daria um visual excelente. — Nash virou-se, pousando a mão sobre a dela, querendo que ela visse o que ele via. — *Cena externa, noite. Nossa linda heroína vagando sob a neblina, cruzando as sombras por entre os túmulos. Uma coruja emite um grito estridente. A distância, ecoa o longo e ululante uivar de um cão. Close daquele rosto pálido, perfeito, emoldurado pelo capuz de seu manto escuro.*

Ela pára diante de uma cova recente e, entoando cânticos, guarda um punhado da terra recém-revolvida dentro de sua algibeira mágica. Um trovão explode no ar. Desaparece a imagem.

Morgana tentou, realmente tentou, não ficar ofendida.

Imagine, alguém pensando que ela se esquivava em volta das sepulturas!

— Nash, estou fazendo o possível para me lembrar de que você escreve para divertir as pessoas e que, certamente, tem direito a uma boa quantidade de licença poética.

Ele tinha de beijar-lhe os dedos; Tinha, mesmo.

— Então você não passa muito tempo em cemitérios.

Ela reprimiu rapidamente a irritação, e uma faísca de desejo.

— Vou aceitar o fato de que você não acredita no que eu sou. Mas não vou tolerar, absolutamente, ser considerada um motivo de riso.

— Não seja tão intensa. — Nash afastou-lhe os cabelos dos ombros e fez uma leve massagem em sua nuca. — Eu admito que, normalmente, realizo esta tarefa um pouco melhor. Diabos, aguentei doze horas de entrevistas com aquele romeno maluco que jurava ser um vampiro. Não tinha nem um espelho na casa. Obrigou-me a usar um crucifixo o tempo todo, sem mencionar o alho — Nash lembrou, com uma careta. — De qualquer forma, não tive nenhum problema em agradá-lo, e ele acabou se revelando uma arca do tesouro em matéria de informações. Mas, você...

— Mas eu... — Morgana incitou-o, fazendo o possível para ignorar o fato de

que ele formava uma trilha de fogo em seu braço com a mesma perícia e sensualidade com que afagara Luna.

— Acontece que eu não acredito, Morgana. Você é uma mulher forte e inteligente. Tem estilo e bom gosto, sem mencionar o perfume delicioso. Não posso simplesmente fingir que acredito que você acredita nisso tudo.

O sangue começava a ferver nas veias de Morgana. Ela não iria, não poderia, tolerar o fato de que ele era capaz de enfurecê-la e seduzi-la ao mesmo tempo.

— É assim que você consegue o que quer? Fingindo?

— Quando uma senhora de noventa e dois anos me conta que seu amante morreu com um tiro, em 1922, porque era um lobisomem, não vou chamá-la de mentirosa. Vou pensar que ela é uma tremenda contadora de histórias ou então que de fato acredita no que está dizendo. Qualquer uma dessas coisas está bem, para mim.

— Contanto que você obtenha um bom roteiro para seu filme.

— É disso que eu vivo. Ilusões. E não faz mal a ninguém.

— Ah, tenho certeza que não, não quando você vai embora, depois bebe uns drinques com os amigos e dá boas risadas ao falar sobre a lunática que entrevistou. — Os olhos dela flamejavam. — Tente fazer isso comigo, Nash, e acabará com verrugas na língua.

Vendo que ela estava realmente zangada, Nash engoliu o sorriso.

— O que estou querendo dizer é que eu sei que você tem muitas informações, muitos fatos e lendas, e que é exatamente isso que estou procurando. Calculo que esta reputação de feiticeira que você construiu provavelmente aumenta em cinquenta por cento as vendas da sua loja. É um belo atrativo. Mas não precisa fazer este jogo comigo.

— Você acha que finjo ser uma feiticeira apenas para aumentar as vendas da loja. — Morgana começou a levantar-se devagar, temendo que, se ficasse muito próxima dele, poderia causar-lhe algum dano físico.

— Eu não... Ei! — Nash deu um pulo, quando Luna cravou as unhas em suas coxas.

Morgana e a gata trocaram um olhar de aprovação.

— Você entra em minha casa e tem a coragem de me chamar de charlatã, mentirosa e ladra.

— Não. — Ele desvencilhou-se da gata e ficou de pé. Não foi essa minha intenção, absolutamente. Quis apenas dizer que você pode ser sincera e direta comigo.

— Sincera e direta com você.

Ela andou de um lado para outro da sala, tentando em vão recuperar o controle. Por um lado ele a seduzia contra sua vontade e, por outro, zombava

dela. Pensava que ela fosse uma fraude. Ora, aquele idiota insolente tinha sorte por ela não tê-lo deixado zurrando e com um par de orelhas de meio metro! Sorrindo maliciosamente, ela virou-se.

— Quer que eu seja sincera com você, Nash?

O sorriso deixou-o aliviado, mas só um pouco. Nash receara que ela começasse a lhe atirar coisas.

— Só quero que você saiba que pode relaxar. Você me fornece os dados, e eu cuido da ficção.

— Relaxar... — ela repetiu, assentindo. — É uma boa idéia. Nós dois devíamos relaxar. — Seus olhos reluziam quando deu um passo na direção dele. — Que tal acendermos a lareira? Não há nada como um fogo acolhedor, para ajudar a relaxar.

— Boa idéia. — E, sem dúvida, muito sexy. — Vou acender o fogo.

— Ah, não. — Morgana pousou a mão no braço dele. Pode deixar que eu faço isso. Ela girou o corpo, estendendo os dois braços na direção da lareira. Sentiu a sabedoria, fresca e límpida, percorrer-lhe o sangue.

Era uma habilidade milenar, a primeira a ser dominada e a última a se perder com a idade. Seus olhos, e depois a mente, focalizaram-se na lenha seca. No instante seguinte, as chamas irromperam com um rugido, as toras de madeira lançaram faíscas, a fumaça ergueu-se no ar.

Satisfeita, ela abafou o fogo, de forma a transformá-lo em brasas vivas e acolhedoras.

Baixando os braços, voltou-se para Nash. Ficou feliz ao ver que ele não apenas estava branco como papel, mas também que ainda não conseguira fechar a boca.

— Melhorou? — Morgana perguntou com doçura.

Nash sentou em cima da gata. Luna miou um protesto e escapuliu, apesar das desculpas murmuradas.

— Eu acho que...

— Parece que você está precisando de uma bebida. Com um giro rápido, Morgana estendeu a mão. Uma garrafa de cristal levantou voo de uma mesa a cinco metros de distância e foi aterrissar em sua palma. — Conhaque?

— Não. — Ele emitiu um profundo suspiro. — Obrigado.

— Pois acho que eu quero. — Morgana estalou os dedos.

Uma taça de conhaque flutuou no ar e permaneceu suspensa, enquanto ela servia a bebida. Estava exibindo-se, ela sabia, mas isso lhe dava uma imensa satisfação. — Tem certeza de que não quer um pouco?

— Tenho.

Encolhendo os ombros, ela enviou a garrafa de volta para a mesa. O cristal fez

um leve ruído contra a madeira, quando pousou.

— Agora — ela disse, enroscando-se no sofá ao lado dele.

— Onde estávamos, mesmo?

Alucinação, Nash pensou. Hipnotismo. Abriu a boca, mas só conseguiu gaguejar. Morgana continuava sorrindo, aquele leve sorriso felino. Efeitos especiais. De repente, tudo ficou tão claro que ele riu da própria estupidez.

— Deve haver um fio por aqui — ele disse, levantando-se para verificar por si mesmo. — Foi um belo truque, benzinho. De primeira. Por um minuto, você chegou a me enganar.

— É mesmo? — ela murmurou.

— Contratei uma empresa especializada em efeitos especiais para ajudar-me a montar uma festa, no ano passado. Você devia ver as coisas que eles conseguiram fazer.

Nash pegou a garrafa de cristal, procurando algum tipo de mecanismo engenhoso. Mas tudo o que viu foi antigo cristal irlandês e madeira. Encolhendo os ombros, foi até a lareira e abaixou-se. Desconfiava que ela tivesse um aparelho pequeno instalado sob a lenha, algo que pudesse acender com um tipo de controle remoto minúsculo escondido na mão. Subitamente inspirado, levantou-se de um pulo.

— O que acha disso? Nós trazemos um sujeito para a cidade. Ele é um cientista e se apaixona por nossa heroína depois enlouquece tentando explicar tudo o que ela faz. Tentando tornar lógico. — A mente de Nash disparava. — Talvez ele se infiltre em uma das cerimônias dela. Você já participou de alguma cerimônia?

Morgana havia exorcizado a fúria e, em seu lugar, achava apenas graça.

— Naturalmente.

— Ótimo. Então poderá me dar os detalhes. Faríamos o sujeito vê-la realizar algo extraordinário, como levitar, por exemplo. Ou este truque do fogo, foi muito bom. Podíamos ter uma fogueira, que ela acende sem usar nenhum fósforo. Mas ele não tem certeza se trata-se de um truque, ou se é real. E a platéia também não sabe.

Ela deixou que o conhaque a aquecesse por dentro. Os arroubos de raiva eram tão cansativos.

— Qual é o objetivo da história?

— Além de provocar calafrios e sustos, acho que se trata de saber se esse sujeito, um sujeito normal, consegue lidar com o fato de que está apaixonado por uma feiticeira.

Subitamente triste, Morgana olhou dentro do copo.

— Você poderia perguntar-se se uma feiticeira é capaz de lidar com o fato de

que está apaixonada por um homem comum.

— É exatamente por isso que preciso de você. — Nash aproximou-se devagar, sentando ao lado dela. — Não somente o ponto de vista da feiticeira, mas da mulher, também. — Novamente confortável, ele deu uma palmadinha no joelho dela. — Agora, vamos falar sobre feitiços e feitiçarias.

Balançando a cabeça, ela deixou o copo na mesa e riu.

— Tudo bem, Nash. Vamos falar sobre magia.

CAPÍTULO 4

Ele não se sentia solitário. E como poderia, se passara horas daquele dia absorto em seus livros, estimulando a mente e a alma com fatos e fantasias? Desde a infância Nash aprendera a contentar-se com sua própria companhia. O que começara como uma necessidade para sobreviver, agora se tornara um estilo de vida.

O tempo que havia passado com sua avó ou com sua tia ou nas suas estadias esporádicas em lares adotivos, ensinou-lhe que ele estaria em melhor situação se criasse suas próprias distrações, do que se esperasse que estas lhe fossem oferecidas pelos adultos que o cercavam. Com muita frequência, a recompensa por tais distrações significara tarefas a mais, um sermão, ficar de castigo no quarto ou, no caso de sua avó, uma palmada rápida e certeira.

Desde que nunca lhe fora permitido uma abundância de brinquedos ou de companheiros de brincadeiras, Nash transformara sua mente num brinquedo especialmente interessante.

Muitas vezes ele pensava que isso lhe dava uma vantagem sobre as crianças mais favorecidas. Afinal, a imaginação era portátil, inquebrável e admiravelmente maleável. Não podia ser tirada dele de repente por um adulto irritado quando alguma infração era cometida. E não precisava ser deixada para trás, quando ele era despachado para qualquer outro lugar.

Agora que Nash podia comprar tudo o que quisesse, e ele estava entre os primeiros a admitir que os brinquedos para adultos eram uma fonte de entretenimento sensacional ainda satisfazia-se com a fluidez de sua imaginação.

Com todo prazer, era capaz de bloquear o mundo real e as pessoas reais durante horas a fio. Isso não significava que estivesse sozinho, não com todos os personagens e acontecimentos precipitando-se em sua mente. A imaginação sempre fora sua melhor companhia, e se ocasionalmente aceitava convites e entregava-se a festas, reuniões e bebedeiras, era mais para obter material para suas fantasias do que para compensar aqueles tempos de solidão.

Mas sentir-se solitário? Não, isso era um absurdo.

Ele tinha amigos, agora, tinha controle do seu próprio destino. Dependia dele, e apenas dele, a decisão de ficar ou ir embora. Deliciava-se com o fato de ter aquela casa enorme somente para si. Podia comer quando estivesse com fome, dormir quando estivesse cansado, jogar as roupas onde quisesse. Muitos de seus amigos e colegas tinham casamentos infelizes, ou haviam passado por divórcios amargos, e desperdiçavam muito tempo e energia reclamando de seus parceiros.

Mas não Nash Kirkland.

Ele era um homem solteiro. Um solteiro livre e despreocupado. Um lobo solitário, feliz como um passarinho.

E afinal, ele pensou, o que tornava um passarinho tão malditamente feliz?

Nash sabia o que o fazia feliz. Ser capaz de abrir o laptop na mesa do terraço e trabalhar sentindo o sol e o ar fresco, ouvindo o barulho das ondas ao fundo. Ser capaz de brincar com o roteiro de um novo filme sem precisar suar por causa de prazos, ou por políticas da empresa, ou por uma mulher que ficava à sua espera para exigir sua atenção e enchê-la de repreensões.

Será que isso soava como o lamento de um homem solitário?

Nash sabia que nunca fora talhado para um emprego convencional, ou para um relacionamento convencional. E, Deus era testemunha, sua avó lhe dissera vezes sem conta que ele jamais seria capaz de realizar qualquer coisa nem remotamente respeitável. E mencionara, mais de uma vez, que nenhuma mulher decente, com um pingo de juízo que fosse, o aceitaria.

Nash duvidava que aquela mulher rígida e implacável considerasse suas histórias de ocultismo barato remotamente respeitáveis. E, se ela ainda estivesse viva, com certeza torceria o nariz e assentiria a cabeça presunçosamente diante do fato de que ele chegara aos trinta anos sem se casar.

No entanto, ele até fizera tentativas neste sentido. Sua breve e terrível experiência como escriturário numa empresa de seguros em Kansas City provara que ele jamais se encaixaria no esquema de trabalho em escritório. E sem dúvida, sua última e desastrada tentativa de manter um relacionamento sério provara que ele não se adequava às exigências da convivência permanente com uma mulher.

Conforme sua ex-amante, DeeDee Driscol, lhe dissera ao por um fim no romance entre eles, ele era...

Como fora mesmo que ela havia dito? "Você não passa de um garotinho egoísta, emocionalmente retardado. Acha que, só porque é bom na cama, pode comportar-se irresponsavelmente fora dela. Prefere brincar com seus monstros a ter um relacionamento sério e maduro com uma mulher."

E ela dissera muito mais, Nash lembrava-se. Na verdade não podia culpá-la por lhe jogar na cara a sua irresponsabilidade. Nem o cinzeiro de mármore, por falar nisso. Ele a decepcionara. Não era, como ela havia esperado, o tipo de sujeito talhado para o casamento. E, não importava o quanto ela tentasse transformá-lo e emendá-lo no decorrer daqueles seis meses que estiveram juntos, ele simplesmente não correspondia às suas expectativas.

Agora, DeeDee estava prestes a se casar com um cirurgião dentista. Nash esperava que não fosse maldade demais achar graça na idéia de que um dente do

siso inflamado acabasse resultando em flores de laranjeira.

Antes ele do que eu pensou, em relação ao anônimo dentista. DeeDee era uma mulher inteligente e simpática, com um corpinho aconchegante e um sorriso sensacional. E capaz de atirar cinzeiros com a força de um jogador de beisebol se devidamente provocada.

Certamente não se sentia solitário ao pensar em DeeDee seguindo a longa e escorregadia trilha rumo ao altar.

Ele era dono de si mesmo, frequentador de lugares sofisticados, descompromissado, desimpedido e contente como um polichinelo. Fosse lá o que fosse que isso significasse.

Então, por que ficava perambulando por aquela casa enorme como se fosse a Última célula viva num corpo agonizante?

E, muito mais importante, por que havia ameaçado pegar o telefone umas dez vezes, querendo ligar para Morgana?

Não tinham trabalho marcado para aquela noite. Ela havia sido muito firme quando lhe concedera apenas duas noites por semana. E Nash tinha de admitir que, depois que superaram aqueles difíceis obstáculos iniciais, passaram a se relacionar de maneira bem fácil. Contanto que ele tomasse cuidado com o sarcasmo.

Morgana possuía um ótimo senso de humor, e um bom senso dramático, o que era excelente, desde que eram as duas coisas que ele desejava para sua história. Não era exatamente um sacrifício passar umas poucas horas por semana na companhia dela. Verdade, Morgana era categórica ao insistir que era uma feiticeira, mas isso apenas tornava tudo mais interessante. Nash quase ficara desapontado quando ela desistira das exibições daqueles efeitos especiais.

Ele estivera exercitando um admirável controle em manter as mãos longe dela. Isto é, na maior parte do tempo. Nash não achava que lhe tocar os dedos, ou brincar com seus cabelos, realmente contava. Não quando tinha de resistir àqueles lábios macios, tentadores, àquela nuca convidativa, aos seios perfeitos, adoráveis...

Interrompeu o curso de tais pensamentos, ansiando por ter algo mais satisfatório para chutar do que o braço do sofá.

Era perfeitamente normal desejar uma mulher. Diabos, era até agradável imaginar como seria enroscar-se nos lençóis com ela. Mas o jeito que sua mente insistia em voltar-se na direção de Morgana em todas as horas do dia e da noite, prejudicando seu trabalho neste processo, estava bem próximo de se tornar uma obsessão.

Estava na hora de recuperar o controle.

Não que ele tivesse perdido o controle, lembrou a si mesmo. Estava se

comportando como um santo.

Mesmo quando ela abria-lhe a porta usando aqueles shorts desfiados e desbotados, uma de suas grandes fraquezas, ele fazia o possível para sufocar seus instintos mais básicos. Talvez fosse baixeza admitir que este raciocínio tinha menos a ver com altruísmo do que com auto-preservação. Um envolvimento pessoal com ela acabaria estragando o profissional. De qualquer forma, uma mulher capaz de nocauteá-lo com um único beijo certamente merecia ser tratada com muita cautela.

E Nash tinha o pressentimento que aquele tipo de nocaute seria bem mais fatal do que a pontaria certeira de DeeDee.

Ainda assim, queria ligar para ela, ouvir sua voz, perguntar se poderia vê-la por apenas uma ou duas horas.

Diabos, ele não se sentia solitário. Ou, pelo menos, não se sentira antes de desligar o computador e seu cérebro cansado e ter saído para uma caminhada na praia. Todas as pessoas que havia visto ali, as famílias, os casais, os grupinhos de amigos... e ele sozinho, observando o sol desaparecer no mar, ansiando por algo que não tinha certeza se realmente queria. Algo que, se tivesse, não saberia como lidar.

Algumas pessoas não nasciam para ter famílias. Isso Nash sabia por experiência própria. E, muito tempo atrás decidira evitar cometer o mesmo erro, poupando assim alguma criança sem nome e sem rosto do peso de um pai inadequado.

No entanto, o fato de ficar ali sozinho, observando aquelas famílias, o deixara inquieto e tornara sua casa grande e vazia demais. Fizera com que desejasse ter Morgana ao seu lado, para que pudessem caminhar de mãos dadas pela praia. Ou sentar num tronco abandonado na areia, abraçadinhos, enquanto viam as primeiras estrelas surgindo no céu.

Resmungando uma praga, Nash pegou o telefone e discou o número do telefone dela. O que iria dizer? Perguntou-se. ”Queria apenas falar com você. Preciso vê-la. Não consigo parar de pensar em você.” Balançando a cabeça, colocou o fone no lugar e andou novamente de um lado para outro da sala. As belas e sombrias máscaras trazidas da Oceania fitavam-no de seus lugares nas paredes. Nas estantes mais baixas, os punhais afiados com os cabos ornamentados reluziam sob a luz. Para aliviar a tensão, Nash pegou um boneco de vodu e enfiou um alfinete em seu coração.

— Experimente isso, idiota.

Jogou o boneco para longe, enfiou as mãos nos bolsos e decidiu que já estava na hora de sair daquela casa. Que diabos, iria ao cinema.

— É a sua vez de comprar os ingressos — Morgana disse a Sebastian, com toda paciência. — Minha vez de comprar as pipocas, e a de Ana escolher o filme.

Sebastian fez um gesto de desprezo, enquanto seguiam pela calçada da Cannery Row.

— Eu comprei os ingressos na última vez.

— Não foi, não.

Anastásia sorriu quando o primo voltou-se para ela em busca de ajuda, mas balançou a cabeça.

— Fui eu que comprei na última vez — confirmou. Você só está tentando safar-se novamente.

— Safar-me? — Ofendido, ele parou no meio da calçada. — Que palavra mais desagradável! E lembro-me muito bem que...

— O que quiser lembrar — Anastásia concluiu a frase, enfiando o braço sob o dele. — Desista, primo. Não vou lhe dar a minha vez.

Sebastian resmungou alguma coisa, mas recomeçou a andar, levando Morgana por um braço e Anastásia no outro. Estava querendo muito assistir o mais novo filme de Schwarzenegger, e receava que Ana fosse escolher a melosa comédia romântica que estava sendo exibida na sala dois. Não que não gostasse de romances, mas ouvira dizer que Arnold havia se superado naquele filme, salvando todo o planeta de um grupo de cruéis e dissimulados extraterrestres.

— Não precisa ficar emburrado — Morgana falou, animada. — Você escolhe o filme na próxima vez.

Ela gostava daquele acordo. Sempre que estavam dispostos, e quando tinham tempo, os três primos iam juntos ao cinema. Muitos anos de brigas, temperamentos alterados e noites arruinadas haviam resultado no sistema que usavam atualmente. Não era à prova de falhas, mas normalmente evitava uma discussão acalorada na bilheteria do cinema.

— E não é justo tentar me influenciar — Anastásia acrescentou quando sentiu Sebastian entrando em sua mente.

— Eu já decidi.

— Só estou querendo evitar que você desperdice meu dinheiro. — Resignado, Sebastian observou as pessoas que se reuniam a esmo na fila. Sentiu-se um pouco mais animado ao avistar o homem que vinha andando lentamente, na direção oposta. — Ora, ora — disse. — Que agradável coincidência.

Morgana já havia visto Nash, e não tinha certeza se isso a deixava contente ou aborrecida. Estava conseguindo manter as coisas razoavelmente equilibradas, durante seus encontros. Nada de truques maldosos, decidira, considerando-se as faíscas sensuais que pareciam encher o ar sempre que eles ficavam a um metro

de distância um do outro.

Era capaz de lidar com a situação, lembrou a si mesma e sorriu para Nash.

— Olá! Decretou seu próprio ponto facultativo?

O humor sombrio que o assolava desapareceu no mesmo instante. Morgana parecia um anjo pecador, os cabelos caindo em cascata pelos ombros, o vestido vermelho e curto colando-se a cada curva.

— Mais ou menos. Gosto de assistir os filmes dos outros sempre que estou batalhando em um dos meus. — Embora exigisse um esforço desviar os olhos dos de Morgana, virou-se para Sebastian e Anastásia. — Oi, tudo bem?

— É um prazer vê-lo novamente. — Anastásia entrou na fila. — Engraçado, mas a última vez que viemos os três juntos ao cinema foi para ver um filme seu, o "Falsa Morte".

— Ah, é mesmo?

— Foi muito bom.

— Como se ela soubesse — Sebastian intrometeu-se. — Ana passou os últimos trinta minutos do filme com os olhos fechados.

— Este é o maior dos elogios. — Nash acompanhou a fila Juntamente com eles. — Então, o que vão assistir?

Anastácia enviou um olhar para Sebastian, enquanto ele tirava a carteira do bolso.

— O filme de Schwarzenegger.

— É mesmo? — Nash não fazia idéia de por que Sebastian estava rindo, mas sorriu para Morgana. — Eu também.

Nash viu que estava com sorte quando sentou ao lado de Morgana, na sala de projeção. Não tinha nenhuma importância o fato de já ter visto aquele filme na *premiére* em Holywood. Era bem provável que o escolhesse, mesmo se não tivesse encontrado Morgana na fila. Era um tremendo filme, pelo que se lembrava. Rápido, com humor suficiente para equilibrar as cenas de violência, junto com uma trama de suspense muito bem engendrada. E havia uma cena, em especial, que deixara a platéia de celebridades eletrizada. Se a sorte continuasse lhe sorrindo, Morgana estaria agarradinha nele antes da metade do filme.

As luzes diminuíram, Morgana virou o rosto e sorriu para ele. Nash sentiu várias células cerebrais derreterem-se e desejou que as sessões duplas ainda existissem nos cinemas.

No curso normal dos acontecimentos, Nash daria o primeiro e longo passo para fora da realidade no instante em que o filme captasse sua imaginação. Não havia nada que gostasse mais do que mergulhar na ação projetada na tela. Raramente importava se fosse a primeira vez que via o filme, ou se estaria visitando o velho amigo pela vigésima vez, ele sempre se sentia em casa, no

cinema. Mas, naquela noite, não conseguia nem acompanhar a sequência da aventura..

Estava ciente demais da mulher ao seu lado para desligar-se da realidade...

As salas de cinema possuem um cheiro característico. O aroma oleoso, mas não desagradável, do que os vendedores descaradamente chamam de manteiga sobre a fragrância da pipoca, o perfume penetrante dos caramelos, o odor adocicado dos refrigerantes respingados no chão. No entanto, por mais atraente que fossem, e Nash sempre os achava atraentes, não conseguiam superar a sonhadora sensualidade do perfume de Morgana..

A sala estava fria, quase gélida. Nunca fizera muito sentido para ele porque o ar-condicionado era sempre tão forte num lugar onde as pessoas ficavam sentadas e paradas por duas horas. Mas o perfume da pele de Morgana era quente, energizante, como se ela estivesse sentada sob um intenso raio de sol.

Ela não prendeu o fôlego, não levou nenhum susto, nem se agarrou a ele, não importava quantos atos violentos os invasores ou o herói perpetravam na tela. Ao contrário, mantinha os olhos fixos e atentos, pegando de vez em quando um punhado de pipocas no recipiente de plástico que se esvaziava rapidamente.

Em determinado momento, ela realmente deixou escapar o ar por entre os dentes, e agarrou o braço do assento entre eles. Num gesto protetor, Nash cobriu-lhe a mão com a sua. Morgana não olhou na direção dele, mas virou a palma da mão para cima e entrelaçou os dedos nos dele.

Não podia evitar, Morgana pensou. Afinal, não era feita de pedra. Era uma mulher de carne e osso, que achava o homem ao seu lado extremamente atraente. E delicado, que diabos. Havia algo de inegavelmente delicado em sentar no escuro do cinema e ficar de mãos dadas.

E que mal haveria nisso?

Ela estava sendo muito cuidadosa quando estavam sozinhos, certificando-se de que as coisas não corressem depressa demais, ou numa direção que não fosse de sua escolha. Não que tivesse de ficar repelindo os ataques dele pensou com uma pontinha de ressentimento. Nash não fizera a menor tentativa de abraçá-la ou beijá-la novamente nem de seduzi-la de qualquer outra forma.

A não ser que considerasse o fato de que ele sempre parecia estar tocando-a, de um jeito distraído e amigável. Um jeito que resultava em horas de inquietação, quando ia deitar-se depois de ele ir embora.

Problema seu, disse a si mesma, tentando ignorar o longo e lento repuxão em seu estômago, enquanto Nash deslizava o dedo preguiçosamente para cima e para baixo em sua mão.

Mas o lado bom de tudo aquilo era que estava gostando de trabalhar com ele, ajudando-o em suas pesquisas. Não apenas porque ele era uma companhia

divertida com uma inteligência e um talento que ela respeitava, mas também porque isso lhe dava a oportunidade de explicar o que era, a sua própria maneira.

E, é claro, Nash não acreditava em nem uma palavra.

Mas isso não Importava, Morgana disse a si mesma, e parou de prestar atenção ao filme quando o braço de Nash roçou levemente no seu, provocando-lhe uma sensação de calor. Afinal, ele não precisava acreditar para absorver os conhecimentos dela e escrever uma boa história. Embora isso a deixasse desapontada, num nível profundo. Se ele acreditasse, e aceitasse, teria sido tão confortante.

Quando o mundo foi salvo e as luzes do cinema acenderam-se, Morgana retirou rapidamente a mão.

Não porque fosse desagradável estar de mãos dadas com ele, mas não estava com disposição de arriscar-se a ouvir nenhum dos comentários sarcásticos de Sebastian.

— Uma excelente escolha, Ana — Sebastian falou para a prima.

— Repita isso depois que meu coração voltar ao normal.

Sebastian passou o braço em torno de seus ombros, enquanto seguiam devagar pelo corredor até a saída.

— Ficou com medo?

— É claro que não. — Ana recusava-se a admitir, dessa vez. — Ficar quase duas horas vendo aquele corpo maravilhoso, nu até a cintura, é o suficiente para deixar qualquer mulher com o coração disparado.

Entraram no saguão iluminado e barulhento.

— Pizza! — Sebastian decidiu. Olhou rapidamente para Nash. — Está a fim de comer?

— Sempre estou a fim de comer.

— Ótimo. — Sebastian abriu a porta e saíram para a noite. — Você paga — Eles formavam um trio e tanto, Nash pensou enquanto os quatro devoravam fatias de pizza com queijo derretido: Discutiam sobre tudo, desde que tipo de pizza pedir até qual dos ataques dos alienígenas tinha sido mais eficaz, no filme que acabaram de assistir. Reparou que Morgana e Sebastian gostavam de provocar-se mutuamente tanto quanto estavam gostando da refeição, com Anastácia intercedendo de vez em quando, no papel de árbitro.

Era óbvio que o laço entre eles era muito profundo, pois sob todas as reclamações, queixas e provocações havia um afeto indiscutível.

Quando Morgana disse a Sebastian "Não seja idiota, amor", Nash sentiu que, para ela, tanto a palavra idiota como a palavra "amor" continham o mesmo peso. Ouvindo a conversa, Nash tentou combater aquela leve punhalada de inveja que sentira quando estava na praia, ao entardecer.

Cada um deles era filho único, como ele. No entanto não eram como ele, sozinho.

Anastásia virou-se, encarando-o. Algo refulgiu em seus olhos por um instante, tão semelhante à simpatia que Nash sentiu uma onda de vergonha. Mas isso logo desapareceu, e ele concluiu que ela era apenas uma mulher adorável, com um sorriso fácil.

— Eles não têm intenção de ser assim tão grosseiros — ela falou, sorridente. — Apenas não conseguem evitar.

— Grosseira? — Com os cabelos presos atrás das orelhas, Morgana girou o copo de vinho tinto. — Não é grosseria apontar os defeitos de Sebastian. Não quando eles são tão evidentes. — Deu uma palmada na mão do primo, afastando-a do pedaço de pizza em seu prato. — Está vendo? — falou para Nash. — Ele sempre foi assim, ganancioso.

— Generoso em demasia — Sebastian discordou.

— Convencido — ela retrucou, fazendo uma careta para o primo, enquanto cortava um belo pedaço de pizza. — Mal humorado.

— Mentiras! — Pegando o copo de vinho, Sebastian recostou na cadeira. — Sou invejavelmente bem-humorado. É você quem sempre tem os ataques de raiva. Certo, Ana?

— Bem, na verdade vocês dois...

— Nem a maturidade foi capaz de corrigir isso — Sebastian interrompeu. — Quando Morgana era criança, se não conseguia ter o que queria começava a gritar como uma desvairada, ou ficava emburrada num canto. O controle nunca foi seu ponto forte.

— Detesto ter de salientar — Anastásia falou, — mas pelo menos na metade das vezes em que Morgana tinha estes “ataques", era você quem provocava.

— É claro. — Impenitente, Sebastian deu de ombros.

— Era tão fácil. — Piscou o olho para Morgana. — E continua sendo.

— Eu nunca deveria tê-lo deixado descer do teto, anos atrás. — Nash ia beber o vinho, mas parou em meio ao gesto.

— O que foi que disse?

— Uma travessura particularmente maldosa. — Sebastian explicou. Até hoje se aborrecia com o fato de a prima ter levado a melhor.

— Que você mereceu. — Morgana bebericou o vinho. Ainda nem sei se já o perdoei por aquilo.

Anastásia foi obrigada a concordar.

— O que você fez foi muito feio, Sebastian.

Vendo-se em minoria, Sebastian relaxou um pouco. E pôde até, com algum esforço, extrair um certo humor do acontecimento passado.

— Eu tinha apenas onze anos. Garotos desta idade têm o direito de fazer pequenas maldades. Além disso, nem era uma cobra de verdade.

Morgana torceu o nariz.

— Parecia verdadeira.

Rindo baixinho, Sebastian inclinou-se para frente a fim de contar o caso a Nash.

— Estávamos todos na casa de tia Bryna e tio Matthew para comemorar o início da primavera, no dia primeiro de maio. Eu admito que estava sempre procurando um jeito de irritar a nossa "pestinha" aqui, e sabia que ela tinha pavor de cobras.

— É bem próprio de você aproveitar-se de uma pequena fobia — Morgana resmungou.

— O problema era que a garota não tinha medo de nada... exceto por cobras. — Os olhos de Sebastian, trigueiros como os de um gato, reluziram com bom humor. — Então, já que garotos são sempre garotos, eu deixei uma cobra de borracha bem no meio da cama dela, enquanto ela estava ali deitada, é claro.

Nash não conseguiu reprimir um sorriso, mas felizmente conseguiu transformar a risada num acesso de tosse, quando viu o olhar ameaçador de Morgana.

— Não parece tão terrível assim.

— Ele fez a cobra sibilar e sacudir-se — Ana intercedeu, mordendo o lábio para também conter o riso.

Sebastian suspirou com nostalgia.

— Trabalhei naquele encantamento durante semanas. A magia nunca foi meu ponto forte, portanto foi uma tentativa um tanto deplorável, no fim das contas. Ainda assim... — Olhou de soslaio para Morgana. — Funcionou.

Nash descobriu que não tinha absolutamente nenhum comentário a fazer: Ao que parecia, ele não estava sentado na mesa com três pessoas muito sensatas, afinal.

— Então, depois que parei de gritar e vi que na verdade se tratava de um feitiço muito malfeito, mandei Sebastian para o teto do quarto e deixei-o pendurado ali, de cabeça para baixo. — Havia um misto de orgulho e satisfação na voz de Morgana. — Por quanto tempo você ficou lá, querido?

— Duas terríveis horas.

Ela sorriu.

— E ainda estaria, se minha mãe não o encontrasse e me obrigasse a fazê-lo descer.

— Pelo restante daquele verão — Anastásia acrescentou, — vocês dois ficaram tentando se superar, e sempre acabavam encrencados.

Sebastian e Morgana trocaram um sorriso. Depois, Morgana inclinou a cabeça e enviou um olhar penetrante para Nash. Podia até ouvir as engrenagens do cérebro dele movimentando-se.

— Tem certeza de que não quer um pouco de vinho? — perguntou.

— Não, obrigado, eu vou dirigir. — Tudo aquilo fora uma encenação para enganá-lo, compreendeu de repente, enviando um leve sorriso para Morgana. Mas, por que se importaria? Isso fazia com que participasse do grupinho e lhe fornecia novos ângulos para a história. — Quer dizer que vocês, ahn... pregavam muitas peças uns nos outros, quando eram crianças?

— Quando se tem determinados talentos, é difícil contentar-se com brincadeiras comuns.

— Mas fosse qual fosse a brincadeira — Sebastian falou para Morgana, — você sempre trapaceava.

— Ora, é claro que sim. — Sem ofender-se, Morgana passou-lhe o que sobrara de sua pizza. — Eu gosto de vencer. Está ficando tarde. — Levantou-se para beijar cada um dos primos no rosto. — Será que pode me levar para casa, Nash?

— É claro. — Era exatamente isso que ele tinha em mente.

— Tenha cuidado, Kirkland — Sebastian avisou, indolente. — Ela gosta de brincar com fogo.

— Já percebi. — Nash pegou a mão de Morgana e os dois afastaram-se.

Anastásia emitiu um leve suspiro e apoiou o queixo nas mãos.

— Com tantas faíscas acendendo-se entre os dois a noite inteira, fico admirada por não termos uma fogueira acesa bem aqui nesta mesa.

— Haverá chamas em breve. — Os olhos de Sebastian ficaram sombrios, tornando-se fixos e quase opacos. — Quer ela goste ou não.

Imediatamente preocupada, Ana pousou a mão na dele.

— Mas vai ficar tudo bem com ela, não é?

Sebastian não estava vendo com tanta clareza como gostaria. Era sempre mais difícil com a família, e especialmente com Morgana.

— Ela acabará com alguns "galos" e arranhões. — E ele sentia por isso. Então, seus olhos clarearam e o sorriso tranquilo voltou ao seu rosto. — Ela vai superar, Ana. Como ela mesma disse, gosta de vencer.

Morgana não estava pensando em batalhas ou vitórias, mas sim na sensação do ar frio e sedoso batendo contra seu rosto. Reclinando a cabeça, olhou para o céu escuro, assombrado por uma meia-lua e deslumbrado pelas estrelas.

Era fácil desfrutar daquele momento. O carro veloz e aberto na estrada sinuosa, o luar sombrio e o vento cheirando a mar. E era fácil ter prazer ao lado dele, daquele homem que dirigia com uma habilidade natural e confiante, que

ligara o rádio alto demais, que exalava o perfume da noite e de todos os seus segredos.

Virando a cabeça, Morgana observou-lhe o perfil. Ah, ela bem que gostaria passar os dedos sobre o rosto anguloso, experimentando o formato dos ossos, roçando um toque sobre os lábios bem desenhados, talvez sentindo a leve aspereza de seu queixo. Teria gostado disso, e muito.

Então, por que hesitava? Embora jamais tivesse sido promíscua, nem tampouco considerasse cada homem atraente como um amante em potencial, Morgana reconhecia o profundo desejo de pertencer a ele. E de qualquer forma, conforme ela havia visto, isso não demoraria muito a acontecer.

Aí estava sua resposta, Morgana percebeu. Ela sempre se rebelaria contra ser um Joguete do destino.

Mas certamente, se o escolhesse por si própria, se mantivesse o poder em suas mãos, não era o mesmo que ser levada pelo destino. Afinal, ela era dona de si

— Por que você foi à cidade esta noite? — perguntou

— Estava um pouco inquieto. Cansado de mim.

Ela compreendia tal sentimento. Não lhe ocorria com frequência, mas quando acontecia era insuportável.

— O roteiro vai indo bem?

— Muito bem. Terei uma sinopse para enviar ao meu agente em poucos dias.

Nash olhou na direção dela, e imediatamente desejou não tê-lo feito. Ela estava tão linda, tão sedutora, com o vento nos cabelos e o luar refletindo em sua pele, que ele não queria mais desviar os olhos... Não era uma maneira muito sensata de se guiar um veículo.

— Você tem sido de grande ajuda.

— Isso quer dizer que não precisa mais de mim?

— Não. Morgana, eu....

Ele interrompeu-se e praguejou baixinho, dando-se conta de que passara a entrada da casa dela só um instante depois. Deu marcha a ré, fez a volta e parou, deixando o motor do carro ligado. por um momento ficou perdido em pensamentos, em silêncio, olhando para a casa onde uma única janela estava iluminada por uma luz dourada, e as outras escuras como breu.

Se Morgana o convidasse para entrar ele iria, teria de ir. Algo estava acontecendo naquela noite. Algo estivera acontecendo desde o instante em que ele se virara e fitara os olhos dela. Isso lhe dava a sensação perturbadora de ter entrado no roteiro de outra pessoa, cujo final ainda estava para ser escrito.

— Está mesmo inquieto — ela murmurou — Não combina com você.

Num impulso, Morgana estendeu a mão e desligou a chave do motor. A ausência do ruído monótono fez com que o silêncio ressoasse na cabeça de Nash.

Seus corpos se roçaram, e a promessa de mais provocou um calor em seu estômago.

— Sabe o que gosto de fazer, quando estou me sentindo assim?

A voz dela estava mais baixa, e agora parecia líquida o bastante para percorrer a pele dele como um vinho fragrante. Ele virou-se e deparou com aqueles vívidos olhos azuis reluzindo sob a luz da lua. E suas mãos já se estendiam para ela.

— O quê?

Morgana se afastou, escorregando das mãos dele como um espírito. Depois de abrir a porta do carro, foi andando lentamente para o lado dele e abaixou-se até que seus lábios quase se tocassem.

— Eu faço uma caminhada. — Com os olhos ainda fixos nos dele, endireitou-se e estendeu-lhe a mão. — Venha comigo. Vou lhe mostrar um lugar mágico.

Nash poderia ter recusado. Mas sabia que o homem que não saísse do carro e tomasse a mão que lhe era oferecida ainda não nascera.

Atravessaram o gramado, afastando-se da casa onde a única luz reluzia, e penetraram nas sombras místicas e no silêncio murmurante do bosque de ciprestes. O luar adejava por entre as árvores, desenhando estranhas figuras com os galhos retorcidos no chão macio da floresta. Uma brisa muito leve sussurrava através das folhas e o fez pensar na harpa que Morgana tinha na saleta de estar.

A mão dela estava quente e firme na sua, enquanto seguia em frente, sem pressa, mas com determinação..

— Eu gosto da noite. — Morgana respirou fundo. — Do perfume e do sabor da noite. Às vezes acordo de madrugada e venho para cá.

Nash ouvia o barulho das ondas nas rochas, um som constante e rítmico. Por motivos que nem queria compreender, seu próprio coração retumbava inexoravelmente no peito.

Alguma coisa estava acontecendo.

— As árvores. — Nash achou que até o som de sua voz parecia estranho e misterioso no bosque sombrio. — Eu me apaixonei por elas.

Morgana parou de andar e fitou-o, curiosa.

— É mesmo?

— Eu estive aqui de férias, no ano passado. Queria fugir do calor. E não me cansava de olhar para as árvores. — Encostou a mão numa delas, sentindo a áspera casca do tronco que se inclinava dramaticamente para frente. — Nunca fui muito chegado à natureza. Sempre morei em cidades grandes, ou próximo a elas. Mas soube que teria de viver num lugar onde pudesse olhar pela janela e ver estas árvores.

— Às vezes voltamos para o lugar a que pertencemos. — Morgana recomeçou

a andar, os passos silenciosos na terra fofa. — Algumas seitas antigas idolatravam árvores como estas. — Ela sorriu. — Mas acho que já seja o bastante amá-las, apreciá-las pela idade que têm, pela sua beleza e tenacidade. Aqui. — Parou novamente e virou-se para ele. — Aqui é o centro, o coração. A magia mais pura sempre está no coração.

Nash não saberia dizer porque compreendia, ou porque acreditava. Talvez fosse por causa da lua, ou do momento. Sabia apenas que sentia um arrepio percorrê-lo, a mente flutuando. E, em algum lugar no mais profundo de sua memória, soube que já estivera ali antes. Com ela.

Erguendo a mão, tocou-lhe o rosto, deixando que os dedos deslizassem até o pescoço. Morgana não se moveu, nem para frente, nem para trás. Limitou-se a continuar olhando para ele. E esperou.

— Não sei se gosto do que está acontecendo comigo — ele disse, em voz baixa.

— O que está acontecendo?

— Você. — Incapaz de resistir, Nash levantou a outra mão e emoldurou-lhe o rosto, prendendo-o entre seus dedos tensos. — Eu sonho com você. Mesmo durante o dia, sonho com você. Não consigo pensar em qualquer outra coisa. Simplesmente acontece.

Morgana levou a mão até o pulso dele, querendo sentir as batidas fortes e vigorosas.

— E é tão ruim assim?

— Não sei. Sou um perito em evitar complicações, Morgana. E não quero que isso mude.

— Então vamos manter tudo bem simples.

Nash não teve certeza se foi ela quem se moveu, ou se foi ele, mas de alguma forma Morgana estava em seus braços, e sua boca sorvia a dela. Nenhum sonho jamais fora tão arrebatador.

A língua de Morgana dançava sob a dele, incitando-o a ir mais fundo, e depois ela recebeu-o com um gemido que fez o sangue fervilhar em suas veias. Finalmente ele tinha o prazer de provar a longa linha do pescoço de Morgana, deslizando a língua sobre o pulsar que ali latejava, mordiscando a carne sensível sob a mandíbula até sentir o primeiro e rápido estremecimento perpassá-la. Então ele mergulhou mais profundamente, mais desesperadamente, quando seus lábios tornaram a se encontrar.

Como ela podia pensar que teria alguma escolha, algum controle? O que eles estavam entregando um ao outro era tão velho quanto o tempo, tão novo quanto a primavera.

Se ao menos pudesse ser apenas prazer e nada mais, ela pensou debilmente

enquanto as sensações sobrepujavam sua força de vontade. Mas mesmo quando seu corpo latejava com aquele prazer, ela sabia que aquilo era muito, muito mais.

Nem uma vez, em seus anos como adulta, ela entregara seu coração. E não fora uma proteção egoísta, mas sim porque ela sempre estivera a salvo. Mas agora, com a lua no céu, com as velhas e silenciosas árvores como testemunhas, ela entregou-o a ele.

Seus braços tencionaram-se sob a dor aguda e penetrante.

O nome dele escapou de seus lábios. Naquele momento, Morgana soube porque precisara levá-lo até ali, o seu lugar mais secreto e pessoal. Que lugar. seria mais adequado do que aquele, para perder seu coração?

Ficou abraçando-o por mais um instante, deixando seu corpo absorver o que ele poderia lhe dar, desejando ter honrado sua palavra de manter tudo bem simples.

Porém, nada seria simples, a partir de agora. Para nenhum deles. Tudo o que podia fazer era aproveitar o tempo que ainda restava e preparar a ambos.

Mas no momento em que ela deveria ter-se afastado, Nash puxou-a para si, tomando-lhe os lábios mais uma vez, e mais outra, enquanto imagens, sons e desejos turbilhonavam-lhe a mente.

— Nash... — Morgana virou a cabeça e roçou a face carinhosamente na dele. — Não pode ser agora.

A voz baixa penetrou através dos bramidos que lhe enchiam a cabeça. Nash foi tomado por uma necessidade urgente de atirá-la no chão e possuí-la naquele momento, provar que ela estava enganada. A súbita onda de violência o assustou. Atônito, afrouxou o abraço, percebendo que seus dedos enterravam-se na pele dela.

— Desculpe-me. — Ele soltou os braços ao longo do corpo. — Machuquei você?

— Não. — Emocionada, Morgana beijou-lhe a mão. — É claro que não. Não se preocupe.

Mas ele só podia se preocupar. Nunca, em toda sua vida, tratara uma mulher com indelicadeza. Havia quem dissesse que ele já agredira seus sentimentos e, se fosse verdade ele sentia muito. Mas ninguém jamais poderia acusá-lo de agredir fisicamente uma mulher.

No entanto, ele quase a jogara no chão e tomara à força o que tão desesperadamente queria, sem pensar se ela aceitaria ou concordaria com isso.

Abalado, enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu estava certo, realmente não gosto do que está acontecendo. Esta é a segunda vez que a beijo, e a segunda vez que senti que era algo que precisava fazer. Da mesma forma que preciso respirar, comer ou dormir.

Ela teria de ser muito cautelosa, agora.

— O afeto é tão necessário para a sobrevivência quanto respirar e comer.

Nash duvidava, desde que passara a maior parte de sua vida sem isso. Observando-a, balançou a cabeça.

— Sabe de uma coisa, benzinho? Se eu acreditasse que você é mesmo uma feiticeira, diria que estou enfeitiçado.

Morgana ficou surpresa ao perceber o quanto isso a magoava. Ah, não as palavras, mas sim a distância que elas abriam entre eles. Por mais que tentasse, não conseguia lembrar-se de jamais ter sido magoada por um homem. Talvez fosse isso que significava amar. Das outras vezes ela havia protegido seu coração, mas agora ainda poderia fazê-lo.

— Então, ainda bem que você não acredita. Foi só um beijo, Nash — Ela sorriu esperando que as sombras ocultassem a tristeza em seus olhos. — Não há nada a temer num beijo.

— Eu quero você. — A voz dele estava rouca, e as mãos permaneciam nos bolsos. Havia nela um desamparo, mesclado com seu desejo. Talvez fosse isso que quase o levara à violência. — Mas pode ser perigoso..

Morgana não tinha dúvidas quanto a isso.

— Quando chegar a hora, vamos descobrir. Estou muito cansada, agora. Vou voltar para casa.

Dessa vez, quando caminhou através do bosque, ela não lhe ofereceu a mão.

CAPÍTULO 5

Morgana abrira as portas da Wicca pela primeira vez cinco anos e alguns meses antes daquele dia em que Nash as atravessara em busca de uma feiticeira. O sucesso da loja devia-se à insistência de Morgana em fornecer produtos interessantes, à sua disposição de trabalhar duro, e ao seu sincero prazer pelo jogo do comércio.

Desde que sua família, por mais tempo do que alguém poderia lembrar-se com clareza, era financeiramente bem-sucedida, Morgana poderia ter se dedicado a uma série de empreendimentos mais fúteis enquanto sacava o dinheiro dos fundos de investimento. Sua decisão de tornar-se uma mulher de negócios fora bem simples. Ela era ambiciosa o bastante, e orgulhosa o suficiente, para desejar ganhar o próprio sustento.

A escolha por uma loja como aquela fora atraente à Morgana porque lhe permitiria cercar-se de objetos dos quais gostava. Além disso, desde a sua primeira venda, ela descobrira o prazer que sentia em passar estes objetos para outras pessoas que também os apreciavam.

Havia claras vantagens em se possuir o próprio negócio. Um senso de realização, o orgulho básico de ser a proprietária, a constante variedade de pessoas que entravam e saíam de sua vida. Mas sempre onde existe um lado bom, existe também o ruim. Se a proprietária for abençoada com um mínimo de senso de responsabilidade, é impossível simplesmente fechar as portas e janelas quando estiver com vontade de ficar sozinha.

Dentre os muitos dons de Morgana, havia um inegável senso de responsabilidade.

Naquele momento, desejava que seus pais tivessem permitido que ela se tornasse uma mulher frívola, displicente e egoísta. Se o trabalho deles em criá-la não tivesse sido tão bem-feito, Morgana realmente teria trancado a porta, pulado em seu carro e dirigido para longe, até que aquela terrível melancolia melhorasse.

Não estava acostumada a sentir-se transtornada. E, certamente, não gostava da idéia de que aquela sensação desagradável fora provocada por um homem. Por tanto tempo quanto conseguia se lembrar, Morgana havia sido capaz de lidar com todos os integrantes do sexo masculino. Era, e ela sorriu com o pensamento, um dom. Mesmo quando criança fazia gato-sapato de seu pai e dos seus tios, conseguindo tudo o que queria graças a uma combinação de charme, culpa e obstinação. Sebastian fora um pouco mais difícil de dobrar, mas ela sentia que,

pelo menos, estavam equilibrados.

Quando chegou à adolescência, aprendeu bem depressa como lidar com os rapazes. Que técnicas utilizaria para demonstrar que estava interessada, ou as que usaria para mostrar que não estava. Com o passar dos anos, tudo se tornou uma questão de simplesmente aplicar as mesmas técnicas, com sutis variações, aos homens adultos.

Até agora. Até Nash aparecer.

Quando havia começado a vacilar?, Morgana perguntou-se enquanto embrulhava um longo e fino frasco de óleo de banho de ginseng para uma cliente. Quando foi que ela seguira aquele pequeno impulso de seu sexto sentido e cruzara aquela mesma sala para falar com ele pela primeira vez? Quando havia cedido ao lampejo de curiosidade e atração, que a levara a beijá-lo?

Talvez tivesse dado seu primeiro e mais sério passo em falso apenas na noite anterior, quando se permitira ser guiada pela pura emoção. Quando o levara para o bosque, para o lugar onde o ar sussurrava e a lua transbordava.

Jamais havia levado outro homem para lá. E nunca mais levaria novamente.

Ao menos, refletiu, ela quase poderia acreditar que foram o lugar e a noite que a fizeram pensar que estava apaixonada.

Não queria aceitar que uma coisa dessas pudesse lhe acontecer tão depressa, ou deixá-la com tão poucas opções.

Ela se recusaria a aceitar, e colocaria um ponto final naquilo.

Morgana quase conseguiu ouvir os espíritos rindo. Ignorando a sensação, foi até o balcão atender outra cliente.

Durante toda a manhã o movimento foi lento, mas constante. Morgana não sabia se preferia aqueles dias em que os fregueses entravam sem parar, ou quando ela e Luna ficavam sozinhas na loja.

— Acho que deveria culpar você por tudo isso. — Morgana apoiou os braços na mesa e inclinou-se até ficar frente a frente com a gata. — Se você não tivesse se mostrado tão amigável, eu não teria presumido que ele era inofensivo.

Luna limitou-se a mexer a cauda e fitá-la com uma expressão inteligente.

— Mas ele não é nem um pouco inofensivo — Morgana continuou. — E agora é tarde demais para voltar atrás. Ah, é claro — disse quando Luna piscou, — eu podia dizer a ele que nosso acordo está encerrado, inventar desculpas para não vê-lo mais. Isso se eu quisesse admitir que sou uma covarde. — Respirou fundo e recostou a testa na cabeça do animal. — Não sou covarde. — Luna ergueu a pata e roçou-a no rosto dela. — Não tente fazer as pazes. Se este caso fugir ainda mais do meu controle, a culpa é toda sua.

Morgana olhou para cima quando a porta da loja se abriu. Esboçou um sorriso de alívio, ao ver que era Mindy.

— Olá! Já são duas horas?

— Quase. — Mindy guardou a bolsa atrás do balcão. — Então, como vão as coisas?

— Razoáveis.

— Estou vendo que você vendeu aquela peça grande de quartzo rosa.

— Há mais ou menos uma hora. Ela irá para um bom lar, foi um jovem casal de Boston que comprou. Está lá nos fundos, pronta para ser despachada.

— Quer que eu cuide disto agora?

— Não, para falar a verdade estou precisando de uma folga aqui do balcão. Eu faço isso, enquanto você atende os clientes.

— Tudo bem. Você parece um pouco deprimida, Morgana.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Acha mesmo?

— Acho. Venha aqui, deixe a Madame Mindy dar uma olhada. — Pegando a mão de Morgana, perscrutou a palma com olhos duros como aço. — Ah, não tenho dúvidas. Problemas com um homem.

Apesar da exatidão da afirmação, uma exatidão muito irritante, aliás, Morgana sorriu.

— Detesto duvidar da sua perícia na leitura de mão, Madame Mindy, mas você sempre diz que o problema é com um homem.

— Eu jogo com as probabilidades — Mindy salientou. Você ficaria surpresa em saber quantas pessoas estendem a mão em minha direção, só porque trabalho para uma feiticeira.

Intrigada, Morgana inclinou a cabeça.

— Imagino que ficaria, sim.

— Bem, muitas delas têm receio de abordá-la, ao passo que eu não represento um perigo real. Creio que pensam que seja algo contagioso, mas não o bastante para se preocuparem. Como pegar só um pouco de um resfriado, ou algo assim.

Pela primeira vez em horas, Morgana teve vontade de rir.

— Entendi. Mas suponho que ficariam desapontadas ao saber que eu não leio as mãos.

— Por mim é que não vão saber. — Mindy pegou um espelho enfeitado de jade e prata e checou a aparência. Mas vou lhe dizer uma coisa, querida, não preciso ser uma cartomante para ver um homem alto, loiro, musculoso e com um olhar de matar. — Ajeitou um cachinho de cabelo no meio da testa, antes de voltar-se para Morgana. — Ele está lhe dando trabalho?

— Não. Nada com que eu não possa lidar.

— Eles são fáceis de lidar. — Depois de guardar o espelho, Mindy desembrulhou um tablete de goma de mascar. Até a hora em que se tornam

realmente importantes acrescentou, e depois lançou um sorriso para Morgana. Basta dizer e eu lhe preparo uma boa "interferência".

Morgana deu um tapinha no rosto de Mindy, com um sorriso divertido.

— Não, obrigada. Prefiro fazer do meu jeito.

Sentindo-se um pouco mais animada, Morgana foi para a sala dos fundos. Ora, pensou, por que estava tão preocupada? Ela podia mesmo lidar com aquilo. E o faria. Afinal, não conhecia Nash o suficiente para que ele fosse realmente importante.

Ele tinha muito com que se ocupar, Nash disse a si mesmo. Muito. Estava deitado no sofá, um sofá enorme, com almofadas fofas e gastas que comprara numa loja de móveis usados por tê-lo achado perfeito para cochilos no meio da tarde. Havia livros espalhados em seu colo e amontoados no chão. Do outro lado da sala, as agonias e sofrimentos patéticos de uma novela ocupavam a tela da tevê. Uma garrafa de refrigerante permanecia de plantão na mesinha de centro atulhada, para o caso de ele querer saciar a sede.

No cômodo ao lado, seu computador sobre a mesa parecia mergulhado em depressão profunda, pela falta de atenção.

Nash achou que quase podia ouvi-lo gemer de tristeza.

Mas não era como se não estivesse trabalhando. Com gestos lentos e preguiçosos, ele arrancou uma folha de um bloco e começou a dobrá-la. Podia estar deitado no sofá, podia ter passado a maior parte da manhã olhando para o vazio. Mas estava pensando. Talvez estivesse com alguma dificuldade em escrever a sinopse; mas não que estivesse sofrendo de um bloqueio ou algo assim. Apenas precisava deixar as idéias "cozinharem" por algum tempo.

Fazendo a última dobra no papel, estreitou os olhos e atirou o aviãozinho no ar. Para animar-se, acrescentou efeitos sonoros enquanto o avião de papel vacilava no espaço e caía no chão, sobre uma pilha de outros modelos semelhantes.

— Isso é sabotagem — ele resmungou. — Deve haver um espião na linha de montagem. — Virando-se numa posição mais confortável, começou a construir outro aviãozinho, enquanto a mente divagava.

Cena interior, dia. O enorme e ressoante hangar está deserto. Uma luz mortiça penetra através da porta e projeta-se obliquamente sobre a carcaça prateada de um jato de bombardeio. Passos lentos aproximam-se.

Conforme ficam mais próximos, percebe-se neles algo de familiar, algo feminino.

Saltos pontiagudos batendo no piso de concreto. A mulher esgueira-se pela entrada, da luz para a sombra. A superfície lustrosa e a aba caída de um chapéu

ocultam-lhe o rosto, mas não o corpo apertado no curto vestido de couro vermelho. Longas e bem torneadas pernas atravessam o piso do hangar. Numa das mãos delicadas, ela traz uma pasta de couro preto.

Depois de olhar vagarosamente à sua volta, dirige-se para o avião. A saia do vestido ergue-se na altura das coxas sedosas e brancas quando ela sobe na cabine. Há determinação e eficiência em seus movimentos. Na maneira como desliza para o assento do piloto e abre o fecho da pasta de couro.

Dentro da pasta está uma bomba, pequena e mortal, que ela esconde sob o painel de instrumentos. Ela começa a rir, um som quente, sedutor.

A câmera aproxima-se de seu rosto.

O rosto de Morgana.

Praguejando, Nash atirou para o alto o aviãozinho, que imediatamente caiu de ponta no chão. O que ele estava fazendo?, perguntou-se. Inventando histórias sobre ela. Entregando-se a um simbolismo barato. Pois, era óbvio, Morgana entrara em sua cabine e provocara uma explosão. Não havia motivos para passar o dia inteiro pensando nela.

E precisava trabalhar, não precisava?

Determinado a fazer exatamente isso, Nash virou no sofá, derrubando os livros no chão. Desligou a tevê com o controle remoto e depois pegou o que restava de seu bloco. Apertou o botão do gravador. Levou menos de cinco segundos para perceber seu erro, e tornou a desligar. Não estava em condições de ouvir a voz de Morgana.

Levantou-se, espalhando os livros no piso, e desviou-se deles. Sim, tudo bem, ele estava pensando.

Estava pensando que tinha de sair daquela casa. E sabia exatamente para onde queria ir.

A escolha era sua, assegurou-se enquanto pegava a chave do carro. Estava tomando uma decisão consciente. Quando se tem uma coceira, é melhor coçar logo de uma vez.

O humor de Morgana havia melhorado tanto que ela começou a cantarolar com a música do rádio, que ligara bem baixinho. Era isso mesmo que precisava, pensou. Uma xícara do calmante chá de camomila, uma hora de solidão e uma tarefa agradável e construtiva, Depois de empacotar a peça de quartzo e etiquetá-la para ser enviada pelo correio, pegou o livro de estoque. Poderia passar a tarde inteira bem satisfeita, bebericando o chá, ouvindo a música e examinando seu estoque. E tinha certeza de que era o que faria, se não tivesse sido interrompida.

Se estivesse sintonizada, talvez tivesse se preparado para ver Nash entrar pela porta. Mas a verdade era que qualquer planejamento prévio de nada adiantaria,

no instante em que ele parou ao lado da escrivaninha, a fez levantar-se e plantou um longo e firme beijo em sua boca surpresa.

— Isso — ele falou quando Morgana fez uma pausa para respirar — foi idéia minha.

Com a sensibilidade aguçada, Morgana conseguiu assentir a cabeça.

— Estou vendo.

Nash deslizou as mãos até os quadris dela, mantendo-a presa contra si.

— E gostei muito.

— Que bom que gostou. — Morgana espiou por sobre o ombro e reparou que Mindy estava parada na porta, com um sorrisinho malicioso no rosto. — Posso cuidar disso, Mindy.

— Ah, tenho certeza que sim. — Com uma rápida piscadela, Mindy saiu e fechou a porta.

— Bem, agora... — Tentando se recompor, Morgana pousou as mãos no peito dele, afastando-o. Preferia que ele não detectasse o fato de que seu coração disparava e seus ossos pareciam prestes a derreter. Não havia como manter o controle, naquele caso. — Há mais alguma coisa?

— Acho que há muita coisa. — Com os olhos fixos nos dela, Nash empurrou-a contra a escrivaninha. — Quando quer começar?

Morgana teve de sorrir.

— Puxa, isso sim é ir direto ao ponto.

— Pode chamar como quiser. Eu acho que é assim. — Como Morgana estava usando sapatos de salto alto, os dois ficavam da mesma altura, Nash precisou apenas inclinar-se um pouco para morder de leve o lábio dela. Quero você, e não sei como vou conseguir pensar direito novamente, a não ser que passe muitas noites fazendo amor com você.

Um arrepio de excitação começou levemente e foi espalhando-se por ela. Morgana teve de agarrar-se à beirada da escrivaninha, para manter o equilíbrio. Porém, quando falou, a voz era baixa e confiante.

— Pois eu posso afirmar que, depois que fizermos amor, nunca mais você vai conseguir pensar direito.

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e roçou os lábios nos dela.

— Vou correr este risco.

— Pode ser. — Morgana teve de respirar fundo, para recuperar o fôlego. — Mas eu ainda não decidi se quero me arriscar.

Os lábios de Nash curvaram-se sobre os dela. Ele sentiu um rápido tremor, em reação.

— Viva perigosamente, Morgana.

— Eu vivo. — Por um instante, ela permitiu-se desfrutar do que ele lhe

oferecia. — O que você diria se eu lhe garantisse que ainda não é a hora certa? E que nós dois saberemos, quando este momento chegar?

As mãos dele deslizaram para cima, de forma que os dedos acariciassem a curva de seus seios.

— Eu diria que você está evitando encarar a situação.

— Pois está errado. — Encantada, pois a carícia era incrivelmente suave, ela pressionou o rosto no dele. — Acredite em mim, Nash, você está errado.

— Para o inferno com a hora certa. Venha para casa comigo, Morgana.

Ela suspirou, enquanto se afastava.

— Está bem, eu vou. — Balançou a cabeça, quando o olhar dele ficou mais profundo. — Mas para ajudá-lo com seu trabalho, e não para dormir com você. Hoje não.

Sorrindo, Nash inclinou-se mais e mordiscou-lhe a orelha.

— Isso me dará bastante chance de fazê-la mudar de idéia.

Os olhos dela estavam calmos, quase tristes, quando se afastou.

— Talvez seja você quem mude de idéia, antes que tudo se acabe. Vou dizer a Mindy que cuide da loja pelo resto do dia.

Morgana insistiu em ir com o próprio carro, seguindo logo atrás dele com Luna enroscada no assento de passageiro. Ela lhe daria duas horas, prometeu a si mesma. Somente duas horas. Antes de ir embora, faria o melhor possível para clarear-lhe a mente, para que ele pudesse trabalhar.

Gostou da casa dele, com a grama crescida demais, clamando por um jardineiro, a construção em estuque com janelas em forma de arco e as telhas vermelhas. Ficava mais perto do mar do que a dela, então a música das ondas podia ser ouvida a todo volume. No jardim lateral, havia um par de ciprestes inclinados, tão próximos que pareciam dois amantes se buscando.

Combinava com ele, pensou enquanto saía do carro e atravessava o gramado que ia até a altura de seus tornozelos.

— Há quanto tempo está morando aqui? — perguntou.

— Uns dois meses; — Ele olhou em volta do jardim. Preciso comprar um cortador de grama.

Se demorasse muito, ele iria precisar de uma ceifadeira para aquele matagal.

— É, precisa mesmo.

— Mas acho que gosto desta aparência natural.

— Você é preguiçoso.

Morgana sentiu pena dos narcisos que lutavam para manter as flores acima das ervas daninhas.

Encaminhou-se para a porta da frente, com Luna seguindo-a majestosamente.

— Preciso ficar mais motivado — ele disse, abrindo a porta. — Sempre morei

em apartamentos, ou em condomínios. Esta é a primeira casa que tenho.

Morgana olhou em volta, vendo as paredes claras do vestíbulo, a madeira escura do corrimão da escada. que subia em curva para o andar superior, e a varanda com balcão.

— Pelo menos escolheu bem. Onde você trabalha?

— Por aí.

— Humm...

Ela seguiu lentamente pelo corredor e espiou pela primeira porta em arco. Era uma sala ampla e desarrumada, com grandes janelas sem cortinas e o piso de madeira sem nenhum tapete. Sinais, Morgana pensou, de um homem que ainda não decidira se iria realmente se instalar.

Os móveis não combinavam uns com os outros, e estavam repletos de livros, papéis, roupas e pratos sujos... provavelmente há muito esquecidos ali. Mais livros tinham sido guardados de qualquer jeito nas estantes embutidas numa das paredes. E havia brinquedos, ela reparou. Sempre pensava nos seus próprios objetos como sendo brinquedos. Coisinhas que lhe davam prazer, acalmavam-lhe os ânimos, serviam como passatempo. Notou as belas e estranhas máscaras penduradas na parede, uma exótica gravura de ninfas de Maxfield Parrish, um acessório usado num dos filmes dele, imaginou que fosse uma pata de lobo de "O Transformador". Nash utilizava a peça como peso de papel. Havia uma caixinha de prata no formato de um esquife junto ao Oscar que ele ganhara. Os dois objetos estavam precisando de uma boa limpeza. Com os lábios apertados, Morgana pegou o boneco de vodu, com o alfinete ainda espetado mortalmente no coração.

— Alguém que eu conheço?

Ele sorriu, contente por ela estar ali e acostumado demais à própria bagunça para se sentir envergonhado.

— Pode ser qualquer um — respondeu. — Normalmente é um produtor, às vezes um político. Uma vez foi um fiscal do Imposto de Renda. Sabe, faz tempo que quero lhe dizer uma coisa — acrescentou, os olhos deslizando pelo vestido fino e curto de seda púrpura. — Você tem muito bom gosto para roupas.

— Fico contente que goste. — Divertida, Morgana deixou o desafortunado boneco onde estava, afagou-lhe a cabeça desfigurada, e depois pegou um maço quase esfarrapado de cartas de tarô.

— Você lê as cartas?

— Não. Ganhei de presente. Parece que pertenceram a Houdini, ou algo assim.

— Humm. — Ela manuseou as cartas, sentindo um esmaecido calor de antigo poder na ponta dos dedos. — Se tiver curiosidade em saber a quem realmente

pertenceu o baralho, pergunte a Sebastian um dia destes. Ele poderá lhe dizer. Venha aqui. — Estendeu as cartas para ele. Embaralhe e corte.

Disposto a entrar na brincadeira, Nash fez o que ela disse.

— O que vamos jogar?

Morgana limitou-se a sorrir e pegou as cartas de volta.

— Já que as cadeiras estão todas ocupadas, vamos sentar no chão. — Ajoelhou-se, fazendo um gesto para que ele a acompanhasse. Depois de jogar os cabelos para trás, tirou do maço de cartas uma Cruz Celta.

— Você está preocupado — disse. — Mas sua criatividade não se esgotou, nem está bloqueada. Mudanças vão ocorrer. — Ergueu os olhos para ele. Aquele fascinante tom de azul irlandês era capaz de persuadir até um homem normal a acreditar em qualquer coisa. — Talvez sejam as mudanças mais importantes de sua vida, e não serão fáceis de aceitar.

Não eram mais as cartas que ela lia, mas sim a pálida luz da vidência, que brilhava muito mais para Sebastian.

— Você precisa ter em mente que algumas coisas são passadas através do sangue e outras são perdidas. Não somos sempre o todo das pessoas que nos conceberam. — Seu olhar transformou-se, suavizando-se enquanto ela pousava a mão sobre a dele. — E você não está tão sozinho quanto pensa. Nunca esteve.

Nash não podia levar na brincadeira algo que se aproximava tanto da verdade. Em vez disso, evitou completamente o assunto, pegando-lhe a mão e levando-a aos lábios.

— Eu não trouxe você aqui para ler minha sorte.

— Sei porque você me convidou, e isso não vai acontecer. Ainda. — Com uma pontada de tristeza, ela retirou a mão. — E não estou lendo sua sorte, estou falando do presente. — Com calma, juntou novamente as cartas. — Irei ajudá-lo se puder, e da maneira que posso. Fale-me sobre a dificuldade que está encontrando em sua história.

— Além do fato de que fico pensando em você quando deveria estar criando um roteiro?

— Sim. — Morgana encolheu as pernas sob o corpo. Além disso.

— Creio que seja uma questão de motivação. Cassandra. É assim que decidi chamá-la. Ela é uma feiticeira porque deseja ter poder, ou porque quer mudar as coisas? Estaria procurando vingança, amor, ou apenas uma maneira de se safar?

— Por que precisa ser uma destas coisas? Por que ela não pode simplesmente aceitar os dons que lhe foram concedidos?

— Assim é fácil demais.

Morgana balançou a cabeça.

— Não é, não. É mais fácil, e muito mais simples, ser como as outras pessoas.

Certa vez, quando eu era bem pequena, algumas mães proibiram que suas filhas brincassem comigo. Eu era uma má influência. Era estranha, diferente. O fato de não ser parte de um todo me deixava muito magoada.

Nash assentiu, compreendendo.

— Pois eu era sempre aquele garoto que acaba de chegar no bairro. Nunca ficava num lugar por tempo suficiente de ser aceito pelos outros meninos. Alguém sempre está querendo bancar o "valentão" com o garoto recém-chegado, e não me pergunte por quê; Com as mudanças constantes, eu acabava me sentindo deslocado, atrasado na escola, desejando ter idade bastante para poder ir embora. — Irritado consigo mesmo, ele interrompeu-se. — Bem, voltando a falar de Cassandra...

— Como você suportou? — Morgana sempre tivera Anastásia, Sebastian, seus pais e tios, e um profundo senso de pertencer a uma família.

Com um movimento inquieto dos ombros, Nash estendeu a mão e tocou o amuleto dela.

— Eu fugia. E, desde que em nove de cada dez vezes eu acabava levando um chute no traseiro, aprendi a fugir para lugares seguros. Para os livros, ou para o cinema, ou apenas para dentro da minha imaginação.

Assim que tive idade suficiente, arrumei um emprego num cinema, vendendo ingressos. Desta forma, recebia um salário para ver os filmes. Quando as lembranças perturbadoras afastaram-se de seus olhos, ele sorriu. — Eu adoro cinema. Simplesmente adoro.

Morgana também sorriu.

— Então, agora, você é pago para escrever os filmes.

— Um jeito perfeito de se cultivar o hábito. Isto é, se eu algum dia conseguir ao menos esboçar este roteiro. — Com um movimento sutil, Nash pegou uma mecha dos cabelos dela e enrolou-a em torno do pulso. — O que eu preciso é de inspiração — murmurou, puxando-a para um beijo.

— O que você precisa — ela disse — é de concentração.

— Estou me concentrando. — Ele tocou-lhe os lábios mordendo-os de leve, — Acredite, Morgana, estou me concentrando. Você não quer ser responsável por tolher a criatividade de um gênio, não é?

— Claro que não. — Estava na hora, ela decidiu, de Nash entender exatamente em que estava se metendo. E talvez isso também o ajudasse a abrir a mente para a história. — Inspiração — disse, deslizando as mãos em torno do pescoço dele. — Chegando.

E eles também chegaram. Quando seus lábios encontraram-se, Morgana fez com que seus corpos se elevassem a quinze centímetros do chão. Nash estava ocupado demais em desfrutar o beijo para perceber.

Colando-se a ele, Morgana também esqueceu de si mesma por tempo o bastante de perder-se no calor do momento. Quando interrompeu o beijo, estavam flutuando a meio caminho do teto.

— Acho melhor pararmos.

Ele beijou-lhe a nuca.

— Por quê?

Ela olhou para baixo de propósito.

— Esqueci de perguntar se você tem medo de altura.

Morgana desejou poder capturar a expressão do rosto dele quando seguiu seu olhar, os olhos comicamente arregalados e a boca aberta. E a torrente de blasfêmias que se seguiu. Enquanto Nash as enunciava, Morgana levou-os suavemente para baixo.

Os joelhos dele vacilaram, antes que conseguisse recuperar o controle. Pálido, ele agarrou-a pelos ombros. Os músculos de seu estômago tencionavam-se como cordas esticadas.

— Como diabos você conseguiu fazer isso?

— Um truque de criança. Isto é, de um determinado tipo de criança. — Mas ela foi piedosa o bastante para acariciar-lhe a face. — Lembra-se daquela história em que o menino gritava "Lobo!", Nash? Um dia o lobo apareceu de verdade. Bem, você brincou com coisas, vamos chamar de paranormais, durante anos. E desta vez deparou-se com uma feiticeira verdadeira.

Bem devagar, e com muita segurança, ele balançou a cabeça de um lado para outro. Mas os dedos nos ombros dela tremiam levemente.

— Isso é besteira.

Morgana exalou um suspiro.

— Tudo bem. Deixe-me pensar... Algo simples, mas refinado. — Fechou os olhos e estendeu as mãos.

Por um instante, ela era apenas uma mulher, uma bela mulher parada no centro de uma sala em desordem, com os braços graciosamente levantados, as palmas levemente fechadas. Então, ela mudou.

Deus, ele podia ver a mudança! A beleza intensificou-se. Um truque com a luz, ele tentou convencer-se. A maneira como ela sorria, com os lábios cheios e limpos curvando-se, os cílios ensombrecendo-lhe as faces, os cabelos caindo naturalmente até a cintura.

Mas agora os cabelos esvoaçavam, suavemente a princípio, como se atingidos por uma brisa brincalhona. Depois, estavam voando, em torno do seu rosto, por trás do rosto, como um longo e maravilhoso rio. Nash teve a imagem de uma deslumbrante sereia entalhada na proa de uma antiga embarcação.

Mas não havia vento soprando. Ainda assim, Nash o sentiu. Provocava um

frio em sua pele, feria-lhe o rosto. Podia ouvi-lo assoviar enquanto perpassava a sala. Quando engoliu em seco ouviu também um estalo na garganta.

Morgana permanecia parada, imóvel. Uma esmaecida luz dourada tremeluziu à sua volta, quando Iniciou um cântico. Enquanto o sol brilhava através das altas janelas, macios flocos de neve começaram a cair. Vindos do teto. Eles giravam em torno da cabeça de Nash, dançavam em sua pele, e ele ofegou, congelado pelo choque.

— Pare com isso — ordenou com voz trêmula, desabando numa cadeira.

Morgana abaixou os braços, abriu os olhos. A mini-nevasca parou, como se jamais tivesse existido. O vento silenciou e morreu. Como ela esperava, Nash a encarava como se ela tivesse três cabeças.

— Acho que exagerei um pouco — ela concedeu.

— Eu... Você... — Nash lutava para ter controle da própria fala. — O que foi que você fez?

— Uma invocação dos elementos, bastante básica. — Nash não estava mais tão pálido, ela reparou, mas os olhos ainda pareciam grandes demais para o restante do rosto.

— Não pretendia assustá-lo.

— Você não está me assustando. Está me deixando desnorteado, isso sim — ele admitiu.

Sacudiu-se inteiro, como um cachorro molhado, e ordenou ao cérebro que começasse a funcionar. Se tivesse visto o que viu, deveria haver uma explicação. Morgana não teria como entrar na casa dele e preparar o truque com antecedência.

Tinha de haver uma explicação.

Nash levantou-se da cadeira e começou a vasculhar a sala. Talvez seus movimentos estivessem um tanto desajeitados, talvez as juntas parecessem enferrujadas. Mas estava se mexendo.

— Ok, benzinho, como foi que realizou o truque? Foi ótimo, e eu aceito as brincadeiras como qualquer outra pessoa, mas gosto de saber do segredo do truque.

— Nash. — A voz dela era baixa, e extremamente sedutora. — Pare. Olhe para mim.

Ele virou-se, olhou, e soube. Embora não fosse possível, não fosse racional, ele sabia. Exalou um longo e cauteloso suspiro.

— Meu Deus, é de verdade. Não é?

— Sim. Não quer sentar-se?

— Não. — Mas ele sentou na mesinha de centro. — Tudo o que você tem me falado... Não estava inventando nada daquilo.

— Não, eu não inventei nada. Nasci feiticeira, como minha mãe, meu pai, como a mãe da minha mãe e a mãe dela, por muitas gerações atrás. — Morgana sorriu com delicadeza. — Não saio por aí voando em cabos de vassoura, exceto talvez por brincadeira. E não faço feitiços contra jovens princesas, nem distribuo maçãs envenenadas.

Isso não era realmente possível. Ou era?

— Faça mais alguma coisa.

Um lampejo de impaciência perpassou o rosto dela.

— Tampouco sou uma foca amestrada.

— Faça mais alguma coisa — ele insistiu, e tentou pensar em opções. — Você consegue desaparecer, ou...

— Ora, Nash, sinceramente...

Ele estava de pé outra vez.

— Escute, dê-me uma chance. Estou tentando ajudá-la. Talvez você pudesse... — Um livro voou para fora da estante, indo bater direto na cabeça dele. Fazendo uma careta de dor, Nash esfregou o lugar atingido. — Tudo bem, tudo bem. Não precisa se incomodar.

— Isto não é um espetáculo de circo — ela disse, com firmeza. — Apenas fiz uma demonstração drástica e óbvia, porque você é um cabeça-dura. Você recusava-se a acreditar e, desde que estamos desenvolvendo algum tipo de relacionamento, prefiro que acredite. — Morgana alisou a saia do vestido. — E, agora que acredita, podemos nos dar um tempo para pensar a respeito, antes de seguirmos em frente.

— Seguir em frente. — ele repetiu. — Talvez o próximo passo seja conversarmos sobre isso.

— Agora não. — Ele já havia retrocedido um passo, Morgana pensou, e nem mesmo sabia.

— Mas que droga, Morgana, você não pode atirar-me tudo isso de repente, e depois sair calmamente. Meu Deus, você é uma feiticeira!

— Sou, sim. — Ela jogou os cabelos para trás. — Creio que isto já está bem estabelecido.

A cabeça de Nash começou a girar outra vez. A realidade fizera uma curva longa e lenta.

— Tenho milhões de perguntas.

Ela pegou a bolsa.

— Você já me fez várias, dentre estes milhões. Escute as gravações. Todas as respostas que lhe dei são verdadeiras.

— Não quero ouvir as gravações, quero conversar com você.

— No momento, só importa o que eu quero. — Ela abriu a bolsa e retirou uma

esmeralda pequena, presa numa correntinha de prata. Deveria saber que houvera um motivo para ter se sentido compelida a guardá-la na bolsa, naquela manhã. — Aqui está. — Aproximando-se dele, passou a correntinha pela sua cabeça.

— Obrigado, mas não gosto de usar jóias.

— Então considere como um amuleto. — Morgana beijou-o nas duas faces.

Nash examinou a pedra, desconfiado.

— Que tipo de amuleto?

— Para iluminar sua mente, incentivar a criatividade e... Está vendo esta pedrinha roxa acima da esmeralda?

— Sim.

— É uma ametista. — Ela sorriu, roçando os lábios nos dele. — Serve, para protegê-lo de feitiçaria. — Com a gata já aos seus pés, Morgana encaminhou-se para a porta. — Vá dormir por uma hora, Nash. Seu cérebro está cansado. Quando acordar, irá escrever. E quando chegar o momento certo, você irá me encontrar. — Desapareceu pela porta.

Franzindo a testa, Nash pegou a pedra verde e olhou-a novamente. Iluminar a mente. Tudo bem, estava precisando disso. Naquele instante, seus pensamentos estavam tão claros quanto fumaça.

Passou o dedo pela ametista que fazia companhia à esmeralda. Proteção contra feitiçarias... Levantou a cabeça e olhou pela janela, a tempo de ver o carro de Morgana se afastar.

Tinha certeza de que precisaria disso, também.

CAPÍTULO 6

O que ele realmente precisava era pensar, e não dormir. No entanto, acabou concluindo que homem nenhum seria capaz de pensar, depois do que acontecera nos últimos quinze minutos. Ora, qualquer um dos parapsicólogos que ele entrevistara através dos anos teria dado tudo para ter apenas uma pequena amostra da exibição feita por Morgana.

Mas esse não seria o primeiro passo racional para tentar desacreditar o que havia visto?

Voltou lentamente para a sala a fim de examinar o teto com mais atenção. Não podia negar o que vira, o que sentira.

Mas, talvez com o tempo, pudesse formular algumas alternativas lógicas.

Dando início a tal processo, assumiu sua posição favorita para a meditação. Deitou no sofá. Hipnotismo.

Não gostava da idéia de que poderia ter sido levado a um transe, ou de ter sofrido uma alucinação, mas era uma possibilidade. Bem mais fácil de se acreditar, agora que estava novamente sozinho.

E se não acreditasse nisto, ou em qualquer outra explicação lógica, ele teria de aceitar que Morgana era exatamente o que sempre afirmara ser.

Uma feiticeira cujos dons foram herdados, possuindo o sangue dos duendes.

Nash tirou os sapatos e tentou refletir. Mas Morgana preenchia-lhe todos os pensamentos. Seu rosto, seu gosto, a luz sombria e misteriosa que surgira em seus olhos, antes que ela os fechasse e erguesse os braços para o alto.

Era a mesma luz, ele lembrou-se agora, que aparecera nos olhos dela quando fizera o truque com a garrafa de conhaque.

Truques, disse a si mesmo enquanto seu coração dava um pulo desagradável no peito. Era mais sensato presumir que fossem truques e tentar racionalizar a maneira como ela os produzira. Como uma mulher conseguiria erguer um homem de mais setenta quilos a quinze centímetros do chão?

Telecinésia. Nash sempre pensara que havia grandes possibilidades, neste campo. Após suas pesquisas preliminares para o roteiro do filme "O Presente Obscuro", ele passara a acreditar na existência de certas pessoas capazes de usar a mente, ou as emoções, para mover objetos. Uma explicação mais lógica para a existência de *poltergeists*, na sua opinião. E os cientistas haviam empreendido estudos exaustivos com quadros que voavam pela sala, livros que saíam sozinhos de estantes, e coisas assim. Geralmente são jovens garotas que possuem esse talento especial. As jovens tornam-se mulheres. E Morgana era, definitivamente,

uma mulher.

Nash calculou que um pesquisador desses fenômenos exigiria bem mais do que apenas sua palavra para acreditar que Morgana o levantara, e também a si mesma, do chão. Ainda assim, talvez pudesse...

Interrompeu-se, percebendo que estava pensando e reagindo da mesma maneira que o fictício Jonathan McGilis pensava e reagia em sua história. Era isso que Morgana queria?, perguntou-se.

Escute as gravações, ela lhe dissera. Tudo bem, então era o que faria. Virando-se no sofá, apertou os botões do gravador até voltar a fita para o começo.

A voz aveludada de Morgana fluiu do pequeno aparelho.

— Não é necessário pertencer a uma convenção de bruxas para ser uma feiticeira, do mesmo jeito que ninguém precisa fazer parte de um clube masculino para ser um homem. Alguns acham recompensador e confortável fazer parte de um clube, outros simplesmente desfrutam dos aspectos sociais. — Houve uma breve pausa, depois o farfalhar de seda, quando ela mudou de posição. — Você faz parte de algum clube, Nash?

— Não. Tais grupos geralmente possuem regras feitas por outras pessoas. E adoram delegar tarefas.

O riso suave de Morgana flutuou pela sala.

— E existem aquelas, dentre nós, que preferem a própria companhia, do seu próprio jeito. A história das convenções, no entanto, é muito antiga. Minha tataravó era uma alta sacerdotisa de sua assembléia na Irlanda, e depois, a filha dela também. Uma taça sabática, um bastão, e mais alguns objetos cerimoniais foram passados para mim. Você deve ter reparado no prato ritual, pendurado na parede do corredor. Ele data da época anterior ao início da era das fogueiras.

— Era das fogueiras?

— Sim, a efetiva perseguição às feiticeiras. Começou no século quatorze e prosseguiu pelos trezentos anos seguintes. A história mostra que, periodicamente, a humanidade tem necessidade de perseguir alguém. Imagino que essa tenha sido a nossa vez.

Morgana continuou falando, ele continuou perguntando, mas Nash começou sentir dificuldade de acompanhar as palavras. A voz dela era tão sedutora... Uma voz feita para o luar, para segredos, para quentes promessas noturnas. Se fechasse os olhos, quase podia acreditar que ela estava ali, enroscada ao seu lado no sofá, com as longas e sensuais pernas entrelaçadas nas dele, o hálito quente em seu rosto.

Nash adormeceu com um sorriso nos lábios.

Quando acordou, quase duas horas tinham se passado. Sentindo os olhos pesados de sono, esfregou as mãos no rosto e praguejou ao sentir o pescoço

dolorido. Piscou várias vezes, olhando no relógio enquanto obrigava-se a sentar, meio escarrapachado, no sofá.

Não devia se surpreender por ter dormido tão pesado, pensou. Nos últimos dias, seu sono limitava-se a rápidas cochiladas. Automaticamente, estendeu a mão para a garrafa na mesa e bebeu um longo gole do refrigerante morno.

Talvez tudo tivesse sido um sonho. Recostou no sofá, admirado ao perceber quão rapidamente aquela sonolência do meio da tarde desaparecia de sua mente. Tudo aquilo poderia ter sido um sonho. Exceto por...

Seus dedos tocaram a pedra que pendia da corrente em seu peito. Morgana deixara aquilo atrás de si, bem como o perfume vago e persistente, que era exclusivamente dela.

Tudo bem, então, ele decidiu. Iria parar de retroceder e de duvidar da própria sanidade mental. Ela havia feito o que fizera. E ele havia visto o que vira.

Não era assim tão complicado, na verdade. Mais uma questão de acostumar o pensamento e aceitar algo novo. Tempos atrás as pessoas acreditavam que viagens espaciais eram apenas frutos da fantasia. Por outro lado, há muitos séculos a feitiçaria já era aceita sem questionamentos.

Talvez a realidade tivesse muito a ver com o século vivido. Tal possibilidade fez com que seu cérebro se acionasse.

Nash bebeu mais um gole do refrigerante e fez uma careta quando recolocou a tampa na garrafa. Não estava apenas com sede, percebeu. Estava com fome. Faminto.

E muito, muito mais importante do que seu estômago, era a sua mente. A história inteira parecia desenrolar-se dentro dela, linha por linha. Ele podia vê-la, realmente enxergá-la claramente, pela primeira vez. Sentindo o rápido frêmito de excitação que sempre surgia quando uma história se abria para ele, levantou-se num salto e foi para a cozinha.

Iria fazer um sanduíche gigantesco, preparar o café mais forte do planeta, e depois começaria a trabalhar.

***

Morgana sentou-se no terraço ensolarado da casa de Anastásia, invejando e admirando o jardim luxuriante da prima e bebendo um copo de um excelente chá de ervas gelado. Daquele ponto em Pescadaro Point conseguia avistar as águas intensamente azuis da baía de Carmel e ver os barcos balançando e deslizando sob a leve brisa de primavera.

Ali, estava bem escondida dos roteiros turísticos, parecendo a um mundo de distância do burburinho da Cannery Row, das multidões e aromas do

Fisherman's Wharf. No abrigo do terraço, junto às árvores e flores, não ouvia sequer o ruído de um único carro. Apenas os pássaros, as abelhas, a água e o vento.

Ela entendia porque Anastásia morava ali onde existiam a serenidade e o isolamento tão necessários à sua prima mais nova. Ah, sim, havia o cenário dramático do encontro da terra e do mar, das árvores retorcidas, os gritos altos das gaivotas. Mas havia também a paz por trás dos velhos muros que circundavam a propriedade. A hera silenciosa e constante subia pelas paredes da casa. Flores vistosas e ervas perfumadas forravam os canteiros que Ana cuidava com tanto carinho.

Morgana nunca deixava de se sentir à vontade ali e, inevitavelmente, era para onde sempre se deixava levar quando seu coração se tumultuava. O local, não pela primeira vez ela pensou, era muito parecido com Anastásia. Adorável, acolhedor, sem nenhuma malícia ou maldade.

— Saídos do forno! — Ana anunciou, trazendo uma bandeja ao atravessar a porta da varanda.

— Ah, meu Deus, Ana... biscoitos de chocolate. Os meus preferidos!

Com um risinho de alegria, Anastásia deixou a bandeja na mesa de tampo de vidro.

— Senti um impulso de fazer os biscoitos hoje cedo. Agora entendo por quê.

Mais do que disposta, Morgana deu a primeira mordida no biscoito. Seus olhos fecharam-se enquanto o chocolate cremoso derretia-se em sua boca.

— Abençoada seja...

— Então... — Ana sentou-se de forma que podia avistar o jardim, o gramado e toda a extensão da baía. — Fiquei surpresa ao vê-la por aqui no meio do dia.

— Aproveitei para tirar um longo intervalo do almoço. — Morgana deu mais uma mordida no biscoito. — Mindy tem tudo sob controle.

— E você?

— Eu não tenho sempre?

Ana pousou a mão sobre a de Morgana. E antes que ela tentasse afastá-la, sentiu pequenas fagulhas de tristeza.

— Não posso evitar sentir o quanto você está inquieta, Morgana! Estamos próximas demais.

— É claro que não pode. Do mesmo Jeito que eu não pude evitar vir aqui hoje, mesmo sabendo que estaria lhe trazendo problemas.

— Eu gostaria de ajudá-la.

— Bem você é a herbalista — Morgana falou, com um sorriso. — Que tal um pouco de essência de *Hel eborus Niger*?

Ana também sorriu. A erva *Hel eborus*, mais conhecida como "*heléboro-*

negro", supostamente tinha o poder de curar a loucura.

— Está preocupada com sua sanidade, querida?

— No mínimo. — Encolhendo os ombros, Morgana pegou outro biscoito. — Ou poderia escolher o modo mais fácil e preparar uma mistura de rosa e angélica, com uma pitadinha de ginseng e poeira de lua à gosto.

— Uma poção do amor? — Ana também experimentou um biscoito. — Para alguém que eu conheço?

— Nash, é claro.

— É claro. As coisas não vão indo bem?

Uma leve ruga apareceu na testa de Morgana.

— Não sei como vão as coisas. Só sei que eu preferia não ser tão escrupulosa. Afinal, "amarrar" um homem é um procedimento bastante simples.

— Mas não muito satisfatório.

— Não — Morgana admitiu. — Não posso imaginar como seria. Portanto, tenho de me contentar com a maneira normal.

Enquanto bebia o chá revigorante, observou as velas brancas enfunadas dos barcos que se espalhavam pela baía. Sempre se considerara uma pessoa livre como eles. Livre, assim. Mas agora, embora não tivesse feito nenhum feitiço, ela própria estava enfeitiçada.

— Para dizer a verdade, Ana, nunca pensei seriamente em como seria ter um homem apaixonado por mim. Apaixonado de verdade. O problema é que, desta vez, meu coração está envolvido demais para meu gosto.

E não havia qualquer remédio que pudesse oferecer, Anastásia pensou, para aquele tipo de enfermidade.

— Você já falou com ele?

Surpresa com a dor rápida e intensa que lhe atingiu o peito, Morgana fechou os olhos.

— Não posso falar nada, quando eu mesma não tenho certeza absoluta. Assim, fico esperando. "Brilho da lua na luz do alvorecer" — ela entoou. — "Noite no dia e dia na noite. Até que o coração dele ao meu esteja entrelaçado, nem paz ou descanso poderei encontrar". — Abriu os olhos e esboçou um sorriso.- Isso sempre me pareceu excessivamente dramático, antes.

— Encontrar o amor é como encontrar o ar. É impossível sobreviver sem ele.

— Mas quanto é o bastante? — Esta era a pergunta que mais a perturbara naqueles dias, desde que deixara Nash. — Como sabemos quanto é o bastante?

— Quando estamos felizes, eu acho.

Morgana pensou que a resposta provavelmente estava certa, mas seria atingível?.

— Você acha que fomos mimadas demais, Ana?

— Mimadas? Em que sentido?

— Em relação às nossas... nossas expectativas, suponho. — Morgana fez um gesto de desamparo. — Pelos nossos pais, os meus, os seus e os de Sebastian. Sempre existiu tanto amor, apoio, compreensão e respeito. Além da alegria de amar e a generosidade. Não é assim para todo mundo.

— Não creio que saber que o amor pode ser profundo e verdadeiro, e também duradouro, signifique ter sido mimada.

— Mas não seria o suficiente para nós nos contentarmos com o temporário? Com a afeição e a paixão? — Morgana franziu a testa, observando uma abelha cortejar a haste de uma flor. — Acho que deveria ser.

— Para algumas pessoas. Você teria de ter certeza de que seria o bastante para você.

Morgana levantou-se com um resmungo de irritação.

— Isso tudo é tão exasperante. Odeio não estar no controle.

Um sorriso iluminou o rosto de Anastásia, enquanto também se levantava.

— Pois tenho certeza de que você está no controle, querida. Por tanto tempo quanto sou capaz de me lembrar, você sempre conseguiu o que queria, somente com a força de sua personalidade.

Morgana enviou-lhe um rápido olhar.

— Imagino que esteja dizendo que eu era tirânica e irritante.

— De maneira alguma. Sebastian era tirânico e irritante. — Ana inclinou de leve a cabeça. — Digamos apenas que você era... e é... voluntariosa.

Longe de ser apaziguada, Morgana abaixou-se para sentir o perfume de uma peônia totalmente desabrochada.

— Creio que deveria considerar isso como um elogio. Mas o fato de ser voluntariosa não me ajuda muito, no momento. — Seguiu pelo estreito caminho de pedras que serpenteava através dos canteiros floridos e do emaranhado das trepadeiras. — Há mais de uma semana que não o vejo, Ana. Meu Deus... — acrescentou. — Estou parecendo uma dessas choronas que vivem se lamentando.

Ana teve de rir, enquanto dava um rápido abraço na prima.

— Não, nada disso. Você está parecendo apenas uma mulher impaciente.

— Bem, estou mesmo impaciente — Morgana admitiu. Embora eu estivesse preparada para evitá-lo se fosse necessário, não tem sido necessário. — Olhou para Ana com um ar pesaroso. — É uma boa alfinetada no meu orgulho.

— Você ligou para ele?

— Não. — Morgana comprimiu os lábios. — No início, não liguei porque pensei que seria melhor dar um pouco de tempo a nós dois. Depois... — Ela sempre fora capaz de rir de si mesma, e foi o que fez naquele momento. — Bem, depois não liguei porque estava morrendo de raiva por ele não ter tentado

arrombar minha porta. Ele telefonou algumas vezes, na loja e em casa. Mas apenas dispara duas ou três perguntas sobre feitiçaria, e limita-se a resmungar e murmurar enquanto eu respondo. Resmunga, depois desliga. — Ela enfiou as mãos nos bolsos da saia. — Posso até ouvir as minúsculas engrenagens daquele cérebro minúsculo girando.

— Então ele está trabalhando. Imagino que um escritor se torne bastante absorvido consigo mesmo, enquanto escreve uma história.

— Ana — Morgana falou, pacientemente, — tente manter-se dentro da programação. Você deve sentir pena de mim, e não procurar desculpas para ele.

Obediente, Ana fez uma expressão de tristeza.

— Não sei o que deu em mim.

— É este seu coração mole, como sempre. — Morgana beijou-a no rosto. — Mas eu a perdoo por isso.

Enquanto caminhavam, uma vistosa borboleta amarela esvoaçou diante delas. Distraída, Ana estendeu a mão e a borboleta pousou timidamente em sua palma. Ela parou para acariciar as frágeis asas.

— Por que você não me conta o que pretende fazer a respeito deste escritor auto-absorvido que a está deixando tão maluca?

Encolhendo os ombros, Morgana roçou o dedo sobre as pétalas de uma glicínia.

— Estive pensando em passar algumas semanas na Irlanda.

Ana liberou a borboleta com suas melhores bênçãos, depois se virou para a prima.

— Eu lhe desejaria uma boa viagem, mas também gostaria de lembrá-la de que fugir apenas adia o problema. Não o soluciona.

— E é por isso que ainda não comecei a arrumar as malas. — Morgana suspirou. — Ana, quando o vi pela última vez, ele acreditou que eu sou o que sou. Quis dar-lhe um tempo para acostumar-se com a idéia.

E este era o ponto crucial, Ana pensou. Passou o braço em torno da cintura da prima, num gesto de carinho.

— Talvez ele precise de mais alguns dias — falou, cautelosa. — Pode ser que ainda não tenha sido capaz de aceitar este fato.

— Eu sei. — O olhar de Morgana estendeu-se para o horizonte, onde o mar encontrava o céu. Era impossível saber exatamente o que haveria além do horizonte. — Ana, nós seremos amantes antes do amanhecer. Disto eu tenho certeza. O que ainda não sei é se irei me sentir feliz ou miserável, depois desta noite.

***

Nash estava eufórico. Pelo que podia se lembrar, nunca antes uma história fluíra de sua mente com tanta velocidade e clareza. A sinopse, que ele terminara numa única e estonteante noite em claro, já se encontrava na mesa de seu empresário. E, graças aos seus sucessos anteriores, Nash não se preocupava com a venda, que, num animado telefonema, seu empresário lhe dissera estar iminente. A verdade era que, pela primeira vez, Nash nem mesmo pensava na venda do roteiro, em sua produção e na filmagem subsequente.

Estava absorvido demais com a história.

Ele escrevia o tempo todo. Via-se compelido a acordar às três da madrugada para atacar o teclado do computador, engolindo xícaras de café no meio da tarde com a história ainda zunindo em sua mente como um enxame de abelhas. Comia qualquer coisa que encontrava à mão, dormia quando os olhos recusavam-se a ficar abertos, e vivia imerso na distorcida realidade de sua própria imaginação.

Se sonhava, era com fragmentos surrealistas, com imagens eróticas de si mesmo e Morgana deslocando-se suavemente através do mundo fictício que ele era compelido a criar.

E acordava sempre a desejando, às vezes de maneira quase insuportável. Depois, descobria-se novamente arrastado a completar aquela tarefa que, a princípio, os reunira.

Às vezes, um pouco antes de cair num sono exausto, achava que podia ouvir a voz dela.

Ainda não é o momento.

Mas pressentia que o momento estava próximo.

Quando o telefone tocava, Nash o ignorava, e depois raramente dava-se ao trabalho de responder aos recados deixados na secretária eletrônica. Se sentia necessidade de um pouco de ar fresco, levava o laptop para a varanda. E, caso tivesse imaginado um meio, o levaria até para o chuveiro, quando ia tomar banho.

No final, arrebatou o primeiro rascunho de sua impressora, à medida que cada folha de papel saía.

Alguns acertos aqui, pensou, rabiscando anotações nas margens. Um pequeno ajuste ali, e estaria terminado.

Mas, enquanto lia, ele sabia. Sabia que nunca antes escrevera algo tão bom.

Nem tampouco conseguira concluir um projeto com tanta rapidez. Desde o primeiro momento em que havia sentado para começar o roteiro, apenas dez dias tinham se passado. Talvez ele tivesse dormido apenas trinta ou quarenta horas ao todo, naqueles dez dias, mas não se sentia cansado.

Sentia-se exultante.

***

Depois de juntar toda papelada, Nash procurou um envelope. Vasculhou por entre os livros, anotações e pratos sujos que estavam espalhados sobre a escrivaninha.

Tinha um único pensamento, agora: levar o roteiro para Morgana. De um jeito ou de outro, fora ela quem o inspirara a escrevê-lo, e seria a primeira pessoa a ler.

Encontrou um envelope de papel grosso coberto de anotações e restos de macarrão. Depois de jogar o maço de papéis dentro do envelope, saiu do escritório. E, por sorte, passou pelo espelho do vestíbulo e olhou seu reflexo de relance.

Seus cabelos estavam compridos demais e, no rosto, havia o princípio de uma barba bastante respeitável. Que, conforme ele esfregava a mão curiosa pelo queixo, o fez considerar seriamente a possibilidade de deixá-la crescer. Mas nada disso seria tão mal, se ele não estivesse parado no vestíbulo, segurando um envelope de papel pardo na mão e... sem mais nada no corpo além de uma cueca samba canção vermelha e a corrente de prata que Morgana lhe dera.

No fim das contas, pensou, era melhor demorar-se um pouco mais para tomar um banho e vestir-se.

Trinta minutos depois desceu as escadas apressadamente, usando um traje um pouco mais conservador: calças jeans e um blusão de malha azul-marinho, que tinha apenas um furo pequeno na manga esquerda. Tinha de admitir que a visão de seu quarto, do banheiro e do restante da casa fora um choque, até mesmo para ele. Dava a impressão de que um exército particularmente indisciplinado havia acampado por ali nas últimas semanas.

Nash tivera sorte de encontrar algumas peças de roupa que não estavam completamente sujas, emboladas ou chutadas para baixo da cama. Obviamente, não havia nenhuma toalha de banho limpa, por isso fora obrigado a contentar-se com três toalhas de rosto. Ainda assim, conseguira localizar o aparelho de barba, o pente e dois sapatos que faziam parte do mesmo par, de forma que as coisas não estavam tão ruins quanto pareciam.

Perdeu mais quinze frustrantes minutos tentando encontrar as chaves do carro. Só Deus sabia como tinham ido parar na segunda prateleira da geladeira, ao lado de um pêssego embolorado, mas era ali que estavam. Nash também reparou que aquele triste pêssego, e uma caixa de leite vazia, eram tudo o que restava na geladeira, depois que pegou as chaves.

Mas haveria tempo de pensar nisso mais tarde.

Pegando o roteiro, encaminhou-se para a porta.

Somente quando ligou o motor do carro, e o painel iluminou-se, ele deu-se conta de que era quase meia-noite. Hesitou, considerando a possibilidade de ligar para ela primeiro, ou simplesmente adiar a visita para a manhã seguinte.

Ao diabo com isso, decidiu, manobrando o carro para a rua. Ele a queria agora.

Há alguns quilômetros de distância, Morgana estava fechando a porta atrás de si e saindo para a luz prateada da lua cheia. Enquanto se afastava da casa, o manto cerimonial esvoaçava em torno de seu corpo, cingido à cintura por um cinto de cristais. Nos braços, ela levava uma cesta simples que continha tudo o que precisaria para observar o equinócio de primavera.

Era uma noite de alegria, de celebração, de dar graças pela renovação que a primavera proporcionava à terra. Mas seus olhos estavam preocupados. Naquela noite, em que a luz e a escuridão equilibravam-se, sua vida iria mudar. Morgana sabia disso, embora não tivesse tornado a olhar. Não havia necessidade de olhar, quando seu coração já lhe dissera tudo.

Era difícil admitir que quase se recusara a sair de dentro de casa. Seria um desafio ao destino, pensou.

Mas esta teria sido a opção dos covardes. Iria adiante com o ritual, como ela própria, e outras como ela, haviam feito por toda eternidade.

Ele viria quando tivesse de vir. E ela aceitaria.

Sombras retorcidas espalhavam-se pelo gramado enquanto Morgana caminhava na direção do bosque.

Havia o cheiro de primavera no ar da noite. As flores noturnas, a maresia, a fragrância da terra que ela mesma revolvera para o plantio.

Ouviu o pio de uma coruja, baixo e solitário. Mas não olhou para as asas brancas. Ainda não.

Outros sons enchiam o ar, o suave 'suspirar do vento através das árvores, roçando as folhas, acariciando os galhos. E o murmúrio da música que apenas determinados ouvidos conseguiam captar. A música das fadas, a música que era mais antiga que o homem.

Ela não estava sozinha, ali, no bosque sombrio sob o turbilhão de estrelas que inundava o céu. Nunca estivera sozinha, ali.

À medida que se aproximava do lugar de magia, seu ânimo modificava-se, e a nuvem de preocupação esvaiu-se de seus olhos. Deixando a cesta no chão, resguardou um momento para si mesma. Ficou imóvel, com os olhos fechados, os braços relaxados ao longo do corpo, e aspirou profundamente o perfume e a beleza da noite.

Ela podia ver, mesmo com os olhos fechados, a lua branca navegando através

do negro oceano do firmamento. Podia ver a luz generosa que a lua esparramava pelas árvores e, através delas, para ela. E o poder que florescia dentro de si era tão fresco, tão puro e lindo quanto a luz do luar.

Serenamente, Morgana abriu a cesta. Retirou de dentro um lençol branco com barrado de prata, que pertencia a sua família por muitas gerações. Alguns diziam que fora um presente que o mago Merlin ganhara do Jovem rei a quem tanto amava. Depois de estender o tecido branco sobre a relva, ela ajoelhou-se.

Uma pequena fatia de bolo, um frasco transparente contendo vinho, velas, a faca da bruxa com inscrições no cabo, o prato e a taça rituais, uma pequena grinalda de botões de gardênias entrelaçados.

Outras flores em botão... esporinhas, ramos de alecrim e tomilho. Tudo isso ela espalhou, juntamente com pétalas de rosa, sobre a manta branca.

Isso feito levantou-se para formar o circulo. Sentia o poder latejando em seus dedos, mais quente, cada vez mais urgente. Quando o círculo foi completado, ela posicionou as velas, puras como gelo, em toda sua borda. Quatorze ao todo, para simbolizar os dias entre a lua cheia e a lua minguante. Devagar, caminhou ao lado delas, estendendo a mão.

Uma por uma as velas acenderam-se, com uma frágil chama no início, que depois se tornou firme e constante. Morgana ficou no centro do círculo de luz. Abriu o cinto de cristais, que escorregou como um cordão de fogo. Retirou os braços do fino manto, e este caiu aos seus pés com a leveza da neve derretida.

As luzes das velas refletiam em seu corpo como ouro, quando ela iniciou a dança secular.

Nash parou diante da casa de Morgana quando faltavam cinco minutos para meia-noite. Praguejou baixinho, ao ver que não havia nem uma única luz em nenhuma das janelas.

Teria de acordá-la, pensou filosoficamente. De qualquer forma, quanto tempo uma feiticeira precisava dormir? Sorriu consigo mesmo: era algo que teria de perguntar a ela.

Ainda assim, Morgana era uma mulher. E as mulheres tinham a tendência de irritar-se muito se um sujeito aparecesse no meio da noite para arrancá-las da cama. Talvez ajudasse um pouco se levasse alguma coisa para suavizar o choque.

Inspirado, Nash enfiou o envelope em baixo do braço e foi inspecionar o canteiro de flores. Duvidava que ela percebesse que ele roubara alguns botões. Afinal, parecia haver centenas deles. Banhado pelo perfume que exalavam, ele animou-se demais e acabou juntando um enorme buquê de tulipas, ervilhas-doces, narcisos e dálias.

Satisfeito com a boa idéia que tivera, ajeitou o maço de flores no braço e apressou-se na direção da porta. Pan latiu duas vezes antes que ele batesse. Mas nenhuma luz seguiu-se à saudação do cachorro, ou às batidas que Nash deu na porta.

Ele olhou para trás num relance, querendo certificar-se de que o carro dela estava na garagem, e bateu novamente. É bem provável que ela durma como uma pedra, pensou, sentindo o primeiro lampejo de irritação. Havia algo que o compelia, uma espécie de urgência. Tinha de vê-la, e precisava ser naquela noite.

Recusando-se a desistir, deixou o envelope com o roteiro sobre um pilar e tentou abrir a maçaneta da porta. Pan tornou a latir mas, para Nash, o latido do cão soava mais divertido do que zangado. Vendo que a porta estava trancada, ele começou a fazer a volta pela casa. Iria entrar de qualquer jeito, e a encontraria antes que a noite terminasse.

Um súbito ímpeto de imediatismo apressou-lhe os passos, mas em algum ponto entre a frente da casa e o terraço lateral, Nash apanhou-se olhando na direção do bosque.

Era para lá que precisava ir. Tinha de ir. Embora a razão lhe dissesse que era uma grande tolice embrenhar-se por entre as árvores no meio da noite, Nash seguiu seu coração.

Talvez fossem as sombras, ou o suspiro do vento, que obrigaram-no a mexer-se sem fazer barulho.

Sentia como se fosse uma blasfêmia provocar ruídos desnecessários. Havia algo de especial no ar, ali, naquela noite, que era quase insuportavelmente belo.

No entanto, a cada passo que dava, o sangue parecia pulsar com mais rapidez em suas veias.

Então ele viu, à distância, uma brancura vaga e espectral.

Estava prestes a chamar por Morgana, mas um movimento farfalhante obrigou-o a olhar para cima. Ali, num galho retorcido de cipreste, pousava uma enorme coruja branca. Enquanto Nash a observava, a ave elevou-se silenciosamente do seu poleiro e voou na direção do centro do bosque.

Nash sentia o pulso martelando nos ouvidos e o coração arremessando-se contra o peito. Sabia que, mesmo se desse meia-volta e fosse embora, seria novamente levado para aquele ponto.

Então, seguiu em frente.

Ela estava ali, ajoelhada num lençol branco. O luar derramava-se· sobre ela como um vinho prateado.

Outra vez ele quis chamar-lhe o nome, mas a visão de Morgana formando um círculo de velas, com jóias na cintura e flores nos cabelos, deixou-o mudo.

Abrigado pelas sombras, permaneceu imóvel enquanto ela fazia com que as

pequenas chamas reluzissem na ponta das velas brancas. Enquanto ela despia o manto, ficando gloriosamente nua no centro das chamas e passava a mover-se, numa dança tão graciosa que lhe tirou o fôlego.

A luz da lua deslizava sobre a pele de Morgana, brincava com seus seios, acariciava-lhe os quadris.

Seus cabelos caíam como uma cascata de ébano, cobrindo-lhe as costas quando ela ergueu o rosto para as estrelas.

E Nash lembrou-se de seu sonho, uma lembrança tão nítida que a fantasia e a realidade mesclaram-se numa única imagem poderosa, com Morgana dançando em seu centro. O perfume das flores intensificou-se, a ponto de deixá-lo zonzo. Por um instante, sua visão nublou-se. Ele balançou a cabeça, tentando clareá-la e esforçando-se para focalizar o que via.

A imagem havia mudado. Morgana ajoelhava-se novamente, bebendo de uma taça de prata enquanto as chamas das velas elevavam-se a um ponto impossivelmente alto, rodeando-a como barras douradas.

Através delas Nash podia ver o brilho de sua pele, o reluzir da prata entre seus seios, em seus pulsos. Podia ouvir-lhe a voz, entoando um doce cântico.

Por um momento, o bosque inundou-se com um brilho etéreo, suave. Diferente da luz, diferente das sombras, pulsava e tremeluzia, brilhando como a lâmina de uma espada sob o sol. E Nash sentia o calor dessa luz banhando-lhe o rosto.

Então as chamas das velas diminuíram outra vez, transformando-se em pequenos pontos de luz, e o soar do cântico ecoou no silêncio.

Morgana levantou-se. Vestiu o manto branco, prendeu o cinto:

A coruja, a enorme ave branca que ele esquecera em sua fascinação com a mulher, gritou duas vezes antes de voar como uma nuvem imaculada através da noite.

Morgana virou-se, a respiração elevando-se em sua garganta. Nash saiu das sombras, com o coração disparando em seu peito.

Por um breve instante, ela hesitou. Um aviso lhe foi sussurrado. Aquela noite lhe traria prazer. Mais do que ela jamais experimentara. E seu preço seria a dor. Maior do que ela desejaria.

Então, Morgana sorriu e deu um passo para fora do círculo.

CAPÍTULO 7

Milhares de pensamentos irromperam na mente de Nash, como uma avalanche. Milhares de sensações inundaram-lhe o coração. Conforme Morgana encaminhava-se para ele, o manto flutuando em torno de si como poeira de estrelas, todos os seus pensamentos, todas as suas sensações estilhaçaram-se e mesclaram-se, formando um só intuito: ela.

Nash queria falar, dizer-lhe alguma coisa, qualquer coisa que pudesse explicar como se sentia naquele momento. Mas seu coração parecia ter saltado na garganta, tornando as palavras impossíveis. Ele sabia que isso ia além do simples desejo de um homem por uma mulher mas, ainda assim, o que quer que estivesse espiralando em torno dele estava tão distante de suas experiências anteriores que tinha certeza de que jamais poderia descrever ou explicar o que sentia.

Sabia apenas que naquele lugar mágico, naquele momento de encantamento, havia somente uma mulher. Uma voz baixa e paciente sussurrou no fundo de sua alma, dizendo que sempre houvera apenas uma mulher, e que estivera esperando por ela durante toda sua vida.

Morgana parou, a poucos centímetros dele. Sombras suaves e silenciosas bailavam entre eles.

Bastava-lhe apenas dar um passo para dentro daquela dança lenta para estar nos braços dele. Nash não a recusaria. E ela temia ter ultrapassado o ponto onde ainda seria possível recusá-la.

Seus olhos permaneceram fixos nos dele, embora as pequenas garras de seus nervos lhe beliscassem a pele. Nash parecia atônito, ela percebeu, e mal poderia culpá-la. Se ele estivesse sentindo uma fração que fosse do desejo e dos temores que a invadiam, tinha todo o direito de estar assim.

Não seria fácil para nenhum deles, ela sabia. Depois daquela noite, o vínculo estaria selado. Quaisquer decisões que fossem tomadas no futuro, por qualquer um deles, seriam incapazes de desfazer aquele elo.

Morgana estendeu a mão e tocou as flores que ele ainda trazia nos braços. Imaginou se Nash saberia que, pelos botões que escolhera, estava lhe oferecendo amor, paixão, fidelidade e esperança.

— As flores colhidas ao luar contêm os encantos e os segredos da noite.

Nash havia se esquecido das flores. Como alguém que desperta de um sonho, baixou os olhos para elas.

— Eu as roubei do seu jardim.

Ela sorriu lindamente. Ele não conhecia a linguagem das flores, pensou. Mesmo assim, suas mãos foram guiadas.

— Isso não torna o perfume delas menos doce, nem o presente menos afetuoso. — Levou a mão para o rosto dele, tocando-o. — Você soube onde me encontrar.

— Eu... Sim. — Nash não podia negar o impulso urgente que o levara para o bosque. — Sim, eu soube.

— E por que veio?

— Eu queria... — Ele lembrou-se da pressa frenética em sair de casa, de sua impaciência para vê-la. Mas, não, era algo mais básico que isso. E infinitamente mais simples.

— Eu precisava de você.

Pela primeira vez, o olhar de Morgana vacilou. Podia sentir a necessidade irradiando dele como um calor, para aquecê-la e seduzi-la. E poderia, se ela nada fizesse para impedir, uni-la a ele com tanta firmeza que nenhum feitiço, nenhum encanto jamais a libertaria.

Seu poder não era absoluto. Seus próprios desejos não eram sempre realizados. Aceitá-lo naquela noite seria arriscar tudo, incluindo seu poder de permanecer sozinha.

Até aquela noite, a liberdade sempre fora o seu bem mais precioso. E agora, erguendo os olhos novamente para Nash, ela rejeitou esse bem.

— O que lhe darei esta noite será entregue de coração aberto. E o que eu aceitar de você esta noite será tomado sem arrependimentos. — Os olhos dela reluziram com as visões que ele não podia enxergar. — Lembre-se disso. Venha comigo. — Pegou a mão dele e levou-o para o interior do círculo de luz.

No instante em que Nash passou pelas chamas, sentiu a mudança. O ar era mais puro, ali, com um perfume mais límpido, como se ele tivesse subido ao pico de uma montanha muito alta, inatingível. Até as estrelas pareciam mais próximas, e ele pôde ver a trilha formada pelos raios do luar, traços prateados e luminosos através das árvores frondosas.

Mas Morgana era a mesma, segurando-lhe a mão com firmeza.

— Que lugar é este? — Instintivamente, ele baixou a voz num sussurro, não por medo, mas por reverência. O som parecia flutuar, mesclando-se com os acordes de harpa que enchiam o ar.

— Não precisa ter um nome. — Morgana retirou a mão da dele. — Existem muitas formas de magia — disse, abrindo o cinto de cristais. — Nós vamos fazer a nossa, aqui. Sorriu novamente. — Sem fazer mal a ninguém.

Lentamente, ela deixou o cordão de cristal na beirada do lençol branco, depois virou o rosto para Nash.

Com o luar brilhando em seus olhos, abriu os braços.

Enlaçou-o, e os lábios que ofereceu eram quentes e macios. Nash pôde sentir neles a doçura do vinho que ela bebera, bem como o sabor próprio dela, mais denso e potente. Imaginou que homem algum poderia sobreviver sem ter provado aquele gosto intoxicante. Sua cabeça girava, enquanto Morgana o incitava a provar ainda mais profundamente.

Com um gemido que parecia vir de sua alma, ele abraçou-a com mais força, amassando as flores entre eles, de forma que o ar noturno intensificou-se com o perfume. Seus lábios colavam-se aos dela, antes de mover-se freneticamente pelo rosto.

Mesmo com as pálpebras cerradas, Morgana podia ver a dança das chamas das velas e a sombra única que seu corpo e o de Nash formavam. Ouvia a profunda e pura ressonância da brisa cantando através das folhas, a música da noite, que era seu próprio tipo de magia. E ouviu seu nome sendo sussurrado através dos lábios que, uma vez mais, procuraram os seus.

Porém, o que Morgana sentia era muito mais real. Ela entregava a Nash aquele poço de emoções, como jamais entregara a ninguém. E quando sentiu que aquele poço enchera-se até a borda e depois transbordara, transformando-se num regato tranquilo e constante, inquietou-se.

Por um instante, Morgana teve medo de afogar-se nele, e o medo provocou-lhe um estremecimento.

Murmurando seu nome, Nash puxou-a mais para si. Fosse por necessidade ou conforto, ela não sabia, mas o fato é que se acalmou novamente. E aceitou o destino que a esperava.

O encantador transformou-se no encantado.

Nash estava lutando contra alguma fera enraivecida que se agarrava às suas entranhas, exigindo que ele a tomasse rapidamente, que se saciasse. Nunca, jamais havia experimentado um desejo tão violento e devastador por nada, nem ninguém, como sentia por Morgana naquele reluzente círculo de luz.

Prendeu as mãos entre os cabelos macios, para impedi-las de arrancar-lhe o manto. Um lampejo oculto em seu instinto lhe dizia que Morgana aceitaria a pressa, que responderia ao suplício de seu apetite voraz.

Mas não era assim que deveria ser. Não ali, nem naquele momento.

Pressionando o rosto na curva do pescoço dela, abraçou-a com força e combateu a ansiedade.

O fato de compreender não fazia com que o coração de Morgana batesse com menos intensidade. O desejo dele de tomá-la batalhava com o desejo de doar, e ambos estavam plenos de poder. A escolha dele faria a diferença. E, embora não

pudesse ver, ela sabia que a tessitura do ato de amor daquela noite significaria muito para eles, no futuro.

— Nash, eu...

Ele balançou a cabeça, depois se inclinou um pouco para trás e segurou-lhe o rosto entre as mãos. Elas não estavam firmes. Nem a respiração dele. Os olhos estavam sombrios, intensos.

— Você me dá um medo danado — Nash conseguiu dizer. — Estou com um medo danado de mim mesmo, também. É diferente agora, Morgana. Você entende?

— Entendo, sim. É importante.

— É importante. — Ele exalou um longo e trêmulo suspiro. — Tenho medo de machucá-la.

Você irá me machucar. Tal certeza percorreu-a por inteiro. O sofrimento viria, não importavam todas as defesas que usasse. Mas não naquela noite.

— Não vai, não. — Ela beijou-o delicadamente.

Não, Nash pensou roçando o rosto contra o dela. Não iria, não poderia. Embora o desejo continuasse latejando em seu sangue, a intensidade diminuíra. Suas mãos estavam firmes novamente quando deslizou o manto pelos ombros dela, fazendo-o escorregar pelos braços até que caísse ao chão.

O prazer de olhar para ela era como um punho aveludado apertando-lhe o peito. Nash havia visto o corpo de Morgana antes, quando a observara dançar nua no círculo. Mas, então, havia sido como um sonho, como se ela fosse um espírito maravilhoso, fora de seu alcance.

Mas agora ela era apenas uma mulher, e suas mãos não a trespassariam se a tocasse.

Primeiro, o rosto. Nash tocou-lhe as faces levemente, depois os lábios,. o queixo, explorando o pescoço delicado. E ela era real. Ele não sentira o hálito quente contra a sua pele? E não estava sentindo, agora, o rápido pulsar no ponto em que seus dedos se demoravam?

Feiticeira ou mortal, ela era sua, para acariciar, para desfrutar, para ter prazer. Era o destino estarem ali, cercados pelas velhas e silenciosas árvores, pela luz obscurecida. Pela magia.

O brilho dos olhos de Morgana modificou-se, como de uma mulher assoberbada pelo desejo e antecipação. Nash observou-os enquanto trilhava os dedos curiosos pela curva de seus ombros, pelos braços, e depois refazendo o caminho. Ela passou a respirar mais rápido, com os lábios entreabertos.

Com a mesma lentidão, com a mesma delicadeza, Nash continuou tocando-a até os seios. Morgana ofegou, contendo um gemido, e vacilou nos braços dele, porém Nash não fez nenhum gesto para possuí-la.

Limitava-se a acariciar pacientemente as curvas macias, roçando a ponta do dedo nos mamilos que enrijeciam, doloridos, em resposta.

Morgana não conseguia se mover. Mesmo se os cães do inferno tivessem irrompido por entre as árvores, com as mandíbulas expostas, ela teria permanecido como estava, o corpo latejando, os olhos fixos nos dele. Como ele sabia? Como poderia saber que estava enfeitiçando-a com tão delicada ternura?

Nada mais importava para ela, exceto Nash. Podia ver somente o rosto dele, sentir apenas as suas mãos. A cada vez que aspirava o ar, trêmula e incerta, mais se preenchia com ele.

Nash prosseguiu com a exploração no corpo feminino, descendo petas costas, onde os cabelos emaranharam-se em suas mãos, sentindo-a estremecer. Perguntou-se por que tinha achado necessário falar, quando podia lhe dizer muito mais com um simples toque.

O corpo de Morgana era um banquete de curvas, pele macia, músculos firmes e sutis. Mas ele já não sentia mais a urgência de saciar a fome. Era bem melhor assim, ter tempo de provar, de saborear... de seduzir. E que maior poder um homem almejaria, do que sentir a pele de uma mulher aquecer-se sob suas mãos?

Ele prosseguiu a trilha até os quadris dela, deixando os dedos roçarem as coxas longas e macias, mudando o curso do retorno de forma que pudesse absorver todos os pequenos lampejos de prazer, ao descobrir que ela já estava quente e úmida para ele.

Quando ela dobrou os joelhos, Nash puxou-a mais para si, fazendo-a deitar no lençol para que pudesse iniciar a mesma gloriosa jornada com os lábios.

Mergulhada nas sensações, Morgana arrancou-lhe o suéter, querendo sentir a delícia da pele dele contra a sua. Os músculos estavam tensos, provando-lhe que a gentileza com que ele a acariciava exigia mais força do que teria exigido a paixão selvagem. Ela murmurou alguma coisa, e Nash ergueu-se levemente, para que Morgana pudesse empurrar- lhe a calça jeans até os quadris e depois tirá-la, deixando-o tão vulnerável quanto ela própria.

O prazer doce, inconsciente. Delícias longas, prolongadas. A lua derramava sua frágil luz enquanto ambos ofereciam-se mutuamente os presentes mais preciosos. As flores espalhadas no lençol exalavam perfumes exóticos, que se mesclavam com as fragrâncias da noite. E, embora a brisa agitasse as folhas, as chamas que os rodeavam permaneciam constantes e fiéis.

Mesmo quando a paixão abateu-se sobre eles, fazendo com que rolassem sobre os botões de flores e a seda, não havia pressa. Em algum lugar nas sombras, a coruja gritou novamente, e o anel de chamas elevou-se como lanças. Fechando-se sobre eles, abrigando-os de tudo o mais.

O corpo de Morgana tremia, mas não havia mais medo ou nervosismo. Seus

braços enlaçaram-no quando ele a penetrou.

Com o sangue pulsando em seus ouvidos, Nash viu os olhos dela abrirem-se subitamente, viu as estrelas douradas reluzindo contra o azul profundo, tão magníficas quanto aquelas que brilhavam no céu.

Baixou os lábios para os dela, enquanto moviam-se juntos numa dança mais antiga e mais poderosa que qualquer outra existente.

Ela sentiu a beleza, a magia que era mais potente do que qualquer coisa que pudesse conjurar. Ele a preencheu por inteiro, completamente. Mesmo quando a dor os reuniu, a ternura permaneceu. Duas lágrimas translúcidas escaparam dos olhos dela, quando arqueou o corpo para ele, deixando o corpo voar com o alívio final e assombroso. Ouviu-o dizer seu nome, como uma prece, enquanto derramava-se dentro dela.

Quando Nash mergulhou o rosto em seus cabelos, Morgana viu o brilho de uma estrela cadente, cruzando o céu de veludo como uma chama ardente.

O tempo passou. Minutos, horas, não importava. Tudo o que Nash sabia era que Morgana parecia tão suave como um sonho sob ele, o corpo relaxado mas ainda enroscado no seu. Imaginou como seria maravilhoso se pudessem ficar exatamente daquela maneira até o amanhecer.

Depois pensou, um pouco mais prático, que provavelmente acabaria esmagando-a.

Quando ele começou a virar-se, Morgana colou-se a ele, sem soltá-lo.

— Humm... — murmurou, sonolenta.

Sentindo sua resistência, Nash aconchegou-se a ela.

— Sei que estou na posição mais confortável, mas devo estar pesado para você. Além disso, quero olhá-la.

Nash apoiou-se nos cotovelos e fez o que dizia.

Os cabelos dela estavam esparramados como seda negra sobre o tecido branco. Havia flores presas neles, fazendo-o pensar em fadas e ciganas. E em feiticeiras.

Ele não conteve um longo suspiro.

— O que acontece quando um mortal faz amor com uma feiticeira?

Morgana teve de sorrir, lenta e sinuosamente.

— Por acaso reparou nas gárgulas de pedra na torre da minha casa?

Ele abriu à boca, mas logo a fechou. Morgana deixou escapar uma risada divertida, enquanto os dedos acariciavam-lhe as costas.

— Adoro quando você é tão crédulo.

Mas Nash estava sentindo-se bem demais para aborrecer-se com a brincadeira. Em vez disso, mexeu nos cabelos dela.

— Pareceu-me uma pergunta bastante razoável. Isto é, se você é uma... eu sei

que você é. Mas ainda é difícil de aceitar, mesmo depois do que presenciei esta noite. — Os olhos dele fixaram-se nos dela. — Eu fiquei espionando você.

Morgana passou o dedo pelos seus lábios.

— Eu sei.

— Nunca vi nada tão belo. Você, a luz, a música. — Ele franziu a testa. — Havia uma música.

— Para aqueles que sabem como ouvi-la. Para aqueles que devem ouvi-la. — Isso não era tão difícil de aceitar, depois de todo o restante.

— O que estava fazendo aqui? Parecia algum tipo de cerimônia.

— Esta é a noite do equinócio de primavera. É uma noite mágica. E o que aconteceu aqui conosco também foi mágico.

Sem poder resistir, Nash beijou-lhe o ombro.

— Pode até parecer um chavão, mas nunca antes foi tão bom assim. Com ninguém.

Morgana tomou a sorrir.

— Não. Com ninguém. — Seu pulso acelerou-se ao senti-lo enrijecer novamente dentro dela. — Mais uma vez — murmurou, quando seus lábios se encontraram.

A noite transformou-se em madrugada, antes que eles começassem a vestir-se. Enquanto enfiava o suéter pela cabeça, Nash observou Morgana recolher as flores amassadas e espalhadas.

— Acho que acabamos com elas. Terei de roubar mais algumas para você.

Sorrindo, ela juntou as flores entre os braços.

— Estas servirão muito bem — disse.

Nash arregalou os olhos ao ver que as flores que ela segurava estavam agora tão frescas e vistosas como quando ele as colhera.

Passou a mão pelos cabelos.

— Acho que não vou conseguir me acostumar com isso tão cedo.

Morgana limitou-se lhe entregar as flores.

— Segure-as um pouco para mim. Preciso desfazer o círculo.

Fez um gesto, e as chamas das velas apagaram-se. Enquanto as recolhia, uma a uma, começou a captar suavemente.

— O circulo formado sob a lua agora é desfeito por minha vontade. O trabalho está completo, nenhum mal foi feito. Com amor e graças eu vos liberto. Como eu mesma voltarei, ao pó voltarás.

Guardou a última vela na cesta e pegou o lençol. Depois de dobrá-lo, guardou-o também.

— É só... É só isso?..

Ela pegou a cesta e virou-se para ele.

— Geralmente as coisas são bem mais simples do que pensamos. — Estendeu-lhe a mão, e sorriu feliz quando Nash entrelaçou os dedos nos seus. — E, aproveitando este espírito de simplicidade, que tal dormir na minha cama pelo restante da noite?

Nash levou a mão dela aos lábios e respondeu simplesmente:

— Sim.

Ela não se saciava nunca, Nash pensou, sonhador. Durante a noite tinham se procurado outra vez, depois outra. Deslizando para o sono, deslizando para o amor enquanto a lua aos poucos desaparecia. E agora, quando o sol surgia num claro brilho avermelhado através das cortinas ela mordiscava-lhe a orelha.

Ele sorriu, murmurando enquanto deixava-se flutuar para o completo despertar. A cabeça de Morgana era um peso suave e bem-vindo em seu peito. A maneira como ela o provocava, brincando com sua orelha, avisou-o de que não faria objeções a um preguiçoso ato de amor matinal. Mais do que disposto a contentá-la, ergueu a mão para acariciar-lhe os cabelos. E parou com o gesto no ar.

Como a cabeça dela poderia estar em seu peito e a boca em sua orelha? Anatomicamente falando, seria impossível. No entanto, ele já a presenciara fazendo várias coisas que seriam Impossíveis, sob as regras do mundo real. Isso, entretanto, era estranho demais. Mesmo estando meio dormindo, sua imaginação fértil aguçou-se.

Deveria abrir os olhos e ver algo extremamente fantástico tão fora deste mundo, que o faria sair gritando pela noite afora?

Dia, lembrou a si mesmo. Era dia. Mas isso não vinha ao caso.

Cautelosamente, baixou a mão para tocar os cabelos dela Macios, espessos, mas... meu Deus, o formato da cabeça estava errado! Ela havia mudado... Transformara-se numa... Quando a cabeça moveu-se sob sua mão, Nash deixou escapar um grito sufocado e, com o coração disparando, abriu os olhos.

A gata estava deitada em seu peito, fitando-o com os olhos cor de âmbar, fixos e um tanto complacentes. Nash deu um pulo de susto ao sentir algo deslizando em seu rosto. E viu que Pau estava com as patas dianteiras apoiadas na cama, a enorme cabeça prateada inclinada curiosamente para o lado.

Antes que Nash pudesse falar, o cachorro tomou a lambê-lo.

— Puxa vida... — Enquanto ele esperava que a mente clareasse e o pulso voltasse ao normal, Luna levantou-se se espreguiçou e andou maciamente pelo seu peito, a fim de olhá-lo de frente. O miado suave soou como um risinho.

— Tudo bem, você me pegou direitinho. — Estendeu as mãos, afagando o pêlo de cada um dos animais.

Pan tomou o gesto como um convite e pulou para cima da cama. E aterrisou,

sem muita força, felizmente, na região mais vulnerável do corpo de Nash. Com um gemido sufocado, Nash ergueu o tronco, desalojando a gata e fazendo-a bater de encontro a Pan.

Por um instante, a situação pareceu um tanto perigosa, com os animais encarando-se e rosnando mutuamente. Porem, Nash estava ocupado demais em recuperar o fôlego para preocupar-se com a perspectiva de ver pêlos voando no quarto.

— Ah está brincando com os animais?

Aspirando o ar, Nash ergueu o rosto e viu Morgana parada na porta. Assim que a avistou, Luna sacudiu a cauda no focinho de Pan, pulou para um travesseiro, fez um giro, deitou-se e começou a lamber-se. Com a cauda balançando, Pan saltou para fora da cama. Nash calculou que devia haver no mínimo trinta quilos de músculos apoiando as patas no colchão.

— Parece que meus bichinhos gostam muito de você.

— É... Somos uma família feliz.

Trazendo uma caneca de café fumegante, Morgana aproximou-se da cama. Já estava vestida, com um vestidinho vermelho enfeitado de contas e bordados no decote canoa, e tirinhas amarradas em toda a frente, chegando até a barra que terminava vários centímetros acima dos joelhos sensuais.

Nash pensou se deveria desamarrar as tirinhas uma a uma ou se tiraria o vestido dela de uma só vez.

Então, sentiu um aroma que era quase tão exótico, e sem dúvida tão sedutor quanto o perfume dela.

— Isto é café?

Morgana sentou na beirada da cama e aspirou o conteúdo da caneca.

— É, creio que sim.

Sorrindo, ele estendeu a mão para brincar com as pontas dos cabelos dela, que estavam amarrados numa trança intrincada.

— É muita gentileza sua — disse.

Os olhos dela refletiram surpresa.

— O quê? Ah, está pensando que eu trouxe o café para você! — Olhando-o, Morgana tamborilou o dedo na caneca. — Está pensando que eu tive o trabalho de fazer o café, de encher esta caneca e trazê-la aqui na cama só porque você é assim, tão bonitinho?

Devidamente decepcionado, Nash lançou um último e desejoso olhar para a caneca.

— Bem, eu...

— Neste caso — ela falou, interrompendo-o, — você está absolutamente certo.

Nash pegou a caneca que ela lhe oferecia e, enquanto bebia, olhou-a por cima da borda. Não era um especialista em café, e nem poderia ser, acostumado como estava com a gororoba que preparava para si mesmo todas as manhãs, mas tinha certeza de que aquele era o melhor café que já havia provado, em toda sua vida.

— Obrigado. Morgana... — Estendeu a mão para arrumar o complicado arranjo de contas e pedras que pendia de uma das orelhas dela. — Acha mesmo que eu sou bonitinho?

Ela riu, afastando a caneca para que pudesse beijá-la.

— Dá para o gasto, Nash.

Muito mais do que isso, pensou, beijando-o novamente. Com os cabelos claros pelo sol, desarrumados e caindo no rosto sonolento, o peito surpreendentemente musculoso e provocador aparecendo por cima das cobertas, e com os lábios hábeis e macios roçando nos dela, ele era muito mais do que isso.

Embora relutante, ela se afastou.

— Preciso ir trabalhar.

— Hoje? — Preguiçosamente, Nash segurou-a pela nuca e Puxou-a para si. — Não sabe que é feriado nacional?

— Hoje?

— É claro. — Ela exalava o perfume da noite, ele pensou. Como as flores que desabrocham somente sob as estrelas.

— É o Dia Nacional dos Amantes. Um tributo aos anos sessenta. Deve ser comemorado com...

— Já entendi. É muito criativo — Morgana disse, cerrando os dentes nos lábios dele. — Mas preciso cuidar da minha loja.

— Que falta de patriotismo, Morgana. Estou chocado.

— Beba seu café. — Ela levantou, para impedir-se de mudar de idéia. — Se estiver com fome, há comida na cozinha.

— Você podia ter me acordado. — Nash prendeu-lhe a mão antes que ela pudesse se afastar.

— Achei que você precisava dormir mais um pouco e, além disso não quis lhe dar a chance de me distrair.

Nash fitou-a, enquanto beijava-lhe os dedos.

— Pois eu gostaria de passar horas distraindo você. — Morgana sentiu os joelhos enfraquecerem.

— Você poderá fazer isso mais tarde.

— Podemos jantar juntos.

— Sim podemos. — Ela sentia o sangue latejar nos ouvidos, mas não conseguia retirar a mão que ele prendia.

— Posso comprar alguma coisa e trazer para cá.

— Boa idéia.

Nash abriu-lhe a mão, beijando-a na palma.

— Às sete e meia?

— Está ótimo. Ponha Pan para fora quando sair, está bem?

— É claro. — Nash deslizou os dentes pelo pulso dela, fazendo-a estremecer. — Morgana, só mais uma coisa.

O corpo de Morgana ansiava pelo dele.

— Nash realmente não posso...

— Não se preocupe. Mas ele podia ver que ela estava preocupada, e adorou a sensação. — Não pretendo desarrumá-la. Será muito mais divertido passar as próximas horas pensando em fazer exatamente isso. Deixei uma coisa para você, ontem à noite, no pilar da varanda. Esperava que você tivesse um tempinho para ler.

— O seu roteiro? Você terminou?

— Sim, mas ainda faltam algumas correções. Gostaria da sua opinião.

— Então vou tentar formar uma opinião. — Morgana inclinou-se e beijou-o novamente. — Até logo.

— Nos vemos à noite. — Nash recostou na cama com a caneca de café, mas em seguida praguejou baixinho.

Ela parou na porta.

— Meu carro está estacionado atrás do seu. Espere um pouco, vou vestir a calça.

Ela riu.

— Ora, Nash, francamente. — Morgana saiu do quarto, com a gata trotando aos seus pés.

— É... — Nash falou para Pan, que dormia. — Acho que ela pode cuidar disso sozinha.

Acomodou-se, preparando-se para desfrutar do café em solitário esplendor. Enquanto bebericava, observava o quarto. Aquela era a primeira chance que tinha de ver os objetos com que Morgana cercava-se, em seu recanto mais particular.

O cenário era um tanto dramático, naturalmente. Ela carregava consigo este exagero de cores e formas para onde quer que fosse. Ali, estava exemplificado nas cores vivas que escolhera. Azul turquesa nas paredes, verde esmeralda na colcha da cama, que havia sido atirada no chão durante a noite. Diferentes nuances de ambas as cores eram encontradas nas cortinas que se enfunavam nas janelas. Um divã forrado de seda cor de safira estava colocado sob uma das janelas, coberto de almofadas nas cores de granada, ametista e âmbar. Arqueado

sobre o divã havia um comprido abajur de metal, cujo globo tinha o formato de uma enorme flor aberta. A cama também era imensa, como um lago de lençóis amassados, com o encosto e os pés de madeira maciça e entalhada.

Intrigado, Nash decidiu levantar-se. Pan continuava dormindo aos seus pés mas, depois de alguns cutucões amigáveis, resolveu virar-se e continuou roncando no meio da cama. Nu, com a caneca na mão, Nash começou a vagar pelo quarto.

Havia um dragão de prata polida na mesa-de-cabeceira, com a cabeça atirada para trás e a cauda levantada. O pavio colocado entre as mandíbulas abertas indicava que ele devia cuspir fogo, quando aceso.

Morgana tinha também uma linda penteadeira, com a banqueta forrada, que Nash considerava extremamente feminina. Podia imaginá-la sentada ali, passando a escova de prata incrustada de pedras por entre os cabelos, ou tratando a pele com os cremes e loções contidos nos frascos coloridos que ali estavam, brilhando sob a luz do sol.

Incapaz de resistir, Nash pegou um dos frascos, removendo a longa tampa de cristal, e aspirou.

Naquele momento, foi como se ela estivesse ali no quarto, ele quase pôde vê-la. Tal era a complexidade e o poder da magia daquela mulher.

Relutante, fechou o frasco e deixou-o onde estava. Diabos, não queria esperar por ela o dia inteiro. Não queria esperar nem mesmo uma hora.

"Calma, Kirkland", disse a si mesmo. Ela saíra apenas cinco minutos atrás. Estava agindo como um homem obcecado. Ou enfeitiçado.

Esse pensamento provocou-lhe uma pequena e perturbadora dúvida, que o fez franzir a testa por um momento, e depois descartou. Não estava sob nenhum tipo de feitiço, pensou. Sabia exatamente o que estava fazendo, e tinha total controle de seus atos. Era apenas aquele quarto, que continha tantas coisas dela, que o fazia desejá-la ainda mais.

Com expressão preocupada, passou os dedos por uma pilha de pedras lisas e coloridas que ela guardara numa vasilha de vidro. Se estivesse obcecado, Isto também podia ser explicado. Morgana não era uma mulher comum. Depois do que vira, com tudo o que sabia, era natural pensar nela com mais frequência do que costumava pensar nas outras. Afinal, o sobrenatural era o seu forte. E Morgana era a prova viva de que o extraordinário existia no mundo real.

E era uma amante maravilhosa. Generosa, livre, desavergonhadamente receptiva. Tinha senso de humor, era esperta — inteligente, além de possuir um corpo ágil e sensacional. Apenas uma combinação como esta seria capaz de fazer qualquer homem ajoelhar-se e implorar. Quando se acrescentava a pitadinha de magia, ela se tornava irresistível.

Além de tudo, ela o ajudara com sua história. Quanto mais Nash pensava sobre isso, mais se certificava de que aquele roteiro era o melhor trabalho que já fizera.

Mas e se ela não gostasse? Tal idéia explodiu em sua mente como raio, e ele ficou imóvel, olhando para o vazio. Só porque tinham dormido juntos, e compartilhado algo inalcançável demais para que ele pudesse nomear, não significava que ela iria entender e apreciar seu trabalho.

O que diabos ele estava pensando, quando lhe dera o roteiro para ler antes mesmo de corrigi-lo?

Que ótimo, pensou com desgosto enquanto abaixava-se para pegar a calça jeans. Agora iria preocupar-se com isso pelas muitas horas que teria pela frente. Arrastando-se para o banheiro, perguntou-se como conseguira envolver-se tão profundamente com uma mulher capaz de enlouquecê-lo de tantas maneiras.

CAPÍTULO 8

Mais de quatro horas se passaram, antes que Morgana tivesse a chance de tomar uma xícara de chá e ter um momento sozinha. Clientes, telefonemas e mercadorias que chegavam mantiveram-na tão ocupada que mal teve tempo de dar uma espiada nas primeiras páginas do roteiro de Nash.

E o pouco que leu deixou-a interessada o bastante para ressentir-se de cada interrupção. Agora, esperava a água ferver enquanto beliscava um cacho de uvas. Mindy estava na loja, atendendo dois estudantes universitários. E, desde que ambos eram rapazes, Morgana sabia que ela não precisava de nenhuma ajuda.

Com um suspiro, preparou o chá, deixou-o descansando e acomodou-se com o roteiro de Nash na mão.

Uma hora mais tarde, esquecera-se do chá, que já esfriara no bule. Fascinada, voltou para a primeira página e começou a ler novamente. Era brilhante, pensou, sentindo uma onda de orgulho ao pensar que o homem a quem amava era capaz de criar algo tão rico, tão inteligente, tão absorvente.

Talentoso, sim. Ela sempre soubera que Nash tinha talento. Seus filmes sempre a divertiram e impressionaram. Porém, nunca havia lido um roteiro de cinema, antes. De alguma forma, imaginara que não haveria nada além um esboço, uma estrutura na qual o diretor, os atores e técnicos se baseariam para montar um filme que agradasse às platéias. Mas aquele texto possuía força, era tão cheio de vida e alma, que nem parecia tratar-se apenas de palavras colocadas no papel. Ela podia ver as cenas, ouvir, sentir.

Imaginou que, quando tais recursos extras fossem acrescentados pelos atores, pela câmera e pelo diretor, Nash bem poderia ter nas mãos o melhor filme da década.

Ficou admirada ao perceber que aquele homem a quem julgava charmoso, um tanto pretensioso, e muitas vezes convencido, possuía algo assim em seu interior. No entanto, ela tivera a noite anterior para descobrir os poços profundos de ternura que ele guardava dentro de si.

Deixando o roteiro sobre a mesa, recostou-se na cadeira. E ela que sempre se considerara tão astuta, pensou com um sorrisinho. Quantas surpresas Nash Kirkland ainda guardaria na manga?

Nash estava trabalhando na surpresa seguinte com a maior concentração que podia. A inspiração surgira de repente, e ele nunca deixava uma boa idéia passar

despercebida.

Sentiu uma pontinha de preocupação ao lembrar-se de que deixara a porta dos fundos da casa de Morgana destrancada. Mas calculava que com a reputação dela, e com o cachorro, que mais parecia um lobo, rondando pelo quintal, ninguém se atreveria a invadir a casa.

De qualquer forma, desconfiava que Morgana já devia ter providenciado algum tipo de feitiço protetor para a casa.

Teria de ser perfeito, disse a si mesmo enquanto lutava para arrumar uma braçada de flores, compradas, dessa vez, num vaso. Elas pareciam ter vida própria, com as hastes enroscando-se e os botões pendendo para os lados errados. Depois de várias tentativas, o arranjo ainda dava a impressão de que as flores tinham sido enfiadas no vaso por uma descuidada criança de dez anos. Quando finalmente terminou, havia enchido três vasos e estava feliz por reconhecer que jamais daria um bom diretor de cenário.

Mas as flores tinham um perfume delicioso.

Um rápido olhar no relógio avisou-o de que o tempo estava ficando escasso. Ajoelhou-se diante da lareira e acendeu o fogo. Exigiu mais tempo e, ele calculava, muito mais esforço do que Morgana precisaria, mas, enfim conseguiu que as chamas se erguessem alegremente na lenha. Um fogo não era realmente necessário, mas ele gostava do efeito.

Satisfeito, levantou-se para verificar o cenário que montara com tanto cuidado. A mesa estava posta para dois, com uma toalha branca que ele encontrara na gaveta de um dos armários da sala de jantar.

Embora a sala de jantar tivesse suas possibilidades, com o teto alto e a enorme lareira, achou que a saleta de estar seria mais aconchegante.

A porcelana também era dela, muito bonita e antiga, com botõezinhos de rosas enfeitando as beiradas dos pratos brancos e reluzentes. Ele arrumara os pesados talheres de prata nos lugares, e as taças de champanhe de cristal. Tudo dela, também. E dobrara cuidadosamente em forma de triângulo, os guardanapos de damasco rosa escuro.

Perfeito, concluiu. Depois, praguejou.

Música. Como podia ter se esquecido da música? E das velas. Correu para o aparelho de som e vasculhou por entre uma enorme coleção de CDs. Chopin, decidiu, embora estivesse mais sintonizado com os Rolling Stones do que com a música clássica. Ligou o aparelho e inseriu o disco, e assentiu com aprovação ao ouvir os primeiros acordes. Então iniciou a busca pelas velas.

Dez minutos depois conseguira distribuir uma dúzia delas Por toda a sala, brilhando e exalando fragrâncias de baunilha, Jasmim e sândalo.

Mal teve tempo de congratular-se quando ouviu o carro de Morgana chegar. E

correu para a porta, alcançando-a apenas alguns centímetros antes que Pan.

Lá fora, Morgana franziu a testa ao ver o carro de Nash. Porém, o fato de que ele estava quase meia hora adiantado não a aborreceu. Nem um pouco. Estava sorrindo, quando encaminhou-se para a porta, levando o roteiro sob um dos braços e uma garrafa de champanhe no outro.

Nash abriu a porta e envolveu-a num beijo longo e apaixonado. Querendo receber seu próprio agrado Pan fez o possível para intrometer-se entre eles.

— Olá — Nash falou, quando seus lábios separaram-se.

— Olá. — Morgana entregou-lhe a garrafa e o envelope para que pudesse afagar o pêlo de Pan antes de fechar a porta. — Você está adiantado.

— Eu sei. — Nash examinou o rótulo da champanhe. Ora, ora... Estamos comemorando alguma coisa?

— Achei que podíamos comemorar. — Quando ela endireitava o corpo, a alça do vestido escorregou pelo seu ombro.

— Na verdade, é um presente de parabéns para você. Mas espero que divida comigo.

— Com todo prazer. Por que estou recebendo os parabéns?

Morgana fez um gesto na direção do envelope que ele segurava.

— Por isto. Sua história.

Ele sentiu o nó, que permanecera em seu estômago durante todo o dia, desfazer-se.

— Você gostou.

— Não. Adorei. E, assim que me sentar e tirar os sapatos, vou lhe dizer por quê.

— Vamos entrar. — Depois de passar a garrafa e o envelope para uma só mão, Nash enlaçou-lhe o ombro.

— Como estão as coisas na loja?

— Ah, muito bem. De fato, estou até pensando em perguntar a Mindy se não gostaria de trabalhar uma ou duas horas a mais. Estamos tendo... — As palavras ficaram suspensas no ar, quando ela entrou na saleta.

A luz das velas era tão mística e romântica quanto raios de luar, reluzindo na prataria, lançando arco-íris nos cristais.

Em toda parte havia o perfume das flores e das velas, e o delicioso soar dos violinos. O fogo ardia suavemente na lareira.

Não era sempre que alguma coisa a fazia perder o equilíbrio. Agora, sentia a ferroada das lágrimas no fundo da garganta, lágrimas que eram provocadas por uma emoção tão pura e verdadeira que ela mal pôde suportar.

Olhou para ele, e o luzir das velas formou dezenas de estrelas em seus olhos.

— Você fez tudo isso para mim?

Também emocionado, Nash roçou os dedos no rosto dela.

— Acho que foram os duendes.

Sorrindo, Morgana beijou-o de leve.

— Pois eu gosto muito dos duendes.

Nash virou-se, de forma que seus corpos se encontraram.

— E como se sente a respeito de roteiristas de cinema?

Os braços dela enlaçaram-lhe a cintura, confortavelmente.

— Estou aprendendo a gostar deles, também.

— Ótimo. — Enquanto a beijava, Nash percebeu que suas mãos estavam ocupadas demais para permitirem que a acariciasse. — Espere um pouco, vou me livrar deste envelope e abrir o champanhe.

— Parece uma idéia excelente.

Com um suspiro longo e prazeroso, Morgana tirou os sapatos enquanto ele atravessava a sala para pegar a garrafa de champanhe que deixara no balde de gelo. Virou as duas garrafas para ela, mostrando-lhe os rótulos idênticos.

— Telepatia? — perguntou.

Movendo-se na direção dele, ela sorriu.

— Tudo é possível.

Nash deixou o envelope de lado, enfiou a segunda garrafa no gelo e abriu a primeira, com um alegre estampido. Serviu a bebida e, depois de entregar uma taça a ela tocou-a num brinde.

— À magia.

— Sempre — Morgana murmurou, e bebeu. Tomando-lhe a mão, levou-o para o sofá, onde poderiam admirar o fogo abraçadinhos. — Então, o que fez hoje, além de invocar alguns duendes?

— Queria lhe mostrar o meu lado Cary Grant.

Rindo, ela roçou os lábios no rosto dele.

— Eu gosto de todos os seus lados.

Sorrindo, Nash apoiou os pés na mesa de centro.

— Bem, passei um bocado de tempo tentando arrumar as flores, para que parecessem como nos filmes.

Morgana olhou em volta.

— Temos de concordar que seus talentos não abrangem os arranjos florais. Mas adorei as flores.

— Imaginei que o esforço valeria a pena. — Nash distraiu-se mexendo num dos brincos dela. — Fiz algumas correções no roteiro. Pensei muito em você. Recebi um telefonema muito animado do meu agente. Pensei em você mais um pouco.

Ela deu uma risadinha e recostou a cabeça no ombro dele. Lar. Ali era o seu

lar, sem a menor sombra de dúvida.

— Parece que você teve um dia muito produtivo. Por que seu agente estava tão animado?

— Bem, acontece que ele recebeu uma oferta de um produtor interessadíssimo.

Morgana endireitou o corpo, fitando-o com alegria.

— O seu roteiro.

— Foi aceito logo na primeira vez. — Parecia um tanto estranho... Não, Nash pensou, era maravilhosamente estranho ter alguém tão contente por ele. — Na verdade, é apenas o esboço, mas desde que parece que a sorte está me sorrindo, já temos um acordo em andamento. Vou deixar o roteiro "descansar" por alguns dias, depois darei mais uma olhada. Só então o enviarei para ele.

— Não é sorte. — Morgana fez outro brinde com as taças. — Você tem a magia. — Pousou o dedo na têmpora dele. — Bem aqui — Depois, tocou-o no coração. — Ou de onde quer que a imaginação venha.

Pela primeira vez em sua vida adulta, Nash sentiu que iria ruborizar. Então, em vez disso, beijou-a.

— Obrigado. Eu não teria conseguido, se não fosse por você.

Com um riso leve, ela recostou no sofá.

— Detesto discordar de você. Portanto, não vou.

Distraído, Nash deslizou a mão pelos ombros dela. Sentia-se imensamente bem, percebeu, apenas estando sentado ali, ao final do dia, com alguém que era importante para ele.

— Que tal alisar meu ego e dizer-me porque gostou do roteiro?

Morgana estendeu a taça, para que ele tornasse a enchê-la.

— Duvido que seu ego precise ser alisado mas, de qualquer forma, vou lhe dizer.

— Fique à vontade e não se apresse. Não quero que esqueça de nada.

— Todos os seus filmes possuem uma trama. Mesmo quando há sangue espalhado por todos os lados, ou algo terrível arranhando a janela, existe neles uma qualidade que vai além dos sustos ou do medo. Neste roteiro, embora seja bem provável que você faça alguns corações dispararem com a cena do cemitério, e com aquele negócio no sótão, você dá um passo adiante. — Morgana virou o rosto para ele. — Não é somente uma história de feitiçarias e do poder de conjurar forças do bem e do mal. É sobre pessoas, e sobre sua humanidade básica. Sobre acreditar em coisas maravilhosas e confiar em seu coração. É um tipo de celebração divertida pelo fato de ser diferente, mesmo quando isso é difícil. No final, apesar do terror, da dor e do sofrimento, existe o amor. E isso é o que todos nós desejamos.

— Você não se importou por eu ter feito Cassandra preparar seus feitiços com terra de cemitério, ou com os cânticos junto ao caldeirão fumegante?

— Considerei como licenças poéticas — Morgana respondeu, arqueando a sobrancelha. — Creio que achei possível tolerar essas coisas em nome da sua criatividade. Mesmo quando ela se dispôs a vender a alma ao demônio para salvar Jonathan.

Encolhendo os ombros, Nash esvaziou a taça.

— Se Cassandra possuía o poder para o bem, a história não teria muito impacto se, ao menos uma vez ela não tivesse de enfrentar-se com o poder do mal. Veja bem, existem alguns "mandamentos básicos para o terror. E, embora essa não tenha se tornado exatamente uma história de terror, acho que tais mandamentos ainda se aplicam.

— O máximo do bem contra o máximo do mal? — ela sugeriu.

— Este é um deles. Outro: os inocentes precisam sofrer — Nash acrescentou. — Depois, há sempre o rito de passagem. E é preciso que jorre sangue destes mesmos inocentes.

— Algo bem másculo — Morgana disse, irônica.

— Ou bem feminino. Não tenho preconceitos quanto ao sexo. E o bem deve, através de muitos sacrifícios, sempre triunfar.

— Parece justo.

— Há mais um, o meu preferido. — Nash passou o dedo pela nuca de Morgana, provocando-lhe um arrepio. — A platéia deve pensar, e continuar pensando, que qualquer que seja o mal que tenha sido eliminado, ele ainda poderá esgueirar-se furtivamente, mesmo depois da cena final.

Ela pressionou os lábios.

— Todos nós sabemos que o mal sempre se esgueira furtivamente.

— Isso mesmo. — Ele sorriu. — Do mesmo jeito que todos nós nos perguntamos, de vez em quando, se há realmente alguma coisa fazendo barulho dentro do armário no meio da noite. Depois que as luzes estão apagadas, e quando estamos sozinhos. — Mordiscou o lóbulo da orelha dela. Ou o que realmente está fazendo aquele barulho de galhos na janela, ou esquivando-se pelas sombras, esperando, pronto para assumir sua forma e...

Quando a campainha tocou, Morgana deu um pulo. Nash riu. Ela praguejou.

— Quer que eu atenda? — ele perguntou.

Ela endireitou o corpo com dignidade e puxou a saia para os joelhos.

— Sim, por favor.

Quando Nash se afastou, ela estremeceu de leve. Ele era bom, admitiu. Tão bom que ela, com todo seu conhecimento, fora enganada direitinho. Ainda estava decidindo se deveria ou não perdoá-lo quando Nash voltou para a sala

acompanhado de um homem alto e grandalhão, que equilibrava uma enorme bandeja. Ele usava um smoking branco e gravata borboleta vermelha. Bordado no bolso do paletó estava o nome Chez Maurice..

— Pode deixar na mesa, Maurice.

— Meu nome é George, senhor — o homem falou, num tom de desculpas.

— Tudo bem. — Nash piscou para Morgana. — Apenas deixe tudo aí em cima.

— Receio que isso demore algum tempo.

— Nós temos tempo.

— A mousse de café precisa ficar na geladeira, senhor — George salientou. Nash percebeu que o pobre homem tinha uma desculpa permanentemente presa na garganta.

— Eu levo para a cozinha.

Morgana levantou-se para pegar o recipiente. Quando saiu da sala, ouviu George murmurar tristemente que o radicchio não estava muito bom naquele dia, e que teriam de contentar-se com as endívias.

— A vida dele é cozinhar — Nash explicou quando Morgana retornou, momentos depois. — É capaz de chorar quando pensa no desprezo com que os entregadores tratam os cogumelos recheados, machucando-os sem piedade.

— São uns selvagens — Morgana ironizou.

— Exatamente o que eu disse. Isso fez com que George se sentisse um pouco melhor. Ou, talvez, tenha sido a gorjeta.

— Então, o que foi que George trouxe para nós? — Ela passou os olhos pela mesa. — Salada de endívia.

— O radicchio não estava...

— Muito bom — ela completou. — Eu ouvi. Humm... lagosta.

— À la Maurice.

— É claro. — Morgana sorriu sobre o ombro, enquanto Nash lhe puxava uma cadeira. — Existe mesmo um Maurice?

— George lamentou muito informar que ele morreu há três anos. Mas continua presente em espírito.

Ela riu e começou a comer com prazer.

— É um efeito muito criativo de encomendar comida pronta.

— Pensei em pedir frango assado, mas achei que a lagosta causaria uma impressão melhor.

— E causou. — Morgana mergulhou um pedaço de lagosta na manteiga derretida, observando-o enquanto levava o garfo a boca. — Você montou um cenário muito bonito, Nash. — Roçou levemente a mão sobre a dele. — Obrigada.

— Disponha. — Na verdade, ele esperava que houvesse ainda muitos outros cenários, por muitas outras vezes. Com apenas eles, somente os dois, sendo os únicos personagens.

Apanhou-se de repente, surpreso ao ver que estava acalentando pensamentos tão sérios. E tão permanentes. Para acalmar-se um pouco, serviu mais champanhe.

— Morgana?

— Sim?

— Há algo que estou querendo lhe perguntar a dias. — Nash levou a mão dela aos lábios, achando a sua pele muito mais sedutora do que a comida. — A sobrinha da senhora Littleton vai ao baile de formatura?

Morgana piscou, primeiro, depois ergueu a cabeça e riu.

— Meu Deus, Nash, você é um romântico!

— Apenas curioso. — Sem resistir ao brilho divertido nos olhos dela, ele sorriu. — Certo, está bem. Sou tão favorável aos finais felizes quanto qualquer outra pessoa. Então, ela conseguiu o rapaz que queria?

Morgana pegou mais um pedaço de lagosta.

— Parece que Jessie conseguiu reunir coragem para perguntar a Matthew se ele gostaria de acompanhá-la ao baile.

— Bom para ela. E...

— Bem, a informação que tenho veio através da senhora Littleton, portanto pode não ser muito exata.

Nash inclinou-se na mesa e perpassou o dedo na ponta do nariz dela.

— Escute aqui, benzinho, eu sou o escritor. Você não precisa fazer uma pausa para criar suspense. Fale de uma vez.

— Minha informação é que ele ruborizou, gaguejou um pouco, ajeitou aqueles óculos com aros de tartaruga tão engraçadinhos que usa, e disse "acho que sim".

Solenemente, Nash ergueu a taça.

— Um brinde a Jessie e Matthew.

Morgana também ergueu a sua.

— Ao primeiro amor. Que é o mais doce.

Ele não tinha muita certeza quanto a isso, desde que tivera tanto sucesso em evitar a experiência.

— O que aconteceu ao seu namoradinho de escola? — perguntou.

— O que o faz pensar que tive um?

— Ora, todo mundo teve.

Morgana reconheceu que sim, inclinando a cabeça para o lado.

— Na verdade, houve mesmo um garoto. O nome dele era Joe, e jogava no time de basquete.

— Um atleta.

— Nem tanto, ele ficava na reserva. Mas era alto. A altura era importante para mim, naquela época, pois eu ultrapassava todos os meninos da minha classe. Nós namoramos um pouco, durante o último ano do colégio. Ela bebeu o champanhe. — E tivemos bons momentos em seu Ford 72.

— De duas portas?

— Acho que sim.

— Gosto de ter uma boa visualização. — Nash estreitou os olhos. — Não pare agora, já posso ver tudo.

Cena externa, noite. O carro estacionado numa rua escura, deserta. Os dois namorados agarradinhos, trocando beijos desesperados e furtivos enquanto o rádio toca o tema de A Summer Place.

— Creio que a música da época era Hotel Califórnia ela corrigiu.

— Tudo bem. Quando os últimos acordes da guitarra desaparecem no ar...

— Sinto muito, mas paramos aí mesmo. Ele foi para Berkeley no outono, e eu fui para Radcliffe. A boa altura e os belos lábios não foram suficientes para manter meu coração envolvido a uma distância de duzentos quilômetros.

Nash suspirou em nome de todos os homens.

— Fraqueza, teu nome é mulher.

— Pois acho que Joe recuperou-se admiravelmente. Casou-se com uma economista e mudou-se para St. Louis. Pela última contagem, os dois já tinham produzido três quintos de seu próprio time de basquete.

— Pobre e velho Joe.

Desta vez, foi Morgana quem encheu as taças.

— E quanto a você?

— Nunca gostei muito de jogar basquete.

— Eu estava me referindo às namoradas.

— Ah... — Nash recostou na cadeira, desfrutando do momento: o fogo estalando na lareira, a bela mulher lhe sorrindo por sobre as velas acesas, a deliciosa efervescência da champanhe em sua cabeça. — O nome dela era Vicki com i. Era animadora de torcida.

— E o que mais?

— Fiquei rondando-a por quase dois meses, antes de criar coragem de convidá-la para sair. Eu era tímido...

Morgana sorriu por sobre a borda do copo.

— Não acredito...

— Sim, é verdade. Fui transferido para a escola no meio do semestre do último ano colegial. Àquela altura, todos os grupos e panelinhas já estavam firmemente estabelecidos e não se abriam nem com uma alavanca. Quando se

fica de fora, sobra muito tempo para observar e imaginar.

Morgana sentiu um lampejo de simpatia, mas não teve certeza se ele gostaria de saber.

— E, então, você passava o tempo observando a garota.

— Passava o tempo todo olhando para Vicki. Pareciam séculos. A primeira vez em que a vi fazendo acrobacias para a torcida, fiquei apaixonado. — Nash fez uma pausa, analisando Morgana. — Você era a líder da torcida?

— Não, sinto muito...

— É pena. Eu ainda tenho palpitações quando vejo uma garota fazendo acrobacias. De qualquer forma, finalmente juntei coragem para convidá-la para ir ao cinema. Era "Sexta-Feira 13". O filme, não o dia.

Enquanto Jason decepava todos aqueles infelizes adolescentes, eu fazia os meus primeiros ataques desajeitados. Mas Vicki foi receptiva, e ficamos juntos pelo restante do ano escolar. Depois ela acabou me trocando por um marginal que dirigia uma moto e tinha uma tatuagem.

— Que pena...

Encolhendo os ombros com resignação, Nash retirou a lagosta da casca.

— Ouvi dizer que ela fugiu para se casar com ele, e foram morar num trailer em El Paso. O que é o mínimo que ela merecia, depois de despedaçar meu coração.

Inclinando a cabeça, Morgana lançou-lhe um olhar enviesado.

— Acho que você está inventando tudo isso.

— Somente uma parte.

Ele não gostava de falar sobre seu passado, com ninguém. A fim de distraí-la, levantou-se e foi trocar o CD. Agora, os acordes de uma música lenta e sonhadora de Gershwm encheram o ar. Voltando para a mesa, Nash pegou-a pela mão e a fez levantar.

— Quero abraçar você — disse, simplesmente.

Morgana moveu-se docilmente para os braços dele e deixou-se levar. A princípio, ficaram apenas balançando sob a música, ele com os braços rodeando-lhe a cintura, ela com os seus apoiados na nuca de Nash, ambos com os olhos fixos um no outro. Então, aos poucos ele guiou-a para uma dança, de forma que seus corpos moviam-se juntos, acompanhando o ritmo suave da música.

Nash constatou que sempre se lembraria de Morgana sob a luz das velas. Combinava tão bem com ela.

A pele irlandesa e sedosa iluminava-se, parecendo tão frágil e delicada quanto a porcelana enfeitada de rosinhas. Os cabelos, negros como a noite que aprofundava-se por trás das janelas, estavam banhados por minúsculas luzinhas de estrelas. Havia mais estrelas em seus olhos, espalhadas como uma poeira

lunar no profundo azul noturno.

O primeiro beijo foi tranquilo, um suave encontro dos lábios que prometia muito mais. Prometia qualquer coisa que pudesse ser desejada. Nash sentiu o champanhe girar-lhe a cabeça, quando baixou os lábios novamente, e Morgana recebeu-os com seus próprios lábios entreabertos como pétalas de rosa.

Ela deslizou os dedos pelo pescoço dele, sedosos, tencionando-lhe os nervos da superfície. Um gemido baixo escapou-lhe da garganta, um gemido que fez com que o sangue de Nash fervesse em resposta. Seu corpo moveu-se contra o dele, enquanto o beijo ficava mais profundo. Seus olhos mantinham-se abertos, sugando-o para dentro de si.

Nash espalmou as mãos nas costas dela, excitado pelo rápido estremecimento que obteve em resposta. Olhando-a, desejando-a, desamarrou a fita que prendia-lhe a trança, passando os dedos entre as mechas intrincadas, desfazendo-as. Podia ouvi-la ofegar, ver seus olhos obscurecerem-se, enquanto procurava novamente aqueles lábios macios, puros.

Morgana sentia o sabor do perigo, do prazer e do desespero. Tal combinação ergueu-se como um turbilhão dentro de si, uma mistura mais intoxicante do que qualquer vinho. Os músculos dele pareciam fios de aço sob suas mãos, e ela tremeu com um misto de medo e prazer ao imaginar o que aconteceria quando se distendessem.

O desejo tomava muitas formas. Naquela noite, ela sabia, não viria como a exploração paciente e reverente que tinham experimentado antes. Naquela noite, haveria um fogo devastador.

Algo explodiu dentro dele. Nash quase podia ouvir as correntes de seu autocontrole se rompendo.

Afastou-se, com as mãos ainda segurando os braços dela, seu corpo como uma massa de dores e desejos.

Morgana nada falou, limitando-se e fitá-lo, os lábios macios e marcados pelos dele, os cabelos emaranhados como uma noite inquieta em torno dos ombros. Os olhos repletos de nuvens e promessas secretas.

Nash tornou a abraçá-la. E, enquanto sua boca a devorava, ergueu-a nos braços.

Morgana jamais acreditara que se deixaria ser arrastada daquela maneira. Mas estava enganada.

Enquanto Nash saía da sala e subia as escadas, tanto sua mente quanto seu corpo o acompanhavam de bom grado. Mais do que pronta, deixou os lábios percorrerem o rosto dele, deslizando pelo pescoço e, depois, novamente para encontrar-lhe a boca ávida.

Nash não parou na porta do quarto, nem mesmo quando viu que ela trouxera

as velas e a música com eles. A cama estava no centro de seu brilho, acenando-lhes. Ele tombou sobre ela, com Morgana nos braços.

Mãos impacientes, bocas famintas, palavras desesperadas. Nash não se saciava. Não haveria o suficiente para preencher sua necessidade voraz. Sabia que ela estava com ele, chama por chama, exigência por exigência, mas queria levá-la mais além, mais rápido, até que nada mais houvesse a não ser o calor ardente e o vento selvagem.

Morgana não conseguia respirar. O ar estava pesado demais, e quente, tão quente que ela imaginou que sua pele iria explodir em chamas. Procurou por ele, pensando que poderia pedir, implorar por um momento, uma pausa para que pudesse parar e recuperar a sanidade. Então os lábios dele tornaram a esmagar os seus, e até o desejo pela razão desvaneceu-se.

Num louco impulso de avidez, Nash enfiou a mão pelas alças do vestido dela. As tiras abriram-se como minúsculas explosões, revelando a pele ardente e um sedutor sutiã de renda preta. Com um gemido incontido, ele arrebentou o frágil fecho nas costas, fazendo com que os seios transbordassem em suas mãos inquietas.

Morgana gritou, não por medo nem dor, mas de prazer, enquanto a boca ansiosa cravava-se em sua pele.

Nash era implacável, inexorável, imprudente. O desejo parecia penetrá-lo como lâminas ardentes, cortando todos os laços com tudo o que fosse civilizado. Suas mãos moviam-se sobre ela, deixando marcas doloridas e trêmulas em sua trilha.

A resposta dela não foi a submissão, nem a rendição, mas sim uma ânsia que tornou-se tão ardente quanto a dele. Ela exigia, atormentava, provocava.

Rolaram juntos sobre a cama, tomados por um embate de paixão, as mãos selvagens arrancando e rasgando as roupas, buscando o prazer da pele nua e quente. Nash fez o que bem queria, libertando cada fantasia obscura que guardava no mais íntimo de si. Tocando, provando, devorando.

Morgana estremeceu, colando-se a ele enquanto as ondas atiravam-se sobre ela, deixando-a exaurida.

O nome dele era um cântico inconsciente que lhe saía dos lábios trêmulos, um cântico que terminou num soluço quando Nash a fez pairar novamente nos ares.

Atordoada, ela subiu sobre ele. Nash podia ver a luz das velas reluzindo em sua pele, e seus olhos, escuros e atônitos pelo que ele lhe dera. Sabia que morreria se não a tivesse naquela noite, na noite seguinte, em milhares de outras.

Pressionou-a de costas no colchão, prendendo-lhe as duas mãos. Com a respiração ofegante, conteve-se o suficiente para que seus olhos se encontrassem. Foi um desafio o que viu nos olhos dela? Ou seria triunfo?

Então, penetrou-a. As mãos dela enrijeceram sob as dele e seu corpo arqueou-se para recebê-lo.

Velocidade. Poder. Glória. Voavam juntos, a cada investida, com a força nascida dos desejos estilhaçados. Nash beijou-a novamente, com desespero. Morgana abraçou-o, mergulhando as unhas em suas costas.

Nash sentiu a convulsão no ágil corpo dela, ouviu-a ofegar de prazer. Então, sua própria mente obscureceu-se enquanto saltava pelo fio da navalha a fim de segui-la.

Muito tempo depois, ele arrastou-se de volta pelo caminho da razão. Girou o corpo sobre o dela, querendo deixá-la respirar. Agora, Morgana estava de costas, esparramada sobre a cama. Recuperando o fôlego, Nash observou-a nas sombras, enquanto recordava rapidamente o que acontecera entre eles. E não teve certeza se deveria sentir-se envergonhado ou maravilhado.

Ele havia... bem, imaginava que atacar seria uma palavra adequada para o que fizera. Sem dúvida não se preocupara muito com delicadezas. No entanto, por maior que fosse o prazer que já desfrutara com uma mulher, nunca antes havia escorregado para os limites da loucura, como acontecera há pouco. Tinha seus pontos positivos, porém ele não sabia como Morgana estaria se sentindo a respeito de ter as roupas rasgadas e arrancadas.

Nash pousou a mão incerta sobre o ombro dela, que estremeceu. Franzindo a testa, ele tentou novamente.

— Morgana... você está bem?

Ela emitiu um som, algo entre um gemido e um soluço. Nash sentiu um rápido lampejo de medo, ao pensar que ela estava chorando. Parabéns, Kirkland, pensou furioso enquanto fazia mais uma tentativa.

Passou a mão pelos cabelos macios.

— Morgana, meu bem, desculpe se eu...

Deixou as palavras no ar, sem saber o que dizer. Lentamente ela virou a cabeça, conseguindo erguer a mão inerte o bastante para afastar os cabelos emaranhados do rosto.

Piscou para ele.

— Você disse alguma coisa?

— Eu só... Você está bem?

Ela suspirou. Um som longo e felino, que provocou uma pontada no corpo traiçoeiro dele.

— Se estou bem? — Morgana parecia provar cada palavra, testando-as com a língua. — Acho que não. Pergunte novamente quando eu encontrar forças para me mexer. Estendeu a mão sobre os lençóis amarrotados, procurando a dele. — Você está?

— Estou o quê?

— Está bem?

— Não fui eu o atacado.

A palavra fez com que um sorriso se espalhasse preguiçosamente no rosto dela.

— Não? Pois achei que tinha feito um bom trabalho. Ela espreguiçou-se, satisfeita em ver que seu corpo estava quase funcionando novamente. — Dê-me uma hora, e podemos tentar outra vez.

O alívio espalhou-se sobre ele.

— Quer dizer que não está zangada?

— Pareço zangada?

Ele pensou melhor. Morgana parecia uma gata que acabara de banquetear-se com um litro de creme de leite. Nem mesmo percebeu que também começara a sorrir.

— Não, acho que não.

— Está satisfeito consigo mesmo, não está?

— Talvez sim. — Nash começou a estender a mão para abraçá-la, mas viu que seus dedos enroscavam-se no que sobrara do sutiã dela. — E você?

Morgana reparou que o sorriso não desaparecia do rosto dele. Nash olhava para ela, mas cantarolava baixinho enquanto removia a renda rasgada dos dedos. Morgana ajoelhou-se na cama, notando que os olhos muito satisfeitos percorriam-na por inteiro.

— Sabe de uma coisa, Nash?

— Não. O quê?

— Vou ter de apagar este sorrisinho do seu rosto.

— É mesmo? Como? — Atirando os cabelos para trás, ela posicionou-se sobre ele. Devagar, sinuosamente, escorregou para baixo.

— Nem queira saber.

CAPÍTULO 9

No que dizia respeito a Nash, a vida era perfeita. Passava os dias fazendo o que mais gostava e era bem pago por isto. Tinha boa saúde, uma casa nova e um interessante acordo em andamento. E, melhor de tudo estava desfrutando de um incrível caso de amor com uma mulher fascinante. Uma mulher a quem, ele descobrira nas últimas semanas, não apenas sentia-se desesperadamente atraído, mas também considerava uma amiga.

Ao longo de muitos anos de tentativas e erros, Nash aprendera que uma amante com quem não se tem prazer fora da cama poderia satisfazer o corpo, mas deixava o espírito querendo mais. Com Morgana, encontrara uma mulher com quem podia rir, conversar, discutir e fazer amor, tudo isso com uma sensação de intimidade que jamais experimentara antes.

Uma sensação de intimidade que ele nunca imaginara querer tanto.

Às vezes, até se esquecia de que ela era algo mais do que uma simples mulher.

Agora, depois de terminar a série de abdominais que obrigava-se a fazer três vezes por semana, ficou pensando nos últimos dias que tinham passado juntos.

Haviam feito um longo e divertido passeio de carro até Big Suf, parando num mirante para admirar a vista deslumbrante das colinas e do mar batendo nos rochedos, enquanto o vento chicoteava-lhe os cabelos.

Como turistas, tiraram fotos com a máquina fotográfica de Morgana, e filmaram com a câmera de vídeo dele.

Embora se sentisse um pouco tolo, ele até apanhara algumas pedras, quando ela não estava olhando, e as guardara no bolso como uma lembrança daquele dia.

Nash a seguira de perto enquanto ela perambulava pelas lojas em Carmel, demonstrando bom humor quando Morgana empilhava as sacolas de compras em seus braços.

Almoços no terraço de algum adorável café, cercados de flores. Piqueniques ao pôr-do-sol na praia, sentados abraçados, com a cabeça dela em seu ombro enquanto a enorme esfera vermelha lançava fogo no céu e mergulhava no mar de azul intenso.

Era quase como se estivessem namorando.

Com um leve resmungo, Nash deixou os braços relaxarem. Namorando? Não, não era nada disso, assegurou-se, deitando de costas. Simplesmente gostavam da companhia um do outro, e muito. Mas não era namoro. O namoro tinha o hábito desprezível de acabar em casamento.

E casamento, ele decidira muito tempo atrás, era uma experiência que não

pretendia ter.

Uma dúvida incômoda surgiu em sua mente, enquanto levantava-se para flexionar os músculos que exercitara pela última meia hora. Teria feito alguma coisa que a fizesse pensar que o relacionamento que tinham agora poderia levar a algo... bem, algo legal e permanente? Com DeeDee ele havia deixado tudo bem claro desde o início, e ainda assim ela continuara pensando que seria capaz de fazê-lo mudar de idéia.

Porém, não dissera nada à Morgana. Estivera ocupado demais apaixonando-se por ela para ser prático.

A última coisa que queria era magoá-la. Morgana era importante demais, significava muito para ele. Ela era...

"Vá com calma, Kirkland", alertou-se. Sim, sem dúvida ela era importante. Gostava dela. Mas isso não significava que iria começar a pensar em amor. O amor também tinha o hábito inconveniente de acabar em casamento.

Franzindo a testa, ficou parado no meio do quarto que equipara com aparelhos de musculação. Sem perceber o suor que escorria pelo rosto, analisou cautelosamente os próprios sentimentos. Tudo bem era verdade, ele gostava dela. Talvez mais do que já havia gostado de qualquer pessoa. Mas isso estava bem distante das flores de laranjeira, dos aconchegantes chalés para dois e da família inteira viajando numa *van*.

Esfregando a mão no peito, preparou-se para um exame mais apurado. Por que pensava nela com tanta frequência? Não podia lembrar-se de qualquer outra mulher que se intrometesse em sua rotina diária como Morgana fazia. Havia vezes em que parava de fazer o que quer que estivesse fazendo, apenas para pensar no que ela estaria fazendo. Já não conseguia dormir direito, a não ser que ela estivesse ao seu lado.

E se acordasse de manhã e ela não estivesse ali, começava o dia com uma incômoda sensação de desapontamento.

Era um mau sinal, pensou enquanto pegava uma toalha para enxugar o rosto. Um sinal que deveria ter captado bem antes. Como não escutara nenhum sino de alarme?, perguntou-se. Nenhuma vozinha sussurrando-lhe no ouvido que estava na hora de retroceder um pouquinho.

Em vez disso, ele estivera adiantando-se, correndo para frente com uma pressa precipitada.

Mas ainda não alcançara a beira do precipício. Não ele, Nash Kirkland. Respirou fundo e soltou a toalha. Era apenas a sensação de novidade, decidiu. Logo o imediatismo das emoções que ela lhe provocava iria estabilizar-se até desaparecer.

Encaminhando-se para o chuveiro, assegurou-se de que, como qualquer

viciado, tinha pleno controle da situação. Poderia parar quando quisesse.

Porém, como dedos que buscam uma coceira, sua mente continuava pensando no problema. Talvez ele estivesse bem estivesse no controle mas, e quanto a Morgana? Ela estaria sentindo a mesma coisa? Se estivesse tão envolvida quanto ele, poderia estar imaginando... o quê? Uma vida no subúrbio, com toalhas com monogramas bordados? Um cortador de grama elétrico?

Um jato frio de água atingiu-lhe o rosto. Nash apanhou-se fazendo uma careta.

E ele ainda tivera coragem de afirmar que não tinha preconceitos quanto ao sexo. Ali estava ele, preocupando-se com a possibilidade de Morgana estar acalentando ilusões de casamento e família. Só porque ela era mulher. Ridículo. Ela não estava mais interessada do que ele em dar o passo fatal.

Mas enquanto deixava a água jorrar pela sua cabeça, começou a imaginar.

Cena interior, dia. A casa é uma confusa mistura de brinquedos, roupas transbordando de cestos de plástico e pratos sujos. Num cercadinho colocado no meio da sala, uma criança está berrando. Nosso herói entra em casa, com uma pasta de couro na mão. Está usando um terno escuro e uma gravata estranguladora, com um prendedor. Há um ar de desânimo em seu rosto. Um homem que enfrentou problemas o dia inteiro, e sabe que vai encontrar mais em casa. — Benzinho — ele diz, com uma tentativa de animação. — Cheguei.

O bebê geme e sacode-se no cercado. Resignado, nosso herói deixa a pasta no chão e vai pegar a criança impaciente. A fralda molhada vaza em seu braço.

— Você está atrasado outra vez.

A esposa entra se arrastando. Seus cabelos são uma massa disforme em torno de um rosto cujas linhas são tensas zangadas. Usa um surrado roupão e um par de chinelos felpudos. Enquanto nosso herói balança no colo o bebê molhado e choroso, a esposa põe as mãos na cintura e começa a disparar uma lista de todos os defeitos e deficiências dele alternando com anúncios, de que a máquina de lavar roupa quebrou, de que a pia está entupida e de que ela está grávida, de novo.

No instante em que a cena que estava criando começou a aliviar tanto a mente quanto a consciência de Nash, ela desapareceu, dando lugar a uma outra.

Chegar em casa sentindo no ar o perfume das flores e do oceano. Sorrindo, porque estava exatamente onde queria estar. Onde precisava estar. Entrar na varanda carregando um buquê de flores. A porta se abre, e ela está ali, os cabelos amarrados num rabo-de-cavalo, os lábios curvados num sorriso de boas-vindas. Ela segura nos braços uma criança de cabelos escuros, que ri e estende os bracinhos delicados. Ele abraça a criança, sentindo o cheiro de talco, de bebê e do perfume sutil de sua esposa.

— Estávamos com saudade — ela diz, erguendo o rosto para um beijo.

Nash piscou. Num gesto irritado fechou a torneira do chuveiro e balançou a cabeça.

Havia exagerado um pouco, admitiu. Mas, desde que sabia que a segunda cena era mais fantasiosa do que qualquer coisa que já escrevera, ainda sentiu-se no controle.

Quando saiu do chuveiro, perguntou-se quanto tempo ainda demoraria para Morgana chegar.

Morgana pisou no acelerador e virou O volante para fazer a curva. Era tão bom... não, era fabuloso disparar através da rodovia de três pistas, com as janelas abertas e a brisa do mar soprando em seus cabelos. E o que tornava isso tão maravilhoso era saber que estava dirigindo-se para um determinado lugar, para estar com alguém que modificara toda sua vida, para melhor.

Antes, ela vivia bem satisfeita sem ele. E talvez continuasse satisfeita se nunca o tivesse conhecido.

Mas conhecera e, depois disso, nada mais seria igual outra vez.

Imaginou se Nash saberia o quanto significava para ela o fato de ele aceitá-la sem reservas. Duvidara disso. Nem ela mesma soubera o quanto isso significava até que acontecera. E, quanto a Nash, ele tinha o hábito de olhar as coisas por um ângulo enviesado e enxergar o humor das situações. Morgana calculava que ele encarava seus... talentos como uma espécie de brincadeira com a ciência. E talvez fossem mesmo, de uma certa forma.

Mas a coisa mais importante era que ele sabia, e aceitava. Não a olhava como se esperasse que, de uma hora para outra, ela pudesse ter duas cabeças. Ele a olhava como uma mulher.

Era fácil estar apaixonada por ele. Embora jamais tivesse se considerado uma pessoa romântica, Morgana começara a gostar de todos os livros, das músicas e dos poemas escritos para celebrar os caprichos do coração. Era verdade que quando alguém se apaixonava o ar parecia mais límpido, e as flores mais perfumadas.

Numa extravagância, desejou ter uma rosa na mão, e sorriu ao aspirar o delicado botão que surgiu em seguida. Percebeu que seu mundo era exatamente como a rosa. Prestes a abrir-se e desabrochar.

Sentiu-se um pouco tola, pensando assim. E sentia-se também atordoada, distraída. Mas seus pensamentos pertenciam apenas a si mesma, lembrou-se. Até que ela os passasse para alguém. Então ocorreu-lhe que, mais cedo ou mais tarde, teria de compartilhá-los com Nash.

Não podia ter certeza de quanto tempo demoraria para que as complicações começassem a aparecer, mas por enquanto era maravilhoso simplesmente aproveitar a suave onda de emoções que espalhava-se dentro dela.

Quando virou para a entrada de carros da casa de Nash, ela estava sorrindo. Tinha algumas surpresas para ele, a começar com um plano para aquela noite de sábado. Parou o veículo e pegou uma sacola no assento traseiro, enquanto Pan enfiava a cabeça pelo seu ombro.

— Espere só um minuto — ela disse ao cão —, depois você pode sair e olhar tudo em volta. Luna irá lhe mostrar as redondezas.

De seu cantinho no piso do lado de passageiros, Luna ergueu a cabeça, com os olhos parecendo duas fendas.

— E se não se comportarem, mandarei os dois de volta para casa. Terão de ficar sozinhos até segunda-feira.

Ao sair do carro, Morgana sentiu uma vibração, como se fosse uma cortina esvoaçando em sua mente.

Parou, com a mão apoiada na porta, absorvendo o sopro do vento, um som murmurante. O ar tornou-se mais denso, mais cinzento. Mas não sentia tonturas. Era como se tivesse saído do sol para a sombra, uma sombra onde mistérios aguardavam por solução. Esforçou-se para enxergar por entre a névoa, mas esta caía pesadamente, provocando-a com apenas alguns traços e insinuações.

Então o sol retornou, e havia somente o barulho do mar batendo nas rochas.

Embora Morgana não tivesse o mesmo dom que Sebastian para a premonição, ou as tendências de empatia de Anastásia, ela compreendeu.

As coisas estavam prestes a mudar. E em breve. Morgana também compreendeu que tais mudanças poderiam significar algo que ela não desejava.

Afastando a sensação desagradável, começou a andar na direção da casa. O futuro sempre poderia ser mudado, lembrou-se. Especialmente se se concentrasse no presente. E, desde que o presente significava Nash, ela estava disposta a lutar para mantê-lo.

Nash abriu a porta antes que ela chegasse, e ficou ali parado, com as mãos nos bolsos, sorrindo.

— Olá, benzinho.

— Oi! — Mudando a sacola de mão, Morgana enlaçou-o pelo pescoço e curvou o corpo contra o dele, para um beijo. — Sabe como estou me sentindo?

— Sei. — Ele deslizou as mãos até os quadris dela. Sei exatamente como você está se sentindo. Fantástica.

Ela riu e afastou de uma vez as últimas dúvidas que ainda restavam.

— Pois acontece que está certo. — Carregada pela pura emoção, ela entregou-lhe a rosa.

— Para mim? — Nash não tinha muita certeza de como um homem deveria reagir ao receber um botão de rosa de uma mulher.

— Só para você. — Morgana beijou-o novamente, enquanto Luna marchava

para dentro da casa com um ar de proprietária. — O que acha de passar uma noite — ela moveu os lábios sedutoramente para a orelha dele —, uma noite inteira... fazendo algo... — num tom provocante, passou os dedos pelo peito dele — algo decadente?

Nash sentiu o coração disparar, ecoando nos ouvidos que ela provocava.

— Quando começamos?

— Bem... — Morgana esfregou o corpo contra o dele, inclinando a cabeça o bastante para fitá-lo nos olhos. Por que perder tempo?

— Meu Deus, eu adoro mulheres agressivas.

— Ótimo. Porque tenho grandes planos para você. — Ela mordeu-lhe o lábio inferior, sugando-o. — E levará horas.

Nash perguntava-se se algum dia conseguiria respirar normalmente outra vez. Esperava que não.

— Quer começar aqui, e depois continuamos lá dentro?

— Hum-hum. — Morgana afastou-se, deslizou a mão para baixo e segurou-o pela cintura da calça, a fim de puxá-lo para dentro. Pan entrou logo atrás deles e, depois de concluir que não obteria muita atenção de nenhum dos dois, seguiu em frente para conhecer a casa. — Não podemos fazer o que estou pensando aqui fora. Siga-me. — Enviando-lhe um olhar malicioso por cima do ombro, ela começou a subir as escadas

— Não precisa falar duas vezes...

Nash agarrou-a quando chegaram no topo da escada. Depois de relutar por um instante, Morgana permitiu que ele a abraçasse. Deslizar para o beijo era como entrar numa banheira quente. Cheia de calor e espuma. Mas quando ele foi abrir-lhe o zíper, ela se afastou.

— Morgana...

Ela limitou-se a balançar a cabeça e seguiu para o quarto.

— Tenho um presente para você, Nash. — Pegando a sacola: tirou uma fina camisola de seda preta, jogando-a distraidamente na cama.

Nash olhou para a camisola, depois de volta para ela.

Já podia imaginá-la usando aquilo.

Podia imaginar-se tirando-a do corpo dela.

Seus dedos começaram a formigar.

— Fiz uma parada antes de vir para cá — ela disse. — E escolhi algumas... coisas.

— Sem desviar os olhos dela, Nash deixou a rosa na cômoda.

— Até agora, estou gostando de tudo.

— Ah, mas vai ficar melhor.

Morgana retirou um objeto de dentro da sacola e entregou a ele. Nash franziu

a testa ao ver a embalagem plástica de uma fita de vídeo, e um sorriso curvou-lhe os lábios.

— Filmes para adultos?

— Leia o título.

Divertido, ele virou a caixa e deixou escapar um assovio.

— *"The Crawling Eye"*? — Seu sorriso alargou-se quando olhou para ela.

— Gosta?

— Se gosto? Puxa, este filme é ótimo, é um clássico! Há anos que não assisto.

— Têm outros aqui.

Morgana despejou o conteúdo da sacola sobre a cama. Misturadas com um punhado de produtos de toalete havia outras três fitas de vídeo. Nash pegou-os como uma criança que agarra os presentes sob a árvore de Natal.

— *"*Um Lobisomem Americano em Londres*"*, *"* Pesadelo na Elm Street*"*, *"* Drácula*"*. *Isto é maravilhoso!* — Rindo, ele abraçou-a. — Mas que mulher! Você quer passar a noite vendo filmes de terror?

— Com alguns longos intervalos, é claro.

Dessa vez Nash abriu-lhe o zíper num gesto rápido.

— Pois vou lhe dizer o que faremos... Vamos começar a sessão com uma bela abertura.

Ela riu, enquanto caiam juntos na cama.

— Adoro uma bela abertura.

Nash não poderia imaginar um fim de semana mais perfeito. Assistiram aos filmes, entre outras coisas, até de madrugada. Dormiram até tarde, depois saborearam um farto e preguiçoso café na cama.

Ele também não poderia imaginar uma mulher mais perfeita. Morgana não era apenas linda, inteligente e sexy, mas também apreciava as sutilezas de um filme como o *"The Crawling! Eye"*.

Nem mesmo incomodou-se com o fato de ela tê-lo obrigado a trabalhar na tarde de domingo. Ficar distraindo-se no jardim, cortando a grama, arrancando pragas, plantando, tudo isso adquiria um novo significado quando ele podia virar-se e vê-la ajoelhada na relva, usando uma de suas camisetas e a sua calça jeans amarrada na cintura com um cordão..

E o fez pensar em como seria se pudesse ser sempre assim, se ela estivesse sempre ali. Ao seu alcance.

Nash desistiu da tarefa que lhe fora confiada, de arrancar as pragas, e afagando o cachorro que aproximara-se encostando o focinho em seu peito, limitou-se a observar Morgana de longe.

Ela estava cantarolando. Ele não reconheceu a música, mas soava muito exótica. Alguma canção de feiticeiras, pensou, que fora passada a ela através dos

tempos. Ela era mágica. Mesmo sem os talentos que herdara, ela sempre seria mágica.

Morgana havia amarrado os cabelos sob um velho boné dos *Dodgers*. Não havia nem um traço de maquiagem em seu rosto. A calça jeans estava larga nos quadris. Mas, ainda assim, passava uma impressão de erotismo. Fosse usando rendas negras ou um jeans desbotado, a sensualidade irradiava-se dela como a luz do sol.

Mais do que isso, havia pureza em seu rosto, uma confiança, uma consciência de si mesma que ele achava extremamente irresistível.

Nash podia imaginá-la ajoelhada ali, naquele mesmo ponto, dali a um ano. Dez anos. E ainda provocando-lhe aquele aperto no peito, disparando seu coração.

Meu Deus... Sua mão deslizou lentamente na cabeça do cachorro. Estava apaixonado por ela, de verdade. Ele a amava. Estava totalmente preso na enorme e assustadora armadilha chamada amor.

E o que diabos iria fazer a respeito disso?

No controle?, pensou, aturdido. Capaz de desistir quando quisesse? Que idiota.

Levantou-se sentindo as pernas bambas. O aperto em seu estômago era de puro medo. E era pelos dois. Morgana olhou-o de relance, abaixando o boné para que a aba lhe protegesse os olhos.

— Há algo errado?

— Não. Não, eu... Vou buscar alguma coisa gelada para nós.

Ele praticamente correu para a casa, deixando Morgana fitando-o surpresa.

Covarde. Imbecil. Idiota. Por todo trajeto até a cozinha, ele foi amaldiçoando-se. Depois de encher um copo com água, bebeu-a de um só gole. Talvez fosse uma insolação. Ou falta de sono. Excesso de libido.

Devagar, deixou o copo na mesa. Não era nada disso era amor.

Inclinou-se na pia e jogou água fria no rosto. Não sabia como isso acontecera, mas teria de dar um jeito.

Pelo que podia ver, não havia para onde fugir. Era um homem adulto lembrou a si mesmo. Pois agiria como adulto e enfrentaria a verdade.

Talvez devesse dizer a ela. Frente a frente, de uma só vez.

“Morgana, sou louco por você."

Soltou a respiração, jogando mais água no rosto. Era fraco demais, ambivalente demais.

"Morgana, — eu percebi que o que sinto por você é mais do que atração. Mais do que afeição."

Desta vez, exalou o ar com um sibilo. Complicado demais, e estúpido demais.

"Morgana, eu amo você." Simples. Direto. E mais aterrorizante que o inferno.

Mas ele era um perito em terror, pensou. Deveria ser capaz de realizar tal proeza. Endireitando os ombros, controlando o nervosismo, começou a sair da cozinha.

O telefone na parede tocou, e ele quase pulou de susto.

— Calma, garoto — murmurou.

— Nash? — Morgana estava na porta, os olhos refletindo curiosidade e preocupação. — Você está bem?

— Eu? Sim, é claro, estou ótimo. — Nash passou a mão nervosamente pelos cabelos. — E você?

— Tudo bem — ela respondeu, devagar. — Não vai atender ao telefone?

— O telefone? — Enquanto sua mente disparava para uma centena de direções diferentes, ele olhou para o aparelho que tocava. — É claro.

— Está bem. Vou pegar um refrigerante, enquanto isso. Ainda franzindo a testa, ela encaminhou-se para a geladeira.

Nash não percebera que as mãos estavam úmidas até que pegou o telefone. Forçando um sorriso, enxugou a mão livre na calça jeans.

— Alô? — O falso sorriso desapareceu no mesmo instante.

Assustada, Morgana parou, com uma das mãos segurando a garrafa de refrigerante, e a outra na porta da geladeira.

Nunca antes o vira daquele jeito. Frio. Os olhos parecendo ter congelado. Gelo sobre veludo. Mesmo quando Nash recostou no balcão da cozinha, havia tensão em cada linha de seu corpo.

Morgana sentiu um arrepio na espinha. Sempre soubera que ele poderia ser perigoso, e o homem para quem olhava agora havia despido todo aquele charme despreocupado, todo humor descontraído. Como um dos personagens que Nash poderia ter extraído da própria imaginação, o homem à sua frente era capaz de violência rápida e cruel.

Quem quer que fosse que estivesse no outro lado da linha, deveria agradecer pela distância que os separava.

— Leeanne.

Nash pronunciou o nome num tom gélido, desprezível. A voz tagarelando no outro lado fazia-o trincar os dentes, antigas lembranças, antigas feridas, emergiram à superfície. Deixou-a falar por um momento, até certificar-se de que estava realmente controlado...

— Vá direto ao ponto, Leeanne. Quanto você quer?

Ficou ouvindo as lisonjas, os choramingos e as recriminações. A responsabilidade era dele, foi lembrado. As obrigações. Era a sua família.

— Não dou a mínima para isso. Não é culpa minha se você se envolveu com

mais um fracassado. — Os lábios dele curvaram-se num sorriso amargo. — É, está bem. Falta de sorte. Quanto? — repetiu, mal pestanejando ao ouvir a quantia requisitada. Com uma expressão resignada, abriu a gaveta e remexeu nela até encontrar um pedaço de papel e um lápis. — Para onde devo enviar? — Escreveu rapidamente. — Sim, eu anotei. Amanhã. — Atirou o papel no balcão. — Eu disse que vou mandar, não disse? Pare com isso, estou muito ocupado agora. É claro. Pode apostar.

Desligou o telefone e disparou uma sequência de palavrões. Então, focalizou os olhos em Morgana.

Havia se esquecido de que ela estava ali. Quando ela começou a falar Nash balançou a cabeça.

— Vou dar uma volta — disse abruptamente, e saiu batendo a porta.

Com todo cuidado, Morgana deixou a garrafa de refrigerante no balcão. A pessoa que ligara fizera mais do que apenas irritá-lo, concluiu. Ela havia visto mais do que simples raiva nos olhos dele. Vira o sofrimento, também. E as duas emoções tinham sido muito violentas.

Por conta disso, conteve o primeiro impulso de correr atrás dele. Teria que lhe dar alguns minutos para que ficasse sozinho, primeiro.

Nash atravessou o jardim com passos largos e rápidos. Pisou no gramado que tanto prazer lhe dera apenas uma hora atrás, quando o cortara. Passou sem nem reparar nas flores que já se voltavam para o sol, agora que viam-se livres das pragas que as sufocavam. Automaticamente, encaminhou-se para o amontoado de pedras nos limites de sua propriedade, que separavam as suas terras da baía.

Este era outro motivo porque fora atraído para aquele lugar: a mistura de tormenta e serenidade.

Combinava com ele, refletiu enquanto enfiava as mãos nos bolsos. Na superfície, era um homem tranquilo e descontraído. E tais qualidades normalmente iam mais fundo. Porém, com frequência, talvez com muita frequência, havia uma inquietude fervilhando dentro dele.

Sentou-se numa pedra e ficou olhando para o mar. Ficaria ali observando as gaivotas, as ondas e os barcos. E esperaria até sentir novamente aquela tranquilidade.

Exalou um suspiro profundo, reparador. Graças a Deus, era só o que conseguia pensar. Graças a Deus que não falara sobre seus sentimentos com Morgana. Fora necessário apenas um telefonema do passado para lembrá-lo de que não havia lugar para o amor em sua vida.

Deu-se conta de que realmente teria falado com ela. Teria seguido o impulso do momento, e confessado seu amor. E talvez, muito provavelmente, teria começado a fazer planos para o futuro.

Depois, teria estragado tudo. Não havia dúvidas de que estragaria tudo. Sabotar relacionamentos era algo que estava em seu sangue.

Nash abria e fechava as mãos, enquanto tentava controlar-se. Leeanne, pensou com um riso breve e amargo. Bem, iria enviar-lhe o dinheiro e ela desapareceria de sua vida.

Outra vez. Até que o dinheiro acabasse.

E o padrão se repetiria, muitas e muitas vezes. Pelo resto de sua vida.

— É tão bonito, aqui — Morgana falou baixinho, atrás dele.

Nash não se assustou, nem se virou. Apenas suspirou. Devia ter imaginado que ela o seguiria. E supunha que ela esperaria algum tipo de explicação.

Perguntou-se o quanto poderia ser criativo. Deveria dizer que Leeanne era uma: antiga amante de quem se afastara, mas que não se conformava em ficar afastada? Ou talvez inventasse alguma história absurda, sobre estar sendo chantageado pela esposa de um chefão da Máfia, com quem tivera um breve e tórrido caso. Tinha um toque interessante.

Ou então poderia apelar para o sentimentalismo e dizer que Leeanne era uma pobre viúva, viúva do melhor amigo dele, que lhe pedia dinheiro de vez em quando.

Diabos, poderia dizer que o telefonema era para pedir auxílio para o fundo de pensão da polícia.

Qualquer coisa. Tudo, menos a amarga verdade.

A mão dela roçou-lhe o ombro, enquanto Morgana sentava ao seu lado na pedra. E não fez nenhuma pergunta. Não falou nada. Apenas ficou olhando para a baia, como ele. Esperando. Exalando o perfume da noite, de névoas e rosas.

Nash sentiu um impulso terrível de simplesmente virar-se e mergulhar o rosto em seus seios. De abraçá-la e ser abraçado, até que raiva impotente se desvanecesse.

E sabia que, não importava o quão esperto fosse, o quão inventivo, ela só acreditaria na verdade.

— Gosto daqui — ele disse, como se muitos e silenciosos minutos não tivessem se passado, entre a observação dela e sua resposta. — Quando morava em Los Angeles, eu olhava pela janela do meu apartamento e via outro apartamento. Acho que nunca me dei conta do quanto estava me sentindo enclausurado, até que me mudei para cá.

— Todo mundo se sente enclausurado de vez em quando não importa onde more — Morgana pousou a mão na perna dele. — Quando estou me sentindo assim, eu vou para a Irlanda. Faço caminhadas pelas praias desertas. Fazendo isso penso em todas as pessoas que já passaram por ali, e que ainda irão passar novamente. Então penso que nada é eterno. Não importa se é muito bom, ou

muito ruim, tudo passa e muda para um outro nível.

— Tudo se transforma, nada perece — ele murmurou. Ela sorriu.

— Sim, eu diria que isso resume tudo perfeitamente — Inclinando-se, tomou o rosto dele entre as mãos.

Seus olhos eram doces e límpidos, a voz repleta de conforto para ser oferecido. — Fale comigo, Nash. Talvez eu não seja capaz de ajudá-lo, mas posso ouvir.

— Não há nada a dizer.

Alguma coisa reluziu nos olhos de Morgana. Nash amaldiçoou-se ao reconhecer que era dor.

— Então eu sou bem-vinda na sua cama, mas não em sua mente.

— Diabos, uma coisa não tem nada a ver com a outra! — Ele recusava-se a ser pressionado, levado ou manobrado a revelar partes de si que preferia manter ocultas.

— Entendo.

Morgana tirou as mãos do rosto dele. Por um instante, ficou tentada a ajudá-lo de qualquer forma, fazendo um encantamento simples que lhe traria paz de espírito. Mas isso não estava certo, não seria verdadeiro. E ela sabia que se usasse a magia para mudar os sentimentos dele, os dois acabariam feridos.

— Tudo bem, então. Vou acabar de plantar as margaridas.

Ela levantou-se. Sem recriminações, sem palavras acaloradas. Nash teria preferido isso, àquela tranquila aceitação. Quando Morgana deu um passo, afastando-se, ele segurou-lhe a mão. Ela viu a batalha que transcorria dentro dele refletida em sua fisionomia, mas ofereceu apenas o silêncio.

— Leeanne é minha mãe.

CAPÍTULO 10

A mãe dele.

A angústia nos olhos de Nash obrigou Morgana a disfarçar o choque. Lembrou-se do quanto a voz dele ficara fria, quando falara com Leeanne, como seu rosto adquirira as linhas duras, rígidas. No entanto, a mulher no outro lado da linha era a mãe dele.

O que poderia ter acontecido para causar num homem tal desgosto e raiva pela mulher a quem devia a vida?

Mas esse homem era Nash. Por isso, Morgana tentou esquecer sua própria e arraigada lealdade à família, enquanto o observava.

Mágoa, ela percebeu. E houvera tanto mágoa quanto raiva na voz dele. E agora. Podia vê-la plenamente, agora que as camadas de arrogância, confiança e descontração tinham sido arrancadas. Seu coração condoía-se por ele, mas sabia que isso não lhe diminuiria o sofrimento. Desejou ter o dom de Anastásia e ser capaz de aliviar um pouco a dor que ele sentia.

Em vez disso, manteve a mão dele entre as suas e tornou a sentar. Não, não possuía o dom da empatia, mas poderia oferecer apoio e amor.

— Conte-me.

Por onde iria começar?, Nash perguntou-se. Como explicaria a ela algo que jamais conseguira explicar a si mesmo?

Baixou os olhos para suas mãos entrelaçadas, vendo a maneira como os dedos dela apertavam os seus. Morgana oferecia-lhe apoio, compreensão, quando ele pensara não precisar de nada disso.

As emoções que ele sempre relutara em formular, que recusara-se a compartilhar, agora começaram a fluir.

— Acho que, para entender, você precisaria ter conhecido minha avó. Ela era... — Nash buscou um modo educado de se expressar. — Era muito severa, e esperava que todo mundo trilhasse o mesmo caminho árduo. Se tivesse de escolher um adjetivo para ela, seria "intolerante". Ficou viúva quando Leeanne tinha cerca de dez anos. Meu avô possuía uma empresa de seguros, de forma que deixou-a muito bem financeiramente. Mas ela gostava de economizar cada centavo, ela não sabia aproveitar a vida.

Nash ficou em silêncio, observando as gaivotas planarem sobre a água. Quando suas mãos mexeram-se, inquietas, Morgana permaneceu em silêncio, e esperou.

— De qualquer forma, isso poderia soar como uma história triste e pungente.

A viúva· com duas filhas pequenas para criar. Até que você entenda que ela gostava de estar no comando. De ser a "Viúva Kirkland" e não prestar contas a ninguém, exceto a si mesma. Só posso imaginar que ela tenha sido muito dura com as filhas, mantendo os conceitos de sexo e santidade como raios mortais sobre as cabeças delas. Porém, isso não funcionou muito bem com Leeanne. Ela engravidou aos dezessete anos, e não tinha a menor idéia de quem era o pai do bebê.

A última frase foi dita com desprezo, mas Morgana enxergou mais sob a superfície.

— Você a culpa por isso?

Nash encarou-a, com os olhos sombrios.

— Não. Não por isso. A velha senhora deve ter transformado a vida dela num inferno pela maior parte dos nove meses de gravidez. Dependendo de quem se obtém a informação, Leeanne era uma pobre e solitária menina que foi cruelmente castigada por um pequeno deslize. Ou minha avó era uma santa sofredora, que acolheu a filha pecadora. Minha opinião pessoal é que tínhamos duas mulheres egoístas que não davam a mínima para ninguém, exceto elas próprias.

— Ela tinha apenas dezessete anos, Nash —, Morgana intercedeu, em voz baixa.

A raiva alterou a fisionomia dele, formando linhas duras e desencontradas.

— E só por isso fica tudo bem? Ela tinha apenas dezessete anos, então tudo bem que tenha transado com tantos homens que não sabia de qual deles engravidou. Tinha apenas dezessete anos, então tudo bem que tenha desaparecido dois dias depois do meu nascimento, deixando-me com aquela velha amarga, sem uma palavra, sem um telefonema ou nem mesmo um pensamento, durante vinte e seis anos.

A emoção brutal na voz dele provocou um aperto no coração de Morgana. Queria abraçá-lo, acolhê-lo, segurá-lo nos braços até que o pior passasse. Porém, quando estendeu os braços, ele se afastou e levantou-se.

— Preciso andar um pouco.

Morgana tomou a decisão rapidamente. Poderia deixá-lo para que se livrasse da dor sozinho ou a compartilharia com ele. Antes que Nash desse três passos, ela estava ao seu lado, tomando-lhe a mão novamente.

— Lamento muito Nash.

Ele balançou a cabeça com força. O ar que aspirava era tão doce quanto a primavera, mas ardia como bile em sua garganta.

— Desculpe, Morgana. Não há motivos para eu despejar tudo isso em você.

Ela tocou-lhe o rosto.

— Tudo bem, eu posso aguentar.

Mas ele não tinha certeza se poderia. Nunca antes desabafara tudo o que guardava consigo. O fato de falar em voz alta deixara um gosto ruim em sua boca, um gosto que ele temia que nunca mais desaparecesse. Respirou devagar, cuidadosamente, e recomeçou.

— Fiquei com minha avó até a idade de cinco anos. Minha tia Carolyn havia se casado com um militar, e fui morar com eles. Por vários anos, mudávamos de uma base militar para outra, por todo o país. Ele era um beberrão desgraçado e tolerava minha presença somente porque Carolyn chorava e ficava histérica quando ele bebia e ameaçava mandar-me embora.

Morgana podia imaginar tudo com muita nitidez. O garotinho desamparado, controlado por todos mas sem pertencer a ninguém.

— Você odiava isso.

— É, acho que você acertou em cheio. Eu não sabia porque, exatamente, mas odiava tudo aquilo. Pensando bem, percebo que Carolyn era tão instável quanto Leeanne, à sua maneira. Num instante ela me enchia de agrados, em outro me ignorava. Não estava tendo muita sorte em engravidar, mas, quando eu tinha oito ou nove anos, descobriu que estava esperando um filho que seria só seu. Assim, fui mandado de volta para minha avó. Carolyn já não precisava mais de um substituto.

Morgana sentiu os olhos encherem-se de lágrimas de raiva, ao imaginar a criança desamparada e inocente sendo levada de um lado para outro, por pessoas que nada sabiam sobre o amor.

— Minha avó nunca olhou para mim como se eu fosse uma pessoa, entende? Eu era um erro. E isso foi o pior de tudo — ele disse, mais para si mesmo. — O jeito com que ela martelava estas coisas na minha cabeça atingia-me profundamente. Dizia que cada sopro de ar que eu respirava, cada batida do meu coração só tinham sido possíveis porque uma garota rebelde e inconsequente cometera um erro.

— Não — Morgana falou, desolada. — Ela estava errada.

— Sim, talvez. Mas estas coisas permanecem. Eu ouvia sermões intermináveis sobre os pecados dos pais, os males da carne. Eu era preguiçoso, intratável e depravado... uma das palavras que ela mais gostava. — Nash enviou um sorrisinho triste à Morgana. — Mas era o mínimo que ela poderia esperar, considerando-se a maneira como fui concebido.

— Que mulher terrível — Morgana disparou. — Ela não merecia você.

— Bem, ela teria concordado com a segunda parte. E não se cansava de dizer o quanto eu deveria agradecê-la por estar pondo comida no meu prato e um teto sobre minha cabeça. Mas eu não me sentia muito grato, e fugi de casa várias

vezes. Na época em que eu tinha uns doze anos, acabei entrando no esquema de lares adotivos.

Os ombros dele mexiam-se inquietos, numa pequena demonstração física do turbilhão interno. Nash andava de um lado para outro, os passos apressando-se enquanto as lembranças iam surgindo.

— Uma daquelas casas até que eram boas, quando as famílias realmente queriam receber alguém.

Outras queriam receber apenas o cheque mensal, mas às vezes, quando se tem sorte, a gente pode acabar num lar de verdade. Passei um Natal com uma família, os Henderson. — A voz dele mudou, ficando mais animada. — Eles eram ótimos, tratavam-me exatamente como tratavam seus filhos. Havia sempre um aroma de biscoitos assando pairando no ar. Havia uma árvore de Natal, com presentes embaixo. E todo aquele papel colorido com fitas. Meias pregadas na estante da lareira. Eu fiquei realmente surpreso quando vi uma delas com o meu nome.

Nash fez uma pausa, antes de continuar.

— Eles me deram uma bicicleta — disse, baixinho. — O senhor Henderson comprou-a de segunda mão e levou-a para o porão a fim de reformá-la. Pintou-a de vermelho, um vermelho da cor dos carros de bombeiros, e depois poliu toda a parte cromada. Ele dedicou muito tempo para transformar aquela bicicleta em algo especial. E também me ensinou como pregar os cartões de figurinhas de beisebol nos aros.

Ele enviou-lhe um olhar maroto, e Morgana inclinou a cabeça.

— O que foi?

— Bem, era uma ótima bicicleta, mas eu não sabia andar nela. Nunca tinha andado de bicicleta. E lá estava eu, com quase doze anos, e aquela bicicleta poderia ser até uma moto Harley-Davidson, pelo que eu sabia.

Morgana lançou-se logo em sua defesa.

— Isso não é motivo para se envergonhar.

Nash arqueou a sobrancelha:

— E óbvio que você nunca foi um menino de onze anos. É bem complicado lidar-se com a passagem para a masculinidade quando não se sabe nem como manejar um veículo de duas rodas. Assim, eu ficava "enrolando", inventando desculpas para não usar a bicicleta. Dizia que tinha tarefas de escola, que havia torcido o tornozelo, que parecia que ia chover. Eu me achava muito esperto, mas ela... a senhora Henderson, logo percebeu o que estava acontecendo. Certo dia ela foi me acordar bem cedo, antes de todos os outros, e levou-me para fora de casa. E me ensinou a andar de bicicleta. Ficava segurando no assento, corria ao meu lado. E me fez rir muito, quando eu caí. Quando consegui manobrar a

bicicleta sozinho na calçada, ela chorou. Ninguém nunca... — Nash deixou as palavras no ar, embaraçado pelo tipo de emoção que a lembrança evocava.

Morgana sentia as lágrimas ardendo em sua garganta.

— Devem ter sido pessoas maravilhosas.

— Ah sim eles eram. Fiquei seis meses com eles. Provavelmente os melhores seis meses da minha vida.

— Afastou a lembrança e continuou: — Pois bem, sempre que eu começava a acomodar-me num lugar, minha avó puxava as rédeas e me chamava de volta. Assim, comecei a contar os dias até que tivesse a idade de dezoito anos, quando ninguém mais me diria onde viver, nem como. Quando finalmente estivesse livre continuaria assim para sempre.

— O que você fez, depois dos dezoito anos?

— Eu precisava comer, portanto tentei uns dois ou três empregos normais. — Olhou para ela, desta vez com uma pontinha de humor. — Vendi apólices de seguro por algum tempo.

Pela primeira vez, desde que ele começara a falar, Morgana sorriu..

— Não consigo imaginá-lo fazendo isso.

— Nem eu. Mas não durou muito. Acredito que, no fim das contas, tenho de agradecer à minha avó pela minha carreira de escritor. Ela costumava me dar umas boas palmadas quando me apanhava escrevendo.

— Espere um pouco. — Morgana tinha certeza de que entendera mal. — Ela batia em você por escrever?

— Ela não entendia muito bem qual era o escopo moral de um caçador de vampiros — ele ironizou. — Portanto, calculando que esta era a última coisa que ela desejaria que eu fizesse, continuei escrevendo.

Mudei para Los Angeles e, graças a algumas artimanhas, consegui um emprego de ajudante com o pessoal dos efeitos especiais. Depois trabalhei como assistente de roteiristas e acabei conhecendo as pessoas certas. Finalmente consegui vender meu primeiro roteiro o "O Transformador". Minha avó morreu quando o filme estava em fase de produção. Não fui ao enterro

— Se está esperando que eu o critique por isso, vai ficar desapontado.

— Não sei o que esperar — ele murmurou. Parando sob um cipreste, virou-se para ela. — Eu tinha vinte e seis anos quando o filme tornou-se um sucesso. E foi um... bem, vou correr o risco de· parecer convencido, mas foi um sucesso estrondoso. De repente, eu estava no topo. Meu roteiro seguinte foi logo escolhido. Fui indicado para o Globo de Ouro. Então, comecei a receber os telefonemas. Minha tia, que precisava apenas de uma "pequena ajuda". O marido dela nunca fora promovido além da patente de sargento, e ela tinha três filhos que precisavam ir para a universidade. Depois, Leeanne.

Nash esfregou as mãos no rosto, desejando apagar para sempre as camadas de ressentimento, mágoa e lembranças.

— Ela ligou para você — Morgana prontificou.

— Não. Apareceu na porta da minha casa, certo dia. Teria sido risível, se não fosse tão patético. Aquela mulher estranha, pintada como uma boneca, parada na soleira da porta e afirmando ser minha mãe. A pior parte era que eu podia enxergar-me nela. O tempo todo em que ela ficou ali, despejando a história triste da sua vida, eu queria bater a porta em sua cara, e depois trancar. Podia ouvi-la dizendo que eu lhe devia alguma coisa, que o fato de eu ter nascido havia estragado toda sua vida. Que divorciara-se pela segunda vez e estava passando necessidades. Então, fiz um cheque.

Cansado, ele escorregou pelo tronco da árvore e sentou-se na relva macia. O sol começava a baixar, formando sombras alongadas. Morgana ajoelhou-se ao lado dele.

— Por que você deu dinheiro a ela, Nash?

— Era o que ela queria. De qualquer forma, eu não teria mais nada para dar. Este primeiro pagamento durou quase um ano. Enquanto isso, continuei recebendo telefonemas da minha tia, dos meus primos. — Ele bateu o punho sobre a mão, num gesto de raiva. — Os meses vão passando, e você começa a achar que a vida está bem arrumada. Mas eles não o deixam esquecer das suas origens. E se o preço para a tranquilidade for algumas centenas de dólares de vez em quando, não é um mau negócio.

Os olhos de Morgana fuzilaram.

— Eles não têm nenhum direito de exigir dinheiro de você!

— Eu tenho bastante dinheiro.

— Não estou falando de dólares, estou falando de você.

Nash fitou-a intensamente.

— Eles me lembram de quem... do quê... eu sou.

— Eles nem o conhecem — Morgana retrucou, furiosa.

— Não, e eu também não os conheço. Mas isso não significa nada. Você sabe bem como são as heranças, Morgana, os legados. Sobre o que se herda pelo sangue. A sua herança é a magia. A minha é o egoísmo.

Ela balançou a cabeça.

— Seja lá qual for a nossa herança, temos a escolha de usá-la, ou descartá-la. Você não é como as pessoas de quem se originou.

Ele segurou-a pelos ombros, então, com os dedos tensos.

— Sou, muito mais do que você pensa. Já fiz as minhas escolhas. Talvez eu tenha parado de fingir, pois isso não me levava a lugar algum. Mas sei quem sou. Alguém que prefere ficar sozinho. Não há nenhuma família Henderson no meu

futuro, Morgana, porque eu não quero. Agora e sempre, vou fazer o cheque e tirar o dinheiro do bolso. Depois, posso esquecer o assunto e ficar em paz comigo mesmo. É assim que eu quero as coisas, sem laços, sem obrigações, nem compromissos.

Ela não podia discutir com ele agora, quando a dor estava ainda tão perto da superfície. Numa outra ocasião iria lhe demonstrar o quanto estava errado. O homem que a segurava agora era capaz de muita ternura, generosidade e carinho, sem nunca ter recebido nada disso. Ele descobrira tudo isso por si mesmo.

Mas havia algo que ela poderia lhe dar. Nem que fosse por pouco tempo.

— Não precisa me dizer quem você é, Nash. — Delicadamente, Morgana afastou os cabelos do rosto dele. — Eu sei. Não vou pedir-lhe nada que você não possa dar. Não aceitarei nada que você não queira entregar. — Pegou seu amuleto, fez com que ele o segurasse, depois fechou a própria mão sobre a dele. Seus olhos ficaram mais profundos, quando fitaram-no. — Isto é um juramento.

Nash sentiu o metal aquecer-se em sua mão. Assustado, baixou os olhos e viu-o pulsar, iluminado.

— Eu não...

— Um juramento — ela repetiu. — Que eu não posso quebrar. Há algo que eu quero que você aceite, que posso lhe dar. Você confiaria em mim?

Alguma coisa o envolvia furtivamente. Como uma sombra formada por uma nuvem, era fresca, suave e sem peso. Os músculos tensos relaxaram, seus olhos ficaram agradavelmente pesados. Como se fosse de uma grande distância, ouviu-se dizer o nome dela. Então, deslizou para o sono.

Quando acordou, o sol estava quente e luminoso. Podia ouvir os pássaros cantando e a música borbulhante da água correndo sobre as pedras. Desorientado, sentou-se.

Estava numa clareira, ampla e ondulada, repleta de flores silvestres e borboletas. Alguns metros adiante, um cervo de olhos doces parou sua caminhada pacífica a fim de observá-lo. Havia um preguiçoso zunir de abelhas e o vento sussurrando através da relva alta e muito verde.

Rindo um pouco, ele passou a mão pelo queixo, quase esperando encontrar uma barba enorme e senil.

Mas não havia barba alguma, e ele não sentia-se como um velho. Sentia-se ótimo. Levantando, olhou em volta, vendo o extenso campo florido e a relva balançando sob o vento. Lá em cima o céu era uma abóbada azul, o azul profundo de plena primavera.

Algo perpassou-o, tão suavemente quanto o vento que agitava a relva. Depois de um instante, ele reconheceu o que era: serenidade. Estava completamente em paz consigo mesmo.

Ouviu a música. A beleza quase dolorosa dos acordes de uma harpa. O sorriso já curvava-lhe os lábios quando ele a seguiu, vagando pela grama e flores da clareira, assustando as borboletas.

Encontrou-a nas margens do regato. O sol lançava reflexos na água, que corria. sobre pedras lisas, coloridas como jóias. A Saia branca de seu vestido que esparramava-se sobre a relva. Seu rosto estava encoberto por um chapéu de aba larga, coquetemente inclinada para o lado. Em seu colo havia uma pequena harpa dourada. Seus dedos acariciavam as cordas, produzindo a música que flutuava no ar.

Morgana virou a cabeça, sorriu e continuou tocando.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Esperando por você. Teve um bom descanso?

Nash ajoelhou-se ao lado dela, depois ergueu a mão hesitante em seu ombro. Podia sentir o calor de sua pele sob a seda.

— Morgana?

Os olhos dela sorriram.

— Nash?

— Onde estamos?

Ela dedilhou a harpa novamente. A música elevou-se, espalhando-se como as asas de um pássaro.

— Nos sonhos — ela disse. — Nos seus e nos meus. Deixou a harpa de lado e tomou-lhe as mãos. — Se quiser, podemos ficar aqui por algum tempo. Mas se quiser ir para qualquer outro lugar, podemos ir.

Ela fazia parecer tão fácil, tão natural.

— Por quê?

— Porque você precisa. — Morgana levou as mãos dele aos lábios. — Porque eu amo você.

Nash não sentiu a pontada de pânico. As palavras dela deslizaram facilmente para dentro de seu coração, fazendo-o sorrir.

— Isto é real?

Morgana roçou o rosto na mão dele, depois beijou-a novamente.

— Pode ser, se você quiser. — Seus dentes arranharam-lhe levemente a pele, despertando o desejo. — Se você me quiser.

Nash tirou-lhe o chapéu e jogou-o para o lado, enquanto os cabelos dela caíam pelos ombros.

— Estou enfeitiçado, Morgana?

— Não mais do que eu. — Ela segurou o rosto dele com as duas mãos, para que seus lábios se encontrassem. — Eu quero você — murmurou, a boca colada à dele. — Ame-me aqui, Nash, como se fosse a primeira vez, a última vez, a

única vez.

Como ele poderia resistir? Se fosse um sonho, então seria.

Tudo o que importava era que os braços dela o recebiam, que seus lábios o provocavam.

Ela era tudo o que um homem poderia desejar, toda seda e mel dissolvendo-se contra ele. Seu corpo parecia uma nuvem, quando ele a deitou sobre a macia relva verdejante.

O tempo não existia ali e Nash teve prazer em prolongar as carícias. Sentindo a cascata de veludo dos cabelos dela sob as mãos, os sabores provocantes de seus lábios, o perfume de sua nuca. Morgana entregava-se a ele, como uma fantasia maleável de sedas, perfumes e sedução. Seu suspiro suavizou o ar.

Ele não poderia saber o quanto isso fora fácil, Morgana pensou enquanto mergulhavam num beijo profundo. Por mais diferentes que fossem, seus sonhos eram os mesmos. Por uma hora, ou duas, poderiam partilhar um do outro, e da paz que os envolvia.

Quando Nash ergueu a cabeça, Morgana lhe sorriu. Formando um traço com a ponta do dedo nos lábios dela, ele falou:

— Quero que isto seja verdade.

— E pode ser. Tudo o que você quiser tirar daqui, tudo o que você quiser para nós, pode ser.

Desejando uma prova, ele beijou-a novamente. Era real, tão real quanto as sensações que invadiam-no quando aqueles lábios entreabriam-se para os seus. Mergulhou profundamente naquele longo e erótico encontro de lábios e línguas. Sob o seu, o coração dela batia rápido e constante. E quando a mão dele o cobriu, sentiu o ritmo apressar-se.

Devagar, querendo aproveitar ao máximo o momento ele abriu os pequenos botões de pérolas que fechavam a frente do corpete dela. A pele era quente, suave. Fascinado, passou a explorar cada textura, enquanto a respiração dela se intensificava.

Cetim e seda. Da cor de um creme denso.

Nash fitou-a enquanto seus dedos acariciavam-na. Através dos cílios espessos, os olhos dela ficaram mais profundos, tentadores. Ele roçou levemente os lábios pelas macias ondulações de seus seios.

Mel e pétalas de rosas.

Com um murmúrio de contentamento, provou a pele com beijos úmidos, formando um círculo até atingir os mamilos rígidos: Sugou-os, sabendo pelo sussurro ofegante de Morgana, que atingira aquele ponto atordoante entre o prazer e a dor.

Nash arrastou-a consigo, enlouquecendo a ambos com um turbilhão de dentes

e línguas. As mãos dela estavam em seus cabelos, agarrando-os com força. E ele sentiu seu corpo arquear-se, ficar tenso, depois estremecer. Quando levantou a cabeça para olhá-la, os olhos dela estavam vidrados de choque e prazer.

— Como... — Morgana estremeceu novamente, latejando com os remanescentes daquela onda rápida e inesperada.

— Magia — ele disse, pressionando novamente os lábios em sua pele. — Eu vou lhe mostrar.

Levou-a a lugares que ela jamais havia visto. Enquanto ela glorificava-se em cada jornada enlouquecedora, suas mãos e lábios moviam-se livremente na pele dele. E quando ela estremeceu, Nash acompanhou-a.

Uma mistura de suspiros, os corpos se fundindo. Pedidos murmurados, respostas ofegantes.

Incendiada pelo desejo, Morgana puxou a camisa dele, querendo provar a pele quente e úmida de seu peito.

Onde havia fogo, havia prazer, ao sentir o sangue pulsar por ela, o coração dele disparava.

Dentro daquele pequeno pedaço de paraíso que Morgana havia evocado, fizeram o seu próprio paraíso.

A cada beijo intenso que trocavam, o encanto ficava mais forte. Possessivas, persuasivas, as mãos dela o acariciavam, e ela sentia prazer ao sentir os músculos contraindo-se e estremecendo sob seu toque.

Nash queria, e precisava, que o desespero dela fosse tão grande quanto o seu. Com o coração pulsando em seus ouvidos, iniciou uma jornada torturante em seu tronco, até alcançar o centro de seu prazer.

Os dentes arranharam levemente a pele sensível de suas coxas, arrancando dela um suspiro entrecortado.

Morgana agarrou-se à relva enquanto a língua de Nash lhe provocava prazeres indescritíveis. Cega de desejo, gritou quando ele a levou de um clímax para outro. E enquanto seu corpo contorcia-se e arqueava-se, ele penetrou-a. Pele úmida contra pele úmida, ele retomou a jornada de volta. Quando seus lábios se tornaram a se encontrar, Morgana abriu-se toda para ele, circundando-o, acolhendo-o.

Lutando contra a ânsia devoradora, Nash passou a mover-se lentamente, saboreando, observando os lampejos de prazer no rosto dela, sentindo seu pulso disparar quando ela ergueu o corpo para encontrá-lo.

Um suspiro escapou dos lábios dela. Seus olhos abriram-se de repente, colando-se aos, dele enquanto as mãos escorregavam pelos seus braços. Com as mãos entrelaçadas, mergulharam juntos para a total inconsciência trazida pelo prazer.

Quando Morgana sentiu os espasmos no corpo dele, quando seus músculos dissolveram-se, ele descansou a cabeça em seus seios. Acalentado pelas batidas do coração, deixou que os olhos se fechassem. Começou a sentir o mundo que girava para além de Morgana. O calor do sol em suas costas o trinado dos pássaros, o perfume das flores que cresciam livres nas margens do regato.

Sob ele, Morgana suspirou e ergueu a mão para afagar-lhe os cabelos. Ela lhe dera a paz, e encontrara o prazer. E havia quebrado uma de suas regras mais rígidas, manipulando as emoções dele.

Talvez tivesse sido um erro, mas não se arrependia.

— Morgana...

Ela sorriu ao ouvir o sussurro rouco.

— Durma, agora — disse a ele.

No escuro, Nash a procurou. E encontrou a cama vazia. Sonolento, obrigou os olhos pesados a abrirem-se. Estava na cama, em sua própria cama, e a casa mergulhava no silêncio da madrugada.

— Morgana?

— Não sabia por que chamara seu nome, sabendo que ela não estava ali.

Fora um sonho? Afastando as cobertas, arrastou-se para fora da cama. Ele estivera sonhando? Se tivesse sido apenas um sonho, então nada no mundo lhe parecera mais real, mais vívido, mais importante.

A fim de clarear a mente, foi até a janela e respirou profundamente o ar frio.

Eles tinham feito amor, um ato de amor incrível, numa clareira a beira de um regato.

Não, isso era impossível. Apoiando-se no batente da janela, engoliu o ar como se fosse água. A última coisa de que lembrava com clareza era que estavam sentados sob a árvore, lá fora, conversando sobre...

Ele estremeceu. Havia contado tudo a ela. Toda a horrenda história de sua família tinha transbordado de dentro dele. Por que diabos fizera isso? Passando a mão por entre os cabelos, andou de um lado para outro no quarto.

Aquele maldito telefonema, pensou. Mas, então, de repente lembrou-se de que o telefonema o impedira de cometer um erro ainda maior.

Teria sido pior se dissesse a Morgana que a amava, muito pior do que lhe contar sobre sua família e sua infância. Agora, pelo menos ela não teria mais ilusões sobre o rumo que aquele relacionamento tomaria.

De qualquer forma, estava feito e ele não poderia voltar atrás. Apenas teria de viver com o fato de que isso o envergonhava mais do que qualquer coisa.

Mas, depois disso, depois que estiveram sentados junto a árvore... Ele havia adormecido?

O sonho. Ou não fora um sonho? Estava tão nítido em sua mente. Quase podia sentir o cheiro das flores. E sem dúvida, podia lembrar-se do jeito que o corpo dela fluía como água em suas mãos. E mais, muito mais do que isso, lembrava-se de ter se sentido como se tudo o que fizera até aquele ponto de sua vida o preparara para aquele momento. Para o momento em que podia deitar na relva com a mulher que amava, e sentir a paz de pertencer a alguém.

Ilusões. Fora somente uma ilusão, assegurou-se, enquanto o pânico se instalava. Havia apenas adormecido debaixo da árvore, isso fora tudo.

Mas o que diabos estava fazendo em seu quarto, no meio da noite e... sozinho.

Ela fizera isso. Sentindo e depois partira.

Mas não iria ficar assim. Nash começou a levantar, mas deixou-se cair novamente na cama.

Podia lembrar-se da paz, da serenidade, de acordar com o sol batendo em seu rosto. De caminhar pela grama e vê-la tocando a harpa, sorrindo para ele.

E quando lhe perguntara porque, ela dissera...

Dissera que o amava.

Sentindo a cabeça girar, Nash segurou-a com as mãos. Talvez tivesse imaginado tudo. Tudo. Incluindo Morgana. Talvez estivesse de volta em seu apartamento em Los Angeles, e acabara de despertar de um sonho monumental.

Afinal, não acreditava realmente em bruxas e feitiços. Hesitante, baixou a mão e apertou a pedra que pendia da correntinha em seu pescoço.

Era evidente que acreditava.

Morgana era real, e o amava. E o pior era que ele também a amava.

Mas não queria. Isso era loucura. Mas estava apaixonado, tão loucamente apaixonado que não conseguia passar uma hora sequer sem pensar nela, sem desejá-la. Sem imaginar que talvez, apenas talvez, pudesse dar certo.

E este era o pensamento mais irracional em toda aquela história maluca.

Era só uma atração física, pensou, um deslumbramento. E isto estava bem distante do amor. Uma longa e segura distância. Afinal, Morgana era uma mulher deslumbrante. E um homem poderia viver uma vida longa e feliz sendo deslumbrado por uma mulher encantadora. Acordaria todos os dias com um sorriso no rosto, sabendo que ela lhe pertencia.

Nash começou a criar uma linda fantasia. E interrompeu-se logo em seguida.

O que diabos estava pensando?

Nela, pensou com tristeza. Estava sempre pensando nela.

Talvez o melhor a fazer seria tirar umas férias, viajar para qualquer lugar, a fim de arrancá-la do pensamento.

Como se isso fosse possível.

A dúvida perturbadora continuava presa em sua garganta, como uma pedra.

Como ele sabia, mesmo antes de tentar, que jamais seria capaz de esquecê-la?

Porque não era só atração física, nem deslumbramento, admitiu devagar. Nem chegava perto disso. Era amor, mesmo. Ele não estava somente atraído, não era apenas desejo. Havia dado o grande passo: estava amando.

Morgana fizera com que ele ficasse apaixonado.

Tal pensamento obrigou-o a endireitar-se na cama. Ela fizera aquilo. Era uma feiticeira. Por que não lhe ocorrera antes que ela podia fazer encantamentos, que lhe bastava estalar os dedos para tê-lo rastejando aos seus pés?

Uma parte de Nash rejeitava tal idéia, considerando-a absurda. Mas outra parte, aquela que fora criada pelo medo e pelas dúvidas, aceitou-a de imediato. Quanto mais ele pensava, mais obscuros seus pensamentos se tornavam.

De manhã, pensou, iria encarar uma feiticeira de frente. E quando terminasse, quando tudo estivesse esclarecido, Nash Kirkland estaria exatamente onde desejava estar.

No controle.

CAPÍTULO 11

Morgana achou estranho não ter de sair para abrir a loja na segunda-feira de manhã. Mas também achou que um descanso seria necessário, não apenas para seu corpo exaurido, como também para sua mente. Um telefonema à Mindy aliviou sua consciência. Sua funcionária abriria a loja ao meio-dia.

Morgana não se incomodava muito em tirar um dia de folga. Mas teria preferido fazer isso quando se sentisse melhor. Agora, descendo as escadas enrolada num roupão, sentia-se zonza e nauseada, carregando o peso exaustivo da noite insone.

A sorte estava lançada. O problema fora tirado de suas mãos. Com um suspiro cansado, entrou na cozinha para fazer um chá. Nunca estivera realmente em suas mãos, pensou. A coisa mais inconveniente sobre o poder, refletiu, era que não se podia acostumar-se a exercê-lo, a ponto de esquecer que existiam poderes maiores e mais vitais do que o seu.

Pressionando levemente a mão no estômago, foi para a janela enquanto esperava a água ferver.

Imaginou se estaria pressentindo uma tempestade no ar, ou se eram apenas seus próprios pensamentos inquietos. Luna esfregou-se em suas pernas por um instante, mas ao sentir o estado de espírito da patroa, afastou-se com passos macios.

Ela não optara por apaixonar-se. Certamente, não havia escolhido ter aquela avalanche de emoções desabando sobre si, e arrastando-a. Ter sua vida toda mudada. E era o que estava acontecendo, agora.

É claro que sempre havia uma escolha. E ela fizera a sua.

Não seria fácil. Porém, as coisas mais importantes raramente eram fáceis.

Sentindo as pernas pesadas, voltou para o fogão a fim de preparar o chá. Este mal tivera tempo de esfriar em sua xícara, quando ela ouviu a porta abrir-se.

— Morgana!

Resignada, ela serviu mais duas xícaras, enquanto seus primos entravam na cozinha.

— Aí está. — Anastásia lançou um olhar para Sebastian apressando-se na direção de Morgana. — Eu lhe disse que ela não estava se sentindo bem.

Morgana beijou-a no rosto.

— Eu estou bem.

— Eu disse que você estava bem — Sebastian intercedeu pegando um biscoito no pote sobre o bancada da pia. — Apenas mal-humorada. Você está enviando

sinais altos e ruidosos o bastante para me arrancar da cama.

— Desculpe-me. — Morgana entregou-lhe a xícara. — Acho que eu não queria ficar sozinha.

— Você não está nada bem — Ana insistiu. Antes que pudesse verificar mais de perto, Morgana se afastou.

— Dormi mal esta noite, e estou pagando o preço por isso.

Sebastian bebericou o chá. Já havia captado o rosto pálido e as olheiras. Mas agora captava um lampejo de algo mais, algo que Morgana esforçava-se muito para bloquear. Paciente, e sempre disposto a vencê-la no jogo de vontades ele aguardou o momento certo.

— Problemas no paraíso — disse, num leve tom de ironia apenas o suficiente para fazer com que os olhos dela fuzilassem:

— Posso lidar com meus próprios problemas, obrigada.

— Não comece a provocá-la, Sebastian. — Anastásia pousou a mão no ombro dele, num gesto de aviso. — Você brigou com Nash, Morgana?

— Não. — Ela sentou-se. Estava cansada demais para ficar em pé. — Não — repetiu. — Mas é Nash quem está me preocupando. Fiquei sabendo de algumas coisas sobre ele, ontem. Sobre sua família.

Porque confiava neles tanto quanto os amava, Morgana contou-lhes tudo, desde o telefonema de Leeanne até o momento sob o cipreste. Porém, o que acontecera depois disso, por ser algo que pertencia somente a ela e a Nash, guardou consigo mesma.

— Pobre garotinho — Anastásia murmurou. — Como deve ter sido terrível sentir-se indesejado e sem amor.

— E incapaz de amar — Morgana acrescentou. — Quem pode culpá-lo por ter medo de confiar nos próprios sentimentos?

— Você.

Morgana desviou os olhos rapidamente na direção de Sebastian. Não adiantaria nada insultá-lo por ser tão perceptivo. Nem por estar tão certo.

— Na verdade, eu não o culpo. Isso me entristece, me magoa, mas sei que a culpa não é dele. Apenas não tenho certeza de como amar alguém que não pode, ou não quer, retribuir o meu amor.

— Ele precisa de tempo — Anastásia falou.

— Eu sei. Estou tentando calcular quanto tempo posso dar a ele. Fiz uma promessa: nunca exigir mais do que ele queira dar. — A voz de Morgana ficou mais rouca, e ela limpou a garganta. — Não quebrarei a promessa.

Todas as suas defesas desabaram. Rápido como um raio, Sebastian tomou-lhe a mão. Fitou-a profundamente, depois seus dedos relaxaram sobre os dela.

— Meu Deus, Morgana, você está grávida!

Furiosa com a intromissão, e com suas próprias emoções oscilantes que permitiram que Sebastian se intrometesse, Morgana levantou-se de um salto. Porém, logo que começou a repreendê-lo, viu a preocupação nos olhos dele.

— Que diabos, Sebastian! Este é o tipo de anúncio que uma mulher prefere fazer por si só!

— Sente-se — ele ordenou, e a teria carregado para a cadeira se Anastásia não o afastasse.

— De quanto tempo? — Ana indagou.

Morgana limitou-se a suspirar.

— Desde o equinócio da primavera. Só tive certeza alguns dias atrás.

— Está se sentindo bem? — Antes que Morgana pudesse responder, Ana espalmou a mão sobre sua barriga. — Deixe-me ver. — Com os olhos fixos em Morgana, Anastásia examinou-a. Sentiu a pele quente sob o roupão, o latejar do pulso, o fluxo de sangue. E a vida, ainda não totalmente formada, dormindo. Seus lábios curvaram-se num sorriso.

— Você está ótima — disse. Vocês dois estão.

— Só estou um pouco preguiçosa esta manhã. — Morgana pousou a mão sobre a dela. — Não quero que vocês se preocupem.

— Ainda digo que ela deveria sentar, ou deitar-se, até que as cores voltem ao seu rosto — Sebastian falou carrancudo.

A idéia de que sua prima, sua parceira de brigas preferida, estava tão fragilizada e esperando um bebê o deixava inseguro. Rindo, Morgana abaixou-se para beijá-lo.

— Você vai ficar me enchendo de atenções, primo? — Contente, tornou a beijá-lo e sentou-se. — Espero que sim.

— Já que o restante da nossa família está na Irlanda caberá a mim e a Ana cuidarmos de você.

Morgana murmurou um agradecimento distraído enquanto Ana enchia novamente sua xícara de chá.

— E o que o faz pensar que precisarei de cuidados?

Sebastian encolheu os ombros, ignorando a pergunta.

— Sou o mais velho, aqui — lembrou-a. — E, como tal, quero saber quais são as intenções de Kirkland.

Ana sorriu sobre a borda da xícara.

— Meu Deus, Sebastian, que coisa mais medieval. Pretende furar o sujeito com uma espada por ele ter desonrado a sua prima?

— Não encaro esta situação com tanto descaso quanto vocês. — Os olhos dele ficaram sombrios, quando as primas fizeram uma careta. — Vamos esclarecer uma coisa, está bem? Morgana, você quer estar grávida?

— Eu estou grávida.

Sebastian pressionou-lhe a mão, até que ela o encarasse novamente.

— Você sabe muito bem o que quero dizer.

Evidente que ela sabia. Morgana tornou a suspirar.

— Tive apenas um ou dois dias para pensar neste assunto, mas já pensei, com todo cuidado. Sei que posso desfazer o que foi feito. Sem nenhum pudor. Entendo que esta idéia a incomoda, Ana.

A prima balançou a cabeça.

— A escolha tem de ser sua.

— Sim, é verdade. Tomei precauções para não engravidar, mas o destino preferiu ignorá-las. Consultei meu coração e acredito que um filho estava predestinado. Este filho. Ela sorriu. — Neste momento, e com este homem. Por mais insegura que eu me sinta, por mais medo que eu tenha, não posso afastar esta crença. Portanto, sim, Sebastian. Eu quero estar grávida.

Satisfeito, ele assentiu.

— E quanto a Nash? Como ele se sente a respeito? — Não esperou que ela falasse, pois precisou de um único segundo para saber a resposta. Sua voz reverberou até o teto. — O que, em nome de Finn, você está dizendo? Não contou a ele?

O olhar que Morgana enviou-lhe foi afiado o bastante para desmembrar dez homens.

— Fique longe da minha mente, ou juro que o transformo num sapo!

Ele simplesmente arqueou a sobrancelha.

— Então me responda.

— Eu mesma só tive certeza há poucos dias. — Jogando os cabelos para trás, Morgana levantou-se. — E, depois do que aconteceu ontem, não posso simplesmente jogar uma notícia destas sobre ele.

— Ele tem o direito de saber — Ana intercedeu, calmamente.

— Tudo bem. — Sentindo a irritação borbulhar dentro de si, Morgana cerrou os punhos. — Vou dizer a ele. Quando estiver pronta para isso. Vocês acham que quero amarrá-lo deste jeito? — Morgana ficou chocada ao sentir uma lágrima correr pelo rosto. Enxugou-a com um gesto impaciente. — Esta é uma escolha que ele terá de fazer por si mesmo.

Sebastian já decidira que, caso Nash fizesse a escolha errada, teria muito prazer em lhe quebrar vários ossos vitais, da maneira convencional.

— Sebastian está certo, Morgana. — Preocupada, mas firme, Ana levantou-se para abraçar a prima. — Será uma escolha dele, como foi a sua. Mas ele não poderá fazê-la, se não souber que a escolha existe.

— Eu sei. — Procurando conforto, Morgana recostou a cabeça no ombro de

Ana. — Vou contar tudo a ele, esta manhã mesmo.

Sebastian levantou-se e afagou os cabelos de Morgana.

— Nós estaremos por perto.

Ela conseguiu sorrir com um traço de sua vivacidade normal.

— Não muito perto, por favor.

Nash rolou na cama, resmungando no travesseiro. Sonhos; Estava sonhando tanto... Os sonhos perpassavam sua mente como se fossem cenas de filmes.

Morgana. Sempre Morgana, sorrindo para ele, acenando-lhe, prometendo o incrível, o maravilhoso.

Fazendo-o sentir-se pleno, forte e esperançoso.

Sua avó, com os olhos reluzindo de raiva, surrando-o com a velha colher de pau, dizendo-lhe vezes sem conta que ele não valia nada.

Correndo numa bicicleta vermelha pelas calçadas de um bairro nos subúrbios, com o vento nos cabelos e o barulho matraqueante dos cartões de beisebol tamborilando nos aros.

Leeanne aproximando-se, aproximando-se demais, com a mão estendida, lembrando-o de que eram do mesmo sangue. E que ele lhe devia, lhe devia, lhe devia...

Morgana rindo, aquele riso solto e desvairado, os cabelos esvoaçando para trás como uma nuvem enquanto sobrevoava as águas escuras da baía montada num cabo de vassoura.

Ele mesmo, mergulhado num caldeirão fumegante com sua avó mexendo o caldo com a maldita colher de pau. E a voz de Morgana, ou a voz de sua mãe?, cacarejando como uma bruxa das peças de Shakespeare.

— "Fantasma, fantasma, labuta e desgraça".

Nash sentou na cama de repente, respirando rápido e piscando diante da luz do sol. Levou as mãos trêmulas ao rosto, e esfregou-o com força.

Ótimo. Maravilhoso. Como se todo o resto não bastasse agora estava ficando maluco. Isto seria obra dela, também?, perguntou-se. Morgana teria se insinuado em sua mente para fazê-lo pensar o que ela queria que pensasse? Bem, ela não iria safar-se com isso.

Nash saiu da cama desajeitadamente e tropeçou nos próprios sapatos. Praguejando, chutou-os para longe e caminhou às cegas para o banheiro. Assim que conseguisse se recobrar, ele e a Maravilhosa Bruxa do Leste, iriam ter uma conversinha.

Enquanto Nash enfiava a cabeça sob o chuveiro, Morgana parou o carro diante da casa dele. Viera sozinha. Quando não permitira que Luna a acompanhasse, a gata ficara toda emburrada, sacudindo a cauda com indignação. Suspirando,

Morgana prometeu a si mesma que iria compensá-la. Talvez passasse pelo Fisherman's Wharf e comprasse um banquete de frutos do mar para amolecer um pouco o coração da gata.

Nesse meio tempo, tinha de preocupar-se com seu próprio coração.

Virando o espelho retrovisor, examinou cuidadosamente o rosto. Com um gemido de desgosto, recostou no assento. O que a levara a pensar que poderia encobrir os sinais de cansaço e preocupação com uma simples maquiagem?

Pressionou os lábios e olhou na direção da casa. Não permitiria que Nash a visse daquele jeito. Não iria até ele, levando uma notícia como aquela, parecendo vulnerável e carente.

Nash já era pressionado demais por outras pessoas.

Lembrou-se de que, no início, imaginara que ele fosse um homem completamente despreocupado. E talvez, por longos períodos de tempo, ele fosse mesmo. Certamente ele próprio acabara acreditando nisto. Se Nash tinha o direito de fingir, então ela também teria.

Depois, de respirar fundo, acalmando-se, Morgana iniciou um cântico silencioso. As olheiras escuras desapareceram, a cor retomou às suas faces. Quando saiu do carro, todos os sinais de uma noite insone tinham sido apagados. Podia lidar com o rápido batimento do seu coração, mas não o deixaria ver o quanto estava miseravelmente apaixonada, e aterrorizada.

Havia um sorriso em seu rosto, quando bateu na porta. Mas um nó espesso alojava-se em sua garganta.

Praguejando, Nash enfiou uma perna depois da outra na calça jeans.

— Espere um pouco, droga! — resmungou, vestindo a calça. Desceu as escadas correndo, descalço e sem camisa, resmungando diante da idéia de uma visita antes do café. — O que é? — esbravejou abrindo a porta de todo. Então imobilizou-se, arregalando os olhos.

Morgana estava tão fresca e linda quanto a manhã. Tão insinuante e sensual quanto a noite. Nash perguntou-se como a umidade que ainda grudava-se em sua pele não se transformava em vapor.

— Olá. — Ela ergueu o rosto para roçar os lábios nos dele. — Tirei você do banho?

— Quase. — Sem saber o que fazer, ele passou a mão pelos cabelos molhados. — Por que não está na loja?

— Tirei o dia de folga. — Morgana entrou devagar, esforçando-se para manter a voz natural e os músculos relaxados. — Dormiu bem?

— Você deveria saber. — Diante da leve surpresa nos olhos dela, Nash ficou ainda mais irritado. — O que você fez comigo, Morgana?

— Fiz o quê? Não fiz nada com você, Nash. — Ela tentou sorrir novamente.

— A não ser que me engane, você está precisando urgentemente de um café. Quer que eu prepare?

Nash agarrou-a pelo braço antes que ela virasse na direção da cozinha.

— Posso fazer isso sozinho.

Morgana viu a raiva nos olhos dele e assentiu, lentamente.

— Tudo bem. Prefere que eu volte mais tarde?

— Não. Vamos resolver tudo agora. — Quando Nash seguiu pelo corredor com passos duros, ela fechou os olhos com força.

Resolver tudo, pensou com uma nítida premonição de desastre. Por que aquela frase soava tão parecida com "acabar com tudo"? Juntando coragem, seguiu-o para a cozinha, mas sentiu que esta desaparecia de repente. Então, virou para a sala de estar e sentou na beirada de uma cadeira.

Ele precisava tomar o café, disse a si mesma. E ela precisava de um momento para se reorganizar.

Não esperava encontrá-lo tão zangado, tão frio. Do mesmo jeito que ele havia ficado quando falara com Leeanne no dia anterior. Nem tampouco imaginara o quanto ficaria magoada pela maneira como ele a olhava, com uma raiva fria e incontida.

Levantou-se e vagou pela sala, a mão pousada protetoramente sobre a vida que iniciava-se em seu útero. Ela iria proteger aquela vida, prometeu a si mesma. A qualquer custo.

Quando Nash voltou, trazendo uma xícara fumegante na mão, ela estava parada na janela. Seus olhos pareciam tristonhos. Se ele já não soubesse de tudo, diria que ela parecia magoada, e até vulnerável.

Mas ele não cairia nessa. E, sem dúvida, ser uma feiticeira era o mesmo que ser invulnerável.

— Suas flores estão precisando de água — ela disse. — Não basta apenas plantá-las. — Mais uma vez, pousou a mão na barriga. — Elas precisam de cuidados.

Nash deu um bom gole no café, e queimou a língua. A dor ajudou a bloquear a súbita necessidade que sentiu de ir até ela e tomá-la nos braços, de apagar a tristeza que ouvia em sua voz.

— Não estou com muita disposição para falar sobre flores.

— Não. — Ela virou-se, e os traços de vulnerabilidade tinham desaparecido. — Isso eu já percebi. Sobre o que está disposto a falar, Nash?

— Quero a verdade, Morgana. Toda a verdade.

Ela enviou-lhe um sorrisinho divertido, virando as mãos num gesto de indagação.

— Por onde quer que eu comece?

— Não me venha com brincadeiras, Morgana. Estou farto disso. — Nash começou a andar pela sala, os músculos tensos, prestes a arrebentar. Levantou a cabeça de repente. Se Morgana fosse uma mulher um pouco mais frágil, a expressão de seus olhos a teria feito recuar em defesa. — Toda esta história tem sido uma longa e divertida travessura para você, não é? Desde o começo, desde o instante em que entrei em sua loja, você decidiu que eu seria um bom candidato. — Deus, ele pensou, como doía... Como doía pensar em tudo o que sentira, em tudo que passara a desejar. — Minha atitude em relação aos seus... talentos deixou-a irritada, então você resolveu fazer uma exibição das suas habilidades.

Ela sentiu o coração disparar em seu peito, mas manteve a voz firme.

— O que quer dizer com isso, Nash? Se está dizendo que eu lhe mostrei o que sou, não posso negar. Não me envergonho disto.

Ele bateu a caneca na mesa com tanta força que o café esparramou no tampo. A sensação de ter sido traído era tão devastadora que superava tudo o mais. Diabos, ele a amava. Ela fizera com que ele a amasse.

E agora que ele exigia uma explicação, Morgana limitava-se a ficar ali parada, parecendo muito calma e adorável.

— Quero saber o que você fez comigo — repetiu. — Depois, quero que desfaça.

— Já lhe disse, eu não...

— Quero que me olhe nos olhos. — Numa onda de pânico e fúria, Nash agarrou-a pelos braços. — Olhe nos meus olhos, Morgana, e diga que você não acenou com a varinha mágica, nem invocou seus encantos para fazer com que eu ficasse deste jeito.

— Que jeito?

— Maldição, eu estou apaixonado por você! Não consigo ficar nem uma hora sem desejá-la. Não posso me imaginar daqui a um ano, daqui a dez anos, sem ter você ao meu lado.

O coração dela enterneceu-se.

— Nash...

Ele afastou-se bruscamente da mão que ela ergueu para seu rosto. Atônita, Morgana deixou-a cair para baixo.

— Como fez isso? — ele exigiu. — Como entrou em mim desta maneira, fazendo com que eu começasse a pensar em casamento, numa família? Qual era seu objetivo? Brincar um pouco com um mortal, até cansar-se dele?

— Sou tão mortal quanto você — ela afirmou. — Eu como, durmo, e sangro quando me corto. Eu envelheço. Eu sinto.

— Você não é como eu. — Nash quase cuspiu as palavras.

Morgana sentiu o encantamento desvanecendo-se, a cor sumindo de seu rosto.

— Não. Você tem razão. Eu sou diferente, e não há nada que possa fazer para mudar isso. Nada que eu faria. Se você acha difícil demais aceitar este fato, então deixe-me ir embora.

— Você não vai sair daqui e me deixar deste jeito. Conserte o que fez. — Nash sacudiu-a com força. — Desfaça o feitiço!

A ilusão dissipou-se, de forma que Morgana encarou-o com os olhos sombrios e tristes.

— Que feitiço?

— Seja qual for o feitiço que você usou. Você me obrigou a dizer coisas que eu jamais disse a ninguém. Você me desnudou completamente, Morgana. Não pensou que eu acabaria concluindo que jamais teria lhe contado sobre minha família, sobre meu passado, se estivesse plenamente consciente? Estes eram segredos meus. — Nash soltou-a, e afastou-se para impedir-se de tomar uma atitude drástica. — Você me iludiu para arrancar-me tudo isso, da mesma forma que Iludiu-me com todo o resto. Você usou meus sentimentos.

— Eu nunca usei seus sentimentos — ela começou furiosa, mas depois parou, empalidecendo ainda mais.

Ao reparar na expressão dela, Nash estreitou os lábios.

— É mesmo?

— Tudo bem, usei-os, ontem. Depois que sua mãe ligou, depois que você me contou tudo aquilo, eu quis lhe dar um pouco de paz de espírito.

— Então foi um feitiço.

Embora Morgana mantivesse a cabeça levantada, ele vacilou. Ela parecera tão frágil, há pouco. Como vidro capaz de quebrar a um simples toque..

— Eu permiti que as emoções guiassem meu julgamento. Se estava errada, e agora parece óbvio que eu estava, peço desculpas..

— Ah ótimo. Desculpe por tê-lo levado para dar uma voltinha, Nash. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — E quanto ao resto?

Morgana passou a mão trêmula pelos cabelos.

— Que resto?

— Vai ficar aí parada e me dizer que não provocou tudo isso, que não manipulou meus sentimentos? Que não me fez pensar que a amava, e que desejava começar uma vida com você? Meu Deus, até ter filhos com você? — E, porque ele ainda queria tudo isso, sua raiva intensificou-se — Eu sei muito bem que nada disso foi idéia minha. De Jeito nenhum.

A dor parecia cortá-la ao meio. Porém, enquanto cortava, liberava alguma coisa. A raiva de Nash, sua sensação de ter sido traído e sua confusão, não eram nada se comparadas com o que borbulhava dentro dela. Morgana controlou-se como pôde e observou-o por um instante.

— Está dizendo que fiz com que você gostasse de mim através de magia? Que usei meus dons em proveito próprio enfeitiçando-o para que você me amasse?

— É exatamente isso que estou dizendo.

Morgana relaxou o controle. A cor subiu novamente ao seu rosto, seus olhos reluziam como sóis. O poder, e a força que este carregava, preencheu-a por inteiro.

— Seu asno idiota.

Indignado, Nash abriu a boca para disparar uma resposta, mas as palavras saíram como o zurro de um asno. Com os olhos arregalados, ele tentou de novo, enquanto Morgana fazia um movimento circular com os braços, abrangendo toda a sala.

— Então você acha que está enfeitiçado — ela murmurou por entre os dentes, sua fúria fazendo com que os livros voassem pelo espaço como mísseis literários.

Nash abaixava-se e desviava-se, mas não conseguiu evitar todos eles. Quando um livro atingiu-o no nariz, ele praguejou. Sentiu um instante de atordoado alívio, ao perceber que sua própria voz retornara.

— Escute, benzinho...

— Não, escute você, *benzinho*. — Numa sequência rápida, agora Morgana fazia com que um pé de vento atirasse todos os móveis, formando uma pilha. — Acha que eu iria desperdiçar meus dons para cativar alguém como você? Seu idiota, convencido e arrogante! Dê-me apenas um motivo para que eu não o transforme agora mesmo na serpente nojenta que você é!

Estreitando os olhos, Nash encaminhou-se para ela.

— Não vou entrar nesta brincadeira, Morgana.

— Então, fique olhando.

Com um meneio da mão ela o fez disparar de costas através da sala, depois a meio metro do chão, para em seguida aterrissar numa cadeira. Ele pensou em levantar-se, mas decidiu que seria mais sensato recuperar o fôlego, primeiro.

Para dar um toque final, Morgana fez com que os pratos voassem na cozinha. Nash ouviu os estilhaços, exalando um suspiro resignado.

— Você devia saber que não se irrita uma feiticeira — ela disse. As toras de lenha na lareira começaram a estalar e soltar fagulhas, com o súbito fogo. — Não sabe o que uma pessoa como eu, sem nenhuma integridade, sem escrúpulos, seria capaz de fazer?

— Tudo bem, Morgana... — Nash começou a levantar-se, mas ela atirou-o de volta na cadeira, com tanta força que os dentes dele bateram.

— Não se aproxime de mim, nem agora, nem nunca mais. — A respiração dela estava ofegante, embora fizesse um esforço para controlá-la. — Se você

chegar perto de mim, juro que vou transformá-lo em algo que anda em quatro patas e uiva para a lua.

Nash deixou escapar um suspiro incerto. Não achava que ela cumpriria a promessa, não de verdade. E era melhor tomar uma atitude do que ficar lamentando-se. Sua sala estava em frangalhos. Diabos, a sua vida estava em frangalhos. Eles teriam de lidar com aquela situação.

— Pare com isso, Morgana. — A voz dele estava admiravelmente calma e firme. — Você não está provando nada, com isso.

A fúria de Morgana se esgotara, deixando-a vazia, dolorida e infeliz.

— Você tem toda razão. Não estou, mesmo. Meu temperamento, como meus sentimentos, às vezes não me permitem pensar direito. Não. — Ela ergueu a mão, antes que ele se levantasse. — Fique onde está. Ainda não estou em condições de confiar nos meus atos.

Enquanto ela se virava, o fogo apagou-se. O vento cessou.

Em silêncio, Nash respirou aliviado. Ao que parecia, a tempestade havia passado.

Mas ele estava muito enganado.

— Então, você não quer estar apaixonado por mim.

Algo na voz dela fez com que Nash franzisse a testa.

Queria que ela se voltasse, para que pudesse ver-lhe o rosto, mas Morgana permanecia de costas, olhando pela janela.

— Não quero estar apaixonado por ninguém — ele falou cauteloso, esforçando-se para acreditar no que dizia. — Não é nada pessoal.

— Nada pessoal — ela repetiu.

— Escute, Morgana, sou um péssimo partido. Gosto da minha vida como era antes.

— Como era antes de me conhecer.

Ao ouvir tais palavras, Nash sentiu-se como inseto pegajoso que rastejava pela grama. Checou os braços e pernas para certificar-se de que não era mesmo.

— Não é você, sou eu. E eu... Diabos, não vou ficar aqui sentado, pedindo desculpas por ter sido enfeitiçado. — Levantou-se, hesitante. — Você é uma mulher maravilhosa e...

— Ah, por favor, não se desgaste tentando ser bem-educado. — As palavras saíram como um soluço, quando Morgana se virou.

Nash sentiu-se como se ela tivesse atirado uma lança em seu coração. Morgana estava chorando. As lágrimas despontavam de seus olhos, correndo pelas faces pálidas. Não havia nada, nada que ele quisesse mais, naquele instante, do que tomá-la nos braços e afastar as lágrimas com seus beijos.

— Morgana, não... Eu não queria... — A voz dele calou-se de repente, como

se tivesse batido contra uma parede. Nash não podia ver a parede, mas ela a erguera entre eles, e era tão sólida como se tivesse sido feita de tijolos e cimento.
— Pare com isso! — Sua voz elevou-se, num misto de pânico e raiva de si mesmo, enquanto esmurrava a barreira que os separava. — Isto não é a resposta!

Morgana sentia o coração sangrando.

— Pois deverá servir, enquanto procuro pela resposta certa.

Ela deveria odiá-lo, queria desesperadamente odiá-lo por obrigá-la a humilhar-se. Enquanto as lágrimas continuavam caindo, pousou as duas mãos na barriga. Tinha mais alguém a quem proteger, além de si mesma.

Nash espalmou as mãos impotentes contra a parede. Por mais estranho que parecesse, sentia-se como se fosse ele próprio quem se bloqueara, e não ela.

— Não suporto vê-la chorar.

— Terá de suportar, por um momento. Mas não se preocupe, as lágrimas de uma feiticeira são iguais às de qualquer mulher. Fracas e inúteis. — Morgana acalmou-se um pouco, piscando até que pudesse enxergar com clareza. — Você quer sua liberdade, Nash?

Se pudesse ter a liberdade, ele correria direto para ela.

— Maldição, será que você não entende que eu não sei o que quero?

— Seja lá o que for, não é a mim que você quer. Do contrário, teríamos ficado juntos. Eu prometi que não exigiria nada além do que você pudesse me dar. E nunca volto atrás em minha palavra.

Nash sentiu um tipo diferente de medo, um pânico alucinante ao pensar que o que ele realmente queria estava prestes a escapar de suas mãos.

— Deixe-me tocá-la.

— Se você pensasse em mim como uma mulher em primeiro lugar, eu deixaria. — Morgana pousou a mão no lado oposto da parede. — Você acha que, por ser o que sou, não preciso ser amada corno qualquer outra mulher?

Nash atirou-se contra a parede, empurrando-a.

— Tire esta maldita coisa daqui!

Mas aquilo era tudo o que ela possuía, uma defesa muito medíocre.

— Nossos objetivos se cruzaram em algum ponto ao longo do caminho, Nash. Mas imagino que não seja culpa de ninguém que eu tenha começado a amá-lo tanto.

— Morgana, por favor.

Ela balançou a cabeça, observando-o, guardando a imagem dele na mente, no coração, onde poderia mantê-la para sempre.

— Pode ser que, por causa disso, eu acabei seduzindo você de alguma forma. Nunca amei ninguém antes, portanto não posso ter certeza. Mas juro que não foi intencional, não foi para prejudicá-lo.

Furiosa ao sentir novamente a ameaça das lágrimas, ela se afastou. E, por um instante, ficou parada ali, com a cabeça erguida, orgulhosa e repleta de poder.

— Mas lhe darei o que você quer, e pode confiar no que digo. Qualquer domínio que eu tenha sobre você está rompido, a partir de agora. Quaisquer sentimentos que eu tenha lhe provocado através dos meus dons, estão desfeitos. Você está livre de mim, e de tudo o que construímos.

Morgana fechou os olhos, ergueu as mãos.

— O amor evocado é amor falso. Não vou aceitá-lo, nem praticá-lo. Tal evocação é desperdício. Que seu coração e sua mente estejam livres de mim. Como eu irei, que ao pó retorne.

Morgana abriu os olhos iluminados pelas lágrimas.

— Você é mais do que pensa — disse baixinho. — E menos do que poderia ser.

Nash sentia o coração preso na garganta.

— Morgana, não vá embora assim.

Ela sorriu.

— Ah, creio que pelo menos tenho o direito a uma saída dramática, não acha? — Embora estivesse a alguns metros de distância, Nash podia jurar que sentiu os lábios dela tocando-o. — Abençoado seja, Nash — ela disse. E depois se foi.

CAPÍTULO 12

Nash não tinha dúvidas de que estava enlouquecendo. Dia após dia, ficava vagando pela casa e pelos arredores. Noite após noite, virava na cama, insone.

Morgana lhe dissera que ele estava livre, não dissera?

Então, por que ele não estava?

Por que continuava vendo a maneira como ela o olhara daquela última vez, com sofrimento nos olhos e lágrimas no rosto?

Tentava convencer-se de que ela ainda o deixara enfeitiçado. Mas sabia que isso era mentira.

Depois de uma semana, desistiu de tentar e foi dirigindo até a casa dela. Estava vazia. Foi procurá-la na loja, porém uma Mindy muito fria e antipática informou que Morgana estava viajando. Mas não lhe disse para onde, nem quando voltaria.

Ele devia sentir-se aliviado ou, pelo menos, era o que dizia a si mesmo. Obstinado, tentou afastá-la dos pensamentos e seguir com a vida que tinha antes de conhecê-la.

No entanto, quando caminhava pela praia imaginava como seria estar ali junto com ela, tendo um garotinho correndo entre eles.

Tal imagem fez com que ele fosse passar uns dias em Los Angeles.

Nash queria acreditar que sentia-se melhor ali, com a correria, o barulho, as multidões. Almoçou com seu agente no *Polo Lounge* e discutiu o elenco do filme. Foi a clubes noturnos sozinho, alimentando-se de música e risos. E perguntava-se se não havia cometido um erro ao mudar-se para o norte. Talvez seu lugar fosse ali mesmo, na cidade grande, cercado de estranhos e de distrações Mas depois de três dias seu coração ansiava pelo aconchego do lar, pelo sussurro do vento e o murmúrio das ondas. E por ela.

Nash voltou à loja, interrogando Mindy com tal rispidez que os fregueses que ali estavam se afastaram, cochichando. Mas ela não cedeu.

Sem saber mais o que fazer, acabou estacionando o carro na frente da garagem da casa de Morgana, olhando para a casa e remoendo-se. Mais de um mês havia se passado e ele consolou-se com a idéia de que ela teria de voltar algum dia. Sua casa estava ali, e também seus negócios.

E, diabos, ele estava ali , esperando por ela.

Enquanto o sol se punha, Nash apoiou os braços no volante e descansou a cabeça nas mãos. Era exatamente isso que estava fazendo, admitiu. Esperando por ela. E não esperava ter uma conversa racional e sensata, conforme tentara

convencer-se naquelas últimas semanas.

Estava esperando para implorar, para prometer, para lutar, para fazer tudo o que pudesse para colocar as coisas novamente nos eixos. Para trazê-la de volta à sua vida.

Cerrou a mão em torno da pedra que ainda usava no pescoço, e perguntou-se se seria possível fazer um desejo para trazê-la de volta. Valia a pena tentar. Talvez fosse uma idéia melhor do que publicar um anúncio nos classificados dos jornais, pensou irônico. Fechando os olhos, concentrou-se completamente nela.

— Morgana, sei que você pode me ouvir, se quiser. Você não vai me ignorar deste jeito, não vai mesmo. Só porque fui um idiota, não é motivo para...

De repente, Nash sentiu uma presença, claramente. Abriu os olhos com cuidado, virou a cabeça e deparou-se com a expressão divertida de Sebastian.

— O que é isso? — Sebastian perguntou, sorrindo. — Um "show" de calouros?

Antes mesmo de pensar, Nash já estava abrindo a porta do carro.

— Onde ela está? — disparou, segurando Sebastian pelo colarinho da camisa. — Você sabe e, de um jeito ou de outro, vai me dizer.

Os olhos de Sebastian escureceram perigosamente.

— Vá com calma, meu amigo. Há tempos que estou querendo ter uma conversinha com você.

A idéia de uma boa briga foi extremamente atraente para Nash.

— Então vamos...

— Comportem-se — Anastásia ordenou. — Vocês dois. — Com as mãos delicadas, separou os dois homens. — Tenho certeza de que vocês adorariam trocar murros e chutes, mas não vou tolerar essas coisas.

Nash cerrou os punhos, deixando-os cair para baixo num gesto frustrado.

— Só quero saber onde ela está.

Encolhendo os ombros, Sebastian recostou no capô do carro.

— Seus desejos não têm muito peso, por aqui. — Cruzou as pernas na altura dos tornozelos, quando Anastásia deu um passo para separá-los novamente. — Você parece um tanto abatido, meu velho amigo Nash. — E isso o deixava infinitamente satisfeito. — A consciência está incomodando-o?

— Sebastian. — A voz baixa de Ana continha censura e compaixão. — Não o provoque. Não vê que ele está infeliz?

— Meu coração chora por ele.

Ana pousou a mão no braço de Nash.

— É que ainda a ama?

A resposta de Sebastian foi um riso seco.

— Não deixe que este ar de cachorro perdido confunda seus sentimentos, Ana.

Ela encarou o primo com impaciência.

— Pelo amor de Deus, Sebastian, basta olhar.

Relutante, ele o fez. Enquanto seus olhos obscureciam-se, espalmou a mão no ombro de Nash. Antes que Nash pudesse afastá-la, com raiva, Sebastian tornou a rir.

— Por tudo o que é sagrado, ele a ama mesmo. — Balançou a cabeça para Nash. — Por que diabos você armou toda aquela confusão?

— Não tenho de lhe dar explicações — Nash resmungou. Distraído, passou a mão pelo ombro, que ardia como se tivesse sido queimado pelo sol. — O que tenho a dizer, direi apenas para Morgana.

Sebastian estava amolecendo um pouco, mas não via motivos para facilitar as coisas para o outro.

— Pois creio que Morgana tem a impressão de que você já disse tudo o que tinha a dizer. Não sei se ela está em condições de ouvir novamente suas acusações ultrajantes.

— Em condições? — Nash repetiu, sentindo-se gelar. — Ela está doente? — Tomou a agarrar Sebastian pela camisa, mas a força desaparecera de suas mãos. — O que há de errado com ela?

Os dois primos trocaram um olhar, tão breve e sutil que passou despercebido.

— Ela não está doente — Ana falou, tentando não ficar furiosa por Morgana não ter contado a Nash sobre a gravidez. — Na verdade, está muito bem. Sebastian quis dizer que ela ainda está aborrecida pelo que aconteceu entre vocês na última vez em que se viram.

Os dedos de Nash afrouxaram-se. Quando conseguiu respirar direito novamente, assentiu.

— Tudo bem, vocês querem que eu implore. Pois vou implorar. Preciso vê-la. Se depois que eu acabar de rastejar ela ainda quiser chutar-me para fora de sua vida, eu me conformo com isso.

— Ela está na Irlanda — Ana informou. — Com nossa família. — Seu sorriso abriu-se lindamente. — Você tem um passaporte?

Morgana estava contente por estar ali. O ar na Irlanda era como um calmante, fosse pela brisa refrescante que vinha das montanhas, ou pelo vento selvagem que soprava forte através do canal.

E, embora soubesse que logo chegaria a hora de voltar e retomar sua vida, estava grata pelas semanas que tivera para se curar.

E pela sua família.

Estendida no divã sob a janela da saleta de estar de sua mãe, sentia-se mais à vontade e em paz do que em qualquer outro lugar do mundo. Sentia o sol

batendo em seu rosto, aquele sol luminoso que parecia pertencer somente à Irlanda. Se olhasse pelas vidraças da janela, podia ver os rochedos íngremes que cravavam seu caminho até a praia escarpada. E também a praia, estreita e áspera, estendendo-se até as ondas. Se mudasse de ângulo, avistava o terraço, o gramado muito verde pontilhado por uma profusão de árvores que inclinavam-se sob o vento.

No outro lado da sala, sua mãe estava sentada desenhando. Era um momento aconchegante, que trazia à Morgana doces lembranças da infância. E sua mãe havia mudado tão pouco, nos anos que se passaram.

Seus cabelos eram escuros e espessos como os da filha, embora ela os usasse bem curtos. A pele era lisa, suave, com a linda coloração de sua herança irlandesa. Os olhos cor de cobalto geralmente eram mais sonhadores que os de Morgana, mas viam com igual clareza.

Quando Morgana olhou para ela, sentiu-se invadida por uma intensa onda de amor.

— Você é tão linda, mamãe.

Bryna ergueu os olhos e sorriu.

— Não vou discordar, desde que faz muito bem ao coração ouvir um elogio destes de uma filha adulta. — Sua voz carregava o sotaque encantador de sua terra natal. — Você faz idéia do quanto é maravilhoso para todos nós termos você aqui, minha querida?

Morgana levantou o joelho e segurou-o com as mãos.

— Sei o quanto tem sido bom para mim. E o quanto estou grata por vocês não terem me perguntado tudo o que sei que queriam perguntar.

— E deveria estar, mesmo. Só me faltou transformar seu pai num mudo, para impedi-lo de ficar atormentando-a. Os olhos dela suavizaram-se. — Ele a ama demais, você sabe.

— Eu sei. — Morgana sentiu lágrimas nos olhos novamente, e tentou afastá-las. — Desculpe-me. Meus humores. — Balançando a cabeça, levantou-se. — Parece que não consigo mais me controlar.

— Querida. — Bryna estendeu os braços, esperando até que Morgana atravessasse a sala e fosse ao seu encontro. — Você sabe que pode me contar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo. Quando estiver pronta.

— Mamãe. — Em busca de conforto, Morgana ajoelhou-se e recostou a cabeça no colo de Bryna. Esboçou um sorriso lacrimoso, enquanto seus cabelos eram afagados. — Recentemente comecei a entender a sorte que tenho por ter você todos vocês. Para me amar, me querer, para preocuparem-se com o que acontece comigo. Nunca lhe disse o quanto sou grata por tudo.

Intrigada, Bryna abraçou a filha.

— Ora, é para isso que servem as famílias: para amar e cuidar.

— Nem todas as famílias fazem isso. — Morgana levantou a cabeça, com os olhos intensos e secos, agora. — Fazem?

— Bem, elas não sabem o que estão perdendo. O que a está magoando tanto, Morgana?

Ela pegou as mãos de sua mãe.

— Estive pensando em como se sente uma pessoa que nunca recebeu amor, nem atenção. Que, desde a infância, ouviu dizer que era um erro, uma carga, alguém que era apenas tolerado por obrigação. Pode existir alguma coisa mais terrível do que isso?

— Não. Nada é mais terrível do que viver sem amor. — O tom de voz de Bryna suavizou-se. — Você está amando alguém?

Morgana não precisou responder.

— Ele foi tão machucado, mamãe. Jamais teve o que você, o que todos vocês me deram, o que eu sempre contei como certo. Mas, apesar de tudo, conseguiu transformar-se num homem maravilhoso. Ah, você iria gostar dele. — Recostou a face na mão de Bryna. — Ele é divertido, gentil. E tem uma mente tão... bem, abundante. Está sempre pronto a experimentar novas idéias. Mas há uma parte dele que está enclausurada. Não por ele, mas pelas pessoas que o criaram. E apesar dos meus poderes, sou incapaz de penetrar nesta barreira. — Ela apoiou-se nos calcanhares. Ele não quer me amar, e eu não posso, e não vou, tomar o que ele não está disposto a doar.

— Não. — O coração de Bryna condoeu-se ao olhar para a filha. — Você é forte e orgulhosa demais, inteligente demais para fazer isso. Mas as pessoas mudam, Morgana. Com o tempo....

— Não há tempo. Vou ter o filho dele na época do Natal.

Todas as palavras de consolo que Bryna havia preparado desapareceram num instante. Tudo o que ela podia pensar era que sua filhinha estava esperando um bebê.

— Você está passando bem? — conseguiu perguntar.

Morgana sorriu, contente por esta ser a primeira pergunta.

— Estou, sim.

— E tem certeza?

— Absoluta.

— Ah, meu amor. — Bryna levantou-se e abraçou-a. — Minha pequenina...

— Não vou ser pequenina por muito tempo.

Elas riram juntas, enquanto se separavam.

— Estou feliz por você. Mas triste, também.

— Eu sei. Mas quero esta criança. Pode acreditar, mamãe, nenhuma criança

jamais foi tão desejada Não apenas porque talvez seja tudo o que eu tenha do pai dela, mas por si mesma.

— E como se sente?

— Estranha — Morgana falou. — Forte num momento, terrivelmente frágil no outro. Não me sinto mal, mas às vezes fico um pouco zonza.

Compreendendo, Bryna assentiu.

— E você diz que o pai é um bom homem.

— Sim, muito bom.

— Então, quando você contou a ele, ficou apenas surpreso, despreparado, ou... — Bryna reparou que a filha desviava os olhos. — Morgana, desde que você era criança, costumava olhar para outro lado quando se preparava para escapar.

Franzindo a testa, Morgana encarou a mãe novamente.

— Não contei a ele. Espere — pediu, antes que Bryna se lançasse num sermão. — Eu pretendia contar, mas tudo desmoronou. Sei que foi errado não dizer, mas também seria errado prendê-lo ao meu lado, se lhe contasse. Tive de escolher.

— A escolha errada.

Morgana empinou o queixo, exatamente como fizera sua mãe.

— Foi minha escolha, certa ou errada. Não estou pedindo sua aprovação, mas sim o seu respeito. E também vou lhe pedir para não contar nada a ninguém, por enquanto. Incluindo papai.

— Incluindo o papai, o quê? — Matthew indagou entrando na sala com passos largos, seguido de perto pelo lobo que era o genitor de Pan.

— Conversa de mulheres — Morgana respondeu tranquilamente, aproximando-se dele para beijá-lo na face — Olá, bonitão.

Ele beliscou-lhe o nariz de leve.

— Sei muito bem quando minhas mulheres estão guardando segredos.

— Não pode espiar — Morgana falou, sabendo que Matthew era quase tão habilidoso em ler pensamentos quanto Sebastian. — Agora, onde estão todos?

Mattew não estava satisfeito, mas era paciente. Se Morgana não lhe contasse logo, iria olhar por conta própria. Afinal, era o seu pai.

— Douglas e Maureen estão na cozinha, discutindo sobre quem vai fazer o que para o almoço. Camilla está dando uma surra em Padrick no jogo de baralho. — Matthew sorriu, maldoso. — E ele não está aceitando muito bem a derrota. Acusou-a de encantar as cartas.

Bryna conseguiu esboçar um sorriso.

— Ela está encantando?

— É claro que sim. — Matthew afagou o pêlo prateado do lobo. — Sua irmã já nasceu trapaceando.

Bryna enviou-lhe um olhar de pena.

— E seu irmão não sabe perder com classe.

Morgana riu e ficou de braços dados com os dois.

— E como vocês conseguem morar os seis juntos nesta casa, sem serem atingidos por um raio, é um mistério para mim. Agora, vamos descer e criar um pouco mais de confusão.

Não havia nada como uma refeição com os Donovan para deixá-la mais animada. E ânimo era exatamente o que Morgana estava precisando. Observar com afeição as disputas, discussões e interações entre irmãos e cônjuges era melhor do que estar sentada na primeira fileira de um circo.

Morgana tinha plena consciência de que eles nem sempre se entendiam. mas também sabia que, qualquer que fosse o motivo de atrito, todos eles se fundiriam como o sol e a luz diante da crise familiar.

Ela não pretendia ser uma crise. Queria apenas passar algum tempo em companhia deles.

Embora fossem dois grupos de trigêmeos, havia pouca semelhança física entre os irmãos. O pai de Morgana era alto e magro, com uma mecha de cabelos grisalhos e uma barba respeitável. Padrick, o pai de Anastásia, não era muito mais alto do que Morgana, com a aparência robusta de um boxeador e um coração de moleque. Douglas tinha quase um metro e oitenta, com uma testa larga que acabava dramaticamente num bico-de-viúva. E excentricidade era o seu hobby. Naquele momento, trazia uma lente de aumento pendurada no pescoço, pela qual olhava sempre que alguma coisa lhe chamava a atenção.

E tinha tirado o chapéu e a capa de caçador somente porque, do contrário, sua esposa Camilla se recusaria a permitir que ele sentasse-se à mesa.

Camilla, geralmente considerada como a mais novinha do grupo, era bonita e rechonchuda como uma pomba, mas tinha uma vontade de ferro. Suas próprias excentricidades faziam páreo com as do marido.

Naquela manhã, estava experimentando um novo estilo de cabelo, com os cachos cor de laranja enrolados em torno da cabeça. Uma comprida pena de águia pendia de uma das orelhas.

Maureen, a médium mais capacitada que Morgana já conhecera, era alta e majestosa, e tinha uma risada escrachada e contagiante, capaz sacudir o telhado.

Juntamente com a serenidade da mãe de Morgana e a nobreza de seu pai, eles formavam um grupo bem heterogêneo. Todos feiticeiros. Enquanto ouvia as altercações, Morgana sentiu-se envolvida numa imensa onda de amor.

— Seu gato andou subindo nas cortinas do meu quarto outra vez — Camilla falou para Maureen, acenando com o garfo.

— Ora... — Maureen encolheu os ombros. — Devia estar caçando ratos, é claro.

Os cachos densos de Camilla balançaram.

— Você sabe muito bem que não há nenhum rato nesta casa. Douglas fez um "trabalho" para acabar com eles.

— Pois foi um trabalho muito malfeito.

— Malfeito! — Camilla pulou em defesa do marido. A única coisa malfeita aqui é esta torta.

— É, e foi Douglas que fez a torta, também — Padrick intercedeu, sorrindo. — Mas gosto das maçãs assim, meio cruas.

— É uma nova receita. — Douglas espiou como uma coruja através da lente de aumento. — Saudável.

— O gato — Camilla insistiu, sabendo muito bem que perdera o controle da conversa.

— O gato está saudável como um cavalo — Padrick falou alegremente. — Não é verdade, meu docinho? — Enviou uma piscada maliciosa para a esposa. Maureen respondeu com um risinho igualmente malicioso.

— Não dou a mínima para a saúde do gato — Camilla falou.

— Ora, ora... — Douglas bateu a mão gorducha na mesa. — Não queremos um gato doente por aí, não é? Maureen vai lhe preparar um bom remédio.

— O gato não está doente — disse Camilla, num tom exasperado. — Douglas, pelo amor de Deus, preste atenção.

— Prestar atenção em quê? — ele perguntou, indignado. — Se o gato não está doente, então, em nome de Finn, qual é o problema? Morgana, meu bem, você não está comendo a torta.

Ela estava ocupada demais sorrindo.

— Está uma delícia, Douglas. Vou guardar para mais tarde. — Morgana levantou-se e deu um giro rápido pela mesa, beijando cada um deles. — Eu amo vocês, todos vocês.

— Morgana — Bryna chamou ao ver a filha disparar para fora. — Aonde você vai?

— Dar uma caminhada na praia. Uma longa caminhada na praia.

Douglas arqueou a sobrancelha por trás da lente de aumento.

— Essa menina anda meio estranha — declarou. Desde que a refeição estava quase terminando, pegou o chapéu de caçador e enfiou-o na cabeça. — Vocês não acham?

Nash estava se sentindo estranho; Talvez tivesse alguma relação com o fato de ter ficado duas noites sem dormir. A viagem ininterrupta de aproximadamente

vinte horas em aviões, trens, táxis e ônibus talvez tivesse contribuído para aquele estado de irrealidade e atordoamento em que se encontrava. Ainda assim, conseguira voar da costa Leste para a costa Oeste, pegar outro avião em Nova York e tirar um cochilo conturbado enquanto atravessava o Atlântico. Depois, houvera o trem até Dublin e a busca frenética por um carro que pudesse comprar, alugar ou até roubar, a fim de levá-lo pelos últimos e acidentados quilômetros que separavam Waterford do Castelo Donovan.

Sabia que era importante permanecer no lado certo da estrada. Ou melhor, no lado errado. Porém, perguntou-se por que diabos isso teria importância, desde que aquela trilha esburacada, estreita e torta na qual estava sacudindo-se dificilmente poderia ser considerada uma estrada.

E o carro, que conseguira adquirir pelo equivalente a mil e duzentos dólares americanos (ninguém jamais poderia acusar os irlandeses de maus negociantes) ameaçava despedaçar-se inteiro a cada buraco por que passava. Nash já perdera a peça que fazia se passar por cano de escapamento, e o barulho produzido pelo veículo era alto o bastante para acordar os mortos.

Não que o lugar não tivesse muito estilo e graça, com os altos penhascos e os luxuriantes campos verdes. A verdade era que ele estava com medo de que lhe restasse apenas o volante do maldito carro, quando finalmente alcançasse a última colina.

Aquelas eram as montanhas Knockmealdown ao oeste.

Nash sabia disso porque o mesmo astucioso mercador de cavalos que lhe vendera o carro fora suficientemente expansivo para fornecer-lhe instruções sobre o trajeto. “As montanhas ao oeste, o canal St. George a leste, e você estará chegando no castelo dos Donovan antes da hora do chá.”

Nash estava começando a acreditar que acabaria enterrado num charco de turfas, antes do chá.

— Se eu sobreviver — resmungou. — Se eu sobreviver e encontrá-la, irei matá-la. Bem devagar... — acrescentou com prazer —, para que ela saiba que é sério.

Então iria carregá-la para algum lugar escuro e tranquilo, onde passariam uma semana fazendo amor.

Depois ele iria dormir durante uma semana, acordar e começar tudo de novo.

Isso, lembrou a si mesmo, se sobrevivesse.

O carro tossia dava solavancos, chacoalhava seus ossos. Nash perguntava-se quantos de seus órgãos internos teriam mudado de lugar. Cerrando os dentes, praguejou, persuadiu e ameaçou, quando o pobre veículo subia uma ladeira íngreme. De repente, boquiaberto de susto, pisou com força nos freios, conseguindo diminuir a tempo a velocidade na descida. Enquanto deslizava

colina abaixo, não percebeu o cheiro de borracha queimando, nem viu a fumaça começando a escapar pelo capô.

Seus olhos estavam fixos no castelo.

Nash não havia realmente esperado encontrar um castelo, apesar do nome. Mas aquilo era um castelo de verdade, empinado no alto de um rochedo e afrontando o mar arrogante. As pedras cor de cinza reluziam ao sol, com pedaços faiscantes de quartzo e mica. As torres erguiam-se como lanças no céu perolado. Na torre mais alta, uma bandeira branca esvoaçava ao vento. Num misto de admiração e espanto, Nash viu que representava um pentagrama.

Piscou os olhos várias vezes, mas a estrutura permaneceu onde estava, tão bela quanto algo tirado de um de seus filmes. Se um cavaleiro montado tivesse irrompido através da ponte levadiça, Nash não teria nem se assustado.

Começou a rir, tão divertido quanto atônito. Distraído como estava, pisou firme no freio e, quando o volante travou, o carro foi direto para uma vala.

Gritando todos os palavrões que conhecia, Nash saiu do que sobrara do carro. Depois chutou-o com força, vendo o para-choque enferrujado soltar-se e cair com um barulho seco.

Estreitou os olhos contra o sol e calculou que estava prestes a acrescentar uma caminhada de uns bons dois quilômetros à sua interminável viagem. Resignado, pegou a valise de lona no banco traseiro e começou a andar.

Quando viu o cavalo branco atravessando a ponte a galope, entregou-se à tarefa de decidir se se tratava de uma alucinação ou se era real. Embora o cavaleiro não estivesse usando uma armadura, era um homem imponente, esguio e másculo, com uma mecha prateada nas cabelos que esvoaçavam. E Nash não ficou surpreso ao reparar na águia presa na luva de couro em seu braço esquerdo.

Matthew avistou o homem que se arrastava pela estrada e balançou a cabeça.

— Uma lástima, Ulysses, uma lástima. Nem lhe serviria como uma refeição decente.

A águia limitou-se a piscar, concordando.

Logo à primeira vista, Matthew reparou num homem desgrenhado, barbado e de olhos turvos, com um galo formando-se na testa e um fio de sangue escorrendo pela têmpora.

Desde que ele havia presenciado o desastre, quando o pobre diabo caíra com o carro na vala, sentiu-se na obrigação de ajudá-lo. Puxou as rédeas do cavalo e olhou para baixo, encarando Nash com altivez.

— Está perdido, meu rapaz?

— Não. Sei exatamente para onde vou. Para lá. — Nash levantou a mão e apontou.

Matthew arqueou a sobrancelha.

— Para o Castelo Donovan? Você não sabe que o lugar está infestado de feiticeiros?

— É, sei, sim. É por isso mesmo que estou indo.

Matthew ajeitou-se na sela a fim de analisar melhor o sujeito. Podia estar todo desalinhado, mas não era um andarilho. Os olhos podiam estar turvos de cansaço, mas havia um férreo lampejo de determinação por trás deles.

— Desculpe a minha franqueza — Matthew continuou, — mas parece-me que você não está em condições de enfrentar nenhum feiticeiro, no momento.

— Apenas uma — Nash falou por entre os dentes. Apenas uma feiticeira, em especial.

— Humm... Você sabia que está sangrando?

— Onde? — Nash levantou a mão desajeitadamente, e olhou com desgosto para os dedos manchados. — É compreensível. Provavelmente ela amaldiçoou o carro.

— E a quem você estaria se referindo?

— Morgana. Morgana Donovan. — Nash limpou os dedos na calça jeans enlameada. — Vim de muito longe para colocar as mãos nela.

— Vá com calma, meu rapaz — Matthew avisou, conciliatório. — É da minha filha que você está falando.

Cansado, dolorido e já no fim de suas forças, Nash fitou aqueles olhos cinza-azulados. Talvez acabasse transformado num inseto esmagado, mas ele se manteria firme em sua posição.

— Meu nome é Kirkland, senhor Donovan. Estou aqui para ver sua filha. É isso.

— É isso? — Divertido, Matthew inclinou a cabeça. Bem, neste caso, suba aqui e veremos o que acontece. — Soltou a águia, enviando-a para os ares, e ofereceu a mão enluvada. — É um prazer conhecê-lo, senhor Kirkland.

— É... — Nash fez uma careta de dor, enquanto montava no cavalo. — Igualmente.

O trajeto durou menos tempo a cavalo do que demoraria se fosse a pé, principalmente porque Matthew disparou num galope. No instante em que atravessaram a ponte levadiça e entraram num amplo pátio, uma mulher alta e de cabelos escuros apareceu correndo pela porta.

Cerrando os dentes, Nash saltou da montaria e começou a andar na direção dela.

— Você tem muito que explicar, benzinho. Cortou os cabelos, não é? Por que diabos você... — Parou subitamente quando a mulher não se moveu, observando-o com um brilho de divertimento nos olhos. — Pensei que a senhora fosse... Desculpe-me.

— Ora, estou lisonjeada — Bryna retrucou. Rindo, voltou-se para o marido. — Matthew, o que foi que você trouxe para mim?

— Um jovem que caiu com o carro numa vala e parece estar querendo falar com Morgana.

Os olhos de Bryna aguçaram-se enquanto dava mais um passo na direção de Nash.

— É verdade? Você quer falar com minha filha?

— Eu... Sim, senhora.

Um sorriso bailou nos lábios dela.

— E ela o fez infeliz?

— Sim... Não. — Nash exalou um suspiro cansado. — Eu mesmo me fiz infeliz. Por favor, ela está aí?

— Vamos entrar. — Bryna tomou-lhe o braço com delicadeza. — Vou fazer um curativo em sua testa, depois mando chamá-la.

— Se a senhora pudesse apenas... — Nash interrompeu-se ao ver um olho imenso espiando-o pela fresta da porta.

Douglas deixou cair a lente de aumento e saiu das sombras.

— Quem diabos é este sujeito?

— Um amigo de Morgana — Bryna respondeu, empurrando Nash para dentro.

— Ah... A menina anda muito estranha — Douglas falou, dando uma vigorosa palmada nas costas de Nash. — Vou lhe contar.

Morgana deixou que o vento frio e cortante batesse em seu rosto e penetrasse pela pesada lã de seu suéter. Era tão purificante, tão benéfico. Mais alguns dias e estaria pronta para voltar e enfrentar novamente a realidade.

Com um leve suspiro de desânimo, ela sentou-se numa pedra. Ali, sozinha, podia admitir a verdade.

Tinha de admitir. Jamais ficaria curada. Nunca mais seria uma pessoa completa. Seguiria em frente e construiria uma vida boa para si mesma e para seu filho, porque era forte, porque era orgulhosa. Mas alguma coisa sempre estaria faltando. No entanto, estava farta de chorar, farta da auto-piedade.

A Irlanda fizera isso a ela. Precisara ir para lá, caminhar naquela praia e lembrar-se de que nada, não importava o quão doloroso fosse, durava para sempre.

Exceto o amor.

Levantou-se e começou a voltar, vendo as ondas explodirem nas rochas. Iria fazer um chá, talvez ler as cartas de tarô de Camilla ou escutar a uma das longas e envolventes histórias de Padrick. Depois, iria contar a eles, como já devia ter feito antes, sobre o bebê.

E, sendo sua família, eles iriam dar-lhe todo o apoio.

Como lamentava que Nash jamais pudesse experimentar aquele tipo de união...

Morgana pressentiu a presença dele antes mesmo de vê-lo. Mas imaginou que sua mente estaria pregando-lhe uma peça, zombando dela por estar fingindo ser tão corajosa. Bem devagar, com o pulso martelando em centenas de pontos, ela virou-se.

Nash vinha andando pela praia, com passos largos e apressados. A maresia deixara seus cabelos molhados e gotinhas de água reluziam neles. Seu rosto estava ensombreado com uma barba de dois dias, e havia um belo curativo em sua testa. E a expressão nos olhos dele fez com que o coração de Morgana saltasse até a garganta.

Na defensiva, ela deu um passo para trás. Tal gesto o fez parar, imobilizado.

Ela parecia... O jeito que olhava para ele. Ah, seus olhos estavam secos. Não havia lágrimas para dilacerar sua coragem. Mas havia um vestígio delas. Como se... como se Morgana estivesse com medo dele.

Quão mais fácil seria se ela tivesse pulado para atacá-lo, arranhando-o e amaldiçoando-o.

— Morgana...

Num gesto inconsciente, ela pressionou a mão sobre o segredo que trazia no ventre.

— O que aconteceu com você? Está machucado?

— É... — Nash tocou o curativo. — Não foi nada. Meu carro quebrou, tive um pequeno acidente. Mas sua mãe fez este curativo.

— Minha mãe? — Os olhos dela estenderam-se por cima do ombro dele, na direção das torres do castelo.

— Você conheceu minha mãe?

— E todos os outros. — Ele conseguiu esboçar um rápido sorriso. — Eles são... muito interessantes. Na verdade, o carro caiu numa vala a dois quilômetros do castelo. Literalmente. Foi assim que conheci seu pai. — Mesmo sabendo que estava tagarelando, não conseguia parar. — Quando dei por mim, estavam me levando para a cozinha, servindo-me chá e... Diabos, Morgana, eu não sabia onde você estava. Mas deveria saber. Você me disse que gostava de vir para Irlanda e caminhar na praia. Eu devia ter pensado nisso. Devia ter pensado numa porção de coisas.

Ela apoiou-se numa pedra para manter o equilíbrio. Sentia um medo absurdo de estar prestes a passar por uma nova experiência e desmaiar aos pés dele.

— Você fez uma longa viagem — disse, num tom embotado.

— Teria chegado antes, mas... Ei! — Nash deu um pulo para frente, ao vê-la vacilar. E a primeira coisa que sentiu foi um choque, por ela estar tão assustadoramente frágil em seus braços.

Porém, os braços dela foram fortes o bastante, quando o afastou.

— Não.

Ignorando-a, Nash puxou-a para si e mergulhou o rosto em seus cabelos. Aspirou seu perfume como se fosse o ar.

— Meu Deus, Morgana, dê-me só um minuto. Deixe-me abraçá-la.

Ela balançou a cabeça, mas seus braços, seus braços traiçoeiros, já estendiam-se para enlaçá-lo. Seu gemido não foi de protesto, mas de necessidade, quando os lábios de Nash buscaram e tomaram os seus.

Ele mergulhou nela como um homem sedento mergulha num lago límpido e fresco.

— Não diga nada — Nash murmurou, enquanto espalhava beijos em seu rosto. — Não diga nada enquanto não ouvir tudo o que tenho para lhe dizer.

Lembrando-se do que ele já lhe dissera antes, Morgana tentou desvencilhar-se.

— Não posso passar por tudo isso novamente, Nash. E não vou.

— Não. — Ele segurou-a pelos pulsos, os olhos ardentes. — Nada de paredes desta vez, Morgana. Para nenhum de nós.

Ela abriu a boca para protestar, mas havia algo nos olhos dele contra o que era incapaz de lutar.

— Como quiser — disse. — Mas preciso me sentar.

— Tudo bem.

Nash deixou-a ir, pensando que seria melhor não tocá-la enquanto lutava para abrir seu caminho naquele pântano que ele próprio criara. Quando Morgana sentou-se em uma pedra, cruzou as mãos no colo e levantou a cabeça, ele lembrou-se de que havia considerado seriamente a idéia de matá-la.

— Não importa o quanto as coisas estivessem ruins, você não deveria ter fugido.

Os olhos dela arregalaram-se, brilhando.

— Eu?

— Sim, você — Nash disparou. — Talvez eu tenha agido como um idiota, mas isso não era motivo para você me fazer sofrer como fez, não estando presente quando finalmente recuperei a razão.

— Então, a culpa é minha.

— Por eu quase ter enlouquecido neste último mês? Sim, a culpa é sua. — Nash deixou escapar o ar por entre os dentes. — E tudo o mais, todo o restante, é minha culpa. — Arriscando-se, roçou a mão nas faces dela. — Desculpe-me, Morgana.

Ela teve de desviar os olhos, senão começaria a chorar.

— Não posso aceitar suas desculpas enquanto não souber por que está pedindo.

— Eu sabia que você me faria rastejar — Nash falou, com desgosto. — Tudo bem; então. Desculpe-me por todas as coisas estúpidas que falei.

Os lábios dela curvaram-se levemente.

— Todas elas?

Perdendo a paciência, Nash a fez levantar-se.

— Olhe para mim, Morgana, quero que olhe para mim quando digo que a amo. Que eu sei que não tem nada a ver com encantos ou feitiçarias, que nunca foi nada disso. Que tem a ver somente com você e eu.

Quando ela fechou os olhos, Nash sentiu o pânico percorrer-lhe a espinha.

— Não me ignore, Morgana. Sei que foi isso que fiz com você, e sei que foi uma estupidez. Eu estava com medo. Diabos, estava aterrorizado! Por favor. — Segurou-lhe o rosto entre as mãos. — Abra os olhos, olhe para mim. — Quando ela fez o que ele pedia, Nash estremeceu de alívio. Podia ver que não era tarde demais.

— Isso tudo é novidade para mim disse, cauteloso. — É a primeira vez que tenho de lhe pedir perdão pelas coisas que falei. Poderia lhe dizer que não falei essas coisas de coração, que apenas usei-as para afastá-la de mim, mas este não é o ponto. Eu disse, e acabou.

— Eu entendo como é estar com medo. — Morgana tocou-lhe a mão. — Se é perdão que você está querendo, eu o perdoo. Não vejo porque não perdoá-lo.

— Só isso? — Nash pressionou os lábios nas faces dela, em sua testa. — Não quer me transformar num peixe, talvez, por três ou quatro anos?

— Não pela primeira ofensa. — Morgana recuou, rezando para que pudessem encontrar uma base amigável em que se apoiar por algum tempo. — Você fez uma longa viagem e deve estar cansado. Por que não voltamos para casa? O vento está ficando frio, e está quase na hora do chá.

— Morgana. — Nash a imobilizou. — Eu disse que amo você. Nunca disse isso a ninguém, em toda minha vida. A ninguém, antes de você. Foi difícil, na primeira vez, mas acho que ficará mais fácil com o tempo.

Ela desviou os olhos novamente. Sua mãe teria reconhecido o gesto como evasão, mas Nash considerou como repúdio.

— Você falou que me amava. — A voz dele ficou mais tensa, bem como a maneira como a segurava.

— Sim, eu falei. — Ela encontrou os olhos dele outra vez. — E amo.

Nash tornou a abraçá-la, encostando o rosto contra o seu.

— Isso é bom — disse, num tom admirado. — Eu não sabia o quanto é bom

amar alguém, ter alguém que me ama. Podemos começar a partir de agora, Morgana. Sei que não sou nenhum grande prêmio, e provavelmente ainda vou cometer muitos erros. Não estou acostumado a ter alguém do meu lado, ou a estar ao lado de alguém. Mas farei o possível para acertar. Prometo.

Ela enrijeceu:

— O que você está dizendo?

Nash afastou-se, todo nervoso outra vez, e enfiou as mãos nos bolsos.

— Estou pedindo para você casar comigo. Ou algo assim.

— Algo assim?

Ele praguejou baixinho.

— Escute, quero que você case comigo. Reconheço que não foi um pedido muito bem-feito. Se prefere esperar que eu arme todo o cenário, me ajoelhando e entregando-lhe um anel, tudo bem. Mas é que... eu a amo tanto, e não sabia que era capaz de me sentir deste jeito, de ser deste jeito. Quero ter uma chance de lhe provar.

— Não preciso de um cenário, Nash. E bem que gostaria que tudo fosse tão simples.

Ele cerrou os punhos.

— Você não quer casar comigo.

— Quero construir uma vida com você. Ah, sim, quero muito. Mas você não estaria se unindo apenas a mim.

Por um instante, ele ficou atônito. Depois, sua expressão iluminou-se com um sorriso.

— Você está se referindo à sua família e ao... bem, ao legado dos Donovan. Meu bem, você é tudo o que eu quero, e muito mais. O fato de a mulher que amo ser uma feiticeira apenas acrescenta um fascínio a mais em toda a situação.

Emocionada, Morgana levou a mão ao rosto dele.

— Nash, você é perfeito. Absolutamente perfeito para mim. Mas eu já não estou mais sozinha. — Fitou-o profundamente. — Estou esperando um filho seu.

Ele ficou imediatamente pálido.

— O quê?

Mas Morgana nem precisou repetir. Ficou observando enquanto ele vacilava, dando um passo para trás e caindo sentado na mesma pedra onde ela estivera.

Nash respirou várias vezes, antes de conseguir falar.

— Um filho? Você está grávida? Vai ter um bebê?

Aparentando calma, ela assentiu.

— Sim, creio que isto resume tudo. — Esperou um instante, para que ele falasse. Mas vendo que ele continuava em silêncio, obrigou-se a acrescentar: — Você foi muito claro, quando disse que não queria uma família. Portanto,

compreendo que isto muda tudo e...

— Você sabia. — Nash engoliu em seco, tentando elevar a voz acima do barulho do vento e do mar. — Naquele dia, naquele último dia, você já sabia, você foi me contar.

— Sim, eu sabia. E fui lhe contar.

Sentindo as pernas bambas, Nash levantou-se e caminhou até a beirada da água. Lembrou-se da expressão dela, das coisas que ele havia dito. E se lembraria disso por muito tempo. Seria de admirar que ela tivesse fugido daquela forma, mantendo o segredo consigo?

— Você pensou que eu não iria querer o bebê?

Morgana umedeceu os lábios.

— Eu entendo que você teria dúvidas. Isso não foi planejado por nenhum de nós. — Calou-se consternada. — Eu não planejei.

Com determinação nos olhos, Nash virou-se rapidamente para ela.

— Não costumo cometer o mesmo erro duas vezes, Morgana. E, certamente, não com você. Quando?

Ela cruzou as mãos sobre a barriga.

— Antes do Natal. A criança foi concebida naquela primeira noite, no equinócio de primavera.

— No Natal — ele repetiu.

E pensou numa bicicleta vermelha, no aroma de biscoitos assando, nos risos e numa família que quase fora sua. Uma família que poderia ser sua. Morgana estava lhe oferecendo algo que ele nunca tivera, algo que desejara apenas em segredo.

— Você disse que eu era livre — Nash falou, com todo cuidado. — Livre de você e de tudo o que tínhamos construído juntos. Estava se referindo ao bebê.

Os olhos dela aqueceram-se e sua voz era forte, linda.

— Esta criança é amada, é desejada. Esta criança não é um erro, mas uma dádiva. Eu preferia tê-la sozinha a, nem que fosse por um minuto de sua vida, ela não se sentisse amada.

Nash não tinha certeza se conseguiria falar, mas quando o fez, as palavras vieram direto do coração.

— Eu quero este filho, quero você e tudo o que construímos juntos.

Morgana olhou-o através das lágrimas.

— Então, você só precisa pedir.

Ele encaminhou-se para ela, pousando a mão sobre seu ventre.

— Dê-me uma chance — foi tudo o que disse.

Morgana sorriu, erguendo o rosto para receber o beijo.

— Há muito tempo estamos esperando por você.

— Vou ser um bom pai. — Tais palavras foram pronunciadas devagar, com cuidado. Depois, ele a pegou no colo e fez um giro. — Nós vamos ter um bebê!

Morgana agarrou-o pelo pescoço e riu.

— Vamos, sim.

— Nós somos uma família!

— Sim, nós somos.

Nash beijou-a longamente, antes de começar a andar.

— Se fizermos um bom trabalho com o primeiro, poderemos ter outros, não acha?

— Não tenho a menor dúvida. Para onde estamos indo?

— Vou levá-la para casa e colocá-la na cama. Comigo.

— Parece uma idéia maravilhosa, mas não precisa me carregar no colo.

— Mas vou levá-la. Você está esperando um filho, um filho meu! Já posso ver tudo. Um quarto ensolarado, com paredes pintadas de azul-claro.

— De amarelo.

— Tudo bem, paredes pintadas de amarelo-vivo. Sob a janela há um berço antigo, com um daqueles móbiles engraçados pendurado. Ouve-se o som de balbucios e uma mãozinha minúscula e rosada ergue-se para tentar segurar um dos aros... — Nash calou-se e, subitamente, olhou para ela. — Ah, meu Deus...

— O que? O que foi?

— Acabei de pensar numa coisa. Quais são as chances? Isto é, quais são as probabilidades do nosso filho, você sabe, herdar os seus talentos?

Sorrindo, ela enrolou uma mecha dos cabelos dele entre os dedos.

— Quer dizer, quais são as chances de o nosso bebê ser um feiticeiro, ou uma feiticeira, também? Muito grandes. Os genes dos Donovan são fortíssimos. — Rindo, ela beijou-o no rosto. — Mas aposto que ela terá os seus olhos.

— É... — Nash deu mais um passo à frente e apanhou-se sorrindo. — Aposto que ela terá.

FIM

Table of Contents

Cativado
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12